

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA  
DOUTORADO EM SOCIOLOGIA

A Trajetória Intelectual e Política de Maurício Tragtenberg

Autor: Erisvaldo Pereira de Souza

Orientador: Dr. Nildo Viana

Goiânia

2017

Erisvaldo Pereira de Souza

## A Trajetória Intelectual e Política de Maurício Tragtenberg

Tese de doutorado apresentada ao programa de pós-graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências Sociais, da Universidade Federal de Goiás, como requisito parcial para a obtenção do título de doutor em Sociologia, sob a orientação do professor Dr. Nildo Viana.

Goiânia

2017

**TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS  
DE TESES E  
DISSERTAÇÕES NA BIBLIOTECA DIGITAL DA UFG**

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD/UFG), regulamentada pela Resolução CEPEC nº 832/2007, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei nº 9610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou *download*, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

**1. Identificação do material bibliográfico:**     Dissertação     Tese

**2. Identificação da Tese ou Dissertação:**

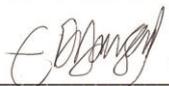
Nome completo do autor: Erisvaldo Pereira de Souza

Título do trabalho: A Trajetória Intelectual e Política de Maurício Tragtenberg

**3. Informações de acesso ao documento:**

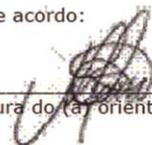
Concorda com a liberação total do documento  SIM     NÃO<sup>1</sup>

Havendo concordância com a disponibilização eletrônica, torna-se imprescindível o envio do(s) arquivo(s) em formato digital PDF da tese ou dissertação.



Assinatura do(a) autor (a)<sup>2</sup>

Ciente e de acordo:



Assinatura do(a) orientador (a)<sup>2</sup>

Data: 12 / 06 / 2017

<sup>1</sup> Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. A extensão deste prazo suscita justificativa junto à coordenação do curso. Os dados do documento não serão disponibilizados durante o período de embargo.

Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente
- Submissão de artigo em revista científica
- Publicação como capítulo de livro
- Publicação da dissertação/tese em livro

<sup>2</sup>A assinatura deve ser escaneada.

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Pereira de Souza, ERISVALDO PEREIRA DE SOUZA  
A Trajetória Intelectual e Política de Maurício Tragtenberg  
[manuscrito] / ERISVALDO PEREIRA DE SOUZA. 2017.  
CLXXXV, 183 f.

Orientador: Prof. Dr. Nildo Silva Viana .  
Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de  
Ciências Sociais (FCS), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Goiânia,  
2017.  
Bibliografia.

1. Trajetória. 2. Intelectuais. 3. Proletariado. 4. Intelectual engajado.  
5. Maurício Tragtenberg. I. , Nildo Silva Viana, orient. II. Título.

CDU 316



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

ATA DA SESSÃO DE JULGAMENTO DO TRABALHO DE TESE DE

## Erisvaldo Pereira de Souza

Aos doze dias do mês de maio de 2017, às 09:00 horas, na sala de defesas da Faculdade de Ciências Sociais da UFG, realizou-se a sessão de julgamento de tese do doutorando **Erisvaldo Pereira de Souza**, intitulada "*A Trajetória Intelectual e Política de Maurício Tragtenberg*". A Banca Examinadora foi composta pelos seguintes Professores Doutores: Nildo Silva Viana (PPGS/UFG- Presidente), José Henrique Faria (UFPR), Edmilson Ferreira Marques (UEG), Ivanilda Aparecida Andrade Junqueira (PPGS/UFG) e Cleito Pereira dos Santos (/PPGSUFG). O doutorando apresentou o trabalho, os/as examinadores/as o arguíram e ele respondeu às arguições. Às 12 horas, a Banca Examinadora passou a julgamento em sessão secreta, atribuindo ao doutorando os seguintes resultados:

**Aprovado**       Reprovado

Nildo Silva Viana \_\_\_\_\_

**Aprovado**       Reprovado

José Henrique Faria \_\_\_\_\_

**Aprovado**       Reprovado

Edmilson Ferreira Marques \_\_\_\_\_

**Aprovado**       Reprovado

Ivanilda Aparecida Andrade Junqueira \_\_\_\_\_

**Aprovado**       Reprovado

Cleito Pereira dos Santos \_\_\_\_\_

Resultado Final APROVADO COM O ATENDIMENTO DAS INDICAÇÕES DE REVISÃO E ALTERAÇÕES FORMAIS SUGERIDAS PELA BANCA.

Reaberta a sessão pública, o Presidente da Banca Examinadora proclamou os resultados e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata que vai assinada por mim, Jordão Horta Nunes, Subcoordenador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia, e pelos/as membros/as da Banca Examinadora.

Jordão Horta Nunes \_\_\_\_\_

Erisvaldo Pereira de Souza

## A Trajetória Intelectual e Política de Maurício Tragtenberg

Tese de doutorado defendida e aprovada em-----de-----2017 pela banca  
examinadora constituída pelos seguintes professores:

-----  
Prof. Dr Nildo Viana - UFG  
Orientador

-----  
Prof. Dr Cleito Pereira dos Santos -UFG  
Membro Interno

-----  
Prof.<sup>a</sup> Dr Ivanilda Andrade Junqueira -UFG  
Membro Interno

-----  
Prof. Dr Edmilson Ferreira Marques -UEG  
Membro Externo

-----  
Prof. Dr José Henrique Faria - UFPR  
Membro Externo

Goiânia  
2017

## Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que puderam contribuir com palavras de incentivo e apoio, especialmente para Cássia e Maria Venute.

## Agradecimentos

Agradeço todos que de alguma forma puderam auxiliar com informações na produção desta pesquisa, principalmente a minha família, aos que estiveram perto ou distantes ao longo desta luta para a produção deste trabalho.

Aos alunos, professores e servidores da Universidade Estadual de Goiás do Campus Uruaçu que sempre estiveram ao meu lado seja como professor e amigos em momentos de descontração.

A turma de Brasília, Uruaçu, Anápolis, Goiânia e Marabá minha terra de origem e a todos que ao longo de minha trajetória tive contato e diálogo para ampliar minhas concepções sobre a sociedade.

Aos camaradas de luta que sempre estiveram ao meu lado com sugestões e orientações de leitura. Em especial ao professor Nildo Viana pela orientação ao longo desses anos e principalmente pela forma com que sempre atuou nas orientações, sugestões para a produção deste trabalho.

## Resumo:

Esta pesquisa tem como objetivo central realizar uma análise sobre a trajetória intelectual e política de Maurício Tragtenberg, a partir de uma ampla investigação de referenciais teóricos e fontes de informações importantes e que estão ligadas diretamente as suas ações e práticas intelectuais. O problema de pesquisa que levantamos é o seguinte: a partir do pressuposto de que Maurício Tragtenberg realizou atividades em organizações e instituições como intelectual, seja autodidata ou acadêmico, poderíamos dizer que ele na realidade concreta foi um intelectual engajado? Sua obra aponta para esse fim? O método dialético tal como desenvolvido por Karl Marx, possibilita a análise do fenômeno social a partir de suas múltiplas determinações. Para respondermos o nosso problema de pesquisa, efetivamos uma reflexão teórica sobre a sociedade capitalista, os intelectuais, a produção cultural e posteriormente utilizamos diversos materiais informativos, como é o caso da sua autobiografia, depoimentos, material de entrevistas, artigos de revistas e jornais etc. Ao investigar a trajetória deste autor, podemos perceber sua inserção em organizações de trabalhadores, partidos políticos principalmente na sua juventude, momento no qual vai integrar essas organizações. Posteriormente vai romper com estas e começar uma trajetória de militância política com posições mais críticas e radicais. Para que possamos compreender esta militância e seu engajamento, buscamos trabalhar o conceito de intelectual engajado no sentido de analisar suas ações e práticas políticas. No que diz respeito à sua produção intelectual, esta se ampliou a partir dos artigos de jornais desde sua juventude, passando pela fase adulta e posteriormente o seu engajamento na cidade de São Paulo (1978-1985) período marcante desta produção intelectual e participação com a classe trabalhadora na defesa de seus interesses. Buscamos reconstituir sua postura intelectual através da análise dos textos dos jornais desse período e ao mesmo tempo, seu discurso, sua prática discursiva, prática efetiva, práticas intelectuais e práticas jornalísticas, para compreender seu engajamento e contribuições para a transformação social radical das relações sociais. A conclusão que chegamos é que nossa hipótese inicial foi confirmada a partir da leitura dos textos do jornal, por isso, esses textos foram fundamentais para comprovar esta hipótese.

Palavras chave: Trajetória, intelectuais, proletariado, intelectual engajado, Maurício Tragtenberg

## Abstract:

This research has as main objective to carry out an analysis of the intellectual and political trajectory of Mauritius Tragtenberg, from a broad investigation of theoretical references and important information sources that are linked directly your actions and intellectual practices. The problem of research that we raised is as follows: from the assumption that Mauritius Tragtenberg held activities in organizations and institutions such as intellectual, is self-taught or academic, we could say that he in reality was an intellectual engaged? His work points to that end? The dialectical method as developed by Karl Marx, supports social phenomenon from its multiple determinations. To answer our research problem, we handle a theoretical reflection about the capitalist society, the intellectuals, cultural production and later use various informational materials, as in the case of your autobiography, testimonials, interviews, articles in magazines and newspapers etc. While investigating the trajectory of this author, we can realize your insertion in employees ' organizations, political parties mainly in your youth, moment in which will integrate these organizations. Later will break away from these and start a career of political activism with most critical and radical positions. So we can understand this militancy and your engagement, we work the concept of intellectual engaged in order to analyse their actions and political practices. With regard to your intellectual production, this expanded from newspaper articles since your youth, adulthood and later your engagement in the city of São Paulo (1978-1985) striking period of this intellectual production and participation with the working class in the defence of their interests. We seek to reconstitute your intellectual posture through the analysis of the texts of the papers of the period and at the same time, your speech, your discursive practice, effective practice, intellectual and journalistic practices, practices to understand your engagement and contributions to radical social transformation of social relations. The conclusion that we reached is that our initial hypothesis was confirmed from the reading of the texts of the newspaper, therefore, these texts were fundamental to prove this hypothesis.

Key words: trajectory, intellectuals, workers, intellectual engaged, Mauritius Tragtenberg

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO-----	12
-----------------	----

### Capítulo I: INTELECTUALIDADE, SOCIEDADE, PRODUÇÃO CULTURAL E ENGAJAMENTO

1.1- Intelectualidade e sociedade-----	17
1.2- Os intelectuais e a produção cultural-----	35
1.3- O intelectual engajado-----	50

### Capítulo II: A FORMAÇÃO DO PENSAMENTO E A TRAJETÓRIA INTELECTUAL DE MAURÍCIO TRAGTENBERG

2.1-A formação autodidata-----	70
2.2- Informalidade e formação política-----	81
2.3- A universidade e a formação acadêmica-----	93
2.4- As inspirações intelectuais-----	114

### Capítulo III: MAURÍCIO TRAGTENBERG COMO INTELECTUAL ENGAJADO

3.1- Questões metodológicas-----	129
3.2- O discurso de Maurício Tragtenberg-----	136
3.3- A prática discursiva de Maurício Tragtenberg-----	141
3.4- A prática de Maurício Tragtenberg-----	153
3.5- A prática jornalística de Maurício Tragtenberg-----	162
3.6- Maurício Tragtenberg como intelectual engajado-----	169

CONSIDERAÇÕES FINAIS-----	175
---------------------------	-----

REFERÊNCIAS-----	178
------------------	-----

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo desenvolver um estudo sobre a trajetória intelectual e política de Maurício Tragtenberg, desde seus primeiros contatos com os livros no espaço familiar e a escola primária ainda no Rio Grande do Sul e posteriormente sua formação durante a juventude na cidade de São Paulo e a entrada na universidade. Historicamente desenvolveu um conjunto de obras, artigos para revistas e jornais, traduções que se tornaram importantes para a produção intelectual brasileira. Em seus textos estão presentes uma análise sobre a sociedade, o Estado, partidos políticos que também serão analisados nesta pesquisa.

Toda sua obra tornou-se importante tanto no espaço das universidades onde trabalhou, bem como pela sua inserção no movimento operário na cidade de São Paulo a partir dos anos de 1950, mas principalmente pela qualidade e pela perspectiva na qual apontava em seus textos. Assim, em sua obra partia da perspectiva do proletariado, tal como está expresso em Marx. Por outro lado, conseguiu atingir parte dos trabalhadores brasileiros, pois seus textos tinham esse objetivo.

Desta maneira, além do nosso objetivo central que é analisar a trajetória intelectual e política deste autor a partir de suas ações intelectuais no interior de organizações e movimentos de trabalhadores, temos outros objetivos mais específicos que são: a) analisar o indivíduo Maurício Tragtenberg como intelectual; sua ligação com as instituições, principalmente, escolas, universidades; b) compreender sua atuação política no movimento operário, seja na produção intelectual ou na ação política, principalmente suas produções na coluna jornalística “*No Batente*”; c) investigar sobre seu engajamento e ações no movimento operário e d) Compreender Maurício Tragtenberg como intelectual engajado.

Seria então Maurício Tragtenberg um intelectual engajado? Seus textos inicialmente apontam que sim, mas durante esta investigação poderemos perceber com mais clareza ou não seu engajamento no sentido que utilizaremos esse termo. A resposta a essa pergunta depende entre outras coisas, do que se entende pelo termo “*intelectual engajado*”. Intelectual engajado pode ser interpretado como ligado a um partido político, como alguns defendem, especialmente o leninismo. Por isso, para resolver esse problema de pesquisa, será necessária uma análise não apenas da biografia e produção intelectual de Tragtenberg, mas também discutir teoricamente o que é intelectual engajado e sua

diferenciação em relação a outras posturas intelectuais. Por outro lado, temos que compreender sua obra na totalidade, não apenas em fragmentos, para que possamos ter uma análise coerente.

Assim, a proposta de pesquisa é realizar uma investigação pautada nas suas fontes de inspiração, na sua própria forma de analisar a sociedade e a história brasileira. Para tanto, será necessária uma discussão teórica sobre intelectualidade, as várias posturas na qual assumem os intelectuais e principalmente o significado do intelectual engajado. Como os intelectuais se relacionam com a sociedade e as lutas sociais, ao mesmo tempo percebendo de que lado destas lutas estes podem atuar.

Sua obra é interpretada como sendo heterodoxa, humanista, como é apontado por Silva e Marrach (2001) outras falam da sua pedagogia libertária, como é o caso de Ozaí (2008). Isso aponta uma variedade de interpretações que colocam Maurício Tragtenberg como tendo distintas posições intelectuais e políticas. Na realidade sua obra é historicamente um processo de inserção em dois espaços distintos, das organizações e instituições, onde desenvolveu suas atividades como militante, estudante e pesquisador.

Por isso, o problema de pesquisa que levantamos é o seguinte: a partir das práticas intelectuais na qual Maurício Tragtenberg realizou em organizações e instituições como intelectual, seja autodidata ou acadêmico, poderíamos dizer que ele na realidade concreta foi um intelectual engajado? Sua obra aponta para esse fim? São questões que ultrapassam os limites de uma simples heterodoxia ou o humanismo no qual foi analisado em obras sobre este autor apontadas acima. Desta forma, este trabalho busca perceber estas questões e ao mesmo tempo ampliá-las para conhecer melhor a sua obra na totalidade e principalmente suas ações intelectuais inseridas no movimento operário em São Paulo nas décadas de (1970-1980).

Por outro lado, para descobrirmos estas questões sobre seu engajamento, são fundamentais para esta pesquisa, uma análise sobre sua trajetória, para tanto, iremos buscar desenvolver uma concepção teórica sobre intelectuais e sua relação com a sociedade, mas também de seus textos a partir da concepção dialética de sociedade, em termos concretos (real). Descobrir a especificidade de suas práticas intelectuais, torna-se interessante através da análise de suas obras, textos e ações ligadas ao movimento operário e os textos dos jornais daquele período (1978-1985).

A obra e o pensamento de Maurício Tragtenberg, já foram abordadas por diferentes autores, sob perspectivas distintas, mas não ocorreu ainda no Brasil uma abordagem que busca resgatar o pensamento deste autor de forma crítica-revolucionária.

São exceções como é o caso do texto (artigo) de Viana (2008), pois analisa sua obra no sentido apontado anteriormente. Logo, amplia-se as possibilidades de compreensão, trazendo assim algo novo para a pesquisa em Ciências Sociais. Neste sentido, torna-se fundamental resgatar o pensamento e a trajetória deste autor, mesmo porque suas produções neste campo, são importantes para que possamos compreender a realidade brasileira, principalmente dos trabalhadores nos mais variados espaços de trabalho.

A discussão teórica sobre intelectuais, sociedade, engajamento e a produção intelectual, nos possibilita pensar a trajetória de Maurício Tragtenberg como intelectual. Desta maneira, podemos afirmar que inicialmente nossa hipótese é a de que Maurício Tragtenberg era um intelectual engajado no sentido que definiremos adiante, mas ao longo desta pesquisa podemos perceber esse engajamento com mais evidências ou não, isso vai depender da análise do conjunto de sua obra, mas também dos textos escritos por ele para a imprensa operária em São Paulo.

Esta pesquisa se justifica pela sua perspectiva de análise, pois visa fundamentalmente, resgatar um autor e sua obra na essência crítica-revolucionária, percebendo como este, mesmo fora das instituições burocráticas e uma educação formal, conseguiu produzir um conjunto de textos e de forma ampla, ao mesmo tempo contribuindo assim, para as Ciências Sociais no Brasil. Desta forma, pensar a obra de Maurício Tragtenberg, é pensar uma multiplicidade de temas: partidos políticos, sindicatos, Estado, sociedade, literatura, burocracia e principalmente à crítica na qual foi desenvolvida por ele sobre a social-democracia e ao bolchevismo.

Neste sentido, esta pesquisa vai possibilitar novas contribuições e que podem ser utilizadas por outras pesquisas no campo das Ciências Sociais, pois a partir da análise da obra deste autor, é possível trazer novas ideias, conceitos, possibilitando uma compreensão mais ampla da realidade concreta. Estes conceitos são fundamentais para que possamos compreender a sociedade brasileira em seus diversos aspectos.

Realizar uma investigação sobre sua obra, se faz importante também, principalmente para que possamos pensar a sociedade e a realidade brasileira, sua forma de organização e a ação do Estado, que vem cada vez mais retirando direitos sociais dos trabalhadores. Tragtenberg foi um pensador social que buscou juntamente com os trabalhadores lutar pela transformação social e lutou também sistematicamente contra o dirigismo burocrático nas organizações e instituições na qual atuou.

Pensar sua produção intelectual é realizar um resgate de uma teoria e uma prática distintas dos demais intelectuais de sua época. Assim, esta pesquisa visa contribuir com

novas informações para outras pesquisas no âmbito do pensamento social brasileiro, principalmente no que se refere à Sociologia e a Política. Analisar suas contribuições é possibilitar a descoberta de um novo saber no campo destas ciências e esta pesquisa busca a partir de uma teoria e metodologia, realizar esta tarefa. Mas podemos dizer que ainda há muito a ser descoberto sobre o pensamento deste autor, como é o caso da sua concepção sobre educação, burocracia etc., merecendo assim, pesquisas sobre essas temáticas.

Para a realização desta pesquisa, serão utilizadas as obras do próprio autor, seus comentadores e posteriormente os textos publicados na coluna do jornal *Notícias Populares* intitulada “*No Batente*”, com o objetivo de analisar as informações publicadas neste jornal. Era uma coluna direcionada para os trabalhadores, com textos “*didáticos*” e informativos escritos por Maurício Tragtenberg, na qual buscava contribuir com a luta dos operários de São Paulo. Os artigos publicados neste jornal, são fonte de informações importantes para compreendermos suas práticas intelectuais.

Metodologicamente, o uso desses artigos a partir de uma análise que tem por base o método dialético, visa essencialmente mostrar como esses expressavam o cotidiano do trabalhador, sua forma de organização, mas principalmente a luta de classes no chão de fábrica, utilizando terminologia do próprio Maurício Tragtenberg. Assim, buscando contribuir de forma pontual com a luta operária, ao mesmo tempo em que participava de reuniões em organizações sindicais quando era convidado e produzindo textos informativos para eventuais esclarecimentos dos trabalhadores.

Esta pesquisa, se fundamenta no materialismo histórico-dialético, esse método visa analisar a sociedade e o modo de produção capitalista a partir das classes sociais, suas lutas e antagonismos. Essa análise está inserida na busca de compreensão da trajetória de Maurício Tragtenberg e como esta expressou a luta de classes nos seus mais variados aspectos, pois ao realizar uma análise a partir desta perspectiva, podemos perceber o objeto pesquisado em suas múltiplas determinações.

Em termos gerais, esse trabalho está dividido em três capítulos no sentido de possibilitar a compreensão do nosso objeto de pesquisa, a saber, o primeiro de cunho teórico. Nesta parte, realizaremos a análise sobre aspectos importantes no que diz respeito a relação entre sociedade e intelectuais, para percebermos como estes desenvolvem a produção do saber, seja para compreensão da sociedade capitalista, sua conservação ou até mesmo para a sua superação. Posteriormente, realizaremos uma discussão sobre como os intelectuais produzem a cultura. No que se refere à cultura, sabemos que a ciência é

uma forma de produção cultural, mas existem outras formas como a literatura, a música, cinema etc. Estas são partes integrantes da produção cultural e constituem a vida em sociedade. Mas, no nosso caso específico, trabalharemos apenas a questão da ciência e da ideologia como forma de saberes e como essas são expressas socialmente pelos seus produtores, ou seja, os ideólogos, mas também aspectos da cultura e da produção cultural.

Ainda neste capítulo desenvolveremos mais um item sobre o intelectual engajado. O intelectual engajado da forma que será analisado neste trabalho, diz respeito àquele indivíduo que não somente realiza o engajamento, mas também visa contribuir com a transformação social total.

No segundo capítulo, discutiremos a trajetória intelectual e política de Maurício Tragtenberg, para compreendermos sua especificidade e produção como intelectual autodidata, informal e formal inserido em organizações e instituições. Será analisado também sua formação autodidata, neste caso, suas primeiras experiências antes de entrar na universidade, suas fontes de inspiração, desde Marx, Bakunin, Weber e outros. Sua formação acadêmica na universidade e ações dentro desta instituição, e ainda sua autonomia intelectual.

Historicamente ao analisarmos sua trajetória, iremos perceber que este buscou sempre ter certa autonomia no que diz respeito às suas leituras e pesquisas. Neste sentido, é preciso perceber dois momentos de sua vida, uma como autodidata e o outro ligado às escolas ou universidades, mas sempre com objetivo de escrever para os trabalhadores, ao mesmo tempo em que buscava manter certa autonomia em espaços controlados pela burocracia.

No terceiro capítulo, será discutido a postura intelectual de Maurício Tragtenberg, quando buscaremos verificar se ele é ou não um intelectual engajado no sentido que iremos definir posteriormente. Neste sentido, torna-se fundamental analisar os textos produzidos para o jornal *Notícias Populares* inseridos na coluna *No Batente*. Desta maneira, iremos perceber além de sua postura intelectual, sua prática discursiva, sua prática concreta.

Portanto, pensar a obra e a trajetória de Maurício Tragtenberg, é pensar um conjunto de possibilidades para compreendermos a sociedade, o Estado, partidos, sindicatos e as demais organizações no interior da sociedade capitalista, mas principalmente romper com todo o formalismo existentes dentro desta. Como pesquisador e intelectual, buscou compreender a sociedade, as organizações, instituições e o movimento operário brasileiro.

## CAPÍTULO I

### Intelectualidade, sociedade, produção cultural e engajamento

Nesta primeira parte deste trabalho, iremos desenvolver uma análise teórica sobre a questão da intelectualidade e sua relação com a sociedade, sua produção cultural e o que vem a ser o engajamento em termos de ação que visa contribuir com o processo revolucionário. Neste sentido, torna-se importante mostrar como a intelectualidade produz saber com objetivos definidos, como é o caso da defesa da sociedade capitalista, de grupos ou classes sociais que lutam no interior desta, ou mesmo com outros objetivos, como é o caso do engajamento crítico-revolucionário. Assim, buscaremos investigar a relação entre a sociedade, a intelectualidade e sua produção cultural, seja para conservação da sociedade existente ou de uma perspectiva distinta, que é a do intelectual engajado para podermos perceber sua produção e ação política no sentido da transformação social.

#### 1.1-Intelectualidade e a sociedade

Como notamos, é possível perceber a ação da intelectualidade no sentido de conservar ou de transformar a sociedade capitalista. Pois, a produção de saberes diz respeito a um conjunto variado de possibilidades, onde esses saberes expressam os valores de quem está produzindo e os interesses, tanto individuais ou coletivos, de organizações ou instituições que podem financiar tanto os intelectuais, bem como suas pesquisas.

A sociedade pode ser compreendida sinteticamente na concepção de Marx, um conjunto variado de relações sociais, onde os indivíduos expressam interesses, necessidades, desejos e valores sobre as mais variadas formas da vida em sociedade. Podemos dizer que cada classe social busca defender seus interesses de acordo com seus valores e perspectiva política.

Na obra *Homo Academicus*, o sociólogo Pierre Bourdieu citado por Valle (2013), desenvolve alguns apontamentos sobre a sociedade. Segundo ela, uma concepção que pode parecer tipicamente “*estruturalista*”, mas considera a sociedade como um conjunto de campos ou de “*espaços de posições*” e de disposições formalmente homólogos e

imbricados hierarquicamente uns nos outros. Mas cada uma das partes desse conjunto obedece à mesma lógica de segmentação e polarização.

A sociedade capitalista, desenvolve cada vez mais uma hierarquia com posições bem definidas, tanto em termos de sociedade civil e também das instituições como o Estado e outras que são auxiliares. Estas instituições, expressam a luta entre as classes sociais ou frações destas, principalmente na defesa dos interesses particulares de cada uma das classes sociais.

A sociedade moderna na qual estamos inseridos, muitos indivíduos pertencentes as classes populares, não tem contato direto com a produção do saber, principalmente a ciência. A ciência é um tipo de saber específico e complexo, logo, é um tipo de atividade para indivíduos específicos, ou seja, aqueles que são especialistas em fazer e produzir a ciência nos seus mais variados campos, sejam eles, das Ciências Exatas, da Natureza e das Ciências Sociais.

O saber produzido é utilizado para e na sociedade na qual estamos inseridos, a sociedade moderna<sup>1</sup>. O saber científico não é homogêneo, pois existem variados tipos de saber, desde as Ciências da Natureza, que tem objetivos distintos das Ciências Sociais, principalmente pelo tipo de objeto que cada uma dessas ciências trabalha e sua metodologia utilizada nas investigações, pois são formas distintas de procedimentos para realizar pesquisas.

Assim, a sociedade capitalista tem a necessidade da produção científica em geral, pois, esse saber está ligado aos interesses da classe capitalista, bem como é no interior desta mesma sociedade que ele é aplicado. Sendo assim, a ciência é um tipo de saber distinto das demais formas de saberes, como a Filosofia, o saber popular etc. Desta maneira, os intelectuais têm um papel importante para auxiliar no desenvolvimento da sociedade capitalista.

Por outro lado, o pensador tem que expressar o seu novo pensamento de acordo com o espírito de seu tempo. Diferentes sociedades têm diferentes espécies de “senso comum”, diferentes categorias de pensamento, diferentes sistemas lógicos; toda sociedade possui seu próprio “filtro social”, através do qual somente podem passar certas ideias, conceitos e experiências, que não permanecem necessariamente inconscientes e podem tornar-se conscientes quando, por mudanças fundamentais na estrutura social, o “filtro social” muda em consequência. Os pensamentos que não podem passar pelo filtro social de

---

<sup>1</sup> A ciência é um tipo de saber que surgiu com a sociedade moderna, onde esta vai se opor a visão de mundo da sociedade anterior, que é a sociedade medieval. O indivíduo moderno é orientado pela racionalidade científica, pois a ciência no mundo moderno, se desenvolve e vai cada vez mais atingindo os espaços da sociedade, mas também com outras formas de saberes, tais como a Filosofia, Teologia, Saber Popular etc.

uma certa sociedade, numa determinada época, são “inconcebíveis e, é claro, também “inexprimíveis” (FROMM, 1980, p. 09).

Na concepção de Fromm, o intelectual na qual está analisando como pensador, pode ir além do seu tempo, pela sua capacidade de produzir um tipo de saber mais abrangente. As variadas formas de sociedade historicamente, tem tanto, uma visão comum, bem como uma concepção de sociedade e de ciência que pode ser importante para o seu desenvolvimento, pois o saber foi sendo modificado historicamente, onde cada sociedade produz um tipo específico.

Compreendemos sociedade também a partir da perspectiva de Viana (2006a), que define por sociedade o conjunto das relações sociais existentes em determinado território e momento histórico. Devemos observar, os limites sociais e históricos de cada sociedade, pois uma pressupõe em termos de organização, ser distinta da outra historicamente. Assim, Marx ao estudar a história, percebeu seus processos de engendramento a partir de suas contradições fundamentais, mostrando como as sociedades passam historicamente por mudanças em sua forma de organização a partir da relação entre os indivíduos.

Na sociedade moderna, Marx e Engels analisam a noção corrente de sociedade civil, pois os que faziam uso deste conceito, não levavam em consideração o existente, isto quer dizer, o real e a história dos indivíduos vivos. Desta crítica, eles desenvolvem um conceito mais sistemático sobre a sociedade civil, retomando a sua origem e formação histórica, tornando este conceito mais coerente com a realidade. Assim, eles analisam:

O conceito de sociedade civil surgiu no século XVIII, quando as relações de propriedade já haviam se diferenciado da essência comum típica da antiguidade e da idade medieval. A sociedade civil como tal se desenvolve apenas com a burguesia; organização que se desenvolve imediatamente a partir da produção e do intercâmbio, que forma, em todos os tempos, a base do estado e da superestrutura idealista restante, foi a partir de então, continuamente designada com o mesmo nome (MARX e ENGELS, 2007, p. 60).

A burguesia como classe social, vai exercer um papel preponderante no surgimento da sociedade civil burguesa. Com o avanço da organização da sociedade, do Estado e do comércio, tem-se um mercado universalizado. Neste desenvolvimento, os ideólogos têm um papel fundamental, pois a partir do acúmulo de saber, foi possível “descobrir” e criar “*coisas novas*” no sentido da ampliação do mercado capitalista, a partir da ciência que se desenvolve desde o início da sociedade moderna.

A sociedade capitalista, na concepção de Marx está organizada a partir do modo de produção capitalista e as classes sociais que integram essa sociedade e se manifestam a partir da luta de classes. Estas classes sociais, buscam defender seus interesses, como é o caso da classe burguesa ou dominante, que busca o tempo todo defender seus interesses

particulares como sendo universais e comuns de toda a sociedade, fato este que não é verdadeiro. Neste sentido, podemos colocar que:

As ideias da classe dominante são as ideias dominantes em cada época, quer dizer, a classe que exerce o poder objetual dominante na sociedade é, ao mesmo tempo, seu poder espiritual dominante. A classe que tem à sua disposição os meios para a produção material dispõe ao mesmo tempo, com isso, dos meios para a produção espiritual, o que faz com que lhe sejam submetidas, da mesma forma e em média, as ideias daqueles que carecem dos meios necessários para produzir espiritualmente. As ideias dominantes não são outra coisa a não ser a expressão ideal das relações materiais dominantes, as mesmas relações materiais dominantes concebidas como ideias; portanto, as relações que fazem de uma determinada classe a classe dominante, ou seja, as ideias de sua dominação. Os indivíduos que formam a classe dominante têm, também, entre outras coisas, a consciência disso, e pensam a partir disso; por isso, enquanto dominam como classe e enquanto determinam todo o alcance de uma época histórica, compreende-se por si mesmo que o façam em toda a sua extensão e, portanto, entre outras coisas também como pensadores, como produtores de ideias de seu tempo; e que suas ideias sejam, por isso mesmo, as ideias dominantes da época. Por exemplo, em uma época e em um país em que a coroa, a aristocracia e a burguesia disputam o poder, em que, portanto, a dominação está dividida, impõe-se como a ideia dominante a doutrina da divisão de poderes, ora proclamada como “lei eterna” (MARX, e ENGELS, 2007, p. 70).

Em cada modo de produção, que determina a forma de organização da sociedade, prevalece as ideias da classe dominante. Mas, podemos perceber que não há um controle absoluto da produção e difusão de suas ideias. Essas são tomadas ou dadas como universais ou únicas, assim a classe burguesa no capitalismo vai cada vez mais impondo o seu modo de vida, suas concepções, valores. As classes sociais exploradas, acabam acreditando nestas ideias, inseridas no conjunto da sociedade, como sendo sistematicamente verdadeiras, onde na verdade são falsas, pois são produzidas para falsear a realidade dessas classes sociais.

Podemos dizer que quanto mais esta forma de sociedade se desenvolve, mais a necessidade de novos saberes (novas ciências), pois a divisão social do trabalho vai se desenvolvendo cada vez mais. Desta forma, ocorre também a ampliação de espaços para formação desses “*novos cientistas*” ou pesquisadores, que irão se tornar no interior das empresas privadas e nas instituições públicas como o Estado, chefes ou líderes. São esses indivíduos que irão gerir estas empresas e instituições a partir de certa racionalidade técnica<sup>2</sup> das mais variadas formas de saber científico.

A divisão social do trabalho existiu antes da sociedade de classes, mesmo que de forma rudimentar ou natural, tal como Marx e Engels colocaram em a *Ideologia Alemã*,

---

<sup>2</sup> Para uma análise da teoria da racionalização ver a obra de Weber (2000) e Weber (2004). Maurício Tragtenberg, também desenvolveu importantes estudos e traduções sobre a obra de Max Weber, como podemos pesquisar em *Burocracia e Ideologia* (2004). Em uma apresentação sobre Weber (1999).

pois a sociedade de classes no capitalismo amplia essa divisão. Na sociedade capitalista, a divisão social do trabalho ganha nova forma, criando ao mesmo tempo diversas especializações e profissões. “O que caracteriza a divisão do trabalho no seio da sociedade moderna é que ela gera as especialidades, as espécies, e com elas o idiotismo da especialização (MARX, 2005, p. 126). O indivíduo se torna especialista em determinadas profissões no interior da sociedade capitalista. Isto ocorre desde profissões mais simples, como auxiliares, técnicos e até mesmo as mais complexas que são profissões científicas exercidas por doutores, que se tornam especialistas em um campo específico do saber científico das mais variadas ciências particulares.

Na sociedade capitalista, a luta de classes se manifesta de várias formas, e neste caso, a burguesia busca formas variadas para fazer valer os seus interesses. Revistas, jornais, rádio, televisão, se tornaram historicamente meios de simplificar as mensagens no sentido de facilitar a informação recebida pelo ouvinte, para que este não faça uma reflexão ampla e crítica sobre aquela informação recebida.

O discurso da burguesia e de seus ideólogos, é que os indivíduos são livres para escolher seu trabalho, salário, etc. Na prática, não é isso que ocorre, somos coagidos a trabalhar e agir de acordo com certos padrões e normas sociais. Marx afirma que essa liberdade na sociedade burguesa, é só na imaginação, pois os indivíduos pensam ser mais livres sob o poder da burguesia do que antes, porque suas condições de vida são para eles, algo puramente casual; mas, na realidade são, naturalmente menos livres, uma vez que se acham mais subsumidos a um poder abjetal.

Podemos dizer nas palavras dos autores que, a “*libertação*” é um fato histórico, não um fato intelectual, e é efetuada por condições históricas, pelo nível da indústria, do comércio, da agricultura” (MARX e ENGELS, 2005, p. 29). A libertação e a liberdade podem ser atingidas a partir da luta dos trabalhadores e não da boa vontade da burguesia e de seus representantes.

Podemos dizer que a sociedade capitalista produz em abundância para poucos privilegiados, mas também produz miséria e pobreza para milhares, que não conseguem se inserir a partir do consumo de mercadorias em geral. Segundo Marx e Engels (2005) os trabalhadores tem de suportar todo o peso da sociedade sem gozar das vantagens desta e que, excluída desta, é forçada ao mais decidido antagonismo a todas outras classes; uma classe que constitui a maioria de todos os membros da sociedade e da qual surge a consciência da necessidade de uma revolução social.

Essas “*novas descobertas*” das ciências, são de uso contínuo da sociedade em geral, mas nem sempre os indivíduos fazem reflexão sobre um “*objeto*” que ele utiliza em seu cotidiano, pois trata-se de um processo no qual o indivíduo consumidor quer fazer uso destes produtos, mas sem saber onde foi gestado ou produzido. Em síntese, o uso de mercadorias produzidas pela ciência ou pelo que é fruto da ação primeira dos cientistas em geral, chega para grande parte dos indivíduos socialmente, mas estes por não serem cientistas e não ter interesses acabam somente fazendo uso social daquele produto<sup>3</sup>.

Podemos fazer alguns questionamentos sobre as formas de pensamento e como os pensadores produzem suas ideias e conceitos. Nas reflexões abaixo o autor argumenta:

Os pensamentos convencionais de sua cultura são indiscutivelmente verdadeiros para ele e, por conseguinte, ele próprio tem escassa consciência da diferença entre o que é criativo em seu pensamento e o que é puramente convencional. Só no processo histórico, quando as mudanças sociais se refletem nas mudanças de padrões de pensamento, é que se torna evidente o que o pensamento de um pensador criativo era verdadeiramente novo e em que medida o seu sistema é apenas um reflexo do pensamento convencional. Cabe aos seus seguidores, vivendo num diferente plano de ideias, interpretarem o “mestre”, distinguirem seus pensamentos “originais” dos convencionais e analisarem as contradições entre o novo e o velho, em vez de tentarem harmonizar as contradições iminentes de seu sistema por toda espécie de subterfúgio (FROMM, 1980, p. 11).

Nesta relação está a oposição entre o pensamento convencional e o pensamento criativo fundamental para o desenvolvimento da ciência, principalmente pela possibilidade do novo, pois esse vai ser sempre aplicado socialmente para resolver problemas da sociedade. Para que possamos analisar essa forma de pensamento, é preciso compreender a ciência a partir da sua origem e formação, pois desde o princípio esta forma de saber buscou ser racional e ao mesmo tempo, avançar para poder trazer “*coisas novas*” para o espaço das sociedades historicamente.

A ciência se desenvolveu a partir de uma nova forma de organização que era a sociedade capitalista, pois esta acompanhou todo seu desenvolvimento, bem como os cientistas e a intelectualidade em geral, acabaram sendo de alguma forma privilegiados, por desenvolverem um tipo de trabalho “*novo*” e diferente do que até então se conhecia no início da sociedade moderna na Europa do século XVI-XVII.

Em termos de criatividade ou não na ciência, Fromm realiza apontamentos sobre essas questões nas Ciências Sociais. Em sua análise ele nos traz a seguinte proposição:

---

<sup>3</sup> Normalmente, as descobertas do campo das diversas formas de saberes, são transformadas pela indústria a partir do uso de tecnologias variadas, onde na sociedade contemporânea é utilizado o modelo japonês de organização do trabalho, chamado também de Toyotismo. Esta forma de organização do trabalho, é uma das mais eficientes utilizadas atualmente, mas amplia a exploração e dominação nos espaços de trabalho.

O que atualmente distingue os cientistas criativos dos pseudocientistas nas Ciências Sociais é a crença no poderio da razão, a crença em que a razão e a imaginação humanas podem penetrar a superfície ilusória dos fenômenos e chegar a hipóteses que tratam das forças subjacentes, não da superfície. O essencial é que a última coisa por eles esperada é a certeza. Eles sabem que toda hipótese será substituída por uma outra que não está necessariamente negando a primeira, mas apenas modificando-a e ampliando-a (FROMM, 1980, p. 17).

Para que haja uma produção científica, é necessário o uso da razão, mas principalmente a crença na razão por parte de quem produz a ciência, neste caso, os cientistas. Para tanto, a ciência busca estudar certas realidades no sentido de compreendê-las, onde os cientistas sociais devem ser criativos para poder superar os limites que a própria ciência lhes impõe no seu cotidiano de trabalho. Desta maneira, a cada nova forma de saber, se produz um novo tipo de objeto a ser pesquisado, assim, é necessário a renovação de toda forma de produção científica.

A sociedade necessita da produção do saber científico nos seus mais variados espaços, seja nas instituições públicas, principalmente das Ciências Sociais, bem como na aplicabilidade das leis, mas também no campo da indústria e produção tecnológica etc. A especificidade do saber científico, diz respeito a sua complexidade como forma de produção do próprio saber, mas sua aplicabilidade em termos sociais vem contribuir com o aperfeiçoamento de certas práticas sociais dos indivíduos, não em termos de massificação<sup>4</sup> da ciência e de sua forma de produzir saber.

Esta produção científica gera novos comportamentos a partir da mudança de mentalidade dos indivíduos. A sociedade capitalista, não somente faz o uso da produção científica, mas também necessita de cada tipo de saber produzido pelas ciências em geral. Neste caso, a produção científica, é produzida por um conjunto de indivíduos que são especializados para este fim, que são os pesquisadores dos mais variados campos do saber.

A Ciência Social hoje, foi fruto de um longo período de desenvolvimento histórico da sociedade capitalista. Todavia, é também fruto da ação de indivíduos comprometidos com esta ciência. Estes se dedicam para produzir um tipo de saber necessário para a reprodução desta sociedade, são apaixonados pela sua ciência e fazem discurso para

---

<sup>4</sup> Neste caso, a obra *Os intelectuais e a educação das massas*, de Máximo (2000), realiza um estudo sobre essa relação, onde o autor mostra como os intelectuais em geral podem se relacionar com as massas (trabalhadores). O autor retoma questões importantes sobre a obra de Gramsci para poder desenvolver seus argumentos, principalmente das ações do intelectual tradicional e do orgânico vinculado a uma classe social.

defendê-la. Assim, são indivíduos capazes de defender de todas as formas seu papel social no interior das universidades, institutos de pesquisa e da sociedade.

A ciência, seja ela social ou da natureza, tem seus representantes, que ao longo da história puderam desenvolver elementos científicos que fizeram desta um fenômeno socialmente reconhecido, pois vai ocupando espaços nas universidades, escolas e centro de pesquisas<sup>5</sup>.

Estas ciências na qual estamos nos referindo, tem seu caráter ideológico, pois normalmente é utilizada em alguns momentos para poder impor determinado tipo de domínio de uma classe social em relação às outras que são inferiores ou exploradas. Assim, está presente a seguinte relação: é o saber a serviço do poder<sup>6</sup> em termos de relações sociais.

A ciência e os cientistas, integram um conjunto, a primeira por ser ideológica e o segundo como produtores da ideologia. Marx e Engels analisam alguns elementos que são importantes para compreendermos a sociedade, a história e os indivíduos.

Os pressupostos com os quais começamos não são dogmas arbitrários, não são nem dogmas, são pressupostos reais, dos quais se pode abstrair apenas na imaginação. Eles são os indivíduos reais, sua ação e suas condições materiais de vida, tanto as encontradas quanto as produzidas através de sua própria ação. Esses pressupostos são constatáveis, portanto, através de um caminho puramente empírico (MARX e ENGELS, 2007, p. 40).

A análise proposta por Marx e Engels, diz respeito a realidade concreta e materialmente falando, estes analisam os indivíduos vivos, suas necessidades etc. Não estão imaginando ou abstraindo como deveria ser os indivíduos, mas sim buscando compreender sua realidade. Esta é uma das críticas que Marx e Engels desenvolvem em relação à tradição filosófica alemã.

Assim, é que temos a crítica à Filosofia e aos seus representantes, que Marx vai chamá-los de ideólogos e ao longo deste trabalho, analisaremos com maior amplitude<sup>7</sup>. É importante buscar elementos teóricos na obra de Marx para poder perceber historicamente a formação da sociedade, da intelectualidade e suas ações no interior da sociedade capitalista.

---

<sup>5</sup> Segundo Corbísier (1980) a universidade é a fábrica onde se produzem os cientistas e técnicos que lhe são indispensáveis.

<sup>6</sup> Essa relação foi estudada por Michel Foucault (1995) na obra *Microfísica do Poder*, onde o autor desenvolve sua análise sobre a relação entre o saber e o poder, onde cada nova forma de saber, gera uma nova forma de poder. Tragtenberg (2004), desenvolve também uma interessante análise sobre essas relações, entre o saber e o poder como forma de dominação.

<sup>7</sup> Este conceito pode ser aplicado tanto aos filósofos, bem como aos cientistas em geral, que partem da perspectiva da ciência burguesa. A concepção de Marx é distinta, pois a sua perspectiva é a do proletariado, classe social explorada pelos capitalistas.

Percebemos que Marx não parte de dogmas, mas sim de uma ampla crítica da sociedade e das demais relações sociais. O que ele fez, no decorrer de sua trajetória foi analisar as formas de sociedades historicamente, a partir do que existia e existe nestas, isto quer dizer, indivíduos vivos, tal como está expresso em seus textos.<sup>8</sup> Um dos fundamentos sobre a história de Marx, é a de que segundo ele: o primeiro pressuposto de toda a história humana é, naturalmente, a existência de indivíduos humanos vivos. É importante compreender a história, a sociedade, a partir de “*indivíduos vivos*” e suas condições materiais de existência. Esses têm necessidades que historicamente vão sendo transformadas a partir da ação humana, principalmente pelo trabalho.

Segundo Marx e Engels (2003, p. 11) a história não faz nada, “não possui nenhuma riqueza imensa”, “não luta nenhum tipo de luta”! quem faz tudo isso, quem possui e luta é, muito antes, o homem, o homem real, que vive; não é, por certo, a “História”, que utiliza o homem como meio para alcançar seus fins – como se se tratasse de uma pessoa à parte -, pois a História não é senão a atividade do homem que persegue seus objetivos. Neste sentido, pensar a história é pensar na ação humana dos indivíduos que produzem a história, mas não produzem da forma que querem, pois existem relações sociais contraditórias, pois, os indivíduos não fazem a história de forma harmônica, ou da forma que desejam. Pensar a sociedade e a história concretamente, diz respeito a um conjunto de contradições sociais, políticas, econômicas das classes sociais em luta e seus antagonismos.

Marx e Engels falam de indivíduos vivos, suas condições materiais para produzir e reproduzir suas vidas historicamente. E o que são esses indivíduos vivos? Eles respondem da seguinte forma: “o que os indivíduos são, portanto, depende das condições materiais de sua produção” (MARX e ENGELS, 2007, p. 42). Essas condições materiais são definidas historicamente, pois as sociedades humanas são transformadas, bem como o seu modo de vida e de produção. Em toda sociedade existe uma forma de organização a partir da divisão social do trabalho, onde cada indivíduo ocupa uma posição ou exerce determinado ofício, para produzir ou reproduzir o modo de produção vigente.

A intelectualidade produz saber a partir de interesses particulares e que posteriormente, passam a serem coletivos e de classe. Os intelectuais que partem de uma perspectiva burguesa, produzem um tipo específico de saber para defender os interesses da classe dominante e são bem remunerados. Por outro lado, há uma hierarquia salarial

---

<sup>8</sup> Algumas questões sobre história ver *A Sagrada Família* (2003) e a própria *A Ideologia Alemã* (2007) escrita em conjunto com Engels.

entre os intelectuais, os que estão abaixo desta hierarquia não são muito bem remunerados. Os intelectuais são trabalhadores privilegiados no interior das empresas privadas e estatais, principalmente aqueles que ocupam cargos ou funções na burocracia.

E qual a relação de tudo isso com a divisão social do trabalho? Vamos compreender de forma mais organizada essas questões, pois:

A divisão social do trabalho no interior de uma dada sociedade leva, no princípio, à divisão do trabalho industrial e comercial do trabalho agrícola, e com isso, à divisão entre cidade e campo e à oposição entre o interesse de ambos. Seu desenvolvimento posterior leva à divisão entre trabalho comercial e industrial. Ao mesmo tempo se desenvolvem sempre, através da divisão de trabalho no interior desses diferentes setores, diferentes seções entre os indivíduos atuando em conjunto em um determinado trabalho (MARX e ENGELS, 2007, p. 43).

Historicamente essa divisão social do trabalho, coloca os indivíduos e classes sociais em oposição. O trabalho intelectual vai sendo cada vez mais valorizado no interior da sociedade capitalista, principalmente aquele que atende aos interesses da classe dominante. Quando falamos da história estamos nos referindo aos antagonismos das classes sociais, pois segundo Marx e Engels (2007) até hoje a violência, a guerra, o saque, assassinio seguido de roubo e assim por diante, foram transformados em força motriz da história. Estas são transformações que ocorrem no interior das sociedades e com interesses das classes sociais em luta.

Na sociedade capitalista, a luta de classes e a oposição entre as classes sociais, gerou interesses antagônicos entre burguesia e proletariado<sup>9</sup>. A classe burguesa busca realizar a manutenção dos seus interesses e a classe proletária busca a contestação e a transformação social, principalmente quando passa a perceber todo o processo de exploração e dominação no interior das fábricas, indústrias, no campo e no comércio, ou seja, no conjunto das relações de trabalho.

Na sociedade capitalista os indivíduos formam ideias falsas de si mesmo ou de “coisas” produzidas por eles próprios. Desta maneira, podemos afirmar que:

Os homens são produtores de suas representações, ideias e assim por diante, mas apenas os homens reais e ativos, conforme são condicionados através de um desenvolvimento determinado de suas forças de produção e pela circulação correspondentes às mesmas, até chegar a suas formações mais distantes. A consciência não pode ser jamais algo diferente do que o ser consciente, e o ser dos homens e suas relações aparecerem invertidos como uma câmara obscura, este fenômeno provém igualmente de seu processo histórico de vida, assim,

---

<sup>9</sup> Para Marx e Engels (1998) a burguesia significa a classe dos capitalistas modernos, que possuem meios de produção social e empregados assalariados. Proletariado, a classe dos trabalhadores assalariados modernos que, por não ter meios de produção próprios, são reduzidos a vender a própria força de trabalho para poder viver. Na obra *O Capital*, Marx ampliou de forma sistemática esses conceitos, colocando a questão do mais valor, onde o proletariado produz e a burguesia se apropria deste.

como a inversão dos objetos ao se projetarem sobre a retina provém de seu processo diretamente físico (MARX e ENGELS, 2007, p. 48).

É preciso, todavia, perceber que os autores analisam concretamente a sociedade na qual estavam inseridos, pois não se trata de nenhuma abstração metafísica. Os homens (seres sociais) produzem suas próprias representações, mas não produzem da forma como querem, pois são de alguma forma “condicionados” e coagidos para poder produzir sua história e suas representações sociais sobre a realidade na qual estão inseridos.

Assim, a sociedade capitalista se desenvolve e as relações sociais se tornam mais complexas, onde o proletariado e a burguesia irão se opor em termos sociais, políticos, econômicos., mas cada uma defendendo seus interesses. Nesta luta, a intelectualidade como classe social é cada vez mais importante no sentido da defesa dos interesses em jogo.

Ocorre na sociedade capitalista, uma valorização do trabalho intelectual em detrimento do trabalho manual. Os próprios intelectuais conservadores da ordem social capitalista, são defensores do trabalho intelectual, a partir da divisão social do trabalho capitalista, que passa a valorar e valorizar em termos econômicos esse trabalho.

Na sociedade capitalista existe uma divisão social do trabalho específica e está ligada aos valores, mas como dizia Marx, não são os valores que criam a divisão, mas a divisão que cria estes, pois a divisão existe por causa do modo de produção capitalista e suas necessidades, e, uma vez existindo vai gerar valores que reproduzem e reforçam tal divisão, mas não a cria. A intelectualidade vai valorar e auto valorar sua produção intelectual.

Na concepção de Lévy (1988) o intelectual é o debate<sup>10</sup>. É a própria prática do debate. É o hábito, o princípio, a existência absoluta do debate. Um intelectual é alguém cuja simples presença indica que a sociedade dá direito aos seus direitos ao debate. A concepção deste autor é um tanto quanto abstrata, pois trabalha este conceito fora da realidade, onde abstrai o conceito de intelectual, não produzindo uma concepção que possa dar conta de explicar o conceito. Podemos dizer que é preciso ir além das abstrações e perceber o intelectual inserido no conjunto das relações sociais e sua posição de classe, interesses e valores. Por outro lado, Denis (1964) põe em xeque as crenças mais firmemente estabelecida numa sociedade, a sua função é necessariamente de caráter radical.

---

<sup>10</sup> Debate no sentido em que os intelectuais realizam nos mais variados espaços, debates sobre temáticas variadas nos campos de saberes.

Desta maneira, “a sua missão, pela sua própria natureza radical, é a de revelar, mostrando, em toda a sua crueza, tudo o que há de falso, de injusto, de opressivo, na ordem social em que vive” (DENIS, 1964, p. 126). Marx em sua trajetória intelectual e no seu engajamento conseguiu realizar essa radicalidade na qual o autor está apontando.

Desta forma, Marx fala do ideólogo, o indivíduo que produz saber para defender os interesses da classe dominante, mas por outro lado, também do intelectual engajado politicamente para lutar contra a dominação burguesa. Pois, como bem analisou Sartre (1988), a escolha original de Marx é uma escolha revolucionária.

Existem várias classes sociais no capitalismo, desde suas classes sociais fundamentais, a saber, burguesia e proletariado e outras como o campesinato, burocracia, lumpemproletariado etc. Estas estão organizadas a partir dos seus interesses coletivos. A classe burguesa domina as relações sociais no conjunto da sociedade. A classe proletária, é a classe social que carrega todo o peso social, pois é esta que produz toda a riqueza existente na sociedade. Esta classe social é explorada e dominada no local de trabalho, mas carrega em si, um potencial revolucionário, pois somente os trabalhadores organizados em luta, podem possibilitar uma transformação social no conjunto da sociedade.

Segundo Braga (2014) para que exista uma classe social, o conjunto de indivíduos que a compõe deve possuir um modo de vida comum, interesses comuns e oposição/enfrentamento comum a outras classes sociais. Mas, o conceito de classes sociais diz respeito a um conjunto de indivíduos com modo de vida comum, interesses e lutas comuns contra outras classes sociais determinadas pela divisão social do trabalho, que por sua vez, é determinada pelas relações de produção dominantes.

Com o desenvolvimento da sociedade capitalista, do seu modo de vida e da própria divisão social do trabalho, novas classes sociais irão surgir, pois trata-se de uma necessidade. A intelectualidade como classe social, vai se desenvolvendo historicamente, desde seu amadorismo no início da sociedade moderna, até a sua profissionalização no século XIX, onde grupos de intelectuais já conseguem ser vistos no interior de determinadas instituições como as universidades.

Neste sentido, Viana (2015a), vem contribuir para que possamos compreender essa questão:

A intelectualidade, como classe, vai se formando, indo do amadorismo para o artesanal e deste para o semiprofissionalismo, até que, finalmente, no século 19, se instaura o profissionalismo. Esse é um processo de constituição e, simultaneamente, subordinação crescente das esferas sociais ao capitalismo,

através do processo de mercantilização e racionalização capitalista que lhe acompanha (VIANA, 2015a, p. 95).

Assim, podemos perceber que a formação da intelectualidade é um processo histórico, pois é a partir de uma nova lógica social que a ciência e conseqüentemente os seus representantes, vão abrindo espaço, mas é preciso notar que estes não surgem diretamente como profissionais, vai levar um tempo até a profissionalização e a citação acima nos mostra muito bem essa questão.

Ainda assim, Viana (2015a) afirma que os intelectuais já não são mais amadores, artesãos ou mesmo semiprofissionais, tornam-se profissionais, submetidos diretamente ao capital e ao Estado capitalista, com raras exceções. Independentemente de ser “autônomo”, funcionário do Estado ou do capital, há um processo de subordinação das esferas sociais<sup>11</sup> ao capital em nível geral. Principalmente pelo desenvolvimento da sociedade capitalista e das novas necessidades criadas, assim cada vez mais esses irão abrir espaços para se consolidar como uma classe social de intelectuais a serviço do capital, do Estado e demais instituições.

A intelectualidade como classe social tem certos privilégios no interior da sociedade capitalista e sua divisão social do trabalho, onde acaba separando os trabalhadores manuais/braçais do trabalho intelectual, que normalmente é valorizado em detrimento do trabalho manual. Na sociedade capitalista ocorre uma valorização do trabalho intelectual, principalmente pela divisão social do trabalho existente nesta sociedade. Esta forma de organização visa legitimar as formas de dominação burguesa em relação as demais classes sociais exploradas e valoriza o trabalho “*intelectual*” em detrimento do “*braçal*”. Assim, esta divisão social do trabalho vai sem dúvidas, gerar certos privilégios para alguns e “*desgraças*” para outros.

A intelectualidade não surgiu simultaneamente com o modo de produção capitalista. Esta foi sendo desenvolvida a partir do avanço deste modo de produção. Para Braga (2014) a intelectualidade não nasce imediatamente com a emergência do capitalismo, mas sim com o passar do tempo, com o desenvolvimento e consolidação desse modo de produção. Somente a burguesia e o proletariado surgem no momento imediato ao surgimento do capitalismo, pois são suas classes fundadoras. É interessante

---

<sup>11</sup> As esferas sociais é uma conceituação utilizada para definir questões importantes na posição dos intelectuais na sociedade capitalista. Na concepção de Viana (2015a) as esferas sociais são produto do desenvolvimento da sociedade capitalista e são expressão da complexificação da divisão social do trabalho, processo típico da sociedade moderna, assim, as esferas sociais só existem por conseguinte no capitalismo que se desenvolve e amplia a divisão social do trabalho nos seus mais variados aspectos.

notar que estas duas classes sociais se desenvolvem a partir de suas contradições e conflitos.

Nesta perspectiva, segundo Maia (2013) as classes sociais são produtos da divisão social do trabalho. Ocorre uma complexificação desta divisão e da luta de classes. Na contemporaneidade a luta de classes ocorre de diversas formas, desde os locais de trabalho, como escolas, universidades etc. Esta complexidade é fruto do desenvolvimento da sociedade capitalista e suas relações sociais. Neste caso, necessita de indivíduos para produzir formas de saberes para legitimar a dominação burguesa na sociedade capitalista. E quem produz toda essa forma de saber? A intelectualidade, nas mais diversas formas de saberes que é a ciência.

As classes sociais segundo Maia (2011) não são o produto da criação mental do pesquisador. Elas existem concretamente independentemente de a consciência tê-la ou não identificado. Desta maneira podemos afirmar que:

As classes são produto da divisão social do trabalho e ao mesmo tempo a reproduzem e a aprofundam. Cada classe ocupa uma determinada posição nesta divisão. Este lugar ocupado e seu relacionamento com as demais classes faz com que ela adquira interesses próprios. Portanto, um dos elementos essenciais definidores das classes sociais são os interesses de classe que carregam consigo devido sua posição na divisão social do trabalho (MAIA, 2011, p. 68).

Os indivíduos que integram as classes sociais buscam defender seus interesses no interior da divisão social do trabalho. No caso da intelectualidade como classe social, por exemplo, estes colocam a importância de suas pesquisas para o desenvolvimento da sociedade, para tanto, fazem uso da sua posição de intelectual para defender esses interesses e garantir seus privilégios. Neste sentido, os capitalistas e a própria divisão social do trabalho, são generosos com a intelectualidade.

Para Viana (2006b) os intelectuais sempre tiveram uma posição privilegiada no interior da divisão social do trabalho. Essa posição privilegiada, diz respeito a bons salários e certo “*status*” pela sua produção e por pertencer à uma classe social que está ligada diretamente aos interesses do Estado na sua maioria e principalmente por atender aos interesses da classe dominante.

Estes intelectuais se dedicam cotidianamente ao trabalho intelectual. Produzem ciência, Filosofia, arte etc. As produções científicas são ideológicas e tem um objetivo, a defesa de interesses particulares em um primeiro momento e conseqüentemente da classe burguesa. Assim, podemos expressar:

No capitalismo, os intelectuais são trabalhadores assalariados improdutivo, no sentido marxista do termo, isto é, trabalhadores que vendem sua força de

trabalho em troca de um salário mas não produzem mais-valor. Os salários dos intelectuais são muito maiores do que dos trabalhadores produtivos (proletários) e de outros setores da sociedade. A definição do salário dos intelectuais está ligada, por um lado, ao custo de reprodução desta força de trabalho específica e, por outro, às suas ligações com o Estado capitalista e demais instituições da sociedade burguesa, isto é, por sua utilidade para os interesses da classe dominante. É claro que juntamente com isto está o poder de pressão dos intelectuais, isto é, já que no capitalismo a complexificação da divisão social do trabalho cria inúmeras subdivisões no interior das classes sociais (VIANA, 2006b, p. 01).

Esta classe social quer não só manter seus interesses, mas também buscar novos e exercem um poder de pressão sobre o Estado quando seus privilégios são ameaçados. Mesmo não produzindo mais-valor, pois não produz mercadorias, mas sim ideologias, saber técnico, em síntese, uma produção cultural, estes conseguem manter seus salários e privilégios, porque historicamente sua posição de “*intelectual*” foi sendo cada vez mais valorizada no interior da divisão social do trabalho.

No entanto, a intelectualidade visa manter seus interesses e mais ainda, a defesa dos interesses comuns de toda a classe burguesa. Desta maneira, citamos mais alguns trechos do texto de Viana (2006b) para que possamos ter maior clareza destas concepções, assim, ele afirma:

Porém, é preciso deixar claro que existe uma distinção entre indivíduo e classe social. A intelectualidade, enquanto classe social, é conservadora, o que não quer dizer que todos os intelectuais, ou seja, todos os indivíduos pertencentes a esta classe, sejam conservadores. O indivíduo possui uma autonomia relativa e, dependendo do desenvolvimento de sua consciência, valores, interesses, pode, mesmo pertencendo a uma classe social conservadora, romper com a reprodução das concepções desta. Obviamente que apenas uma minoria poderia realizar tal processo, pois a posição social (o seu modo de vida e todos os valores, interesses, etc., derivados dele) da intelectualidade predispõe todos os indivíduos que a compõe ao conservadorismo (VIANA, 2006b, p. 03).

É difícil para esse indivíduo romper com certas concepções formadas ao longo de sua formação histórica e acadêmica, seja na família, escola e principalmente na universidade, onde este, já tem seus valores estabelecidos. Por outro lado, em momentos de avanço da luta do proletariado, alguns destes intelectuais tendem a romper com seus valores conservadores. No geral, estes intelectuais tem uma autonomia, mas não é absoluta, mesmo tendo uma posição privilegiada no interior da divisão social do trabalho em relação aos demais trabalhadores.

Por outro lado, alguns intelectuais afirmam a partir de seus valores, não pertencer a esta divisão social do trabalho. Estes são trabalhadores, mas não se sentem desta forma, pois desenvolvem “*funções diferentes*” no âmbito da sociedade e do Estado, ou seja, são

intelectuais, logo não são trabalhadores<sup>12</sup>. A realidade não é o que o indivíduo intelectual acha ou deixa de achar, sua posição no interior da divisão social do trabalho, já pressupõe que este indivíduo ocupa uma posição em certas instituições que integram a sociedade.

Retomando mais alguns apontamentos sobre a intelectualidade como classe social, podemos ampliar e trabalhar a questão das posturas intelectuais existentes no interior das esferas sociais, pois estas são fundamentais para que possamos compreender a intelectualidade em suas ações e produção cultural.

Os primeiros no qual podemos citar são os hegemônicos, que na concepção de Viana (2015b) são aqueles que possuem a melhor posição social e supremacia cultural no interior da classe intelectual. Eles podem ser divididos entre os consagrados, pois estão no cume da pirâmide do reconhecimento e prestígio, e os estabelecidos, que estão na tendência dominante e possuem um grau menor de reconhecimento e prestígio. Mas, o seu grande objetivo é se tornar hegemônico, pois a luta no interior das esferas sociais é cotidiana, onde aquele indivíduo que ocupa uma posição inferior na escala de hierarquia, quer ultrapassar o outro de posição superior. Desta forma, eles estabelecem formas de se manter na posição, seja fazendo alianças ou conseguindo publicações, financiamentos etc., para assim, manter seu prestígio social e acadêmico.

Existem também os dissidentes, que segundo Viana (2015b) são aqueles que conseguem certo espaço nas instituições e processos de reconhecimento e prestígio no interior da classe intelectual, mas de forma subordinada e em oposição a diversos elementos que são manifestados pelos hegemônicos. Assim, a posição destes (hegemônicos e dissidentes), segundo a abordagem de Bourdieu, pode ser interpretada como aquela entre “*dominantes*” e “*dominados*”. Deste modo, a partir desta forma hierárquica que se encontram no interior da esfera, essas duas posturas intelectuais lutam por espaço, os primeiros para realizar a manutenção da sua posição e o segundo para ampliar.

Uma outra postura intelectual, é o ambíguo, vejamos mais alguns apontamentos sobre:

Os ambíguos são aqueles intelectuais que possuem vínculo com mais de uma instituição e ficam entre elas. É o caso de um intelectual que é cientista e está na universidade e, ao mesmo tempo, pertence a um partido ou igreja e tenta mesclar os dois compromissos com as duas instituições. Isso gera ambiguidades e representações conflitantes, tal como entre a fé religiosa e a ciência, ou entre a necessidade de tomar partido nas questões políticas graças ao vínculo partidário e a exigência, científica, de “neutralidade” e, acadêmica,

---

<sup>12</sup> Para uma crítica desta concepção sobre intelectuais, ver a obra de Viana (2013) e sua concepção sobre a intelectualidade como classe social.

de circunspeção. Sua posição na classe intelectual pode variar, desde que apague seus vínculos problemáticos, pois pode tornar-se hegemônico, quando se alia com os demais nesta situação, ou dissidente, quando passa a exercer a crítica dos hegemônicos (VIANA, 2015b, p. 27-28).

Esse intelectual vive em constantes contradições, pois não consegue se estabelecer no espaço da esfera de forma hegemônica. De fato, o vínculo com uma instituição religiosa ou até mesmo uma organização como um partido político, leva esse indivíduo a outras questões como é o caso a relação da ciência com a fé religiosa, ou até mesmo a participação em reuniões e eleições no partido, onde este terá que tomar posição em relação a certas atividades políticas<sup>13</sup>. Vimos que a posição de um intelectual no espaço das esferas sociais, não é estático, este pode se desenvolver e ocupar melhores posições no âmbito da hierarquia da esfera ou da intelectualidade. É nesse sentido que estes estabelecem internamente ou externamente a luta por essas posições, onde aqueles que já estão estabelecidos não querem perder espaço, por outro lado, os que estão em posições inferiores, almejam chegar em uma posição privilegiada como a dos hegemônicos no interior da esfera.

Existem também os intelectuais venais, que poderíamos chamá-los de: “*os intelectuais da moda*”, do momento, aqueles que estão sempre em evidência. Conseguem espaços nos meios de comunicação e uma ampla divulgação do seu nome e de suas obras. Desta forma, esses são:

Aqueles intelectuais que possuem um vínculo mais forte com o capital. São intelectuais que servem a determinadas instituições burguesas, empresas capitalistas, sendo mais comum o seu vínculo com o capital comunicacional. Enquanto os hegemônicos e os dissidentes disputam o público intelectualizado, os venais voltam suas atenções para o grande público, e os primeiros são tendencialmente elitistas e próximos ao erudito enquanto que os demais se preocupam com a maior parte da população que se pode atingir. Isso depende, obviamente, da esfera social do intelectual. Os intelectuais venais da esfera artística são os da moda e que estão em evidência no capital comunicacional, enquanto que os da esfera científica pode ter uma situação semelhante, tal como os autores de *best-sellers*, mas também podem estar alojados em empresas capitalistas que financiam pesquisas e produções intelectuais voltadas para os seus interesses (VIANA, 2015b, p. 28-29).

Além do vínculo com o capital, esse intelectual gera lucro para os capitalistas, pois seus produtos neste caso, livros ou discos etc., e outras formas de difusão são comercializadas e consumidas por uma grande parcela da sociedade. Normalmente sua imagem é conhecida nos meios de comunicação, facilitando assim a venda de seus

---

<sup>13</sup> Na obra *Ciência e Política: Duas Vocações* (2010), o sociólogo alemão Max Weber desenvolve uma análise sobre essas duas questões, ao mesmo tempo em que mostra algumas distinções entre a ciência e a política como vocação. Se um indivíduo tem vocação para a ciência, deve se dedicar a este fim, por outro lado, aquele que tem vocação para a política, deve seguir a carreira de político dentro de uma organização política, como é o caso dos partidos políticos na democracia representativa.

produtos. É preciso distinguir um intelectual venal no âmbito da esfera artística da esfera científica, as duas esferas são distintas.

O caso mostrado acima dos *best-sellers*, é bem característico do momento atual do capitalismo, mesmo com a diminuição da produção e venda de livros, alguns segmentos conseguem se manter no mercado, principalmente os produtos vinculados aos intelectuais venais. O capital comunicacional vai fazer fortes investimentos para não só produzir, mas comercializar e manter uma boa imagem do artista ou do cientista que está atendendo aos seus interesses. É interessante notar na perspectiva de Viana (2015b) ao afirmar que o intelectual venal é próximo daquilo que Marx denominou “*sicofantas*” ou “*lacaio da pena*” e trabalham para o capital, onde o retorno financeiro e o sucesso são seus valores fundamentais.

Mesmo com toda a organização, formas de divulgação e o uso de profissionais técnicos e com formação acadêmica para gerir os negócios do capital comunicacional, ocorre certas contradições no interior desta organização, bem como contradições sociais e políticas, abrindo assim espaço para outros tipos de publicações, que não sejam as venais, pois tem seu conteúdo contestado por quem parte de uma perspectiva crítica-revolucionária, como é o caso dos intelectuais engajados<sup>14</sup>.

Na perspectiva de análise de Viana (2015b) a posição social dos intelectuais venais bem-sucedidos é de prestígio social junto às classes desprivilegiadas e desprestígio na sua esfera social de atividade, embora isso muitas vezes não apareça no discurso público dos intelectuais hegemônicos da esfera. Essa posição dos intelectuais venais no interior da classe intelectual e na sua esfera de atividade é inseparável do seu posicionamento, o que remete para os seus valores e representações.

Neste caso específico dos intelectuais venais, seu prestígio popular é superior em relação aos demais. De certa forma, vai gerar disputas, pois o objetivo de alguns no espaço das esferas sociais é ter certa ascensão e se tornar venal. Assim, as esferas sociais são carregadas de contradições e lutas sociais no seu interior.

São dessas contradições que pode surgir algo novo, descontentamento, pessimismo etc., fazendo com que alguns destes possam mudar de posição e passar a desenvolver uma concepção crítica da realidade e se aproximar de outros grupos de intelectuais, principalmente os engajados, passando assim a fortalecer a luta dos mesmos.

---

<sup>14</sup> Sobre esse intelectual, iremos desenvolver uma concepção sobre este no último item deste capítulo, mostrando suas concepções e diferenças em relação aos demais intelectuais.

Assim, o intelectual rompe com toda solidariedade simbólica com a classe dirigente. Quando este fato ocorre, esses intelectuais contribuem com a luta da classe operária.

A sociedade capitalista na sua essência é contraditória, são os trabalhadores que devem criar suas próprias formas de organização e lutar contra a exploração e dominação da classe dominante, mas os intelectuais que partem de sua perspectiva, devem contribuir para este fim.

Neste sentido, foi possível perceber historicamente a origem e a formação da intelectualidade como classe social e suas práticas no interior da sociedade capitalista, desde o período de amadorismo, passando pelo semiprofissionalismo e ao profissionalismo, até sua inserção nos mais variados espaços de organizações e instituições na qual passaram a atuar para poder produzir saber, seja para conservar ou para contestar os valores estabelecidos na sociedade capitalista. Sua produção cultural, saber, arte, técnica foram importantes para o desenvolvimento da sociedade capitalista.

## 1.2-Os intelectuais e produção cultural

Neste item do nosso trabalho, o objetivo é realizar uma investigação sobre os intelectuais e a produção cultural. Não se trata de analisar a totalidade existente no interior da sociedade capitalista, mas simplesmente de buscar compreender a produção do saber por parte da intelectualidade. Porém, há especificidades no que diz respeito a análise a ser realizada. Trata-se de analisar essa produção cultural vinculada a interesses, valores e perspectiva de classe, pois como foi tratado no item anterior, a intelectualidade como uma classe social ocupa uma posição bem definida na divisão social do trabalho na sociedade capitalista.

Existe uma forma de organização para o desenvolvimento do trabalho destes intelectuais, que normalmente estabelecem vínculos com outras classes sociais, isso vai depender dos interesses em jogo. É por isso, que a intelectualidade como classe social, atua no sentido de buscar também a defesa dos seus interesses e na produção de ideologias.

Nos seus primeiros passos, a ciência moderna, principalmente as Ciências da Natureza, exerce um papel essencial no desenvolvimento desta sociedade. Foi a partir de suas descobertas que temos a possibilidade do desenvolvimento da sociedade capitalista e assim, atender aos interesses classe burguesa em ascensão.

A ideologia é um produto social e histórico, sendo que a compreensão desta nos remete as práticas intelectuais dos ideólogos, pois trata-se de um grupo de intelectuais importantes no que diz respeito a defesa dos interesses e valores da classe burguesa. Estes produzem ideias falsas de certos aspectos da vida social, como é o caso da religião, do direito e do próprio Estado<sup>15</sup>. Mas também é um produto da divisão social do trabalho e formação da sociedade de classes, principalmente a sociedade moderna nos seus mais variados aspectos.

Marx e Engels (2007) chamam os ideólogos de merceiros de pensamentos, arrogantes e grandiloquentes, que se consideram tão infinitamente acima de todos os preconceitos nacionais, são na realidade, muito mais nacionais que esses filisteus das cervejarias, que sonham com a unidade da Alemanha. Neste caso, os autores estão se referindo aos filósofos alemães que eles tanto criticavam, pois não ultrapassavam os limites da abstração filosófica, não chegando a analisar a realidade em termos concretos. Ainda segundo Marx e Engels (2005) nenhum desses filósofos se lembrou de procurar a conexão da filosofia alemã com a realidade alemã, a conexão da sua crítica com o seu próprio ambiente material.

Por outro lado, além de ser detentora dos meios de produção<sup>16</sup>, a burguesia também detém autoridade sobre a produção do saber, pois este é aplicado para fins de domínio. Desde a origem da sociedade moderna esta relação está presente, pois o saber moderno em sua forma mais desenvolvida, ou seja, a ciência, esteve ligada aos princípios da formação do capitalismo, principalmente para defender os interesses do Estado e da nascente classe burguesa.

Um exemplo de que a ciência moderna estava aliada aos interesses do Estado e da burguesia, é o desenvolvimento da ciência econômica, que desde a origem e formação do novo modo de produção realizou estudos para contribuir com o desenvolvimento do capitalismo como modo de produção. Esse tipo de saber, é cada vez mais utilizado no interior destas instituições. Estas acabam não só formando um corpo de técnicos e de especialistas, mas também exigem cada vez mais uma formação técnica e acadêmica para que esses indivíduos possam exercer suas funções.

---

<sup>15</sup> Esta instituição, ou seja, o Estado capitalista, contribui para o amortecimento dos conflitos sociais entre as classes sociais, uma de suas funções sociais é a organização da vida política da sociedade civil que cria essa instituição. Em Viana (2003) tem-se uma perspectiva de análise do Estado a partir da concepção materialista de Marx e os seus diversos escritos sobre o Estado de forma crítica-revolucionária.

<sup>16</sup> Os meios de produção no capitalismo, são os equipamentos, ferramentas, máquinas e a própria força de trabalho do conjunto dos trabalhadores e que são transformados historicamente a partir das necessidades dos capitalistas em produzir novas mercadorias e a aplicação de tecnologias mais desenvolvidas.

O Estado e a burguesia se organizaram historicamente para atender aos seus interesses comuns, principalmente quando o Estado define suas prioridades. Por outro lado, ideologicamente fazem com que as outras classes sociais, principalmente àquelas que são exploradas, passe a acreditar que seus interesses particulares se tornem coletivos. Dominar a partir do saber é também uma estratégia da classe dominante historicamente, e neste caso, a ciência e os cientistas burgueses contribuem de forma sistemática e organizada para este fim.

Marx e Engels apresentam na obra *A Ideologia Alemã*, que ser e consciência são duas coisas inseparáveis, onde o ser consciente é o ser social, logo, a consciência é social. O burguês tem consciência do seu pertencimento de classe e utiliza isso para poder produzir formas de domínio em relação às demais classes sociais. Faz uso da ideologia e se apropria de certas formas do saber e ao mesmo tempo, busca fazer destas as ideias dominantes no interior da sociedade. Em relação ao ser e consciência, Marx e Engels fazem a seguinte afirmação:

A consciência não pode ser mais do que o Ser Consciente e o Ser dos Homens é o seu processo de vida real. Se em toda a ideologia os homens e as relações aparecem invertidos como numa câmara obscura, é porque isto é o resultado do seu processo de vida histórico, da mesma maneira que a imagem invertida dos objetos que se forma na retina é o resultado do seu processo físico de vida (MARX e ENGELS, 2005, p. 26).

Está expresso que o indivíduo só pode ser indivíduo vivendo em sociedade. É preciso compreender a sua inserção na sociedade e o seu processo de vida real. A ideologia também diz respeito a luta entre as classes sociais. Há momentos de acirramentos na luta entre as classes sociais na sociedade capitalista, onde apesar de haver certa negação em relação a esta, mas a vida prática nos mostra que esta existe na realidade concreta. Isto demonstra que nem sempre vai haver uma “*hegemonia*” da classe dominante em relação as ideias de forma totalizante.

A todo instante, a sociedade e o modo de produção determinante, são colocados em dúvida, seja por contestações individuais e principalmente pela luta organizada dos trabalhadores que contestam estas ideias e a própria sociedade capitalista. Estes quando tomam consciência histórica de sua realidade, passam a lutar de forma radical no sentido da transformação social, contestando a burguesia, seus valores, ideias (ideologia) e demais elementos que são os fundamentos da sociedade burguesa.

Torna-se oportuno dizer que a temática central da obra *A Ideologia Alemã* é a questão do ser e da consciência Viana (2007). Desta forma, ele aponta que a ideologia seria (uma falsa representação da realidade, uma falsa consciência). Neste sentido o autor

ainda coloca que a consciência só pode ser o ser consciente e isso quer dizer que ela não pode ser autônoma, mas tão-somente a manifestação de um ser, que é o ser humano envolvido em determinadas relações sociais e possuindo um determinado modo de vida.

Na sociedade capitalista, ocorre uma quantidade variada de interesses das classes sociais em luta. Cada uma vai historicamente buscando se organizar para a defesa dos seus interesses particulares e posteriormente coletivos. Realizam um discurso de que defendem os interesses coletivos, sendo que na verdade, esses interesses são particulares. Neste sentido, a sociedade acaba produzindo a “*ideologia*”, forma de saber produzida por indivíduos pertencentes ao conjunto de ideólogos que são tipicamente produtores desse tipo de saber para legitimar determinadas práticas da classe dominante.

Segundo Viana (2007) a consciência é o ser consciente, mas o ser consciente é o ser humano e este possui desejos, interesses, modo de vida etc., e se relaciona com o mundo de forma ativa. Estes indivíduos, grupos ou classes sociais, expressam esses interesses e modo de vida. Como as ideias da classe dominante prevalecem em cada época histórica, basta observarmos a sociedade hoje e seu modo de vida.

Assim, vimos que está presente uma relação entre o modo de produção capitalista, seus representantes, cientistas (produtores do saber em geral) ou como diria Marx, os ideólogos, que são os indivíduos responsáveis para legitimar a ordem burguesa, a partir da produção de ideologias, seja nas Ciências Sociais ou nas Ciências da Natureza. Neste caso, cabe ressaltar que há uma infinidade de categorias e posições sociais por parte da intelectualidade.

Entretanto, a classe dominante visa a todo instante, não só o domínio, mas também regular a produção e distribuição de ideias, pois essas ideias e valores nem sempre são respeitados. Existem “*crises*”, tanto no modo de produção capitalista que busca se reinventar nesses momentos, bem como nas formas de saber que o representam. A ciência burguesa e seus cientistas, não conseguem dar respostas para “*tudo*”, pois esta e estes são também contraditórios. Neste caso, abrindo espaço para novas concepções e perspectivas sociais e políticas distintas, principalmente àquelas que visam contestar e que partem da perspectiva do proletariado.

Desta análise das ideias dominantes existentes em cada época sob a égide capitalista, esse domínio está mais evidente. Neste sentido, os ideólogos cumprem um papel fundamental para a produção e reprodução das ideias dominantes, isto quer dizer, do modo de produção capitalista e de suas relações sociais. Desta forma, os autores argumentam que:

Manifesta-se também no seio da classe dominante como divisão do trabalho espiritual e material, de tal modo que uma parte dessa classe se revela como sendo aquela que dá seus pensadores (os ideólogos conceptivos ativos da referida classe, que fazem do desenvolvimento da ilusão dessa classe sobre si mesma seu principal ramo de alimentação), enquanto os demais apontam diante dessas ideias e ilusões uma atitude antes passiva e receptiva, já que na realidade são os membros ativos dessa classe e dispõem de pouco tempo para formarem ilusões e ideias acerca de si mesmos (MARX e ENGELS, 2007, p. 71).

Por que então a necessidade dos ideólogos? Para a produção de ideias no sentido da defesa dos interesses da classe dominante. O saber produzido no interior da sociedade capitalista é dinâmico, como também a forma de organização e gestão do modo de produção capitalista. Esta dinamicidade não é natural, pois existe a ação dos indivíduos vivos para fazer funcionar toda a lógica capitalista. Esta lógica se organiza e se transforma a partir da produção e acumulação dos saberes e da difusão do mesmo.

Para Marx e Engels (2005) em oposição a filosofia alemã que para eles, esta desce do céu para a terra, aqui sobe-se da terra para o céu. Isto é, não se parte daquilo que os homens dizem, imaginam ou pensam nem do que são nas palavras, no pensamento, na imaginação e na representação dos outros, para chegar aos homens de carne e osso, parte-se dos homens, da sua atividade real. Desta maneira, a filosofia e as formas de saberes em geral, exercem um papel preponderante para legitimar as relações sociais na sociedade capitalista.

Podemos perceber que no capitalismo em certos espaços, o saber é acumulado e em outros é aplicado. As universidades formam indivíduos para desenvolver atividades nos mais variados espaços da sociedade, tais como (engenheiros, químicos, físicos, biólogos etc.) e posteriormente seus inventos e criações são aplicados em fábricas, indústrias, construção civil. Estes cientistas no interior da divisão social do trabalho, tem funções especializadas de alto nível de aperfeiçoamento, enquanto os técnicos têm como função a aplicabilidade deste saber na prática, mas sob a coordenação dos primeiros com formação mais ampla e aperfeiçoada em um campo específico do saber.

Como a classe dominante não tem tempo para se dedicar a produção de ideologias, esta acaba tendo que financiar outros indivíduos para que possam realizar estudos para a reprodução de seus interesses e ideias como na sua totalidade. Na sua essência, todo esse conjunto de ideias, são falsas para Marx e Engels (2007) onde a burguesia como classe dominante não quer mostrar a essência das coisas e sim a aparência. Em síntese quer inverter a realidade ou produzir uma falsa consciência sistematizada da realidade. Assim, podemos perceber:

Na concepção do processo histórico, as ideias da classe dominante são separadas desta mesma classe, se as transforma em algo à parte e independente, se nos limitarmos a afirmar que em uma época dominou este ou aquele pensamento, sem nos preocuparmos o mínimo que seja com as condições de produção nem com os produtores dessas ideias, se portanto, deixamos de lado, os indivíduos e as situações universais que servem de base aos pensamentos, podemos afirmar, por exemplo, que na época em que dominou a aristocracia imperaram as ideias de honra, da lealdade etc, enquanto que a dominação da burguesia representou o império das ideias da liberdade, da igualdade etc (MARX e ENGELS, 2007, p. 72).

As formas de dominação de uma classe dominante, são transformadas historicamente. É necessário reconhecer as condições materiais dos indivíduos socialmente e o modo de produção no qual estes se inserem. Como as ideias da classe dominante sofrem mudanças, fica evidente que as formas de domínio também passam por mudanças, ou seja, é alterado, pois uma classe social é substituída por outra, como é o caso da aristocracia para a burguesia, assim as ideias dominantes passam a serem outras.

A classe dominante para fazer valer o domínio de suas ideias, acaba utilizando no sentido destas serem verdadeiras, únicas e universais, mostrando também, a partir da ação de seus ideólogos que sistematizam teorias para legitimar estas como verdadeiras. Essas ideias da forma que são colocadas para as demais classes sociais são reforçadas pelas diversas formas de produção e difusão do saber, mas estas ideias e formas de saberes se desenvolvem de acordo com os interesses da classe dominante e também do próprio avanço da sociedade capitalista.

Em síntese, há indivíduos que não pertencem a classe dominante, mas acabam reproduzindo suas ideias e valores. Muitos trabalhadores “*sonham*”, se tornar um integrante desta classe. Mesmo com toda a dinâmica do modo de produção capitalista, dificilmente um proletário irá se tornar um burguês, apesar que a própria burguesia afirma que a riqueza é conseguida a partir de esforços pessoais, dedicação e trabalho com afinco.

A riqueza da classe burguesa é fruto da exploração das outras classes sociais, que são obrigadas a vender a sua força física e intelectual de trabalho em troca de um salário que é determinado pelo proprietário e não pelo trabalhador, esse salário é o mínimo necessário para sua sobrevivência.

Nesta relação entre o trabalhador que é explorado e o burguês que obtém vantagens (lucro) a partir da extração do mais-valor absoluto e relativo<sup>17</sup>. O trabalhador

---

<sup>17</sup> Mais-valor (absoluto e relativo) o mais-valor absoluto é extraído através da jornada de trabalho (tempo de trabalho) e o mais-valor relativo é extraído através da produtividade ou intensificação do trabalho no interior de uma mesma jornada de trabalho. Para extrair mais-valor relativo, utiliza várias estratégias, tais como organização do trabalho, uso de tecnologias, etc.

é o produtor das mercadorias, mas dificilmente irá receber o suficiente em relação ao seu trabalho, pois este tem parte de sua produção apropriada pelo capital, sendo trabalho não pago. Esta relação é intermediada por uma forma de organização e divisão social do trabalho.

Assim, a classe dominante além do domínio político e econômico, também domina o pensamento, as ideias e principalmente a produção e difusão das mesmas. Pois, trata-se de uma forma de trabalho complexo que se desenvolve cada vez mais. Ser um ideólogo na sociedade capitalista, pressupõe certo *status* e vínculo com a classe dominante, ou até mesmo ter maior autonomia intelectual. Esses indivíduos conservadores da ordem social capitalista, encontram boas condições de trabalho e apoio da classe dominante para a produção do saber e principalmente da ideologia defensora das ideias desta classe que domina as demais relações sociais na sociedade capitalista.

Nas relações sociais na sociedade capitalista ocorre uma sensação de liberdade, que também é ideológica, pois os ideólogos são sistemáticos na produção do saber para gerar nas classes sociais exploradas essa sensação. Assim, os ideólogos organizam ou sistematizam o saber para a reprodução das desigualdades sociais, políticas, econômicas, culturais etc. Marx e Engels apontam mais alguns importantes elementos, vejamos então alguns destes:

Depois que os ideólogos passaram, agora, a pressupor que as ideias e os pensamentos dominaram a história ocorrida até agora, que sua história é toda história ocorrida até agora, depois que eles imaginaram, cheios de vaidade, que as relações reais tenham se orientado segundo o homem e suas relações ideais *id est* determinações conceituais, depois que eles afinal de contas haviam tomado a história da consciência dos homens acerca de si mesmo como fundamento de sua história real, nada foi mais fácil do que chamar a história da consciência, das ideias, do sagrado, das noções fixas... de história “homem” e impingi-la à história real (MARX e ENGELS, 2007, p. 209).

São fantasias que esses ideólogos produzem em suas “*mentes brilhantes*”, obviamente que tudo isso tem um objetivo, inverter a realidade das demais classes sociais, principalmente as exploradas. Por outro lado, existem outras formas de saber para legitimar as práticas das instituições e da classe dominante. Desta maneira, os ideólogos continuam produzindo suas ideologias

Os mesmos ideólogos que foram capazes de imaginar que o direito, a lei, o estado etc., brotam de um conceito universal, de algo parecido com, o conceito do homem, em última instância, e que os mesmos se desenvolveram graças a esse conceito, esses mesmos ideólogos são capazes, também, de imaginar, naturalmente, que os crimes são cometidos simplesmente para desafiar a um conceito, que eles nada são a não ser uma maneira de fugir dos conceitos, e que apenas são castigados com o objetivo de reparar os conceitos violados (MARX e ENGELS, 2007, p. 384).

Marx e Engels (2007) ainda colocam que não faz falta também, para analisar e ver que a sociedade burguesa, baseada na concorrência e seu Estado burguês, em que pese todo o fundamento material sobre o qual repousa, não podem permitir mais a luta do que a da concorrência entre os cidadãos e que, para tanto, o Estado não “*intervém*” precisamente na condição de “*espírito*”, mas sim tomando as baionetas quando as pessoas se agarram “*pelos cabelos*”

Não se trata de relações ou de uma compreensão metafísica da sociedade e do Estado, mas esta instituição vai trabalhar ou agir para o amortecimento das lutas sociais entre os indivíduos, apesar desta e a classe burguesa difundir a competição e a concorrência entre os indivíduos no sentido capitalista, pois cada um precisa ter ascensão social, econômica etc., ou seja, tem que ser egoísta e individualista para poder atingir esse objetivo.

Quando esta luta é acirrada, principalmente contra o Estado e seus representantes, como é o caso da classe burguesa, o Estado vai agir muito rapidamente para poder controlar e pôr fim a estas ações, pois a ordem deve ser reestabelecida. Desta maneira, utiliza o uso da força física e da violência para manter a ordem social vigente.

Mais uma vez, está presente a questão da luta de classes, um dos elementos que formam a concepção materialista da história de Marx. O proletariado luta contra a dominação burguesa e suas formas de imposição social, política, econômica e cultural. Para tanto, esta classe social deve buscar ter uma consciência da sua posição de classe, pois esta é fundamental para sua luta, não uma consciência burguesa ou mesmo filosófica, assim, destacamos:

A mudança da consciência, separada das relações, conforme ela é praticada pelos filósofos na condição de profissão, quer dizer, na condição de negócio, é ela mesma, um produto das relações vigentes e a elas pertence. Esse levante ideal acima do mundo é a expressão ideológica da impotência dos filósofos diante do mundo. Suas fanfarronadas ideológicas são desmentidas a cada dia pela práxis (MARX e ENGELS, 2007, p. 426).

Não são os filósofos ou cientistas em geral que irão definir a consciência das demais classes sociais, principalmente o proletariado, que segundo Marx e Engels, juntamente com a burguesia são as classes sociais fundamentais no capitalismo e estabelecem uma luta a partir de seus antagonismos. Os trabalhadores a partir da tomada de consciência historicamente, podem alterar sua realidade de exploração e dominação, mas vinculado a sua classe social, buscando superar a sociedade capitalista e o modo de produção correspondente.

Por outro lado, a classe burguesa, busca possibilitar as condições necessárias para o desenvolvimento tanto do capitalismo, como de suas condições para a imposição de seu modo de vida em todo o mundo, pois quando falamos em capitalismo, estamos nos referindo a um modo de produção que tem uma forte tendência na universalização. Assim, esta classe social buscou se organizar para se estabelecer na nova sociedade.

As relações sociais na sociedade moderna estão perpassadas por um conjunto variado de ações, normas, regras, leis, técnicas e pelo saber científico. Na perspectiva de Marx e Engels (2007) outro exemplo, qual seja um exemplo mais geral da canonização do mundo, é a transformação de colisões práticas, quer dizer das colisões dos indivíduos com suas condições práticas de vida, em colisões ideais, quer dizer, em colisões desses indivíduos com noções que eles fazem ou plantam em suas cabeças.

Pensar de forma correta é pensar a partir de questões que estão ligadas ao mundo real e concreto, da vida prática e não de questões ligadas a um mundo irreal ou metafísico como fizera os filósofos da chamada modernidade. A ideologia produzida a partir de seus ideólogos na realidade é plantada de forma racional na mente das demais classes sociais.

Assim, Marx e Engels (2003, p. 30) afirmam que em termos políticos era de fundo conformista e, portanto, negava a realidade – ainda de ponta-cabeça – repudiando qualquer mudança na ordem social e econômica vigentes. Assim, a “*sagrada família*” no fundo acreditava que a barreira decisiva a bloquear o desenvolvimento alemão estava nas ideias dominantes, sobretudo no que diz respeito à religião e não na ordem social reacionária vigente na época.

Neste caso, é necessário pensar em uma história de indivíduos vivos, seres sociais reais e concretos. A história é a história dos seres humanos e não de coisas transcendentais. Assim, podemos afirmar que:

Se o homem é formado pelas circunstâncias, será necessário formar as circunstâncias humanamente. Se o homem é social por natureza, desenvolverá sua verdadeira natureza no seio da sociedade e somente ali, razão pela qual devemos medir o poder de sua natureza não através do poder do indivíduo concreto, mas sim através do poder da sociedade (MARX e ENGELS, 2003, p. 150).

Os autores afirmam que estas circunstâncias são formadas pelos próprios homens concretos. Não há como pensar a relação de forma fragmentada, pois estes indivíduos nascem e são formados socialmente para se inserir e viver no interior da sociedade. Quando falamos da relação entre indivíduo e sociedade na obra de Marx, estamos nos referindo ao indivíduo que se liga diretamente a coletividade, principalmente a sua classe social, mesmo tendo ou não consciência desta lógica na qual estão inseridos. Na

concepção dialética de Marx, todas as formas econômicas e sociais são transitórias, pois tanto os homens como a sociedade e a história se transformam historicamente. Basta observarmos as obras históricas de Marx, pois analisa historicamente as diversas formas de sociedade ao longo da história das sociedades humanas, tal como está expresso no *Manifesto Comunista de 1848* (1998) e em *O 18 Brumário de Luís Bonaparte* (1997).

Sua concepção sobre a história das sociedades humanas é fundamental para que possamos pensar não somente a história, mas também o capitalismo como modo de produção em sua totalidade, tal como está expresso em Marx (1988). Assim, a sua obra é uma crítica totalizante ao modo de produção capitalista e as demais relações sociais no interior desta mesma sociedade.

Compreendemos a partir da perspectiva de Marx, que “na realidade, para o materialista prático, isto é, para o comunista, trata-se de revolucionar o mundo existente, de atacar e transformar na prática as coisas que encontram no mundo” (MARX e ENGELS, 2001, p. 31). De fato, o que existe para Marx é a transformação social, a partir de uma revolução social em sua totalidade, e não pequenas reformas no interior da sociedade capitalista, pois as reformas são a certeza de que nada irá ser modificado. Neste sentido, torna-se importante retomar algumas questões sobre as teses sobre Feuerbach.

Assim, nas dez *Teses Sobre Feuerbach*, as críticas continuam, a primeira é sobre o materialismo.

O principal defeito de todo materialismo até aqui – o de Feuerbach incluído – consiste no fato de que a coisa (*Gegenstand*) – a realidade, a sensualidade – apenas é compreendida sob a forma de objeto (*Objekt*) ou da contemplação (*Anschauung*); mas não na condição de *atividade humana sensível, de práxis*, não subjetivamente. Daí aconteceu que, em oposição ao materialismo, o lado *ativo* foi desenvolvido pelo idealismo – mas apenas de modo abstrato, uma vez que o idealismo naturalmente não conhece a atividade real e sensível como tal. Feuerbach quer objetos sensíveis, realmente distintos dos objetos do pensar; mas ele não compreende a atividade humana em si como atividade *objetiva* (*gegenständliche Tätigkeit*). Por isso ele contempla, na *Essência do cristianismo*, apenas o comportamento teórico como sendo aquele que é genuinamente humano, ao passo que a práxis apenas é compreendida e fixada em sua forma fenomênica judaico-suja. Por isso ele não entende o significado da atividade “revolucionária”, “prático-crítica (MARX e ENGELS, 2007, p. 611).

Nesta primeira tese está presente uma crítica ao materialismo idealista, mas principalmente do filósofo Feuerbach, pois este não chega a compreender a realidade da forma existente, e sim na sua forma abstrata e contemplativa. O materialismo na visão de Marx deve partir para a compreensão das atividades humanas, a partir de suas ações na vida social e prática, fato que não é realizado pelos idealistas alemães desde Hegel. A

teoria deve estar associada a prática, mas uma prática revolucionária que busca fundamentalmente a transformação social.

Na segunda tese os autores continuam desenvolvendo mais algumas reflexões importantes para a compreensão destes fenômenos, vejamos mais alguns:

A questão de saber se cabe ao pensar humano uma verdade objetiva não é uma questão da teoria, mas sim uma questão prática. É na práxis que o ser humano tem de provar a verdade, quer dizer, a realidade e o poder, o caráter terreno de seu pensar. A controvérsia acerca da realidade ou não realidade do pensar, que está isolado da práxis, é uma questão puramente escolástica (MARX e ENGELS, 2007, p. 611).

Mais uma vez os autores colocam a questão da relação entre a teoria e prática, que não podem estar desvinculadas da realidade na qual os indivíduos se inserem, pois a comprovação da verdade é prática e não apenas racional. Esta práxis que os autores estão se referindo, não é meramente uma ação, tem que ser uma ação para a transformação social, ou seja, o indivíduo deve contribuir para uma transformação social mais ampla.

Outra tese interessante para a nossa análise é a terceira, que acaba desenvolvendo mais alguns apontamentos importantes para a sistematização deste trabalho. Assim, eles colocam:

A doutrina materialista de que os homens são produtos das circunstâncias e da educação, e portanto homens modificados são produtos de outras circunstâncias e da educação modificada, esquece que as circunstâncias são transformadas pelos homens e que o próprio educador tem de ser educado. Por isso ele chega, necessariamente, a separar a sociedade em duas partes, das quais uma é superior à sociedade. (Por exemplo, em Robert Owen.). A coincidência do ato de mudar as circunstâncias com a atividade humana pode ser compreendida e entendida de maneira racional apenas na condição de *práxis revolucionária (umwälzende Práxis)* (MARX, e ENGELS, 2007, p. 611-612).

Os seres humanos são produtos das circunstâncias, pois são eles que produzem estas, como bem expressa a obra *O 18 Brumário*, nem tampouco da simples forma de educação existente na sociedade capitalista. Normalmente nós somos educados em escolas com normas, regras e um forte controle. Marx faz um questionamento importante nesta tese, que é pensar a educação de forma dialética, pois quem educa o educador? Neste caso, se refere a questão social geral da educação, afirmando que os seres humanos são produtos da educação, mas que os educadores são educados e esse processo é social e que deve ser transformado. Assim, Marx e Engels retomam a atividade humana a partir de uma práxis revolucionária.

Na tese número oito, há uma continuidade do que está exposto em nossa análise que é a busca da compreensão da vida humana. Assim, ele afirma que: “a vida social é essencialmente prática. Todos os mistérios, que levam a teoria ao misticismo, encontram

sua solução racional na práxis humana e o ato de compreender a práxis (MARX e ENGELS, 2007, p. 613). Na realidade a qual os autores estão analisando, afirmam que a vida social é “*prática*”. Desta forma, em suas teses e obras ocorre uma fundamentação para compreender o fenômeno analisado, pois torna-se interessante a partir de uma concepção dialética, demonstrar o porquê destas concepções que buscam contribuir com a luta dos trabalhadores no sentido da emancipação humana.

Na última tese, a mais polêmica, Marx realiza uma crítica mais direta aos filósofos, pois segundo este “os filósofos apenas interpretaram o mundo diferentemente, importa é transformá-lo” (MARX e ENGELS, 2007, p. 613). Assim, está evidente que a filosofia é contemplativa e que não busca contribuir para a transformação social, pois o simples fato de buscar interpretar certas realidades, não irá alterar as relações existente na sociedade capitalista.

Mesmo no século XXI, as produções e práticas ideológicas são produzidas no sentido da inversão da realidade, mas alguns teóricos defensores destas posições irão afirmar o contrário. Assim, “a ideologia, portanto, pode ser resumida como uma representação das relações imaginárias dos indivíduos com suas condições reais de existência” (EAGLETON, 1997, p. 129). É real, mas produzida para fazer com que os indivíduos possam pensar a partir de certas ilusões e fantasias nas relações sociais concretas em seu cotidiano de vida. Os aspectos da vida real, são transformados em fantasias e ilusões, mas que devem ser combatidas por aqueles que partem de uma perspectiva distinta.

A ciência e a ideologia são partes integrantes do conjunto da vida em sociedade, bem como a produção cultural em geral. Os responsáveis pela sua produção são os diversos intelectuais, que visam estabelecer formas de saberes a partir de seus valores e perspectivas intelectuais e de classes.

Certamente, são duas formas de saber, uma tem certa proximidade com a outra, mas a forma como são produzidas muitas vezes são distintas, sendo necessário perceber para compreender os limites entre uma e outra, pois não são formas de saberes iguais, mas em alguns momentos podem ser contraditórias. A cultura historicamente é parte integrante das sociedades e comunidades em todo o mundo, se desenvolvem a partir de certos interesses tanto internos e externos a essas sociedades e comunidades.

A ciência por outro lado, é um tipo de saber produzido desde o princípio partir da sociedade moderna. Passou a integrar a sociedade a partir de seus centros de pesquisa, faculdades e universidades, mas principalmente de seus representantes mais importantes,

que são os cientistas. A produção do saber científico na sociedade moderna, diz respeito as mais variadas formas, pois a ciência e os cientistas tem objetivos com sua produção que é interferir na realidade social.

Como notamos na concepção de Eagleton (2005) a ideia de cultura então significa uma dupla recusa: do determinismo orgânico, por um lado, e da autonomia do espírito, por outro. A autonomia de quem produz tanto a cultura, como a ciência, não é total, ou absoluta, pois esses indivíduos têm ligações e obrigações com grupos, empresas que estão financiando suas produções.

Essa visão de cultura do autor ainda nos possibilita mais alguns apontamentos interessantes. Em síntese ele afirma: “cultura aqui significa um corpo de trabalhos artísticos e intelectuais de valor reconhecido, juntamente com as instituições que o produzem, difundem e regulam” (EAGLETON, 2005, p. 36). Neste caso, podemos inserir também as empresas privadas que financiam pesquisas científicas e produções culturais, pois na sociedade capitalista, tornou-se algo bastante comum a intervenção destas empresas com financiamentos no âmbito da ciência e da cultura.

Na assertiva deste autor, a verdadeira “*tradição dos intelectuais do ocidente*” funda-se na burocratização da cultura (MILLS, 1964, P. 136). Nessa concepção teórica, temos de fato, uma forte tendência à burocratização da cultura, mas também da ciência e suas práticas, mas principalmente da sociedade na qual estamos inseridos e suas relações sociais que ocorrem a partir da mercantilização e burocratização da vida em sociedade.

Basta observarmos a inserção e o desenvolvimento da “*cultura de massa*” na concepção de alguns autores no século XX, como é o caso da grande referência desses estudos, que é Theodor Adorno e Max Horkheimer (1985) e suas concepções sobre a indústria cultural e a cultura de massas. Para esses autores, há uma homogeneidade tanto da produção, da difusão e do consumo dos produtos culturais na sociedade capitalista. Neste sentido, torna-se importante realizar alguns apontamentos sobre a origem e a formação da cultura e do seu desenvolvimento até chegarmos no que foi chamado de cultura de massas, termo utilizado por Adorno para definir a cultura produzida no século XX. Desta maneira, temos alguns apontamentos sobre essas questões:

Devemos nossa noção moderna de cultura em grande parte ao nacionalismo e ao colonialismo, juntamente com o desenvolvimento de uma Antropologia a serviço do poder imperialista. Aproximadamente no mesmo ponto da história, a emergência da cultura “de massa” no Ocidente conferiu ao conceito uma urgência adicional (EAGLETON, 2005, p. 42).

Da relação entre o nacionalismo formado historicamente pelas nações centrais da Europa, com as sociedades e comunidades ocupadas em territórios na América Central e do Sul, passando pela África e Oceania, temos então o desenvolvimento de certos padrões culturais, a partir da ação dos europeus colonizadores que passam a impor um tipo de cultura aos povos colonizados.

A ciência neste caso, também exerceu uma função social importante, que foi estabelecer certos tipos de estudos para poder legitimar o poder dos dominantes, nas mais variadas regiões ocupadas em todo o mundo, principalmente no século XIX, momento importante para a Antropologia como forma de saber. Por outro lado, o desenvolvimento destas sociedades, tanto europeias como em outras regiões ocupadas, assim ficaram conhecidas como sociedades de capitalismo periférico. Estas passaram a ser inseridas na lógica do mercado universalizado, passando a produzir uma cultura modificada, mas principalmente a cultura de massa que foi sendo desenvolvida ao longo do século XX.

Essa cultura em termos de desenvolvimento é pioneira nos países de capitalismo desenvolvido na Europa e depois adaptada aos países de economia periférica. As formas de produção e difusão, normalmente seguem o esquema dos países de economia desenvolvida. É um tipo de produção e difusão que segue o modelo europeu e norte-americano. Esse é o modelo mais recente de produção e difusão cultural em todo o mundo, ou seja, a inserção historicamente de uma estrutura racionalmente organizada a partir de suas técnicas, administração e burocracia no sentido de impor uma forma de organização e difusão desses produtos para sociedades distintas, mas com o discurso de homogeneidade.

A trajetória da cultura, da sua difusão na sociedade moderna após a Revolução Industrial, sempre foi de ampliação das suas formas de produção e difusão. A ciência seja, ela, da natureza ou social acompanharam o desenvolvimento dessas práticas sociais por parte das empresas produtoras, de seus produtores, técnicos etc., no sentido de contribuir com toda essa lógica de produção, gestão e difusão. Mas historicamente, essas questões foram sendo alteradas e a técnica para produção foi sendo aperfeiçoada cada vez mais, assim ocorre a necessidade de utilização de técnicos especializados para poder produzir e difundir a cultura de massa no século XX.

Voltando para a compreensão de questões voltadas diretamente para as Ciências Sociais, podemos trabalhar com mais algumas questões importantes para a análise dessas ciências na sociedade capitalista. Assim, em termos de Ciências Sociais, podemos dizer

que na sua produção temos alguns apontamentos interessantes de Mills, vejamos mais de perto essas questões:

Muito do que hoje se produz nas ciências sociais é pura trivialidade com pretensões a ciência; é uma série de técnicas burocráticas que dificultam a investigação social com pretensões metodológicas, que congestionam o trabalho necessário com a obscuridade de hipotéticas grandes teorias que rebaixam a ciência preocupando-se com problemas de somenos importância, sem relação alguma com os grandes problemas públicos ou com as ingentes dificuldades dos indivíduos (MILLS, 1964, p. 138).

Como notamos, é preciso retomar questões que possam buscar objetos mais interessantes para serem pesquisados pelas Ciências Sociais, pois a mera trivialidade como o autor está apontando acima, faz com que a ciência venha perder sua credibilidade em termos de produção do saber. As universidades, centros de pesquisa e a preparação de pesquisadores e cientistas, se tornam cada vez mais organizados a partir da relação entre os dirigentes e os dirigidos.

Esta relação hierárquica e burocrática, acaba limitando as ações dos pesquisadores no sentido de buscar ampliar suas possibilidades de pesquisa. O controle sobre as pesquisas e pesquisadores, diz respeito ao Estado e as empresas privadas que estabelecem padrões e formas para a realização de pesquisas e o controle sobre o que vai ser pesquisado, criando assim, cada vez mais um aparato técnico e burocrático para limitar a ação de pesquisadores e conseqüentemente das pesquisas.

Foi possível perceber a produção da ideologia e da cultura em termos de produção de saberes ideológicos. Por outro lado, é preciso produzir uma teoria correta da realidade, na qual possa dar conta de contribuir com a luta proletária, pois não se trata de realizar meramente uma crítica formal, sem apontar para a transformação da sociedade.

Neste sentido, podemos dizer que existem outras formas de produção cultural (música, cinema, teatro etc.), sendo que é função do intelectual produzir as mais variadas formas de cultura, mas o nosso foco, foi analisar a produção sociológica de um sociólogo e por isso tratamos da produção teórica da ciência e da ideologia.

Nesse intervalo, podemos dizer que neste item a nossa preocupação geral foi desenvolver questões importantes sobre a ciência, a ideologia, a cultura e a produção cultural em geral, a arte, a técnica etc. São elementos constituintes de uma forma de pensar, mas cada uma diferente da outra, em alguns momentos se aproximam, mesmo com concepções e ações distintas por parte de quem está produzindo. Por outro lado, a intelectualidade como classe social, exerce um papel preponderante na produção de grande parte do que chamamos de ideologia, ligada a uma cultura da classe dominante,

mas há espaços para uma produção de saberes culturais distintos do que é imposto e dominado pela classe social dominante.

Assim, é necessário que as classes sociais populares possam se organizar para contestar tais práticas no sentido de formar uma concepção autônoma em busca da emancipação humana. Portanto, esta não deve aceitar de forma harmônica certas relações sociais invertidas, tal como querem os burgueses e seus representantes, pois assim seu domínio ficaria completo, mas as contradições sociais existem para mostrar que é possível o enfrentamento em busca de uma nova forma de organização da sociedade.

### 1.3-O Intelectual engajado

Após ter realizado uma análise sobre os intelectuais e a sociedade, intelectuais e a produção cultural, bem como de algumas formas de saber que também são ideológicas, neste caso, a ciência, agora, desenvolveremos uma análise sobre o intelectual engajado. Este intelectual se distingue do ideólogo e dos outros aqui analisados, pois sua perspectiva é distinta dos demais pelo seu tipo de produção cultural e engajamento. Nesta parte do nosso trabalho, o objetivo é desenvolver uma análise sobre esse intelectual para podermos perceber e compreender suas ações no sentido da crítica-revolucionária e não meramente uma crítica formal.

Quando falamos em intelectual, trata-se de um conceito muito amplo, mas que pode designar tanto um intelectual conservador, crítico ou engajado, como é o caso aqui analisado, por isso na parte anterior, falamos do intelectual que Marx analisou de forma crítica e contestatória, que é o ideólogo, bem típico da sociedade capitalista e do seu vínculo de classe. A sua produção intelectual tem um objetivo claro e direto, defender os interesses da classe dominante

Podemos dizer inicialmente que o intelectual engajado se opõe aos ideólogos e demais intelectuais, pois a sua perspectiva de análise é outra, bem como seus objetivos políticos. Este busca romper com o modelo de sociedade vigente, ou seja, com a sociedade capitalista, sendo seu objetivo principal a transformação social radical da sociedade de classes a partir da ação política do conjunto da classe trabalhadora.

A partir de outra perspectiva, o intelectual engajado vai possibilitar uma forma de saber distinta, pois normalmente é crítico da ciência e das instituições, mesmo que por algum momento esteja inserido nestas. No final do século XIX temos uma mudança

interessante, pois tal como coloca Benda (1999) os intelectuais começam a fazer o jogo das paixões políticas; aqueles que refreavam o realismo dos povos, agora estimulavam. Os intelectuais têm dois caminhos bem claros, defender os interesses da classe dominante, como fizeram e fazem os mais variados tipos de intelectuais, ou lutar contra a dominação burguesa na sociedade capitalista.

Os intelectuais engajados lutam contra o Estado e o capital em favor das classes exploradas. Esses trabalhadores também têm seus representantes que lutam contra as ideologias, neste caso, fazem a crítica da ideologia e demais formas de representação das instituições. Os ideólogos recebem bons salários e financiamentos do Estado e empresas privadas para defender esta instituição, pois seu saber é utilizado para este fim, servir o Estado, mesmo que sejam práticas de violência contra as classes sociais exploradas.

Benda (1999) ainda afirma que os intelectuais modernos pregaram que o Estado deve ser forte e pouco se importar em ser justo. Mas, não foram todos os intelectuais, somente os conservadores da ordem social do Estado e da sociedade capitalista. Por outro lado, tiveram diversos outros que negavam e contestavam essa posição. Marx foi um deles, na sua perspectiva de análise, o Estado juntamente com a sociedade que o representa deve ser destruído, por representar diretamente aos interesses comuns de toda a classe burguesa. Assim, está presente o papel do intelectual no seu engajamento, no caso de Marx, desvinculado das instituições.

No caso do intelectual engajado, sua entrada é dificultada pela questão do mesmo ser um indivíduo de perspectiva distinta das estabelecidas, onde ele, normalmente vai se posicionar de forma crítica e contestando determinadas formas de dominação estabelecidas. Mas no geral, é possível que um intelectual engajado possa atuar em instituições, não para reproduzir os valores dominantes, mas para contestá-los, produzindo um saber distinto. No interior de escolas, faculdades e universidades tem indivíduos que partem desta perspectiva, mas estes terão mais dificuldades, tanto para entrar, mas também para desenvolver suas atividades políticas.

O intelectual engajado tem na universidade uma de suas formas de luta. Este pode atuar em movimentos sociais, culturais etc., mas seu objetivo visa a transformação social, por isso, vai se engajar em lutas sociais. Nestes espaços de estudo, trabalho e demais relações sociais vai se inserir nestas lutas políticas, mas também em movimentos e ações externas inseridos no movimento operário organizado.

A universidade é um espaço do campo universitário na concepção de Bourdieu, onde ocorre disputas por espaço no interior desta instituição. No caso do intelectual que

tem uma perspectiva distinta, neste caso uma postura crítica-revolucionária, vai ter maior dificuldade para entrar nos círculos acadêmicos. Trata-se de uma instituição e um espaço de trabalho, que tem por base uma burocracia extremamente racionalizada. Mills fala de algumas questões voltadas para a ação de alguns intelectuais, burocracia e burocratização deste espaço, vejamos mais alguns destes apontamentos:

Um número crescente de homens intelectualmente equipados trabalham dentro de burocracias poderosas e para os relativamente poucos que tomam as decisões. E se o intelectual não é contratado diretamente por essas organizações, aos poucos e procurando enganar-se, ele procura fazer com que suas opiniões se conformem aos limites impostos por elas e pelos seus empregadores diretos (MILLS, 1965, p. 155-156).

Neste caso, a própria formação na universidade já expressa esses interesses, formar os indivíduos para atender o poder constituído, ou seja, o saber a serviço do poder. No caso das burocracias, as universidades públicas e privadas funcionam a partir de uma organização burocrática. Geralmente esses intelectuais inseridos nestas grandes burocracias, auxiliam no sentido do aperfeiçoamento destas, bem como na racionalização da mesma.

Mas, nem sempre estas recebem indivíduos intelectuais que irão reproduzir seus interesses. Podemos dizer que esta instituição tem suas contradições, abrindo espaço para professores/intelectuais com uma posição e perspectiva de classe distinta da burocracia, ou seja, vai contra a burocracia e produz para este fim, que é lutar contra as formas de imposição e dominação. A luta não é somente de um ou outro professor/intelectual, mas com o tempo, estes buscam se associar com outros indivíduos, no caso da universidade, alunos que também partem do mesmo ponto de vista. Assim, esta instituição não é uma homogeneidade de ações e de pensamentos.

Nesta relação entre a universidade e os intelectuais, podemos inserir mais alguns apontamentos a partir do pensamento de Mills. Estamos nos referindo ao intelectual político no qual ele diz:

O intelectual político é, cada vez mais, um empregado que vive de máquinas de comunicação que se baseiam no oposto mesmo daquilo que ele gostaria de defender. Gostaria de defender a política da verdade numa sociedade democraticamente responsável. Mas os esforços que fez em nome da liberdade para sua função foram derrotados (MILLS, 1965, p. 162).

Na sociedade capitalista os indivíduos pertencentes as classes subalternas, necessitam trabalhar em troca de um salário para realizar a manutenção de sua vida social. Desta maneira, os que atendem aos interesses da classe dominante, fazem por consciência, porque estes têm bons salários e certos privilégios, isso vai depender do tipo de função e instituição onde desenvolve suas atividades intelectuais. Quando um intelectual de fato

realiza o oposto, é com objetivos claros, contestar determinadas práticas sociais e políticas das instituições.

A democracia representativa não representa os direitos coletivos dos trabalhadores. Trata-se de uma democracia burguesa<sup>18</sup>, bem distante da realidade do trabalhador. A responsabilidade é tipicamente um discurso utilizado para convencer as demais classes sociais de que a democracia é algo bom para todos, inclusive para os trabalhadores que vivem em um mundo de alienação nas relações de trabalho, mas também no espaço da sociedade civil. Lefebvre (1964) fala do homem total, que é o homem “*liberto*” da alienação existente nesse modelo de sociedade.

Por outro lado, Mills (2009) afirma que alguns destes intelectuais pararam de julgar, retiraram suas exigências, engoliram sua presunção, caíram de volta nas rotinas políticas e morais de seus ambientes profissionais e residências. Mas essas práticas, não são absolutas no interior da universidade e da sociedade, pois existem outras perspectivas de luta, isso vai depender de como esses indivíduos se organizam para realizar essas lutas em seu cotidiano.

O intelectual engajado independente das condições sociais e políticas, irá continuar lutando a partir de concepções e valores radicalmente distintos dos demais intelectuais, fazendo à crítica a sociedade, ao Estado e demais instituições. Sua postura não tem por base funções ou cargos dentro destas instituições, pois neste caso, busca construir sua autonomia, mesmo que relativa, mas vai continuar lutando contra as formas de opressão e dominação existentes na sociedade capitalista.

O poder se institui nas mais variadas esferas da vida social. Segundo Mills (2009) os homens de poder são implacáveis, e nossas principais armas em tempos como estes são a audácia e o riso. Diria que é mais a audácia do que o riso, principalmente quando falamos da dominação burguesa na sociedade, pois o intelectual engajado vai lutar contra essa forma de dominação. Na realidade, os indivíduos que dominam determinadas relações de poder no interior das instituições, são implacáveis no sentido de impor a dominação estatal em relação as classes sociais exploradas.

Retomando algumas considerações sobre o intelectual engajado, torna-se fundamental discutir de forma mais particularizada a ação destes indivíduos a partir da

---

<sup>18</sup> A democracia burguesa, é o modelo de democracia vigente em países como o Brasil, pois esta tem na sua organização os princípios e formas que visam “*representar*” a sociedade “*o povo*”, mas na prática organizam a sociedade e o Estado a partir dos interesses coletivos da classe burguesa em oposição a classe trabalhadora em geral.

concepção de Sartre (1994) e Mattick (1978), pois se trata de dois autores interessantes para esta discussão. A distinção entre os dois é que a análise de Sartre é de cunho filosófico, mas tomaremos os devidos cuidados para não cometer certos equívocos, pois como bem afirmava Marx e Engels (2007) para os filósofos é uma das tarefas mais difíceis descer do mundo do pensamento ao mundo real. Neste caso específico, Sartre, nos possibilita uma compreensão do intelectual engajado de forma mais organizada e coerente com a realidade na qual estava inserido.

Sartre (1994) inicia falando sobre escritos em geral, pois estes segundo ele, possui um sentido, mesmo que este sentido esteja muito longe daquilo que o escritor tinha pensado inicialmente. Assim, percebemos que não há uma defesa da neutralidade, pois de fato nos escritos, sejam eles, de literatura ou das ciências em geral, não há neutralidade na qual os cientistas tanto defendem. A forma que o intelectual faz uso do que produz tem sua repercussão, tanto para a conservação do existente, como a crítica que ele realiza. Estas relações também são fruto da luta de classes, pois essas historicamente estiveram e estão presente nas relações sociais estabelecidas entre os grupos e classes sociais em geral.

Mesmo partindo de uma perspectiva filosófica, Sartre nos possibilita compreender certos fundamentos da sociedade em termos de realidade concreta.

É o futuro da nossa época que deve ser o objeto de nossos cuidados: um futuro limitado que mal se distingue dela – pois uma época, como homem, é antes de tudo um futuro. Ele é feito de seus trabalhos em andamento, de seus empreendimentos, de seus projetos de longo ou médio prazo, de suas revoltas e combates, de suas esperanças (SARTRE, 1999, p. 131).

O futuro no qual o autor se refere, depende de nossas ações e lutas. A construção de uma nova realidade social depende das lutas entre as classes sociais e principalmente do fortalecimento da luta do proletariado. O intelectual engajado é aquele que luta, se revolta e combate cotidianamente determinadas formas de exploração e dominação. O proletariado na sua luta, deve buscar realizar seu projeto de transformação social e ao mesmo tempo, buscar o apoio dos intelectuais que se engajam em suas lutas.

Esta esperança é concreta e real na busca pela construção desta nova sociedade, não se trata de um humanismo abstrato. Sartre (1964) fala ainda do humanismo burguês, que esse pode dar-se ao luxo de ser, ao mesmo tempo racista. Diz: todos os homens são meus irmãos, mas depois acrescenta, à parte, que unicamente os burgueses são homens. Mas que no processo revolucionário, estes serão de alguma forma obrigados a se

inserir nas novas relações sociais, pois a emancipação humana pressupõe a emancipação de todos.

Sartre (1994) diz em síntese que sua intenção é colaborar na produção de certas mudanças na sociedade que nos cerca. Mas Sartre fala que não entende com isso uma mudança nas almas: deixemos de bom grado, a direção das almas a outros que tem uma clientela especializada. Essa mudança, tem de ser obrigatoriamente uma mudança nas relações sociais na sua totalidade, não uma mudança no “*espírito*” na “*razão*”, diferentemente do que pensavam os filósofos alemães que Marx tanto criticou, trata-se de uma mudança real e concreta na sociedade capitalista.

É dessa crítica que ele desenvolve toda uma concepção desta nova realidade social. Sartre define os indivíduos, mas ele coloca como homens e a partir daí o autor coloca: “o homem é apenas uma situação: um operário não está livre para pensar ou sentir como um burguês; mas que esta situação seja um homem, um homem inteiro, é preciso que seja vivida e ultrapassada em direção de um objetivo particular” (SARTRE, 1994, p. 143). Neste sentido, a autonomia de um burguês é bem maior do que um proletário, pelas suas condições sociais e econômicas de vida, por exemplo, mas a superação destes antagonismos é realizada a partir da luta dos trabalhadores contra as formas de dominação burguesa.

O autor amplia suas contribuições sobre os estudos dos intelectuais ao buscar realizar definições importantes, como do intelectual conservador ou engajado. Assim, ele afirma: “você dizem que eles são feitos para conservar e transmitir a cultura, são, portanto, em essência, conservadores, mas que eles se enganaram quanto a seu ofício e papel, e se tornaram críticos e negativos, e, combatendo sempre o poder, viram apenas o mal da história de seu país” (SARTRE, 1994, p. 13). Não são todos que buscam realizar a conservação do existente no interior da sociedade burguesa.

Saindo desta concepção que analisa o intelectual como conservador, Sartre desenvolve uma análise crítica sobre os intelectuais. Assim, argumenta:

O intelectual é alguém que se mete no que não é de sua conta e que pretende contestar o conjunto das verdades recebidas, e das condutas que nelas se inspiram, em nome de uma concepção global do homem e da sociedade – concepção hoje em dia impossível, portanto abstrata e falsa, já que as sociedades de crescimento definem pela extrema diversificação dos modos de vida, das funções sociais, dos problemas concretos (SARTRE, 1994, p. 14-15).

Torna-se importante não só para o intelectual engajado realizar uma contestação radical, mas também para os trabalhadores. O intelectual engajado tem seus interesses que é contribuir com o movimento operário e suas lutas. Os ideólogos expressam na sua

produção de saber as ideologias que buscam ser sistemas de pensamento ilusórios. No caso dos intelectuais engajados, estes buscam a crítica e a superação destas ideologias, mostrando ao movimento operário que estes devem ir além da simples reprodução destas ideologias, mas principalmente com uma consciência de que não podem se colocar como uma vanguarda avançada na luta dos trabalhadores por serem intelectuais e de alguma forma ter certa autoridade sobre o saber.

Podemos dizer que o modo de vida capitalista, vai cada vez mais tomando conta das sociedades em todo o mundo. Este tem por base o consumo das diversas mercadorias produzidas pelos trabalhadores, mas que não satisfazem as necessidades humanas na sua essência, são necessidades produzidas a partir da ideologia dominante. Por outro lado, “os homens do saber vivem nesses conflitos, eles os interiorizam sentem suas contradições, mas não são ainda seus agentes principais” (SARTRE, 1994, p. 19).

O principal agente da luta de classes e da luta pela transformação social, são na verdade o conjunto do proletariado. Cabe ao intelectual engajado perceber certas contradições e criticar, mas o fundamental é contribuir com a superação desta sociedade, e o intelectual engajado luta com este objetivo.

É preciso ir além da simples crítica da ciência, pois em alguns momentos, esta consegue ser crítica. O intelectual pode ter um papel contraditório na sociedade, seja para defender ou atuar em uma perspectiva radicalmente nova. Assim, podemos afirmar que:

O radicalismo intelectual é, portanto, sempre estimulado pelos argumentos e atitudes dos falsos intelectuais: no diálogo entre os falsos e os verdadeiros, os argumentos dos reformistas e seus resultados reais (*o status quo*) levam necessariamente os verdadeiros intelectuais a se tornarem revolucionários, pois compreendem que o reformismo é apenas um discurso que tem a dupla vantagem de servir à classe dominante enquanto permite aos técnicos do saber prático tomar, na aparência, uma certa distância em relação a seus empregadores, quer dizer, a essa mesma classe (SARTRE, 1994, p. 39).

Na prática os intelectuais reformistas, buscam produzir saber para atender aos interesses de pequenas reformas no interior do Estado e da sociedade. Sartre (1994) ainda argumenta que o verdadeiro intelectual, sendo radical, não é por isso, nem moralista nem idealista. Ele busca não só compreender a realidade na qual está inserido e estuda, mas principalmente sua total superação. Ao analisar a sociedade capitalista, Sartre nos possibilita uma compreensão interessante sobre o proletariado e amplia sua análise sobre as classes sociais exploradas no geral. Desta maneira, coloca a questão da consciência e outros fundamentos, então, vejamos mais alguns destes apontamentos realizados pelo autor.

As classes exploradas – se bem que sua conscientização seja variável e que possam ser profundamente penetradas pela ideologia burguesa – caracterizam-se por sua inteligência objetiva. Essa inteligência não é um dom, nasce de seu ponto de vista sobre a sociedade, o único radical, qualquer que seja sua política (que pode ser a resignação, a dignidade ou reformismo), pois a inteligência objetiva é conturbada pelas interferências dos valores que a classe dominante lhes inculcou (SARTRE, 1994, p. 42).

Podemos dizer que há momentos de avanço na luta de classes, bem como da consciência do proletariado em geral, inclusive de alguns intelectuais que passam a defender os interesses destes em luta. A classe burguesa vai tentar a todo instante cooptar indivíduos para a defesa dos seus interesses, através de cargos e funções.

De fato, a mentalidade burguesa atinge grande parte do proletariado, mas no momento do avanço de sua consciência e da luta de classes, esta influência é reduzida, onde os valores burgueses são radicalmente contestados. Quando o proletariado descobre que pode lutar contra a dominação burguesa, estes se organizam contra esta forma de organização, que é a sociedade capitalista e seus defensores.

Na concepção de Sartre (1994) as classes exploradas, com efeito não precisam de uma ideologia, mas da verdade prática sobre a sociedade. Quer dizer, elas não necessitam fazer uma representação mítica de si mesmas; o que elas precisam é conhecer o mundo para mudá-lo. A ideologia inverte a realidade dos trabalhadores e falsa.

Segundo ele, “o intelectual deve lutar contra a ideologia, que renasce, todo o tempo, ressuscitada perpetuamente sob formas novas por sua situação original e por sua formação” (SARTRE, 1994, p. 47). Neste caso, a posição do intelectual engajado é contrária ao ideólogo e demais intelectuais, pois estes realizam a produção da ideologia e o outro a contestação desta, sendo seus interesses e valores radicalmente distintos, bem como suas ações.

Mais uma vez, Sartre critica a sociedade burguesa e ressalta o papel social do intelectual, principalmente seu engajamento, para poder desenvolver ações no sentido da defesa dos interesses das classes exploradas. Assim, o autor afirma:

O ofício de intelectual é viver sua contradição por todos e vencê-la por todos através do radicalismo (ou seja, pela aplicação das técnicas de verdade às ilusões e às mentiras). Por sua própria contradição ele se torna o guardião da democracia: contesta o caráter abstrato dos direitos da “democracia” burguesa não porque queira suprimi-los, mas porque quer completá-los com os direitos concretos da democracia socialista, conservando, em toda democracia, a verdade funcional da liberdade (SARTRE, 1994, p. 53).

A democracia da forma como conhecemos na sociedade moderna, é uma democracia burguesa, tutelada pelo Estado, onde os intelectuais como ideólogos tem o papel de defendê-la, pois se trata de um tipo de dominação da burguesia contra os

trabalhadores. Neste sentido, os intelectuais engajados tem o papel de demonstrar como essa democracia, não representa os trabalhadores na realidade concreta, devem fazer a crítica da crítica crítica como bem apontava Marx.

Sartre parte de uma concepção sobre o intelectual engajado, buscando analisar questões sobre o existencialismo e o marxismo, ao mesmo tempo compreender a ação dos intelectuais, suas funções e papéis no interior da sociedade capitalista. Neste sentido, contribuir com questões importantes para compreendermos aspectos da vida social e principalmente o intelectual engajado, tanto é que ele sai em defesa dos mesmos. No caso de Sartre, este defende o intelectual moral e não os intelectuais reais, pois o intelectual moral é o engajado. Ele é “*moral*”, porque é um “*ideal*” a ser atingido pela moral existencialista-marxista.

Partindo de um ponto de vista distinto de Sartre, Mattick (1978) retoma princípios básicos da concepção materialista de Marx e do método dialético para realizar um estudo sobre os intelectuais. O ponto inicial do estudo de Mattick, é retomar um elemento fundamental na obra de Marx, que é a luta de classes e resgatar o papel histórico desempenhado pelo proletariado em luta e sua relação com os intelectuais.

Vejamos alguns apontamentos sobre o intelectual engajado a partir da concepção deste autor. Segundo Mattick (1978) a partir de casos esporádicos de proletarização, o aburguesamento de alguns intelectuais, a categoria em seu conjunto não coincide nem com o proletariado, nem pode se identificar plenamente seus próprios interesses com os da burguesia. São duas posições diferentes, o burguês e o intelectual, pois os primeiros são detentores dos meios de produção e os outros, que são os intelectuais recebem um salário para poder atender aos interesses desta classe.

Marx analisou a sociedade capitalista nos seus diversos aspectos, mas a luta de classes era a base de seu pensamento. Ele partia da perspectiva do proletariado, participou de levantes revolucionários e produziu um conjunto de obras em favor das classes exploradas, bem como de tentativas de derrubada da sociedade capitalista. O período em que viveu foi fortemente influenciado pela luta dos trabalhadores.

Por outro lado, a obra de Mattick nos permite pensar a partir de épocas não revolucionárias, como é o caso da sociedade atual, mesmo que a luta de classes esteja em refluxo. Nos momentos de refluxos do movimento operário, ocorre um período de pessimismo e desânimo por parte das classes exploradas. Assim, podemos perceber: “em épocas não revolucionárias, as organizações de massa são inevitavelmente reformistas, e toda organização reformista é possível somente através da existência de uma burocracia

de intelectuais que se ocupem de sua organização” (MATTICK 1978, p. 76). Aconteceu historicamente a burocratização da sociedade, do Estado e demais instituições.

Neste caso, os intelectuais acabam exercendo uma função para o aperfeiçoamento destas relações no interior destas instituições. Segundo Mattick (1978), o indivíduo que quer defender os interesses dos trabalhadores revolucionários, tem que ser um revolucionário, que nós estamos chamando neste caso, de intelectual engajado.

Como a sociedade capitalista e sua forma de organização é contraditória historicamente, ela produz tanto o intelectual conservador como o intelectual engajado. Desta forma, Mattick (1978) diz que em suas diversas fases de desenvolvimento, o capitalismo tem produzido continuamente rebeldes. São esses rebeldes que acabam contribuindo com o movimento dos trabalhadores, neste caso, os principais rebeldes são os trabalhadores em luta.

Mas nem sempre, ocorre da forma que os burgueses planejam, pois “a maioria dos intelectuais tem sido sempre o braço do capital e, todavia, hoje, acompanha a classe no poder” (MATTICK, 1978, p. 86). Neste caso, o Estado atende aos interesses da classe dominante, pois ambos se organizam com esse sentido, basta vermos as ações desta instituição na atualidade. Sua burocracia é intermediada pela ação dos intelectuais que fazem uso do saber como forma de domínio, pois o Estado é uma fonte de saber, de um saber formal e constituído pela intelectualidade como classe social.

Por isso, estas instituições temem os trabalhadores organizados de forma autônoma. Utilizam a burocracia para manter as demais classes sociais sob seu domínio. Mas nem sempre isso é possível. Entretanto, podemos afirmar que: “a revolução dos trabalhadores deve ser, pois, uma revolução permanente” (MATTICK, 1978, p. 91). Permanente no sentido de que os trabalhadores devem lutar cotidianamente pela transformação social. Mesmo que a ideologia, a opressão, dominação e alienação presentes também no cotidiano dos trabalhadores, possa são limitadores dessas ações. Assim, cabe aos intelectuais engajados realizar a crítica e a contestação destes valores, contribuindo para a emancipação dos trabalhadores.

Ainda sobre o intelectual engajado no sentido das contribuições da superação da sociedade capitalista, Viana (2015a) traz uma concepção sobre essa temática interessante para nossa pesquisa. Neste sentido, o autor busca além de trabalhar uma quantidade variada de posturas intelectuais, nos mostra uma concepção de intelectual engajado, mostrando assim, algumas contradições existentes entre esses intelectuais.

Segundo Viana (2015a) sem dúvida, além de, dependendo da esfera, as instâncias de formação e reprodução serem diferentes, há também aqueles que ou são marginais ou que vivem em contradição com elas, como aqueles que são amadores ou engajados. Essas instâncias de formação e reprodução convivem com contradições (a luta além da competição) no seu interior, mesmo porque reproduz indivíduos com distintas posturas tanto no processo de formação como reprodução.

Desses dois tipos de intelectual, o amador pode se profissionalizar ou até mesmo se tornar engajado, isso vai depender dos seus interesses, valores e das concepções formadas ao longo de sua trajetória. Existem casos de intelectuais amadores que se tornam profissionais, como é o caso dos que entram na universidade e conseguem realizar uma carreira acadêmica. Por outro lado, o engajado pelo próprio nome já podemos identificar tem uma perspectiva de engajamento e da transformação social. Como o próprio autor acima está afirmando, existem lutas e contradições na qual esses intelectuais têm de enfrentar, principalmente para poder se estabelecer no âmbito da esfera social que integram. Assim, é possível perceber a constante luta por inserção no âmbito das esferas sociais.

Uma das características que difere o intelectual engajado dos demais é, além da sua posição e perspectiva política, não visa dinheiro, fama e poder. Vejamos alguns apontamentos sobre essas questões, que são importantes para pensarmos esse indivíduo intelectualmente.

A tríade dinheiro-poder-consagração (fama, sucesso, reconhecimento) são os principais espólios em jogo na competição no interior das esferas sociais. No entanto, nem todos estão querendo os mesmos espólios, assim como nem todos priorizam os três. Dependendo dos indivíduos no interior da esfera, a prioridade pode ser reconhecimento, dinheiro ou poder (VIANA, 2015a, p. 38).

O intelectual engajado ao integrar uma esfera social, vai lutar contra as formas conservadoras existentes, pois sua percepção e concepção vão além da simples organização desta esfera. Este intelectual vai contestar os valores estabelecidos e buscar novas formas para poder produzir e ir além dessas questões e sua preocupação principal não é a “fama”. As questões levantadas acima por Viana (2015a) são interessantes para pensarmos sobre o engajamento, apesar de normalmente esse intelectual sofrer assédio por parte de partidos políticos, sindicatos e demais organizações burocráticas no sentido da cooptação, oferecimento de cargos ou funções no interior destas.

Sabemos ser difícil resistir a certas ofertas de emprego, cargos ou funções no interior destas organizações, mas o intelectual engajado tem de se manter firme em sua

posição de engajamento e luta, negando assim essas investidas por parte dos representantes destas organizações<sup>19</sup>. Normalmente, quando este está inserido em alguma esfera social, seu posicionamento é ético e honesto, ao mesmo tempo em que vai contestar práticas desonestas.

Mesmo integrado no interior de uma esfera social, o intelectual engajado tem limites para suas ações. Desta forma Viana (2015a) coloca que:

A perspectiva de quem é integrado nas esferas sociais é limitada, pois torna-se incapaz para ver além, enquanto que o não integrado, aquele que é engajado, pode não só compreender o que está em jogo internamente, mas também o que isso significa de forma mais ampla e seus limites, percebendo a necessidade de superação da divisão social do trabalho e, por conseguinte, das esferas sociais e suas especificidades (VIANA, 2015a, p. 40).

Aquele intelectual integrado nas esferas sociais, dificilmente vai conseguir se possibilitar visualizar novos horizontes, pois essa integração estabelece certos privilégios (salários, poder etc.) e também constitui valores, transformando a própria esfera em valor para este, onde a arte, os cientistas e a ciência, não irão querer realizar mudanças sejam elas, particulares ou coletivas.

O intelectual engajado ao integrar uma esfera social, vai lutar contra o estabelecido e de alguma forma realizar aproximação com outros com perspectivas próximas no sentido de ampliar a luta e formas de contestação. É possível perceber que a vida acadêmica e profissional do intelectual engajado é sempre mais complicada no interior da esfera, pois seus integrantes estabelecem normas e regras distintas das que ele acredita, logo, vai ter que lutar contra para poder não só se estabelecer, mas ir contra essa forma de organização interna.

Desta forma, podemos dizer que sua luta é cotidiana e nos mais diversos espaços da sociedade, pois este não fica somente nos conflitos que pode existir no interior da esfera social na qual é integrante. Esse intelectual tem atividades fora do espaço da instituição onde trabalha, pois integra grupos, associações, coletivos de luta etc., que vão além da simples organização burocrática da universidade na qual exerce suas atividades de ensino e pesquisa. Como Viana (2015a) colocou acima, este amplia suas possibilidades, indo além da organização interna da esfera.

Para tanto, continuar com sua posição política e sua perspectiva de engajamento político é fundamental. Neste caso, podemos afirmar que:

---

<sup>19</sup> Na concepção de Maximo (2000), este afirma que o trabalho do intelectual pode ser convertido em estratégia de poder. Mas no caso dos engajados, sua luta é contra as formas instituídas de poder, tanto das instituições e/ou empresas privadas, como partidos políticos e sindicatos.

Entre os engajados existem aqueles que se destacam mais por sua produção e assim conseguem maior espaço no interior do conjunto de indivíduos de tal segmento, e dependendo do que e como produzem, entre outros aspectos, podem até conseguir certo reconhecimento na própria esfera, ou seja, no círculo interno, embora o caso aqui seja bem mais raro devido ao antagonismo já aludido. Sem dúvida, não é possível confundir os engajados com os demais intelectuais, embora, por estratégia, pode ser que um ou outro realize produções, concessões, que permitam uma maior inserção na esfera e aparente proximidade com os dissidentes e ambíguos e até venais e hegemônicos (VIANA, 2015a, p. 53).

Assim, está presente as distinções entre as mais variadas posturas intelectuais, onde o autor deixa claro as opções dos intelectuais engajados e ao mesmo tempo afirmando que, não se deve confundi-los com os demais. Em termos gerais, por não buscar fama, poder e dinheiro um intelectual engajado pode historicamente, dentro da esfera na qual integra conseguir espaços para poder produzir e até mesmo difundir um conjunto de ideias e obras, possibilitando assim a divulgação de um pensamento crítico-revolucionário.

Desta forma, contribuindo para a luta de classes na busca pela superação das relações sociais capitalistas. A partir das distinções entre os intelectuais em geral, há também uma diferenciação do conjunto de intelectuais engajados. É preciso, todavia, buscar compreender.

Neste sentido, há também uma certa diferenciação interna entre os engajados. Eles podem ser divididos em destacados, arranjados, principiantes e rejeitados. Os destacados são aqueles que apesar de sua postura intelectual, conseguem destaque na sociedade, na esfera, nos meios militantes, ou seja, no círculo externo, interno e próximo, o que é bastante raro, ou apenas num destes círculos (o que gera uma diferenciação interna entre os destacados). Os arranjados são aqueles que conseguem estar dentro da esfera e atuar profissionalmente, sem o destaque dos primeiros ou com um destaque muito moderado, geralmente em pequenos espaços. Os principiantes são os estudantes, recém-formados, autodidatas, entre outros, que possuem a tendência/possibilidade de se tornarem arranjados ou destacados. Os rejeitados são aqueles que não conseguem espaço, mesmo após formação e tentativas, o que pode ocorrer devido radicalidade, deficiências na formação idiossincrasias, etc. (VIANA, 2015a, p 54-55).

Fato interessante, pois na própria categoria de intelectuais engajados, há uma diferenciação interna. Podemos perceber de forma geral que esse conjunto de intelectuais, mesmo com estas distinções devem buscar contribuir com a luta. Cada grupo tem suas dificuldades para atuar em termos de engajamento ou até mesmo de trabalho, estes têm objetivos de lutar para contribuir com a luta operária.

A sociedade capitalista, sua divisão social do trabalho e as esferas sociais irão dificultar a entrada ou inserção desse intelectual para que este possa desenvolver suas atividades. Mas por outro lado, este deve continuar sua luta cultural no seu cotidiano de

trabalho etc., se associando com outros intelectuais com as mesmas possibilidades e concepções políticas.

Um elemento interessante na qual aborda Viana, é a questão da solidariedade entre os indivíduos que integram a categoria de intelectuais “*rejeitados*”, que deve existir entre os destacados, mas também entre os principiantes. Desta forma, ele aponta:

No entanto, entre estes a solidariedade, devido à própria concepção política, tende a ser maior e a competição menor, embora alguns, devido a influência da mentalidade burguesa, ainda mantêm um alto grau de competição. As divergências políticas (menores, como diferenças de tradição e estratégia, etc.) também geram conflitos. Esses podem ser derivados da competição, luta (principalmente entre engajados autênticos e supostos engajados), ou até mesmo uma situação mista (a influência da mentalidade competitiva aliada às reais divergências políticas) ou formação deficiente aliada a dogmatismo do lado de um dos contendores (VIANA, 2015a, p. 55).

Esta é a sua especificidade, pois além de serem rejeitados no interior da sociedade e das esferas sociais, estes têm que buscar forças para se associarem e lutar até mesmo para conseguir um espaço. Um dos elementos presentes na sociedade capitalista é a competição entre os mais variados grupos, classes sociais e neste caso, os intelectuais lutam por espaço dentro de uma esfera social ou fora desta. Neste sentido, o autor faz uma análise sobre os intelectuais rejeitados, está claro como estes são deixados de lado pelos demais. Suas ações politicamente estão voltadas para uma solidariedade maior, mas não é isso que ocorre entre as outras esferas de intelectuais, para tanto, sua luta é para sobreviver internamente ou externamente.

Mas podemos dizer que com o avanço das lutas sociais e pelo acirramento das lutas do conjunto dos explorados, essa competição deve diminuir e as associações entre estes passa a ser maior, bem como a solidariedade nesse grupo, ou até mesmo a aproximação de outros de perspectivas próximas aos intelectuais engajados.

Desta maneira, Mattick (1978) nos mostrou que em momentos de refluxo das lutas dos trabalhadores, os revolucionários, são renegados, mas estes devem continuar lutando no sentido da emancipação humana. Seria muito bom lutar em momentos de luta intensa em favor dos operários, agora o mais difícil é continuar em momentos, onde o refluxo é contínuo e evidente.

É preciso continuar lutando, neste caso os trabalhadores necessitam do apoio dos intelectuais engajados, não se trata de dirigismo político ou ideológico. Entretanto, podemos colocar que:

Os engajados, por sua vez, expressam o proletariado revolucionário e por isso a sua produção intelectual tem caráter crítico-revolucionário (apesar dos problemas de alguns indivíduos concretos que não conseguem se livrar totalmente da influência dos outros segmentos, mentalidade burguesa,

problemas de formação etc.). A sua produção intelectual tende a ser voltada para a crítica-revolucionária e compromisso com a transformação social. Também tende a ser de alta qualidade, graças aos valores e compromissos que possuem, mas também possuem produções cuja qualidade não é tão elevada assim, tanto por limites individuais (formação precária, pouca dedicação, tempo dedicado para militância em detrimento de pesquisa, etc.), mesmo assim, em matéria de conteúdo, tendem a ser superior, apesar de limites formais e forma mais simples de manifestação (VIANA, 2015, p. 61-62).

Estes intelectuais expressam os interesses coletivos do proletariado. Quando o proletariado avança, outros indivíduos que ainda tem dúvidas em relação a um posicionamento crítico-revolucionário, acabam apoiando o proletariado revolucionário. De fato, necessitam ampliar cada vez mais sua formação e autoformação, que deve ser uma prática fundamental para aqueles indivíduos pertencentes ao conjunto de intelectuais engajados. Conforme é apontado por Viana, a mentalidade burguesa dificulta o indivíduo avançar, mas com novas leituras e o avanço das lutas, pode contribuir para que estes indivíduos possam superar suas limitações.

No que concerne à mentalidade burguesa, esta é difundida por toda a sociedade, espaços de sociabilidade, organizações como partidos e sindicatos, onde a verdade passa a ser única e seu objetivo é a defesa dos interesses da classe burguesa e seus representantes. Por outro lado, a categoria dos intelectuais engajados, tem de lutar contra esse tipo de mentalidade que é instituída pela burguesia.

As produções dos intelectuais engajados, desde Marx passando por outros do século XIX, contribuem historicamente com o proletariado de todo o mundo, para tanto, essa luta continuou ao longo do século XX e diversas outras experiências estiveram presentes no interior do movimento operário. Assim, foi possível manter essas ideias inseridas nos mais variados movimentos sociais em todo o mundo. Sobre essas produções intelectuais, podemos colocar que:

Os engajados buscam a difusão de sua produção mais no círculo externo e próximo, objetivando a contribuição com a transformação social e o reconhecimento, o que raramente significa fama e sucesso, sendo mais autorrealização e autossatisfação individual e luta cultural. O reconhecimento, nesse caso, difere da simples busca de fama e sucesso, pois o trabalho intelectual (que gera arte, teoria etc.) é, nesse caso, *práxis*, atividade teleológica consciente, e que – apesar dos entraves burocráticos e esféricos – significa autorrealização e autossatisfação. Esse é um processo contrário ao que ocorre no caso do trabalho alienado, no qual o indivíduo não se realiza e não se identifica com o produto do seu trabalho. No caso do intelectual engajado, o processo é o inverso e a satisfação com a produção existe e, por conseguinte, expressa autorrealização e autossatisfação, o que também pode existir para os demais intelectuais, mas em menor grau e na maioria dos casos não como objetivo/valor fundamental, o que explica a rejeição da produção intelectual por parte de muitos agentes esféricos (VIANA, 2015a, p. 70).

Assim, temos uma diferença fundamental para que possamos compreender as ações dos intelectuais engajados. Não buscam essencialmente o sucesso fácil ou fama, que muitos intelectuais do campo universitário buscam, utilizando terminologia de Bourdieu (2013) mas sim, a divulgação de obras e textos em geral que possam contribuir de uma outra perspectiva que não da ideologia dominante. Suas concepções são críticas e revolucionárias. Estes realizam uma luta cultural cotidiana, pois lutam o tempo todo contra as formas de imposição das ideologias burguesas que visam alienar os trabalhadores em seus locais de trabalho, bem como fora a partir de momentos de distração, diversão etc., mas de forma alienada.

A sociedade capitalista também gera a alienação dos indivíduos, no caso dos intelectuais engajados, estes têm consciência prática do seu papel socialmente, para tanto, desenvolvem atividades que vão além da busca por certo *status* que muitos intelectuais querem alcançar, estes acabam se “*entregando ao capital*” tornando-se assim intelectuais venais<sup>20</sup>. O engajado tem outros objetivos, normalmente não se insere em grandes editoras do mercado editorial, sua satisfação em realizar uma publicação, diz respeito aos seus valores que estão ligados diretamente as classes populares e não ao capital e a classe burguesa.

Bourdieu fala da luta no interior dos campos, como é o caso do campo universitário. Viana (2015a) realiza uma investigação que busca romper com essa perspectiva e trabalha com uma concepção de esferas sociais, pois se trata de uma concepção mais ampla. Este também analisa a luta de classes no interior das esferas sociais, assim, ele explica:

A luta de classes se manifesta no interior das esferas sociais não apenas através de sua função reprodutiva, mas também através da luta do segmento engajado no seu interior. O segmento engajado, algumas vezes com o apoio de indivíduos de outros segmentos, cria uma oposição interna e externa. Se a função das esferas sociais é a reprodução do capitalismo e autorreprodução, a função do segmento engajado é a luta contra o capitalismo e contra a própria existência das esferas sociais. Essa luta do segmento engajado é realizada através da crítica (da crítica do capitalismo e da própria esfera), da produção alternativa (teoria, arte, etc.), fornecer elementos de cultura para o proletariado e demais classes sociais desprivilegiadas (propaganda generalizada, difusão da teoria, fornecimento de ferramentas intelectuais, etc.) (VIANA, 2015a, p. 122-123).

---

<sup>20</sup> Em outro texto intitulado *Intelectuais Venais e Axiologia* (2015b) Nildo Viana desenvolve uma crítica a esse grupo de intelectuais – no caso daqueles que são cientistas e filósofos que são vendáveis no mercado editorial, mas também aqueles que são vendáveis ao capital, editorial, fonográfico etc. Mas existem uma variedade maior de intelectuais venais, este é somente um caso no qual estamos citando.

A crítica desenvolvida pelos intelectuais engajados, seja ela, interna ou externa, ocorre de forma distinta do que a ciência produz como crítica, pois esta vai além, trata-se de uma crítica revolucionária e que não é desenvolvida pela ciência. A luta de classes em sua totalidade ocorre tanto no âmbito das esferas sociais, como também no interior de movimentos sociais em geral, bem como dos trabalhadores em luta e o intelectual engajado toma partido da luta dos trabalhadores, pois seus objetivos estão ligados diretamente a essas lutas.

No que se refere à estratégia de luta dos intelectuais engajados, podemos perceber algumas questões importantes, tais como:

A estratégia de luta dos intelectuais engajados, representantes do bloco revolucionário no interior das esferas sociais, é a crítica (do capitalismo, o que significa, também, a crítica dos demais blocos sociais, e da própria esfera e sua autolegitimação e autoavaliação) ao invés da apologia. Assim, se no interior das esferas sociais há uma apologia da ciência, arte, direito, os setores vinculados ao bloco revolucionário realizam a crítica da ciência, arte, direito, etc. (VIANA, 2015a, p. 131).

Ocorre uma oposição das práticas de um bloco revolucionário em relação ao bloco reformista ou progressista. A crítica realizada pelos intelectuais engajados busca romper com certos dogmatismos existentes no interior das esferas sociais, mas o fundamental para estes não é somente essa crítica interna, mas buscam também no movimento operário a sua fonte de inspiração para poder contribuir com a luta revolucionária.

Não se trata de uma simples crítica ao capitalismo e demais relações sociais existentes, mas sim de uma crítica radical por parte destes indivíduos que estão em luta coletiva contra o capital e seus representantes. Como partem de um ponto de vista distinto da ciência e de outras formas de saberes, muitos outros indivíduos terão dificuldades para compreender o real interesse dos intelectuais engajados inseridos no bloco revolucionário.

Então a ação dos intelectuais engajados, ocorre de outra maneira, pois sua crítica vai além da própria sociedade capitalista e das respectivas esferas sociais na qual estão inseridos como categorias de intelectuais. Desta forma, podemos expressar:

Da mesma forma, ao contrário dos representantes dos demais blocos sociais, os intelectuais vinculados ao bloco revolucionário não realizam o isolamento das esferas sociais, nem no plano intelectual, pois trabalham com a categoria dialética da totalidade, nem no da ação política, já que buscam articular as diversas lutas no interior de uma estratégia global de revolução social. A crítica da esfera é acompanhada pela crítica do capitalismo e por isso não cede ao oportunismo presente em setores do bloco reformista e até mesmo dos integrantes rebeldes e temporários do bloco revolucionário, “críticos” do capitalismo e apologistas da esfera, ou pelo menos “condescendentes” em relação a esta última (VIANA, 2015a, p. 131).

Neste sentido, buscam um tipo específico de associação que é a organização coletiva dos trabalhadores, diante de toda a estrutura burocrática do capitalismo, de seus representantes, mas principalmente na luta nos mais variados espaços de sociabilidade e nos locais de trabalho. Estas ações são mais comuns em momentos onde a luta de classes se amplia e vai cada vez mais demonstrando o seu acirramento, onde os trabalhadores organizados em uma classe social autônoma passam a contestar de forma mais ampla a sociedade capitalista e sua forma de organização e gestão.

Por outro lado, Viana (2015a) ainda discute mais algumas questões importantes, como é o caso da hegemonia, pois para ele a hegemonia nunca é total, sempre persistem concepções opostas e antagônicas, mas alguns intelectuais não percebem, principalmente aqueles que valoram o saber científico em detrimento dos demais. Sobre a questão do bloco revolucionário, podemos inferir as seguintes informações:

O bloco revolucionário teve um enfraquecimento a partir dos anos 1980 e mais ainda em 1990, sendo que os primeiros esboços de recuperação surgem nos últimos anos dessa década, deixando de lado as honrosas exceções. O seu fortalecimento é progressivo e acompanha o declínio do regime de acumulação integral e a retomada das lutas sociais, especialmente as lutas operárias e estudantis (VIANA, 2015a, p. 138).

De modo geral, existem momentos de avanços e recuos da luta operária em todo o mundo, o exemplo acima, demonstra muito bem como ocorre as mais variadas formas de luta do movimento operário. Recentemente no Brasil vem ocorrendo uma retomada da luta de classes, principalmente por parte da juventude, bem como dos trabalhadores. O papel fundamental dos intelectuais engajados é contribuir com essas lutas, no que chamamos de luta cultural, divulgando materiais que possam auxiliar a classe trabalhadora neste objetivo, pois a ampliação da luta e acirramento é algo fundamental para a vitória da classe operária e emancipação humana. Entretanto, os intelectuais engajados são importantes nesse processo.

Os intelectuais engajados não possuem a influência dos hegemônicos, venais e dissidentes, mas conseguem, em certos casos, um resultado até certo ponto extraordinário, principalmente no âmbito da qualidade de sua produção cultural, entre outras possibilidades quando a criatividade e a conjuntura ajudam. Nos momentos de acirramento da luta de classes, ampliam sua força e influência. O bloco reformista apenas reproduz o jogo e a conciliação através da competição no interior e exterior das esferas sociais (VIANA, 2015a, p. 138-139).

A produção cultural desses indivíduos é importante para a classe trabalhadora, pois é uma fonte de informação e estímulo para muitos trabalhadores buscarem leituras, ou até mesmo ampliar suas leituras individuais. Sabemos que para um trabalhador comum, é difícil o acesso a produção cultural, mas principalmente pela questão do tempo

para leitura, pois sua jornada de trabalho, a exploração e dominação acabam limitando seu tempo. Por outro lado, muitos conseguem romper com esta lógica e acabam desenvolvendo leituras importantes para sua formação, fugindo assim do mundo da alienação da sociedade capitalista. O acesso a textos revolucionários contribui com a autoformação dos trabalhadores, neste caso os intelectuais engajados contribuem de forma sistemática para este fim.

Vimos que o intelectual engajado se opõe aos outros grupos, principalmente dos hegemônicos, que tem função social destacada no âmbito das instituições. Mas no caso apontado na citação abaixo, as mudanças e crises são elementos interessantes para pensarmos as práticas intelectuais dos intelectuais engajados. Desta maneira, podemos destacar:

Da mesma forma, as crises dos regimes de acumulação abrem a possibilidade de fortalecimento dos intelectuais engajados, com seu aumento quantitativo e qualitativo, o que é acompanhado pelo fortalecimento do bloco revolucionário na sociedade civil. Nos momentos de radicalização, crise e revolução, reemerge o humanismo revolucionário, o compromisso com a verdade, a ética, a luta pela transformação social. É o momento em que a produção cultural abandona a hegemonia da função reprodutiva para passar para a hegemonia da função subversiva (VIANA, 2015a, p. 139).

Não podemos perder de vista os acontecimentos históricos das lutas do movimento operário, pois são importantes para a própria história da classe operária. Foram vários os intelectuais que contribuíram para este fim, principalmente aqueles que estiveram ligados a luta proletária, desde Marx, passando por Pannekoek, Korsch, Mattick e outros. Neste sentido é importante também o fortalecimento desta luta, mesmo em momentos que esta não esteja acirrada, mas ela existe no interior da sociedade capitalista e cabe aos intelectuais engajados realizar seu papel contribuindo assim, com estas lutas sociais.

Neste capítulo, buscamos produzir uma análise teórica sobre os intelectuais e a sociedade, os intelectuais e a produção cultural, e as ações do intelectual engajado no sentido da transformação social, contra os ideólogos, a ideologia em termos gerais, mostrando como a sociedade capitalista historicamente foi sendo organizada a partir dos interesses das classes sociais em luta.

Por outro lado, foi possível analisar o conceito de intelectual engajado em oposição ao intelectual conservador (ideólogo), mas também os hegemônicos e venais, para mostrar como o segundo desenvolve e desenvolve suas práticas intelectuais no sentido de contribuir para a luta do proletariado.

Podemos perceber que o intelectual engajado desempenha um papel interessante no interior da sociedade capitalista em relação à luta dos trabalhadores. Maurício Tragtenberg seria então um intelectual engajado? Analisando a obra de Marx, Sartre, Mattick, Viana e outros podemos inicialmente perceber esse engajamento.

No segundo capítulo, ao abordar o conjunto de sua obra e trajetória, podemos perceber com maior clareza esse engajamento ou não. Sua inserção em organizações, partidos, sindicatos nos possibilita pensarmos questões sobre o indivíduo Maurício Tragtenberg em termos de ação política, pois desde a sua juventude passou a integrar grupos, organizações de trabalhadores. Ao mesmo tempo em que começa a sua produção intelectual, através de pequenos artigos para revistas, jornais etc.

## CAPÍTULO II

### A formação do pensamento e a trajetória intelectual e política de Maurício Tragtenberg.

Neste capítulo temos como objetivo realizar uma análise sobre a formação do pensamento e da trajetória de Maurício Tragtenberg em termos intelectuais e políticos, ao mesmo tempo mostrar sua inserção nas instituições na qual atuou, como foi o caso de suas experiências em universidades, escolas, partidos políticos e demais empresas privadas na qual atuou como professor e intelectual. Por outro lado, buscaremos compreender o histórico de Maurício Tragtenberg em dois momentos importantes da sua trajetória que é a formação como autodidata e posteriormente acadêmico, onde passou a desenvolver atividades importantes no interior destas instituições e empresas privadas. Sua trajetória é marcada pela luta em favor do proletariado e sua produção intelectual aponta para este fim.

#### 2.1-A Formação autodidata

O ponto de partida para compreendermos a formação do seu pensamento é perceber sua trajetória como indivíduo e conseqüentemente a sua produção intelectual, pois esta vai expressar suas ideias, valores e objetivos, principalmente em termos de ação política. Para desenvolvermos esta análise, vamos recorrer a um tipo de material bem específico que são: sua obra de memórias organizada por Marrach (1999) seu memorial apresentado na Universidade de Campinas (UNICAMP) em um concurso para professor, (1998), os textos de Doris Accioly e Sonia Alem Marrach (2001), a obra de Ozaí (2008), Valverde (2011) e mais alguns textos publicados sobre a trajetória intelectual e política deste autor. Normalmente, esses textos são artigos publicados em periódicos de universidades brasileiras que contribuem para a compreensão da obra do autor analisado.

Por outro lado, iremos também fazer referências há algumas de suas obras, pois torna-se necessário perceber o intelectual Maurício Tragtenberg e sua ação política. Assim, mostraremos em certos aspectos, uma perspectiva de análise teórica e outra que busca a partir das informações narradas por ele e outros indivíduos que tiveram contato direto com sua obra, produzir uma concepção crítica sobre sua trajetória, pois não se trata

somente de narrar a sua história, mas sistematizar um saber coerente com a realidade na qual estamos analisando.

Como podemos definir o pensamento e a trajetória de Maurício Tragtenberg? Seria um autodidata que buscou uma formação autônoma? Ou podemos defini-lo a partir da sua inserção na universidade? Ou pela sua militância política? São momentos distintos no qual podemos perceber toda sua trajetória intelectual. Assim, o nosso esforço é desenvolver uma análise sobre os principais aspectos de sua trajetória, seja como autodidata, acadêmico e ao mesmo tempo perceber o seu engajamento intelectual e político. Suas ações como acadêmico ou intelectual, estão voltadas para a análise da sociedade brasileira, do movimento operário a partir da concepção materialista da história de Marx e de outros autores, tais como Mikhail Bakunin, Rosa Luxemburgo, Anton Pannekoek etc.

Estes autores foram fundamentais para ele realizar seus estudos de forma crítica e revolucionária. A sua formação intelectual autodidata e autônoma foi importante para desenvolver suas atividades de pesquisas e conseqüentemente se tornar um crítico da sociedade, do Estado e das organizações burocráticas.

Torna-se importante trazer alguns apontamentos sobre o que é ser autodidata para posteriormente falar sobre sua origem e formação social. Segundo Meneghetti (2013) o autodidata, por meio do próprio esforço, busca e pesquisa o material necessário para sua aprendizagem, aprende por si, sem auxílio de professores. Neste sentido, buscou não só realizar leituras, mas aperfeiçoá-las para compreender melhor a realidade dos trabalhadores brasileiros, ao mesmo tempo passou a ser admirado por muitos outros indivíduos e grupos no qual integrou durante sua trajetória.

Assim, ao falar em autodidatismo, é necessário mostrar que não é uma simples forma de realizar estudos, pois o próprio autor descreve elementos importantes sobre o que vem a ser autodidata.

Eu era um cara que tinha uma leitura muito grande, em função do tempo que eu tinha para ler. E tinha leitura orientada em função da Biblioteca Municipal, que eu frequentava. Antônio Cândido, Florestan Fernandes, Aziz Simão me indicaram uma certa linha de leitura. Então, não era uma leitura assim, descabelada, porque o perigo do autodidatismo é esse: ou você faz uma coisa inovadora ou você cai no diletantismo. Você conhece um pouco de cada coisa e, profundamente, não conhece nada. Esse é um perigo sério de estrutura, de formação de um autodidata. Esse perigo acho que consegui superar por acaso, em função das pessoas que frequentavam os mesmos ambientes que eu, e tinham um pensamento na leitura organizada. E passaram essa atitude para mim (TRAGTENBERG, 1999, p. 56).

O tempo de leitura era direcionado, mesmo sendo estudos autodidata. Desta maneira, foi ampliando suas leituras no sentido de conhecer cada vez mais, principalmente quando passou a ter orientações e sugestões de alguns intelectuais que já estavam estudando e com vínculo em universidades. Neste caso, esteve sempre preocupado em desenvolver suas leituras, mas sem perder a base de uma organização para poder sistematizá-las de forma racional e com coerência.

Este direcionamento, possibilitou o aprofundamento de leituras e assim, Maurício Tragtenberg não se perdeu, conseguindo realizar leituras e posteriormente obras inovadoras, no que diz respeito ao pensamento social e político brasileiro. Conseguiu ser além de inovador, um crítico da nossa realidade, principalmente pela perspectiva de análise. De fato, o risco de um autodidata se perder é grande, pois em alguns momentos falta organização para as leituras e aprofundamento em outras, mas esse não foi o caso do autor aqui analisado, pois este conseguiu sua organização e passou a produzir um conjunto de artigos, livros e traduções importantes para o pensamento social brasileiro.

Ainda segundo Tragtenberg (1999), ele não tinha perdido o dogmatismo e, no fundo, uma certa intolerância. “Não a ponto de romper relações com as pessoas que discordasse de mim, mas sim no sentido de querer converter a pessoa ao que eu pensava” Tragtenberg (1999). “Era muito chato no sentido de jogar a minha erudição. Percebi que tinha muito essa tendência”.

Podemos perceber que mesmo com as orientações, as leituras acabavam sendo uma fonte para o estabelecimento de certos dogmas, e ao mesmo tempo ele próprio produzia certa intolerância, mas vai saber lidar com essas questões e superar as mesmas. É muito comum nas universidades o indivíduo adquirir certa autoridade sobre um campo do saber e começar a agir de forma “intolerante” com aqueles que não tem domínio em relação aquele campo do saber. Estes indivíduos se tornam arrogantes e vaidosos, mas no seu caso, ocorreu antes de entrar na universidade, pois suas leituras começaram antes mesmo da entrada nesta instituição.

Retomando então alguns apontamentos sobre a vida de Maurício Tragtenberg. Ele nasceu na cidade de Erechim em 1929 no Rio Grande do Sul. Esta cidade estava na zona de colonização de camponeses de origem judaica, que se dirigiram para lá, vindos das perseguições da Rússia Czarista como bem relata Lopes (1999). Seus avós estavam inseridos nesse conjunto de imigrantes que foram para a cidade de Erechim. A cidade antes deste nome era chamada de Erebangó. Trata-se de uma região camponesa com poucos recursos para o indivíduo se escolarizar intelectualmente, pois a única escola primária que

existia na cidade funcionava de forma improvisada em um galpão, onde existiam muitas limitações para a formação escolar dos alunos.

No entanto, ele esclarece mais alguns elementos importantes sobre a sua trajetória. Porém, “voltando a minha trajetória pessoal, conheci as primeiras letras em Erebangó, depois Erexim, numa escola pública que funcionava num galpão. Entre arreios, cheiro de alfafa e um quadro negro, tive o meu primeiro contato com o ler, escrever e contar” (TRAGTENBERG, 1998, p. 06). A escola passou a ser um espaço de sociabilidade, mas não um espaço de formação acadêmica. Por outro lado, vai ser influenciado pela família, no que diz respeito ao desenvolvimento das leituras realizadas por ele ao longo de sua vida. Neste espaço da escola, como é narrado acima, irão ter muitas dificuldades para a socialização e conseqüentemente uma formação escolar para os alunos que frequentavam essa escola. O interessante é que na sua forma de narrar o fato sobre a escola, vai lembrando de detalhes daquele espaço no qual conviveu durante um tempo da sua vida quando ainda era criança e as formas de relações sociais com outros indivíduos.

Segundo Tragtenberg (1998) “compunham a biblioteca dos colonos obras de Bakunin, Kropotkine, Malatesta, historiadores do anarquismo como James Guillaume, Rudolf Rocker, além das de Emma Goldman, Nestor Makno, recebidos do Canadá e Argentina”. Essas eram leituras realizadas pelos seus avós, onde os filhos assistiam de forma atenciosa. Desta forma, o espaço social familiar no qual Maurício Tragtenberg foi socializado, possibilitou o acesso as diversas literaturas, pois sua família nesse contexto foi importante na sua formação intelectual. Como professor e pesquisador já dentro da universidade, vai ler, traduzir e escrever sobre esses autores, que teve contato desde a sua infância.

Neste contexto, o Brasil ainda era um país com características rurais e grande parte da sua população habitava o campo. O ano no qual Maurício Tragtenberg nasceu é bem sugestivo, período marcado pela crise de 1929, foi um período de intensa crise do modo de produção capitalista, pois afetava diretamente o conjunto dos trabalhadores em todo o mundo.

Posteriormente, pelas dificuldades encontradas em Erexim, a família teve que realizar sua mudança para a cidade de Porto Alegre, em busca de uma vida melhor e acesso à escola com melhor formação para as crianças. Esse era o objetivo da família, já que o pai de Mauricio Tragtenberg ainda morreu em Erexim. As dificuldades da família, agora continuam em Porto Alegre, cidade distinta de Erexim que na época tinha

características de uma região camponesa, onde as relações sociais estabelecidas são distintas das que são estabelecidas em um centro urbano.

Segundo Ozaí (2008) desintegrada a unidade familiar produtiva, inicia-se um novo estágio em sua vida. Na capital gaúcha, em pleno Estado Novo, instala-se no Bom Fim, bairro judeu. Foi morar na casa de um tio, irmão de sua mãe. Assim, podemos perceber as dificuldades vividas pela família Tragtenberg.

Mesmo com estas implicações e conflitos vividos pela família, o menino Maurício Tragtenberg não tem consciência dos problemas sociais e familiares, pois ainda era muito pequeno para recordar dos fatos vividos naquele momento. De origem pobre, nesse contexto, iria passar por todos esses problemas, mas que sua família teria de superar, mesmo em um momento de crise e recessão econômica na qual o país vivia. Estas relações podem ter influenciado seu desinteresse pela instituição escolar<sup>21</sup>, bem como a busca por uma formação no interior do espaço desta instituição, retornando somente na juventude quando já estava morando na cidade de São Paulo.

Como o próprio Tragtenberg narra no seu livro de memórias, ele não gostava muito de ir para a escola, por ser um espaço onde ele não se sentia bem, preferia ir para o cinema. Quando tinha oito anos aconteceu em Porto Alegre o Golpe do Estado Novo, no qual Getúlio Vargas passou a exercer uma forte pressão sobre os trabalhadores e as classes exploradas. Mesmo sem consciência social e política, Maurício Tragtenberg conheceu essa experiência ainda com oito anos de idade.

Por que Maurício Tragtenberg tinha certa resistência em relação à instituição escolar? Ele próprio realiza alguns apontamentos importantes para que possamos compreender melhor essa questão.

Naquela época eu tinha oito anos, gostava muito de cabular aula e pegar um cinema. Eu era péssimo aluno na escola, repeti o primeiro ano primário. A única escola que fiz foi o primário. E repeti porque não aguentava, especialmente, a aula de canto. A professora queria que eu cantasse de um jeito... Eu tinha sido aprovado em tudo e reprovado em canto! E aí fiquei no primeiro ano. Não era escola judaica. Era escola brasileira pública, gratuita e tudo o mais. Mas não conseguia cantar daquele jeito, fazer os trinos que ela queria. Dividiram a classe. Me colocaram na fileira dos atrasados! Logicamente reprovado em canto, e na classe dos atrasados (TRAGTENBERG, 1999, p. 13).

---

<sup>21</sup> O próprio Maurício Tragtenberg, desenvolveu diversos textos e obras sobre uma concepção crítica em relação à escola, como é o caso das obras *Educação e Burocracia* (2012), *Sobre Educação, Política e Sindicalismo* (2004). O autor desenvolve também uma concepção libertária sobre a educação e uma crítica a pedagogia burocrática.

Para ele o cinema era algo bem mais interessante do que a escola, pois como podemos perceber nesta citação, não conseguia se inserir no espaço da instituição escolar. Geralmente as crianças tem certa resistência em relação à escola, mas não se tratava simplesmente de resistir. Normalmente as crianças tem resistência a escola, mas essa resistência é passiva. Por não gostar da escola, não se desenvolvia como as demais, tanto é que só desenvolveu seus estudos até o nível primário em termos de formação escolar formal.

A escola é uma instituição de ensino que tem por base a vigilância, o controle e demais formas de imposição de um regulamento no qual todos devem seguir. Era bem comum neste contexto fazer a divisão daqueles alunos aprovados e reprovados, tanto é que ele narra a divisão das turmas em aqueles que são aceitos e os considerados “*reprovados*”. Estes geralmente não se adaptam aos regulamentos internos da instituição de ensino.

Seria esse então, o motivo para Maurício Tragtenberg se tornar um estudante autônomo e posteriormente um intelectual autodidata? Este é um dos fatores que o levou a começar a desenvolver atividades de leitura e escrita de forma autônoma, mas também a própria formação familiar o influenciou nesta busca. A escola sempre foi um dos seus problemas. Assim, ele afirma, a escola era:

[...] para mim, era mais um lugar, um centro para encontrar amigos e jogar futebol. Eu gostava de jogar bola. Então, ficava jogando bola, e não entrava na aula. Aí vinha bronca, chamavam o bedel, aquele negócio todo. Eu ia a escola e não assistia aula, ficava jogando bola ou então cabulava. Ia ao cinema, ao Babilônia (TRAGTENBERG, 1999, p. 13-14).

A escola era um espaço de diversão, pois preferia desenvolver atividades que não estavam vinculadas à escola, apesar de ter um momento para esse fim. De fato, jogar bola, ir ao cinema ou até mesmo matar uma aula, era bem mais interessante. Mas, as punições eram comuns. Percebemos que a escola não consegue inserir Maurício Tragtenberg, pois preferia como sempre desenvolver atividades paralelas em relação as atividades realizadas pela escola. A escola pública na qual estudou, não mudou muito para os dias de hoje, pois grande parte das crianças e jovens frequentadores da escola têm certas dificuldades para se adaptar e buscar uma formação nesta instituição.

Entretanto, Maurício Tragtenberg gostava mesmo era de buscar as informações fora do espaço da instituição escolar, ou seja, ler e escrever sozinho, pois tinha a influência da família, mesmo sem conhecer o pai, ele ficou sabendo depois que era um homem culto e tinha muitos livros. No espaço familiar aprendeu a ter o gosto pelas

leituras e os livros deixados por ele. Lopes (1999) afirma: era autodidata, aprendera a ler sozinho várias línguas, inclusive o alemão. Assim, ele foi acumulando leituras que lhe possibilitou ampliar a sua concepção sobre o mundo. É desta formação autodidata que o jovem Tragtenberg vai se dedicando cada vez mais a descobrir coisas novas, novas leituras, mas principalmente se posicionar de forma crítica em relação à sociedade e as instituições e organizações sociais existentes no interior da sociedade capitalista.

Segundo Tragtenberg (1999) “não achava a aula muito interessante, porque não entendia nada”. Este fato, é bastante comum nas relações escolares, grande parte dos indivíduos desinteressados, não conseguem realizar as atividades de leitura e de escrita e a partir disso geram o problema da “*aprendizagem*, pois o desinteresse gera o baixo rendimento, principalmente se houver punições.

Outro problema enfrentado por ele, era por ser canhoto e os professores insistiam que ele tinha de escrever com a mão direita, mais uma forma de imposição da escola, aumentando assim a sua resistência. A escola não visa possibilitar autonomia aos indivíduos desde criança nos primeiros anos de formação escolar, o indivíduo tem que se “*sujeitar*”, mesmo sem consciência a regulamentos, regras e normas internas que dificultam a ação destes, bem como certa limitação de suas ações e autonomia.

Mas, fora do espaço da instituição escolar, Maurício Tragtenberg realizava suas leituras, mesmo ainda sendo um menino. A escola neste contexto, era limitadora das ações intelectuais dele. Assim, ele coloca: “havia um negócio interessante: fora da escola, eu gostava muito de mexer em papel e escrever. Escrevia, mexia em livro, li e tal... As pessoas do bairro me olhavam e diziam: “Esse ai vai ser doutor!” Doutor era o que sabia” (TRAGTENBERG, 1999, p. 14).

Neste caso, estamos diante de mais uma prova, pois além de não gostar da escola, e nem tampouco se adaptava ao espaço dessa instituição, mas gostava de realizar atividades intelectuais fora do espaço desta. Pela influência da família e por ter uma autonomia maior, ele acabava tendo interesses em fazer suas leituras de forma individual e autônoma. Por ter um gosto pela leitura e escrita, os vizinhos tinham uma visão de que seria facilmente um doutor, mesmo não gostando da escola. Historicamente em muitos momentos de sua vida essa instituição foi limitadora para sua formação intelectual.

Como foi apontado em outro momento, a família o incentivou nas leituras, mas havia algumas contradições, sua própria irmã mais velha o proibia de ler. Marrach (2001), narra uma história interessante que caracteriza essa questão. Desta maneira, a autora cita:

Meu irmão que falava muito, que comprava livros, mas nunca fazia muita coisa em relação ao que ele dizia, esse meu irmão comprou uma série de livros. Um deles, o *Manifesto Comunista*. E minha irmã mais velha comprava Stefan Zweig, mas me proibia de ler. Então, lia no telhado (MARRACH, 2001, p. 14).

Neste trecho citado, está presente uma de suas leituras sobre Marx. Seu interesse nas leituras estava além do espaço da instituição escolar. Este fato é interessante, pois suas leituras são cada vez mais amplas, mesmo a família proibindo em alguns momentos, assim, conseguia se desenvolver intelectualmente, porque a família tinha uma orientação para o comércio e não para uma formação intelectual a partir dos livros. A proibição das leituras pela irmã, era porque ele ainda era muito pequeno e não tinha interesse pelo o comércio, continuava suas leituras literárias, políticas, históricas e sociológicas.

Eu estava fora da escola e tinha muita coisa importante em francês, inglês, italiano, que precisava ler. No fundo, acabei criando um método meu. Pegava livros simples, mas de assuntos que me interessavam, como política, sociologia etc. Fazia um vocabulário em ordem alfabética, como uma agenda. Pouco a pouco, começava a dominar o vocabulário e a ter condições de consultar os livros daquela língua (MARRACH, 2001, p. 17).

Isto demonstra o seu interesse por uma literatura variada de autores em diversos idiomas. Inicialmente seu método é próprio, mas com o tempo vai buscando outras fontes de inspiração, principalmente as concepções de autores como Karl Marx, Bakunin, Weber<sup>22</sup> etc. Na escola os alunos são obrigados a ler o que não querem ou tem interesses, isso ocorre pela imposição da escola, dos professores etc. Fora dela você vai buscar leituras mais prazerosas, pois estas não valem nota e Maurício Tragtenberg fez isso muito bem, buscou realizar leituras a partir do seu gosto, mesmo sem entender muita coisa, buscava novas leituras para ampliar suas concepções e compreender melhor a realidade na qual estava inserido.

Segundo ele, eram leituras interessantes, passou a ler com mais interesse, aumentando assim sua autonomia. Nestas leituras, o indivíduo Maurício Tragtenberg vai ampliando a sua concepção de mundo sobre a realidade brasileira, e a partir de certo momento, passa atuar no sentido de contribuir com a transformação social.

Maurício teve uma vida muito dolorosa. Na infância perdeu o pai e, se não estou enganada, foi educado por um padrasto, com o qual não vivia muito bem. Apesar dos sofrimentos e das contrariedades por que passou, chegou a cursar o primário. E houve um momento no qual ele rompeu ou se afastou. Eu não me lembro exatamente quando e como, sei apenas que ele andou meio perdido nas ruas de São Paulo. Passou talvez uns 10 ou 12 dias andando sozinho e sem saber aonde ir. Penso que foi depois desse episódio que ele encontrou a família

---

<sup>22</sup> Sobre essas fontes de inspiração do autor, no próximo item deste trabalho, iremos desenvolver de forma mais sistematizada essas questões com objetivo de mostrar como seu pensamento foi sendo ampliado e novos autores e leituras foram definidoras de sua concepção de sociedade e a crítica realizada as instituições burocráticas em sua totalidade.

Abramo. Nós ficamos envolvidos com ele e ele conosco (ABRAMO, 2001, p. 24).

Desde os seus primeiros passos ainda no Rio Grande do Sul e depois em São Paulo, sua vida não foi fácil como bem descreve a autora acima. Sua vida na escola não foi uma das melhores, pois não se adaptava a um cotidiano de regras e imposições que normalmente um aluno tem de cumprir no espaço da instituição escolar. A morte do pai, os conflitos com o padrasto e a vida de migrante ainda no Rio Grande do Sul e posteriormente em São Paulo, são problemas que ele tem de enfrentar para superar, tanto em termos individuais e coletivos no interior de sua família.

Da vida em Porto Alegre do final dos anos de 1930, a família emigrou para a cidade de São Paulo, nova fase para a família Tragtenberg. Em seu memorial, narra essa história com detalhes. Desta forma ele coloca: “logo depois, a família mudava para São Paulo, num vagão de segunda classe da então Viação Férrea do Rio Grande do Sul, após duas noites e três dias de viagem, aportávamos na Estação Sorocabana de São Paulo” (TRAGTENBERG, 1998, p. 09-10).

Podemos perceber que historicamente as condições materiais da família Tragtenberg não era das melhores, neste relato é possível perceber as condições na qual estes viajaram do Rio Grande do Sul até a cidade de São Paulo. As necessidades fizeram com que a família realizasse diversas mudanças, inclusive essa última para São Paulo.

Em São Paulo, a família teve que se adaptar e buscar construir uma nova vida em uma cidade com um desenvolvimento industrial ainda incipiente. Desta maneira, Tragtenberg (1998) descreve que “foram habitar à rua Tocantins no bairro do Bom Retiro. Eu frequentava o “*Thalmud Torá*”, uma escola judaica ortodoxa. De manhã estudava as matérias comuns do ciclo primário e à tarde o índice hebraico e comentários do Velho Testamento”. Mais uma vez a tentativa de frequentar a escola, agora de formação judaica e conservadora, mas também com direcionamento para a formação religiosa. Mais uma vez, o jovem não se adapta e tem novos problemas para resolver com a instituição.

Nesse bairro, a família Tragtenberg tem boas histórias para contar. Desta maneira, mais uma vez ele aponta:

Tínhamos como vizinho uma família judia de origem húngara, que se tornara nossa amiga. Ela sobre alugava um quarto a um cidadão que vivia de pijama e fumava cigarros Fulgor. Novamente o clima autoritário do Estado Novo fazia-se presente: o cidadão desaparecera, corria o boato que era “comunista”, delito gravíssimo sob o Estado Novo (TRAGTENBERG, 1998, p. 10).

Este fato não era novo para a família Tragtenberg, pois já haviam vivenciado uma história parecida no Rio Grande do Sul, onde saíram desta região ainda sob o Estado

Novo, que vai ser um momento da história política do Brasil baseada no autoritarismo de Getúlio Vargas. É nesse contexto, que Maurício Tragtenberg frequentava a escola, tanto no Rio Grande do Sul, como em São Paulo. Geralmente em um tipo de governo como este, indivíduos ou grupos que se colocavam como oposição, são perseguidos e presos de forma arbitrária, pois tem ideias e posições diferentes. Ser “*comunista*” era ser um inimigo direto do governo.

É importante notar que tendo origem camponesa e pobre, mesmo sua família sendo de imigrantes europeus, Maurício Tragtenberg teve de trabalhar muito cedo em São Paulo, conciliando o trabalho com a escola. Assim, descreve uma situação na qual diz:

Comecei a trabalhar muito cedo para ajudar um fraco orçamento doméstico, meu pai falecera e minha mãe costurava. Iniciei minhas “universidades”, frequentando um bar na rua Ribeiro de Lima, que tinha duas características: comida barata e mesa sem toalha. Lá acorriam trabalhadores de origem letã, lituana, russa, polonesa, muitos haviam, inclusive participado da Revolução Russa, haviam topado pessoalmente com Lênin, Trotsky, Zinoviev ou Bukharin. Não eram “temas” de academia e sim expressões de relações sociais e políticas vividas (TRAGTENBERG, 1998, p. 10).

Fato comum para os jovens de família pobre, conciliar os estudos com trabalho formal em comércio, fábricas ou indústrias. Vimos que historicamente toda sua família tivera problemas sociais e econômicos, tendo de se esforçar para viver mesmo com limitações. Foi nesses contatos fora do espaço da escola, que o jovem Maurício Tragtenberg tem inspirações de leituras, mas também no espaço de sua família a partir dos livros do pai e dos irmãos. Assim, foi construindo sua percepção da realidade, bem como leituras sobre suas próprias experiências.

Nestes espaços, no qual passou a chamar de “*as minhas universidades*” também realizou discussões teóricas, mas também trocava experiências com esses indivíduos, onde alguns tinham a experiência prática, como é o caso narrado da *Revolução Russa*, que futuramente seria objeto de estudo do próprio Maurício Tragtenberg. Em São Paulo consegue terminar o ensino primário, como ele falava “*a grande coisa*”, de forma irônica, assim havia desenvolvido uma concepção crítica sobre a escola, pois historicamente não consegue se adaptar, onde seus métodos de leitura, bem como suas práticas o levam a uma autonomia intelectual e uma crítica radical a esta instituição.

Desta maneira, segundo Ozaí (2008) o jovem Maurício Tragtenberg terá a rua como seu campo de ação e nela se envolverá na militância e encontrará o seu caminho. Em sua trajetória vai ter diversas experiências em partidos políticos, organizações conservadoras, outras de cunho anarquista, pseudomarxista etc. Mas podemos afirmar que suas escolhas são coerentes, como iremos mostrar na terceira parte deste trabalho.

Como era filho de família pobre, as mudanças eram constantes, onde narra mais uma destas, assim,

Logo depois eu mudara para o bairro do Brás. Morei na rua Santa Clara, rua Cachoeira e rua Catumbi, no Belenzinho. Nessa época, caíra a ditadura de Vargas, e eu tinha como vizinho uma sede do Partido da Representação Popular. Apesar de ter origem judaica e imagem de “esquerdista”, os integralistas me tratavam com respeito, pois eu já lera, na época, toda a obra política de Plínio Salgado, Gustavo de Barros e Miguel Reale e, de lambujem, nazistas nacionais como A. Tenório de Albuquerque e Tasso da Silveira (TRAGTENBERG, 1998, p. 10).

Maurício Tragtenberg vai cada vez mais ampliando suas leituras para compreender a realidade brasileira, apesar de outras leituras, principalmente de autores europeus no qual passou a ter afinidade teórica, pois estes eram críticos da sociedade e do modo de produção capitalista. Por ser autodidata, buscava ler de acordo com suas necessidades e interesses, diferentemente das leituras em escolas e universidades, onde as leituras são de acordo com a organização de cada disciplina, por isso não se adaptava ao espaço destas instituições.

Para Löwy (2001, p. 32) o que mais caracterizava Maurício Tragtenberg como pessoa, como orador e como militante era o humor, a auto ironia, a falta de agressividade e, ao mesmo tempo, a intensidade do compromisso com a causa dos explorados. Sua obra tem essa proposta, partir da perspectiva do proletariado e de sua luta.

Por outro lado, a busca pela autonomia foi possível porque ele próprio desenvolveu técnicas e métodos para facilitar a compreensão das obras na qual tinha acesso. Fora do espaço da escola sofremos formas de “*coerção social*”, mas, temos mais possibilidades e autonomia para desenvolvermos nossas atividades intelectuais, pois não existe a figura do professor cão de guarda como o próprio Tragtenberg definia<sup>23</sup>. Assim, ele buscou desenvolver suas leituras sobre as diversas realidades sejam nacionais ou internacionais, como foi o caso da obra sobre *A Revolução Russa* publicada em 1988<sup>24</sup>.

Lopes (1999) ao iniciar a apresentação da obra póstuma de Maurício Tragtenberg, afirma que este era, sobretudo, um educador. Um formador nato. Socializava seu conhecimento e suas informações como poucos que ela já conheceu. Desta forma,

---

<sup>23</sup> No texto *A Delinquência Acadêmica*, Tragtenberg (2004), analisa as ações dos professores na universidade, onde ele afirma que a universidade classista se mantém por meio do poder exercido pela seleção dos estudantes e pelos mecanismos de seleção dos professores. Na universidade mandarinal do século passado, o professor cumpria a função de “cão de guarda” do sistema: produtor e reproduzidor da ideologia dominante, chefe de disciplina do estudante. Cabia a sua função professoral, acima de tudo, inculcar as normas de passividade, subserviência e docilidade, através da repressão pedagógica, formando mão-de-obra para um sistema fundado na desigualdade social, a qual acreditava legitimar-se através da desigualdade de rendimento escolar.

<sup>24</sup> Neste caso, ver a obra a partir da publicação em Tragtenberg (2007).

Maurício Tragtenberg incentivava os que estavam começando, empurrava a todos para a pesquisa, para a leitura, para o mundo do pensamento, sem nunca perder a referência do cotidiano, preocupando-se com a realidade em volta e, sobretudo, sem jamais esquecer de mencionar a condição de vida dos trabalhadores.

Assim, buscava contribuir com a formação de outros indivíduos, pois suas leituras eram diversas e ao mesmo tempo realizadas de forma autônoma, em busca de compreender e ampliar a análise das diversas formas de organização das instituições e compreender a questão do operariado e sua luta cotidiana.

Desta forma, podemos perceber ao longo de sua trajetória, o interesse em leituras diversas, passando pela Literatura, Política, Economia, História, Sociologia, mesmo não sendo um especialista em nenhum desses campos de estudos. Seu autodidatismo foi o ponto de partida, mas ao longo de sua trajetória Maurício Tragtenberg se inseriu na universidade, onde passou a ser detentor de títulos que lhes renderam a possibilidade de seguir uma carreira acadêmica.

Historicamente, foi se inserido e produzindo uma concepção crítica da sociedade e ao mesmo tempo foi ampliando suas possibilidades de trabalho e atuação como intelectual, tanto na academia, como em organizações sociais. Neste caso, podemos observar a ampliação de suas leituras em busca de novos horizontes.

No próximo item, vamos analisar as suas “*universidades*” como espaço de formação social e política, pois foram nesses espaços o início da sua militância que foi cada vez mais tendo novas possibilidades de compreensão do real. Por outro lado, sua formação intelectual se amplia no sentido de sua atuação política em coletivos e demais instituições.

## 2.2- Informalidade e formação política.

No que se refere à formação intelectual, além do autodidatismo sua formação política ocorreu no que ele chamou as “*minhas universidades*”, e que são diversas, como foi apontado anteriormente, desde conversas em bares, associações de moradores, sindicatos, partidos políticos e demais organizações políticas na qual participou como integrante ou até mesmo como debatedor.

Neste tópico do nosso trabalho, vamos estudar essas formações e como estas contribuíram na sua formação, principalmente em termos políticos, mas também na

compreensão sobre a sociedade capitalista e sua forma de organização social. Estas foram suas preocupações fundamentais, não somente compreender, mas buscou contribuir para transformá-las. Pois não devemos fragmentar neste caso, sua trajetória e a produção intelectual do autor.

Falamos no item anterior da sua formação autodidata, pois de alguma forma irá ocorrer durante toda a sua vida, mesmo nos momentos no qual integrou instituições como é o caso de escolas, faculdades e universidades, pois nessa trajetória passou a ter maior autonomia para desenvolver suas leituras. Neste sentido, torna-se importante trazer algumas informações para compreendermos melhor essa realidade.

Não era para menos: seu autodidatismo começara com a frequência matinal aos sapateiros anarquistas do bairro operário do Brás, na cidade de São Paulo. Passa pela Universidade Livre da Praça do Patriarca, que em 1945 tornou-se um fórum de debates sob a hegemonia dos operários vidreiros. Nos fins de tarde, com quinze anos ia para lá discutir política com os trabalhadores, muitos também autodidatas, comunistas, trotskistas. Foi sua primeira universidade. No mesmo passo, frequentava a Biblioteca Mário de Andrade, nos momentos de folga de seu emprego na Sabesp, onde conheceu os meandros da burocracia, objeto futuro de larga crítica (VALVERDE, 2001, p. 59).

Desde sua juventude, tinha o interesse nas discussões em organizações e partidos políticos e depois no âmbito da universidade (ensino formal) Maurício Tragtenberg permanece um autodidata ampliando cada vez mais suas leituras. No que chamou de “*as minhas universidades*”, foi o contato autônomo com indivíduos e grupos para discutir questões importantes do seu tempo, como é o caso das relações políticas e das duas ditaduras na qual Maurício Tragtenberg viveu a primeira em (1937-1945) com o Estado Novo e depois a Ditadura Civil Militar de (1964-1985) período marcado pela forte repressão, tanto de grupos, como de indivíduos autônomos que se colocavam em oposição a essas formas de organização da sociedade e do Estado brasileiro.

Para tanto, Maurício Tragtenberg ainda com (16-17) anos de idade morando na cidade de São Paulo, se reunia com trabalhadores para discutir política e questões voltadas para o cotidiano dos trabalhadores. Como bem cita Valverde (2001) grande parte desses trabalhadores também eram autodidatas e tinham um grande interesse em leituras políticas, demonstrando assim que a educação formal, além de formalizar o ensino, ela possibilita um diploma para o indivíduo detentor daquele saber formal.

O objetivo é para que este possa exercer algum cargo ou profissão no interior das organizações sociais, ou até mesmo no Estado, que necessita cada vez mais de técnicos com formação acadêmica e aperfeiçoada, onde a burocracia estatal necessita se organizar

para impor sua forma de dominação<sup>25</sup>. Essa foi sua primeira “*universidade*”, ou seja, uma das suas formações intelectuais, mas de forma “*informal*”, autônoma, assim buscava cada vez mais o contato com grupos políticos independente de origem e formação.

Mesmo se desenvolvendo a partir de uma concepção crítica sobre a realidade dos trabalhadores no Brasil e demais países, suas experiências foram valiosas no sentido de sua formação autônoma, desde muito cedo passou a exercer essa autonomia. Retomando algumas questões de sua infância, podemos inferir mais algumas informações:

Maurício Tragtenberg tinha na memória de sua família os *progroms* e viveu a realidade da pequena propriedade e da cultura de subsistência, cujo excedente era vendido na cidade. Com outras famílias judias, participou, ainda criança, de uma experiência baseada no apoio mútuo e na solidariedade, cuja inspiração vinha da revolução “autogestionária maknovista” na Ucrânia. Foram valores que sempre o acompanharam e que transmitiu aos que tiveram a felicidade de com ele conviver (MOTTA, 2001, p. 67).

São experiências marcantes na vida do garoto Maurício Tragtenberg, onde os valores familiares de fato ficam estabelecidos na memória do indivíduo, que vai historicamente consolidá-los ao longo de sua trajetória, seja como indivíduo em coletivos no qual foi integrante. As formas de pensamento russo e ucraniano, também foram fontes de inspiração, bem como peculiares em toda a sua trajetória.

Foi desta forma, que este jovem passou a buscar sua formação em rodas de conversas, bares, coletivos, partidos políticos e demais organizações políticas. Podemos perceber que esta formação mesmo informal e autônoma, não está desvinculada da sua formação familiar, no sentido de que foi neste espaço, onde passou a ter interesses pelas leituras e discussões políticas.

Nas ideias de Silva (2001) dois princípios são nucleares em sua vida e em sua obra: autonomia e solidariedade. Estes são dois princípios importantes para que possamos compreender o indivíduo Maurício Tragtenberg, pois esses são valores de um tipo de perspectiva específica, que é a de um revolucionário. A autonomia diz respeito a sua formação histórica desde os primeiros passos no Rio Grande do Sul, sua vida na escola, pois não conseguia se inserir nas relações escolares, para tanto, buscava uma autonomia intelectual diante da instituição escolar.

Paulatinamente, sua trajetória diz respeito ao conjunto de indivíduos que conheceu e viveu historicamente, suas ações no que se refere às discussões estabelecidas, sejam

---

<sup>25</sup> No que se refere a burocracia, além do contato como servidor da Sabesp em São Paulo, Maurício Tragtenberg desenvolveu um estudo interessante sob esse fenômeno. De forma crítica analisou a burocracia mostrou que a burocracia é um tipo de dominação. Seu estudo foi publicado em forma de livro na obra *Burocracia e Ideologia* (2006).

dentro ou fora das universidades e na aproximação ao movimento operário de São Paulo. Desta forma, alguns apontamentos são fundamentais para compreendermos melhor essa questão.

O jovem Tragtenberg desvenda o mundo por meio do trabalho, do envolvimento na militância política no Partido Comunista, nas discussões na Praça Patriarca, nos cursos no Partido Socialista Brasileiro, no convívio com a família Abramo, os Tomazini, Hermínio Sacchetta e os trotskistas; pelas leituras na *Biblioteca Municipal Mário de Andrade*, no centro da capital paulista; e, com os espanhóis, catalães e anarquistas do Centro Republicano Democrático Espanhol, do Centro Catalão e do Centro de Cultura Social (OZAÍ, 2008, p. 65).

Ele foi além de trabalhador, um estudioso das formas de organização da vida dos trabalhadores a partir da concepção de Marx e outros autores, mas também atuou no sentido de contribuir com a luta destes. Ao longo de sua trajetória, esteve envolvido com partidos políticos, mas logo vai romper com esta forma de organização, não deixando de conhecer para posteriormente realizar sua crítica, principalmente aos partidos políticos chamados de “*socialistas*”.

Os Abramos em São Paulo foram importantes na sua trajetória, pois se trata de uma família com vários indivíduos com formação acadêmica, e neste caso inspiraram Maurício Tragtenberg no sentido de novas leituras. O diálogo com os espanhóis que tiveram contato com a Guerra Civil Espanhola de 1936, também foi importante para a leitura dos autores anarquistas.

Ainda sobre os partidos políticos, temos uma parte do seu livro de memórias, bastante interessante para ser narrado, pois podemos perceber como ele analisou historicamente os partidos políticos, inclusive desenvolveu alguns apontamentos teóricos sobre partidos e sindicatos, mostrando seus interesses e objetivos.

Outra universidade, para mim, foi o Partido Socialista. A princípio, eu achava o Partido Socialista meio babaca, porque o programa dele era eleitoralista, o voto era tudo. Falava muito de democracia, mas não tinha operário, só tinha intelectual e tinha um chamado grupo de centro. Esse grupo era uma espécie de cabeça socialista. Mas o programa do Partido Socialista de 1945, era um programa de Partido Socialista de 1926 (TRAGTENBERG, 1999, p. 31).

Os partidos políticos, se organizam para disputar as eleições, e visam ser eleitores, onde o voto é a grande saída para o partido chegar ao poder constituído do Estado. Nesta perspectiva, a democracia no interior destas organizações é limitada, pois tem normalmente um grupo para gerir, no sentido de atender sempre aos interesses dos dirigentes de partido e que pertencem a frações da classe dominante. Os trabalhadores no interior de um partido, são militantes e querem ter ascensão, mas quem vai definir as ações do partido são seus dirigentes. No caso dos intelectuais citados acima, estes são

auxiliares diretos na organização e gestão do partido, tem privilégios em funções e cargos sejam dentro ou fora do partido.

Assim, é possível perceber seu interesse por um conjunto variado de questões e posições políticas, pois a partir destas foi possível formar e consolidar a suas posturas intelectuais. Maurício Tragtenberg não estava lendo somente os autores considerados revolucionários, como Marx e Bakunin, mas sim diversos outros, como é o caso do próprio Max Weber que foi uma de suas bases para a compreensão do fenômeno da burocracia e das formas de dominação. Assim, foi discutir para se possibilitar compreender novas realidades.

Então, debater questões gerais sobre mudança social, os rumos do país, o papel do povo nesse processo, a classe operária, era impossível em casa. Mas me atraía muito. Essa sede era um espaço de discussão. Então me aproximei do partido em função desse tipo de discussão. E tinha aquela literatura de que falei, tinha muitos jornais à venda e muitos pequenos folhetos, folhetins de Lenin, folhetim de Stalin, coisinha pequena e tal, mas que para mim era um início de capital cultural. Eu só tinha feito o primário, não tinha feito o ginásio. Havia esse hiato entre o primário e a universidade. Como é que, na minha vida, esse hiato foi preenchido? (TRAGTENBERG, 1999, p. 44).

Assim, nos espaços públicos ao longo de sua trajetória, foi descobrindo lugares, indivíduos e grupos em geral, onde poderia realizar discussões sobre: sociedade, política, economia e questões mais gerais sobre as necessidades da sociedade, principalmente da classe trabalhadora. Desta forma, foi buscando materiais e contato para poder se inserir nestas discussões. Por outro lado, tinha a dificuldade da formação educacional em termos de formalidade, algo que vai ser superado em um momento posterior de sua vida.

As leituras eram realizadas desde simples folhetins como ele coloca, bem como literatura e outras temáticas no campo das humanidades que foram importantes para sua formação. Desta maneira, foi ampliando seu capital cultural e ao mesmo tempo compreendendo novas realidades.

Ainda segundo Tragtenberg (1999) “foi através desse tipo de capital cultural criado através do bairro, do contato com o pessoal do partido, do partido mesmo. Com toda limitação dos folhetos e o que seja, era um início de capital cultural para as discussões”. Esta formação que ocorre a partir de associações são fundamentais para pensarmos uma organização de bairro, pois visa discutir questões importantes tanto para o bairro, como para os trabalhadores que o integram, ou até mesmo regiões inteiras. São formas de lutas cotidianas dos trabalhadores, mas também de outros segmentos interessados, como donas de casa, a juventude e demais grupos integrantes da região.

Sua trajetória é carregada de contradições, sua autoformação, as dificuldades familiares, tudo isso não vai ser empecilho para continuar trilando sua história. Por outro lado, além do contato com os espanhóis, também foi convidado para realizar um debate no Centro de Cultura Social de orientação anarquista. Desta maneira:

Outra grande influência na formação de Tragtenberg foi o Centro de Cultura Social, de orientação anarquista. Foi neste contexto que ele foi convidado para fazer um quadro explicativo da Guerra Civil Espanhola a pedido dos organizadores de um evento sobre os acontecimentos históricos e que uniria anarquistas, comunistas (bolcheviques) e socialistas (social-democratas). Tragtenberg narra que quanto mais lia, mas descobria o papel do Partido Comunista Russo na contrarrevolução na Espanha, beneficiando o ditador Franco. Porém, ele não sabia do acordo estabelecido entre os grupos políticos envolvidos para acentuar as concordâncias e quando fez a exposição gerou uma forte polêmica (VIANA, 2008, p. 64).

A partir deste contato com os anarquistas, podemos perceber que ele já era um leitor dos autores russos e espanhóis defensores do anarquismo. Tinha leitura também sobre a *Revolução Russa*, bem como da *Guerra Civil Espanhola*. Ao realizar uma leitura distinta dos bolcheviques percebeu como o partido político russo atuou para realizar uma contrarrevolução na Rússia em 1917. Na realidade ao romper com o partido, vai percebendo que tanto os partidos políticos de orientação bolchevique, como os social-democratas são organizações que buscam a realização da manutenção da sociedade de classes. Assim, podemos perceber o papel dos partidos políticos, que é a defesa dos interesses da classe dominante e a sua relação entre os dirigentes e os dirigidos, bem como sua organização burocrática garante fortes poderes aos seus dirigentes.

Para citar Viana (2008) este autor afirma que Tragtenberg continuou a sua formação intelectual através dos centros de cultura, Biblioteca Municipal, amizades etc. Participou de debates e organizações políticas, desde social-democratas passando pelo trotskismo e anarquismo. Foram essas relações que de alguma forma, foram fortalecendo suas leituras e a definição de uma perspectiva política crítico-revolucionária. Maurício Tragtenberg era um leitor de correntes políticas variadas, mas foi conhecendo essas posições, que foi consolidando seu pensamento e ações políticas no sentido da defesa dos explorados.

Em outro momento o próprio Tragtenberg fala em seu memorial de suas faculdades, ou seja, desse conjunto variado de organizações, partidos, bibliotecas que ele frequentou e que são apontadas na citação de Viana (2008). Assim, ele aponta:

Porém, não posso deixar de incluir nas minhas universidades a família Abramo. Na época, Dna. Yole, mãe dos Abramoz, Lélia, Beatriz, Athos, Perseu, moravam na rua do Hipódromo, 425. Ali entrei em contato com a cultura italiana e com a visão crítica do bolchevismo, através de Athos, Fúlvio

e Lélia Abramo. Eu frequentava a casa deles aos domingos (TRAGTENBERG, 1998, p. 12).

Esta foi mais uma de suas “*universidades*”, isto quer dizer, mais um dos espaços de formação da vida de Maurício Tragtenberg. Este tinha certo interesse por uma formação autônoma e fora das instituições. Em síntese, Maurício Tragtenberg afirma que essas universidades foram fundamentais para sua formação intelectual. Ele narra que com essas universidades, passou a ter uma visão crítica da burocracia no movimento operário e, através do trabalho no Departamento de Águas de São Paulo, uma interna da burocracia como estrutura.

Como aponta os esclarecimentos acima, estas universidades foram a base para formação e o desenvolvimento de Maurício Tragtenberg como intelectual, apesar da sua entrada na universidade no final dos anos de 1950, quando foi cursar Ciências Sociais, mas logo desiste para cursar História.

Por outro lado, a burocracia como forma de organização vai ser uma de suas preocupações, pois afeta diretamente tanto a sociedade como o movimento operário e sua forma de organização como um todo, mas também a universidade, local onde vai trabalhar posteriormente.

Seus interesses intelectuais estavam além da formação acadêmica, pois ocorre antes mesmo da entrada na universidade. Podemos ver um conjunto de interesses intelectuais que ele tinha, por isso sua produção cultural é ampla e variada. Este autor não era um especialista ao modelo das ciências particulares, mas um intelectual autônomo que buscava analisar a sociedade a partir de sua totalidade.

Mesmo após a sua entrada na universidade, não vai cair nos modismos acadêmicos, vai pautar sua carreira pela crítica à sociedade capitalista, as organizações e instituições burocráticas. Trata-se, portanto, de interesses intelectuais variados, em suma, são alguns:

Dentre seus interesses intelectuais, algumas temáticas foram basilares de seu pensamento. A questão da burocracia, desde sua monografia de aspiração à entrada na USP, passando pela sua tese doutoral, e diversas obras, sempre foi constante. O estudo da burocracia tinha como grande influência o sociólogo Max Weber, mas também Marx, Bakunin e vários outros estavam envolvidos em suas reflexões sobre o fenômeno burocrático. A questão da autogestão também foi uma das mais permanentes em sua produção e reflexão, ou seja, a negação da burocracia também foi foco de seus estudos. Porém, neste caso ia além do simples “objeto de estudo”, tratava-se também de opção política, expressa magistralmente em sua obra *Reflexões Sobre o Socialismo*. As lutas dos trabalhadores, a autonomia e auto-organização do proletariado e campesinato foram uma preocupação constante, tal como se pode perceber em sua produção intelectual. Desde a juventude era um leitor de Rosa Luxemburgo, mas também outros autores marginais ou “malditos”, atraíram o

seu interesse (Makhaïsky, Korsch, Bordiga, Pannekoek, Gorter etc. (VIANA, 2008, p. 65).

Desta questão central de seus estudos, como bem aponta o autor acima que é a questão da burocracia, sua visão sobre esse fenômeno foi estudada a partir de uma crítica. Seus estudos geralmente partiam de uma perspectiva crítica-revolucionária, onde ao longo de sua vida foi sendo aperfeiçoada, pois em sua trajetória é possível perceber como foi cada vez mais tendo consciência correta da realidade para poder defender suas posições políticas. Desta forma, vai formando um tipo de pensamento peculiar, principalmente pela sua contestação radical.

Havia muita literatura política em iídiche. Quando morava no Bom Retiro, já adolescente, lia Rosa de Luxemburgo, a autobiografia do Trotsky, os pensadores políticos do Partido Socialista Revolucionário, chamado Menchevique, tudo isso, lia em iídiche. Sabia ler e falar iídiche. Depois perdi, deixei de falar, esqueci. Então tive acesso a todo um pensamento socialista, não propriamente leninista. No Bom Retiro, onde morava, havia bibliotecas, uma das quais num instituto cultural judaico-brasileiro, uma grande biblioteca em iídiche (TRAGTENBERG, 1999, p. 17).

A partir das inspirações na família e nos espaços de sociabilidade política, vai tendo contato com uma literatura cada vez mais ampla. Assim, do contato com trabalhadores resolve entrar para o (PCB) Partido Comunista do Brasil. Entretanto, descreve: “não tive dúvidas, ingressei na “*base*”, uma célula de bairro que funcionava no bairro do Belém, inicialmente pequena, composta de um pedreiro, um operário têxtil e uma dona-de-casa (TRAGTENBERG, 1998, p. 13). Os partidos políticos historicamente, desde suas origens, buscaram se organizar para aproximar os trabalhadores de sua base, sejam eles, social-democratas ou bolcheviques, como é o caso do Partido Comunista no Brasil. Neste caso, o termo comunismo na sigla do partido, acaba chamando mais adeptos para o partido. Essa base tinha um objetivo, vejamos mais alguns:

Quais eram as tarefas da “*base*”? Pichar muros, colocar cartazes do partido, participar na organização de comícios políticos, leitura obrigatória dos jornais do partido. Nas reuniões, o secretário político trazia um resumo do jornal o Estado de São Paulo e, assim, considerava cumprida a missão de informar em nível nacional e internacional o seu grupo (TRAGTENBERG, 1998, p. 13).

Normalmente, essa base desenvolvia atividades mais simples e braçais, pois a organização e ações mais amplas eram desenvolvidas pela direção do partido, então está explícita as diferenças entre a base e a direção. A leitura do jornal do partido e das informações trazidas pelo líder da “*célula*” eram as informações necessárias para a formação do integrante do partido.

Dentro do partido Maurício Tragtenberg participava da base e de eventos organizados pelo partido. Assim, ele narra que participou do IV congresso do PCB, onde prestes justificara o caráter “*progressista*” da burguesia industrial que o partido deveria apoiar para “acabar com o latifúndio e os restos do feudalismo” em 1945. Nesse período “começou uma movimentação assim: surgiu o Partido Comunista na minha vida” (TRAGTENBERG, 1999, p. 23). Ao longo de sua trajetória e após romper com o partido vai se tornar um crítico desta forma de organização e de outras, que se organizam a partir da relação entre dirigentes e dirigidos, intermediada pela burocracia.

Fato curioso que mostra as contradições nos partidos políticos, neste caso específico do Partido Comunista Brasileiro, que podemos perceber no relato de Maurício Tragtenberg, que o partido apoia a burguesia brasileira. Normalmente os interesses da burguesia e dos trabalhadores do campo ou da cidade, são distintos, onde a burguesia quer a todo custo, defender os seus interesses e ampliar a exploração dos trabalhadores. O latifúndio é de propriedade dos latifundiários e não dos trabalhadores. Desta forma, está claro os interesses desse partido político, a defesa dos interesses da burguesia e não dos trabalhadores. Historicamente esse partido político tem sua origem no bolchevismo russo, copiando o modelo deste partido.

Maurício Tragtenberg frequentava também outros locais, com discussões distintas das realizadas pelos partidos políticos, como é o caso de organizações de tendências marxistas, anarquistas etc. Em termos gerais ele descreve:

Porém, frequentava eu a Galeria Prestes Maia, onde reuniam-se trabalhadores, de tendências anarquistas, trotskistas e socialistas, além de comunistas e também integralistas, estabelecendo profícuo debate. Foi aí que eu soube pela primeira vez, através do vidreiro Domingos Taveira, militante sindical, o que fora a Revolução Russa, como fora esmagada a oposição Operária, fundada por Kollontai, pelo governo Lênin-Trotsky (TRAGTENBERG, 1998, p. 14).

Estes debates, como podemos perceber, ocorriam entre indivíduos e grupos ou até mesmo organizações que tinham percepções distintas da realidade, como os anarquistas e comunistas, socialistas e integralistas. Neste embate de posições políticas, Maurício Tragtenberg, vai percebendo os reais interesses dos partidos políticos e formando sua concepção política de crítica aos partidos políticos e sua forma de gestão e organização.

Na realidade a experiência da Revolução Russa, vai ser traumática para os trabalhadores, pois irão ser esmagados pela burocracia partidária e estatal, onde após a chegada de Lênin ao poder, ocorre a gestão do partido único e seus opositores sendo

perseguidos. O Estado Soviético passa a ser o reino da burocracia para seus dirigentes, mas principalmente para o partido ligado ao Estado de Lênin<sup>26</sup>.

Por outro lado, os valores adquiridos na família foram fundamentais na vida do jovem Tragtenberg, pois possibilitou leituras de diversas teorias, autores e idiomas, assim o saber que ele tanto criticou, foi utilizado de forma coletiva, não para imposição do poder, mas para contribuir com a luta dos trabalhadores. Neste sentido, faz-se importante citar:

Era um apaixonado pelo conhecimento, lia sistematicamente e apreciava a discussão crítica. Não cursou a escola de forma regular, mas por indicação de Antônio Cândido, pôde apresentar uma monografia à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Com isso, tornou-se historiador. Dizia que era o que era graças às “universidades” que cursara, isto é, às discussões de leituras que começaram à luz de vela no Sul, em meio aos camponeses, quando liam Bakounine, Kropotkine, Tolstoi e tantos outros (MOTTA, 2001, p. 67).

De fato, passou a ter um gosto pelo saber, pois desde criança foi aumentando suas leituras e conseqüentemente o seu capital cultural<sup>27</sup>, sua percepção crítica sobre a sociedade e sua forma de organização, é fruto de todo o processo de formação histórico e social deste indivíduo, que além de criticar a sociedade, criticava também as formas de dominação, do saber, do cotidiano, da vida na academia etc. Vimos que não há limites para suas leituras, pois por ser autodidata não precisava se submeter a disciplinas específicas ou a um sistema de exames sistemático e rígido característico de escolas e universidades.

Como não tinha uma especialidade definida a partir dos padrões acadêmicos e científicos, foi historiador, cientista social, professor, jornalista, pesquisador. Na sua concepção, acreditava que todos nós temos um potencial para o autodidatismo, sempre buscava passar para seus alunos. Segundo Meneghetti (2013) ao interpretar o pensamento de Tragtenberg, todo indivíduo é potencialmente autodidata e capaz de estabelecer as próprias condições e metodologias de aprendizado e a liberdade em poder escolher o que estudar. Em termos gerais, quando você escolhe o que quer estudar, facilita o encaminhamento das leituras, mas principalmente o interesse e o desejo de querer buscar certo tipo de saber.

---

<sup>26</sup> Nas palavras de Viana (2008), em relação ao Estado, Tragtenberg mantém a postura de Marx, isto é, o Estado é um instrumento de dominação de classe. Os partidos, mesmo os que se dizem de esquerda, são dirigidos por castas e não representam os trabalhadores.

<sup>27</sup> Ver a obra de Pierre Bourdieu *A Economia das Trocas Simbólicas* (2005) e Bourdieu e Passeron (2011) na obra: *A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino*.

Este saber autônomo é bem típico de intelectuais autodidatas, como foi o caso de Maurício Tragtenberg. Este inspirava seus alunos na busca por essa autonomia autodidata. Entretanto, não se tratava de um simples processo, pois sabemos que grande parte dos indivíduos ao buscarem uma formação na escola ou na universidade, tem consciência que esta é formalizada, tendo por base um tipo de saber específico, que é a ciência e sua autonomia é limitada, pela forma de organização da instituição.

Para alguns, essa autonomia é fruto de anos de leituras formais e com orientação de professores no espaço da escola ou da universidade, mas para Maurício Tragtenberg foi o contrário, inicialmente não precisava de professores e cursos no interior da escola ou da universidade, na maior parte de sua vida desenvolveu suas atividades de forma autônoma e sem o controle de professores e da instituição escolar.

Na década de 1950, foi um período importante para a trajetória de Maurício Tragtenberg, foi o momento em que entrou formalmente na universidade, assim descreve alguns apontamentos sobre a burocracia.

Assim, na década de 50, muito antes de aparecer Bourdieu como celebridade, percebia eu no Departamento de Águas que o estamento dos engenheiros só atendia alguém se esse alguém usasse o tratamento de “Doutor” dirigindo-se a ele. Caso contrário, não havia interação. Percebi como a burocracia pública, funcionava o sistema feudal do “patrocínio”, seu status dependia de a quem você estivesse “ligado” na burocracia. Você trabalhava ou ficava na ociosidade, dependendo do prestígio do seu “padrinho” (TRAGTENBERG, 1998, p. 15).

Bourdieu foi um dos autores no qual Maurício Tragtenberg desenvolveu leituras, principalmente sobre a educação, pois esse autor tornou-se uma das referências no Brasil pelo conjunto de sua obra. Nesta citação acima, podemos perceber as relações estabelecidas no interior de uma burocracia, que é a companhia de água, onde trabalhou e conheceu de perto essa forma de organização.

Percebemos também, como a burocracia estabelece privilégios para alguns poucos privilegiados, pois a relação daquele indivíduo com os chefes da burocracia, este acaba obtendo vantagens para resolver certos problemas, mas neste caso, também o funcionário desta instituição, dependendo de suas relações pessoais poderia até mesmo ter o privilégio de não trabalhar, ou seja, ser um funcionário “*fantasma*”, aparecendo somente para receber o salário no final de cada mês.

Este fato é bastante comum no Brasil, pois a burocracia pública acaba estabelecendo esses privilégios. Foi assim que Maurício Tragtenberg percebeu o funcionamento da burocracia na prática, ou seja, como um funcionário público que de alguma forma deveria defendê-la, por estar inserido nestas relações, mas não foi desta

forma que aconteceu, pois ao conhecer, tornou-se tornou um crítico desta forma de organização.

Sua forma de saber foi utilizada de forma crítica, não somente nos espaços informais que frequentava, mas também no interior das instituições onde trabalhou. Marrach (2001) afirma que foi um desses homens dotados de tenacidade, desejo de saber. E depois com esse saber, pôde ensinar a outros, transmitindo a sabedoria que sua inteligência lhe facultava. Esta disposição para contribuir com outros indivíduos, é fruto da sua formação em espaços de sociabilidade coletiva, bem como pelos seus valores que foram sendo formados ao longo de sua vida, principalmente no espaço da instituição familiar, suas experiências ainda criança no Rio Grande do Sul com seus avós, como é o caso da vida coletiva no campo e das próprias dificuldades enfrentadas por ele e pela família, pois várias vezes tiveram que mudar de cidade e até mesmo de estado.

Antônio Cândido (2001) diz que não custou para perceber que se tratava de um rapaz excepcional, sobretudo pela sede de conhecer e a integridade inabalável. Essa excepcionalidade, era pelo seu interesse em buscar cada vez mais o saber, era um indivíduo ousado, buscou cada vez mais saber. Foi militante em diversas organizações, até ser professor na universidade e não deixou ser cooptado por organizações burocráticas, apesar de tantas vezes ter sido convidado para exercer cargos políticos e sempre ter negado repetidas vezes, bem como especulações em jornais sobre sua possível candidatura em um processo político eleitoral na cidade de São Paulo. Na sua relação com Antônio Candido, este afirma que estimulou a fazer o curso de Ciências Sociais na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, onde era assistente de Sociologia.

Por outro lado, Carvalho (2001) comenta que em uma conversa de vinte minutos já se notava o volume de leituras que Maurício tinha feito, leituras baseadas nos ideais socialistas. Mas não somente socialistas de origem social-democratas, como também de marxistas e anarquistas. Diríamos que não seriam ideais e sim de uma perspectiva materialista histórica, tendo por base os textos de Marx e em outros momentos de Bakunin.

Essas leituras contribuíram para sua formação pessoal, mas também para a entrada na universidade. Neste sentido, faz-se importante notar como é descrito na análise de Silva (2011) que uma das características de Maurício Tragtenberg é a profunda coerência de pensamento e ação, reafirmando assim a noção de obra-trajeto. Isto quer dizer, não separou seu pensamento das ações, foram ações práticas no sentido da intervenção em certas realidades na qual esteve inserido.

Nas palavras de Valverde (2011) foi um intelectual de seu tempo, continha a inquietude do espírito em tudo que falou, escreveu, polemizou. Como pensador ilustre, exercitou a dignidade ética de dizer a verdade em ambientes públicos, nos momentos conturbados. Diríamos que colocou em prática, uma “*práxis*” revolucionária.

Por fim, a partir de sua trajetória pessoal e a experiência de décadas de leituras, da vida cotidiana em espaços de discussões informais, Maurício Tragtenberg tem a chance de entrar na universidade e cursar uma graduação. Essas experiências, bem como sua concepção de sociedade, foram importantes para sua inserção na universidade e posteriormente, uma carreira promissora dentro da academia, mesmo sendo crítico desta instituição.

Desta maneira, conseguiu como poucos o respeito tanto por parte de amigos ou até mesmo inimigos, consolidando assim sua carreira como professor e pesquisador. Na universidade vai buscar uma formação acadêmica e alguns títulos que irão lhe possibilitar seguir uma carreira dentro desta instituição, mesmo assim sua concepção crítica e a busca pela autonomia permanece.

### 2.3- A universidade e a formação acadêmica

Após ter realizado uma análise da autoformação de Maurício Tragtenberg, torna-se importante trazer para a discussão sua formação acadêmica, pois foi a partir desta trajetória intelectual em organizações, partidos, mesas de bares etc, que foi possível sua entrada na universidade, bem como os anos de leitura. Trata-se de um fato “*raro*” um indivíduo com autoformação e ter concluído a sétima série de nível primário e logo depois, o ensino primário completo, entrar para uma grande universidade como é o caso da (USP) universidade de São Paulo.

São dessas implicações que a história e a trajetória deste autor vão se tornando cada vez mais interessante para ser analisada. Assim, neste item iremos tratar da sua entrada na universidade e a busca por uma formação acadêmica, pois foi a partir da entrada nesta instituição que ele vai poder conhecer melhor o mundo da burocracia e as relações acadêmicas entre o alunato e o professorado.

Por outro lado, mesmo com a entrada na universidade, sua autoformação não é deixada de lado. As leituras acadêmicas são mais uma possibilidade de atuação e trabalho. No que diz respeito, as leituras acadêmicas, vai saber fazer uso mesmo de autores e

conceitos destoantes da sua concepção e perspectiva. Assim, usou e extraiu o que foi útil para compreensão de certas realidades, principalmente na orientação de pesquisas de seus orientandos.

Nesta proposição podemos perceber, “a experiência com os livros sempre foi mais prazerosa do que a experiência com seus professores ou nas organizações burocráticas em que trabalhou” (MENEGHETTI, 2013, p. 22). Desta maneira, pelas formas de controle existentes, tanto por parte dos professores, mas também pela instituição e sua organização burocrática. Na verdade, preferia os estudos fora do espaço da universidade, pois sua autonomia era maior, pois a partir de sua formação conseguiu nesta instituição realizar sua carreira acadêmica, mas com uma postura distinta dos demais intelectuais, principalmente pela sua perspectiva de análise nos seus estudos e concepção política.

Ainda segundo Meneghetti (2013), preferia compartilhar conhecimentos a tornar-se um mito e, de forma coerente, não seguia modismos acadêmicos e nem cedia à sedutora “*indústria intelectual*” para obter prestígio ou vantagens profissionais tão comuns nos dias de hoje. É certo que Maurício Tragtenberg sempre negou funções, cargos e outras formas de cooptação por parte de partidos, sindicatos e organizações, pois seus valores e perspectiva apontavam para a crítica destas, bem como o rompimento com todas essas instituições e organizações burocráticas. Gostava mesmo de compartilhar de todas as formas de saberes com alunos e outros indivíduos presentes no seu cotidiano, como é o caso dos grupos de trabalhadores e organizações destes no qual participou como debatedor e militante.

Tragtenberg (1999) afirma que já aumentara um pouco de peso e deixara de ser o “Gandhi”<sup>28</sup>. Foi quando Antônio Candido, no saguão da Biblioteca Municipal mencionara uma lei federal que permitiria eu apresentar uma monografia à FFCHL da USP, para prestar vestibular e cursar a universidade. Esta era a oportunidade para um indivíduo com formação primária entrar na universidade, ou seja, sair daquilo que ele chamava de as “*minhas universidades*” e entrar na formalidade do ensino. Foi a partir desta conversa com o referido professor que ocorreu sua entrada na Universidade de São Paulo. A partir, daí ele vai organizar o material para apresentação e posteriormente sua entrada formal na universidade.

---

<sup>28</sup> Era o apelido de Maurício Tragtenberg, por ser muito magro e ter certa semelhança com Gandhi.

Como leitor, já havia acumulado certo capital cultural para poder cursar a universidade, mas formalmente, não tinha concluído o ensino a nível de segundo grau, hoje ensino médio para obter uma graduação. O próprio Tragtenberg (1999) narra que além dele, outras pessoas fizeram também esse mesmo procedimento. Era a única forma de um autodidata ter acesso à universidade, realizar um exame a partir da apresentação de um trabalho para poder entrar como aluno normal de um curso de graduação.

No texto de Carvalho (2001) discorre sobre um fato importante, da possibilidade da entrada de Tragtenberg na universidade. Assim, ele narra: “Um dia, o Mário Franceschini disse para nós: escuta, o Maurício devia estar na faculdade, vocês não acham? É claro – dissemos – só que a faculdade não adiantaria muito para ele. Mas, enfim, diploma sempre serve para alguma coisa aqui nessa terra” (CARVALHO, 2001, p. 37). A necessidade de entrar na universidade, estava cada vez mais presente na realidade de Maurício Tragtenberg, pois além das leituras já realizadas, os amigos acabam incentivando para ele poder entrar nesta instituição. É verdade que a formação acadêmica pode facilitar a entrada do indivíduo no mercado de trabalho. Assim, alguns amigos começam a pensar juntamente com ele.

E começamos a pensar: Maurício introduzido na faculdade não só receberá o benefício do diploma, como poderá influenciar quem estiver lá dentro. Aquele ambiente acadêmico precisa de uma lição de autogestão, e ele, com disposição para contestação, conversa e orientação, poderá fazê-lo. Agora vamos falar com ele. Aí, então, aparece o problema: como vamos fazer para que ele ingresse na faculdade? Maurício se não me engano, não tinha feito o ginásio. Como entrar na faculdade? Eu e o Mário Franceschini, e depois o próprio Maurício, começamos a falar nesse absurdo que é o problema da educação. Imaginem vocês: um cidadão apto para dar aula em faculdade não pode prestar o vestibular por falta de um documento (CARVALHO, 2001, p. 38).

O diploma, pode possibilitar ao indivíduo uma profissão, pois a formalidade do saber produz diplomas e demais titulações, pois tanto os acadêmicos e a sociedade valoram essa formação institucional nas escolas e universidades. A perspectiva de pensar teoricamente e as ações da vida social em termos práticos, pode inspirar outros indivíduos. A universidade é um espaço onde os acadêmicos e cientistas em geral, acabam tomando posição sobre certas realidades, alguns até negam essa tomada de posição, pois acreditam na “*neutralidade científica*”. Neste sentido, o campo universitário, mostra suas contradições, pois ao mesmo tempo alguns buscam a conservação de certos aspectos da vida social e política, por outro lado, outros indivíduos buscam romper com todo o formalismo deste campo.

Na educação formal, no âmbito da universidade, alguns indivíduos recebem títulos de mestres e doutores e passam ter certa autoridade sobre determinadas formas de saberes,

assim passam a ter no interior tanto da universidade, como em empresas privadas e instituições, privilégios que um trabalhador do campo ou de fábricas e indústrias não tem. Desta forma, recebem melhores salários em relação aos demais trabalhadores, como também certo “*status*” na sociedade, bem como certo poder por integrar instituições de ensino, principalmente se esta instituição for reconhecida pela sociedade e meios de comunicação (televisão, rádio, revistas, jornais etc).

A formação na universidade, possibilita um diploma e uma habilitação em certas profissões. A partir daí, vai buscar essa formação no interior da universidade e se tornar um acadêmico com titulações, mas que não foram utilizadas para fins de imposição de autoridade, ou para a mercantilização do saber, mas sim para contribuir com o movimento dos trabalhadores e ao mesmo tempo buscou auxiliá-los no sentido da sua organização.

Mas, para entrar na universidade, tinha de escrever uma monografia, e a partir daí ser aprovado para ter a legitimidade da burocracia universitária e ser aluno regular. Para tanto, Tragtenberg (1998), afirma que em 150 dias de trabalho, estruturou a monografia intitulada *Planificação o Desafio do Século XX*, que, mediante parecer do prof. João da Cruz Costa, permitiu prestar vestibular e cursar a universidade. Porém, houve mais implicações sobre seu trabalho para entrada na (USP).

Antes, o trabalho tinha outro título, como bem descreve Carvalho (2001) pouco tempo depois, apareceu com o texto intitulado “*Por que o socialismo deve vencer?*” E nós estávamos em plena época do “*macarthismo*”. Eu disse: “talvez você vá para a cadeia. Pelo título do trabalho, é possível perceber a concepção crítica do autor em relação à sociedade capitalista. Neste sentido, além do contexto da época, poderia ter problemas para entrar na universidade pela sua perspectiva crítica, pois seu trabalho tinha uma expressão crítico-revolucionária.

Seu trabalho de cunho crítico chamou atenção do professor Antônio Candido, esse realizou algumas sugestões para Maurício Tragtenberg. Assim, vejamos mais de perto algumas dessas sugestões:

Mais precisava ser bem penteado, bonitinho, não pode ser um troço bah!!! e tá!!.. Aí eu dei para o Antônio Candido ler. Ele falou: “Isso é para a faculdade, esses termos aqui, toma cuidado, que isso não é um manifesto conclamando a nada, isso é um trabalho para a faculdade”, quer dizer, gente respeitável, respeitosa, bem vestida, com bons dentes, come três vezes ao dia, gente decente, uns vieram do estrangeiro (MARRACH, 2001, p. 20).

Neste relato, percebemos a forma irônica na qual descreve sua história para a entrada na universidade. Antônio Candido por ser professor na universidade, vai sugerir algumas questões importantes para que o texto estivesse adaptado para a avaliação na

congregação da instituição. Nas leituras desenvolvidas por Maurício Tragtenberg de forma autônoma, tinha seu método, mas não tinha o rigor exigido pela universidade, bem como uma formalidade, tanto para produção como para apresentação de um trabalho, assim não estava adaptado e nem conhecia essas normas internas, mas futuramente irá conhecer todas as formalidades burocráticas desta instituição, inclusive o rigor da ciência.

O trabalho para entrada na (USP), teve seu título modificado para: *Planificação o Desafio do Século XX*”, posteriormente foi publicado em forma de livro, sua primeira edição é de 1967. Desta forma nas palavras de Carvalho (2011), este coloca:

O boletim foi publicado e Maurício ingressou na faculdade. Tempos depois começaram nossas digressões contra a instituição chamada escola e outras instituições. Depois do ingresso de Maurício na faculdade, veio o problema das matérias com as quais ele não se dava bem; e aquilo que ele rejeitava era uma rejeição total e integral. Quando vieram as aulas de Antropologia Física, dizia: na aula de Antropologia tem antropometria, a gente vai lá para medir crânio? O que é isso? A gente entra na faculdade para aprender isso? (CARVALHO, 2001, p. 39).

Mesmo com a entrada na universidade, sua concepção crítica permanece, pois não se adapta inicialmente no espaço desta instituição. Suas preferências estão evidentes, desenvolver seus estudos de forma autodidata, onde sua autonomia é maior. Como ao longo de sua trajetória desenvolveu uma perspectiva de análise crítica da realidade, vai ter dificuldades para adaptação no espaço da universidade. Antônio Candido havia lhe sugerido extrair os termos, ideias ou conceitos críticos e que observasse para seu texto não ser uma espécie de manifesto, muito comum entre militantes políticos anarquistas, marxistas e revolucionários em geral. No final desse trecho, temos mais algumas ironias, quando coloca que os integrantes da sua banca de avaliação são indivíduos respeitosos, tem bons dentes e fazem três refeições por dia<sup>29</sup>.

Desta experiência, foi aprovado para entrar na universidade, passando a ser aluno regular da Universidade de São Paulo, mas antes disso, foi nomeado um relator para seu trabalho.

Nomearam um relator: Era o Cruz Costa, autor da *História das Ideias no Brasil*. Foi ele quem introduziu a preocupação com o pensamento brasileiro, com a política brasileira. Ele era baixinho, meio gordinho, conversava muito comigo no bar da Maria Antônia. Eu aprendia mil vezes mais conversando com ele no bar do que em muitas aulas (MARRACH, 2001, p. 21).

Realizado a defesa, tudo certo, o candidato agora pode cursar uma graduação na Universidade de São Paulo. A forma em que fala do relator do seu trabalho, fica

---

<sup>29</sup> Nesse contexto, no final dos anos de 1950, o Brasil era um país que apresentava fortes desigualdades sociais e não conseguia inserir sua população pobre em relações de trabalho e conseqüentemente de consumo.

explicitado a relação de amizade construída com esse professor. Mais uma vez aparece de forma irônica um relato de Tragtenberg ao colocar que aprendia mais no bar conversando com Cruz Costa do que em algumas aulas, isto porque na sua trajetória, aprendeu a realizar discussões em espaços informais, como é o caso do bar no qual está citando, mas também desenvolvia em rodas de conversas, praças, restaurantes e botequins. Esses espaços não são nada convencionais para acadêmicos, que estão normalmente vinculados às instituições universitárias.

Antes de entrar na universidade a partir de sua formação autodidata e da formação política em diversos espaços e organizações, teve também uma experiência como professor, pois já havia entrado no ensino secundário e nesse contexto ainda era possível ser professor sem ter uma formação superior. Seguindo essas ideias, podemos citar:

Na época em que Maurício ingressou no ensino secundário, ainda era possível dar aula, realizar-se como docente e viver bem com o ofício do magistério. Maurício passou no concurso de ingresso em primeiro lugar e foi dar aula na cidade de Iguape, no litoral sul paulista. Começou a lecionar, dando-se muito bem com os alunos, que compreenderam sua missão (CARVALHO, 2001, p. 39-40).

Este passa então, a desenvolver atividades como professor do ensino básico, mesmo sem formação acadêmica e uma titulação definida. Agora, a partir de sua entrada na universidade sua realidade vai ser modificada, mesmo tendo dificuldades para se relacionar com os professores e a forma que estes atuavam nas aulas. Entretanto, o termo utilizado pelo autor acima “*dando-se muito bem com os alunos*”, é fruto da sua formação histórica como indivíduo, na família e nas suas formações autônomas que ele chamava de as minhas universidades. Sua perspectiva é distinta da instituição escolar, pois esta busca impor ao alunato uma forma de controle e vigilância muito forte, mesmo que a autonomia do professor seja controlada e limitada, Maurício Tragtenberg conseguiu desenvolver até certo ponto um trabalho interessante com os alunos, mesmo sem ter ainda uma formação para este fim.

Na universidade foi um acadêmico, mas não estava somente preocupado com teorias e conceitos abstratos. Esteve ligado diretamente as discussões e pensava a partir de uma concepção crítico-revolucionária, ao mesmo tempo em que contribuía com a luta dos operários brasileiros e esteve inserido em suas lutas na cidade de São Paulo.

Boa parte de sua vida acadêmica relacionou-se com a Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com a Universidade Estadual de Campinas e com a fundação Getúlio Vargas, em São Paulo. A generosidade marcava sua relação com os alunos e com os colegas. Com frequência, ao encontrar um mestrando ou um doutorando, lembrava-se de seu tema de dissertação ou tese e acrescentava referências bibliográficas (MOTTA, 2001, p. 68).

Antes de chegar a estas instituições foi professor no ensino básico no interior de São Paulo, mas sua trajetória foi marcada pelo trabalho desenvolvido nestas instituições na qual são citadas acima. Como era um revolucionário, sua generosidade, solidariedade e humanismo, estava presente na relação com os outros indivíduos, sejam alunos, ou professores. Sempre ao encontrar com alunos, iria logo fazendo sugestões de leitura, fato importante para a pesquisa, possibilitando assim uma ampliação do objeto e do referencial teórico desse aluno. Essas ações, são fruto também da sua formação antes mesmo de chegar na universidade para cursar a graduação, tanto é que no início não se adaptou com as aulas e professores. Neste sentido, podemos citar que:

Maurício pôde prestar vestibular e ingressar na Universidade de São Paulo. Sua opção inicial foi o curso de Ciências Sociais. Não se adaptou, porém, à rotina escolar, ao sistema de exames e trabalhos e não obteve sucesso em algumas disciplinas. Preferia o estudo solitário, a leitura na biblioteca (OZAÍ, 2008, p. 87).

Em síntese, inicialmente não se adapta a organização burocrática da universidade, pois é um tipo de indivíduo que passou historicamente um longo período de sua vida desenvolvendo atividades de leitura e escrita de forma autônoma e sem o vínculo com uma instituição, teve dificuldades em se adaptar a essa nova realidade. Inclusive foi comum algumas reprovações ao longo de sua vida como aluno tanto na escola ainda em Erechim, mas também na universidade. Posteriormente, volta para cursar outra graduação, agora em vez de Ciências Sociais, resolve fazer História, que na época era realizado juntamente com Geografia, concluindo o curso em 1959.

A partir daí continua desenvolvendo seus estudos no campo das Ciências Sociais. Uma experiência interessante narrada por Ozaí (2008) é que mesmo antes de entrar na vida acadêmica Maurício Tragtenberg frequentava a Faculdade de Filosofia da (USP) na rua Maria Antônia, devido à sua militância política. E por esta ligação termina por ir aos mesmos lugares que, em geral os jovens estudantes daquela época costumavam frequentar.

Pelo fato de frequentar a universidade antes mesmo de se tornar um acadêmico, não irá fazer diferença na sua vida, pois sua formação intelectual e política pressupõe ser antes mesmo da entrada na universidade e a formação de seu pensamento, valores e perspectiva política já estavam formadas. Assim, a universidade ser um momento bem específico de sua vida, lhe possibilitando uma formação acadêmica com títulos, para poder exercer a função de professor de ensino superior e orientar mestrado e doutorado.

Teve sua primeira experiência como professor universitário em 1963, quando foi contratado como docente na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São José do Rio Preto, antes tinha sido professor do ensino secundário. Depois em diversas outras instituições, como a própria (USP), Unicamp, (FGV-SP), (PUC-SP), onde desenvolveu atividades como docente e pesquisador.

Sua carreira, vai ser distinta da maioria dos intelectuais no interior da universidade, pois sua trajetória está vinculada a perspectiva do proletariado e por ser autodidata. Fato distinto, pois grande parte dos acadêmicos estudam somente a partir de livros e artigos, sem ter um contato direto com o trabalhador no chão de fábrica, e contribuindo com sua organização e luta, contra as formas de opressão, exploração e dominação existentes nos locais de trabalho. Em síntese, os acadêmicos não têm a obrigação de ter contato com trabalhadores do campo ou da cidade, mas Maurício Tragtenberg estabeleceu estas relações com os trabalhadores, no sentido de contribuir com sua luta política, pois a sociedade pode ser um campo de análise tanto teórico, como prático.

Ozaí (2008, ressalta no pensamento de Tragtenberg, que a universidade, à maneira da televisão, cultua o estrelismo e as celebridades. Seu esforço em ouvir e falar a língua dos dominados é, ao mesmo tempo, uma crítica ao *homo academicus*. De fato, esse culto ocorre tanto por parte dos alunos e da própria sociedade, pois esses indivíduos acabam sendo “*diferentes*”, principalmente pelo tipo de atividade que desenvolvem no interior da instituição e de serem reconhecidos nos espaços socialmente construídos, como também pela mídia e são extremamente vaidosos.

O termo “*estrelismo*” é para dizer que na verdade alguns até se sentem “*estrela*”, no sentido de brilhar mais que outros. Nos termos de Bourdieu, é uma crítica ao homem da academia, ao acadêmico. Maurício Tragtenberg não só falou a língua dos explorados, como esteve do lado destes. Na sua luta cotidiana, além de escrever um conjunto de obras, traduções e artigos que estavam direcionadas diretamente ao operariado brasileiro. Assim,

De fato, a universidade desenvolve determinadas práticas acadêmicas e administrativas que, algumas vezes, escondem movimentos contraditórios. O processo de seleção dos membros de sua comunidade é um exemplo dessas práticas. A seleção dos alunos da graduação e da pós-graduação, caracterizada pela igualdade de oportunidade, esconde o fato de que, em cursos de alta demanda, as maiores oportunidades são conferidas aos que tiveram acesso prévio a um ensino privilegiado; a seleção dos docentes por meio de concurso, às vezes esconde a preferência das bancas pelo conteúdo teórico e político dos candidatos, quando não por relações interpessoais (FARIA, 2001, p. 73).

Essas contradições são visíveis, principalmente quando o acadêmico parte de uma perspectiva distinta da estabelecida no interior desta instituição. A busca pela neutralidade científica na maioria dos cientistas é uma prova de que as contradições as vezes são “*escondidas*”. É uma instituição que de alguma forma acaba reproduzindo certos valores da sociedade capitalista no seu processo de seleção, tanto de alunos como de professores, pois nem sempre o mais competente é aprovado. Como bem diria Tragtenberg em sua obra *Educação e Burocracia (2012)*, escolhe os escolhidos social e economicamente, pois previamente, aqueles que tiveram acesso as melhores instituições de ensino básico e de famílias privilegiadas, é que irão ocupar as vagas nos cursos com maior demanda, apesar de não ser na totalidade, inclusive as negociatas para aprovar alunos em processos seletivos de mestrado e doutorado, principalmente pela questão do currículo invisível, como o próprio Tragtenberg analisa, ou seja, o currículo visível, isto quer dizer, o que você produziu e o currículo invisível são as relações de amizade com professores para facilitar a aprovação de determinados candidatos.

Essas práticas não são características das universidades brasileiras, ocorre também nos espaços de outras instituições e demais empresas privadas etc. A análise de Bourdieu sobre o campo universitário, deixa bem claro estas questões no interior da universidade. O que fez Tragtenberg no interior destas instituições e empresas privadas na qual trabalhou, foi lutar contra as formas de manipulação, fraudes e até mesmo corrupção existentes nesses espaços, por parte de professores e alunos.

Por outro lado, a universidade não é o espaço da excelência do saber, existem outros espaços para que o indivíduo possa ter acesso a este, inclusive espaços informais, onde podemos buscar uma autoformação. Esta é uma instituição que tem seus problemas, conflitos e principalmente contradições sociais e políticas.

Quando a “unidade coletiva” da universidade é ameaçada por desvios particulares ou corporativos e por críticas que revelam suas fragilidades, observa-se que a defesa do instituído diante das possibilidades de sua transformação democrática reafirma a existência de um universal totalmente aparente que, de novo, é somente a soma de infinitas particularidades, cada qual sem abdicar de seus interesses privados e encerradas em sua esfera, caracterizando o coletivo como elemento particular, essencialmente “desorgânico”, nas costas dos indivíduos (FARIA, 2001, p. 73).

Na verdade, esta instituição se adapta de acordo com a realidade presente. Normalmente uma instituição de ensino superior pública é financiada pelo Estado, então as determinações para seu funcionamento, suas normas e regras, dizem respeito a uma instância superior que vai definir determinadas práticas no interior desta instituição, mas esta tem uma autonomia relativa diante do Estado. Mesmo assim, sua forma de

organização reproduz os interesses do Estado. Esta não é uma instituição fora da sociedade, sua produção intelectual deve ser aplicada nos espaços sociais para resolver problemas sociais, seja intervindo na realidade ou até mesmo oferecendo serviços ligados diretamente à sociedade civil.

A universidade, não está isenta de problemas que caracterizam suas contradições, sejam elas, internas ou externas. A saída é sempre a reorganização interna para que essa instituição possa continuar funcionando, mesmo com problemas. Críticas irão ser realizadas, tanto pela sociedade, pelo seu elitismo, como também de intelectuais integrantes desta instituição, pois esses têm uma concepção distinta e crítica da mesma, não aceitando a sua forma de organização e atuação social.

Podemos dizer que Maurício Tragtenberg realizou essa crítica. Mesmo esse indivíduo criando fama de jovem inteligente. Assim, cabe ressaltar um relato interessante sobre esse fato:

Então, na universidade, tinha gente com medo de chegar perto de mim. Isso até a própria Beatriz me confessou um dia, dizendo que quando ela ouvia falar de mim na universidade, tinha até medo. Por que eu tinha entrado na universidade, apresentando uma monografia, quando todos só apresentam quando saem. Tinha apresentado a monografia para entrar. E como eu tinha muito essa mania de converter o outro ao que achava certo, percebi que estava usando a cultura de maneira agressiva, no sentido de fazer a pessoa pensar como eu, de arrasar e destruir tudo o que ela falava. Esse tipo de atitude me afastava das pessoas (TRAGTENBERG, 1999, p. 56).

Para compreender melhor esse fato, é necessário analisar a entrada dos indivíduos na universidade, que normalmente ocorre a partir da aprovação no vestibular. No caso de Maurício Tragtenberg, este se fez valer de uma lei federal que amparava um indivíduo como ele, que tinha certo saber acumulado e a partir daí apresentar uma monografia na área pretendida e posteriormente entrar como aluno regularmente matriculado no curso. De alguma forma, isso lhe deu certo “*status*” dentro da instituição principalmente em relação aos alunos do seu curso, pois sabiam que a sua entrada ocorreu a partir da aprovação por uma banca formada por professores. Geralmente, a monografia é apresentada no final do curso e no seu caso, apresentou antes do fim do mesmo. Sua entrada só foi possível pelas informações obtidas a partir do professor Antônio Candido, mas também pela quantidade de leituras acumuladas ao longo de sua trajetória.

Pela sua trajetória e militância historicamente, foi possível no seu caso, acumular um conjunto variado de leituras no campo das Ciências Sociais e posteriormente pleitear uma vaga na universidade. Neste caso, passou ainda na sua juventude a buscar sempre trazer os indivíduos para sua perspectiva e pensamento. Esse comportamento de tentar

“*converter*” os outros indivíduos para o seu lado, para o que você acredita ser certo, coerente e verdadeiro, de fato não foi algo bom para sua carreira, pois acabava afastando outros indivíduos, mas também o achando arrogante, mas essa postura logo vai ser corrigida.

Sua entrada na universidade, vai ser carregada de contradições e conflitos individuais, pois além da adaptação, agora o indivíduo Maurício Tragtenberg tem que estabelecer relações com professores e alunos a partir de certa organização da burocracia, controle etc., fato que inicialmente vai ser um problema para a sua inserção no interior desta instituição. Neste caso, ocorre uma adaptação e ao mesmo tempo, Tragtenberg forma uma concepção sobre seus colegas, professores e da própria universidade.

Neste sentido, tem acesso a novas formas de saberes e distintos dos que até então teve contato, pois se tratava de concepções teóricas voltadas para a compreensão da social-democracia, anarquismo, marxismo, bolchevismo etc. Essas formas de saberes também foram úteis para sua vida no âmbito da academia, pois não se tratava de um debate recorrente na universidade, poucos intelectuais faziam essa discussão passando então a fazer a divulgação de um pensamento distinto do que geralmente temos no interior das universidades.

Então, sua concepção sobre a universidade, vai também transformando seu pensamento, pois suas leituras estavam fora desta. Passou a conhecer a instituição e observar as formas de relações estabelecidas internamente. Agora, conhece a formalidade do saber, das leituras e de como proceder em discussões e demais debates no âmbito da universidade, algo bem distinto das discussões informais estabelecidas em suas “*universidades*” e do seu cotidiano.

Assim, passou a intermediar sua formação anterior, ou seja, sua autoformação e com a formação acadêmica. Na universidade continuou desenvolvendo uma concepção crítica das realidades pesquisadas, pois geralmente a academia acaba limitando o indivíduo a partir de leituras de concepções conservadoras da ordem social e política, por suas obrigações e formalidades para a realização de atividades de pesquisas.

Desta forma, esse pensamento crítico foi sendo cada vez mais ampliado e possibilitando novas formas de saberes.

Sua inteligência inquieta o levou à busca permanente não só do novo, mas também da história não revelada pela produção oficial, fosse esta considerada de direita ou de esquerda. Essa atitude o acompanhou durante toda sua vida. Daí ter sido ele o grande divulgador, no meio acadêmico, de uma vasta literatura de esquerda, crítica da ortodoxia marxista, o que permitiu a muitos de nós, que fomos seus alunos e orientandos, ir muito além da reconstruída

pelos comitês centrais de inúmeros partidos e grupos políticos que se pretendiam donos da verdade histórica (BRUNO, 2001, p. 114).

Sua produção intelectual e ação política, estiveram ligadas a uma perspectiva crítica. Ainda na visão de Bruno (2001) diz que seu trabalho era corajoso, custou muitos desafetos, prosseguindo durante toda sua vida, já é de um valor inestimável, demonstrando, aliás, uma generosidade única nos meios intelectuais. De fato, quando se parte de uma perspectiva distinta, como no caso deste autor, trata-se de uma concepção crítica-revolucionária. Desta forma, gerou conflitos com indivíduos defensores de outras posições políticas.

No âmbito da intelectualidade como classe social, os indivíduos possuem interesses pessoais e de classe, onde esses nem sempre coincidem com os da sua classe social, pois esses em alguns momentos são antagônicos, mas também podem assumir posições, tanto em termos de concepção política, científica etc., ao mesmo tempo defender os interesses da burocracia.

Os grupos de intelectuais no interior da universidade desenvolvem pesquisas nos mais variados campos do saber. Porém, nesta instituição, buscam espaço para a consolidação como intelectuais. Tanto em termos individuais, ou em grupos de pesquisas, há a luta por esse espaço, onde cada um desses indivíduos busca se inserir e conseguir recursos e financiamentos, tanto por parte do Estado e de empresas privadas que tenham interesses em financiar seus projetos de pesquisas.

No caso de Maurício Tragtenberg, manteve certa autonomia em relação as instituições, pois além de ter uma perspectiva distinta, não entrou no jogo de financiamentos para desenvolver pesquisas para atender aos interesses do capital, tal como está presente em seu texto *Saber e Poder* (2004), onde realiza a crítica do saber que é aplicado na reprodução do poder e dos interesses da classe dominante.

Portanto, sua postura além de crítica buscou sistematicamente novas formas de análise e interpretação da realidade social e política, sendo um crítico das relações sociais existentes no interior da sociedade capitalista. Desta maneira, Bruno (2001) contribui com mais algumas reflexões:

Tragtenberg tinha, da realidade social, uma visão integrada, o que é raro, nos dias que correm, no campo das ciências sociais, cada vez mais fragmentado em temáticas, transformadas em especializações encerradas em si mesmas. Isso que pretende ser uma resposta à chamada crise dos paradigmas totalizantes tem uma função política que não podemos ignorar. Trata-se de dificultar a apreensão da sociedade contemporânea como totalidade complexa, ignorando a lógica em que seus elementos são inter-relacionados e hierarquizados (BRUNO, 2001, p. 116).

Além de integrada, era um crítico da realidade social em seus diversos aspectos. De fato, ocorre uma fragmentação no campo das Ciências Sociais, onde acabam produzindo pesquisas de forma fragmentada e sem uma conexão direta com uma realidade mais ampla. No caso de Maurício Tragtenberg, este produziu sobre temas variados. Este, não era um especialista em um único campo do saber, pois conseguia analisar a sociedade em sua totalidade.

Seguindo as ideias de Bruno (2001) ao contrário, o que parece predominar nas universidades e nos centros de pesquisa social é a fragmentação dos saberes, o acúmulo de informações e de descrições pontuais acerca de objetos de estudo encerrados em si mesmo, alimentando a ausência de crítica e de ousadia teórica, que caracteriza a maior parte da produção intelectual recente.

Quando falamos da trajetória intelectual e política de Maurício Tragtenberg, estamos nos referindo a um indivíduo que desenvolveu atividades intelectuais de forma autônoma, pois grande parte de sua trajetória foi desenvolvendo leituras e atividades autodidatas.

Então, podemos dizer que não foi um simples especialista no campo universitário. Pela sua perspectiva de pesquisa, não foi um especialista e não se enquadrava em uma especialidade no campo do saber. Seu método de análise, pressupõe a compreensão do fenômeno estudado a partir de suas múltiplas determinações e visa compreender a sociedade a partir da luta de classes. Torna-se importante trazer mais informações sobre suas ações e práticas intelectuais.

Falemos, sim, de alguém que dignifica a vida acadêmica, fora das disputas de quantificação curricular, com tratamento enérgico dos problemas, matizado ora de verve ora de sátira corrosiva do *establishment* burocrático. Poucos intelectuais deste país têm igual percurso, não previsto. É o intelectual original. Não é o intelectual curricularmente programado. Nele, a confluência de saberes – que tanto assusta aos fabricados em determinado curso, em determinada área (RESENDE, 2001, p. 137).

Em sua trajetória no interior da universidade, fez “*diferente*”, buscou continuar sua produção, mesmo com os limites que a burocracia impõe, a questão de recursos e financiamentos, mas também pela sua perspectiva política. Como não estava preocupado em ter contratos e ganhar dinheiro com publicações, conseguiu realizar seus estudos e publicações, pois a universidade foi também um lugar para contatos com indivíduos de distintas origens.

Sendo assim, conseguiu publicar em revistas, jornais e editoras, pela sua perspectiva política, mesmo sendo um crítico desta sociedade. Sua trajetória é marcada

por uma série de contradições, pois não foi um intelectual acadêmico desde o início, mas acumulou leituras e depois de quase três décadas se inseriu na universidade, e a partir daí teve uma formação acadêmica e títulos que lhes possibilitaram seguir sua carreira. Por ter uma trajetória autodidata e conhecer os ditames da burocracia das instituições, conseguiu desenvolver seus trabalhos no âmbito da universidade, sem se preocupar em fazer carreira e de forma produtivista, sua produção era multidisciplinar.

Assim, Uhle (2001) desenvolve alguns apontamentos sobre a vida de Maurício Tragtenberg no âmbito da universidade e da sua luta política, pois procurou construir um espaço de trabalho e reflexão de onde pudesse denunciar o exercício da dominação, da exploração e da falta de ética onde quer que se manifeste. Nesse sentido, fez alianças sempre provisórias, seus compromissos eram com ideias, com princípios. Não assumia partidos ou grupos de amigos na luta política. Seus aliados eram aqueles com quem ele concordasse inteiramente. Não fazia concessões. Quando aqueles a quem defendia ou se aliava começavam a dar mostras de fraqueza, quando ele sentia um cheiro de cooptação no ar, era ora de mudar de time.

Não somente denunciar, mas também combatê-las, pois a falta de ética tanto nas instituições como nos movimentos sociais são comuns, principalmente aqueles que se deixam cooptar por dinheiro, ou cargos em instituições públicas e empresas privadas. Sua luta foi autônoma, mas ligada ao movimento operário que tanto defendeu, porém, um movimento operário capaz de auto-organização para sua luta e sem relações burocráticas. No seu caso, como era um intelectual e estava vinculado com a universidade, seria mais fácil ser cooptado por um partido ou até mesmo sindicato.

Por outro lado, nas ideias de Uhle (2001) Maurício Tragtenberg tinha um compromisso permanente com a produção do conhecimento e, para isso, apostava na liberdade do pesquisador para buscar problemas socialmente relevantes para seus estudos. O saber quando problematizado e partindo de pressupostos críticos, visa resolver problemas sociais, mas para que isso ocorra é necessária certa autonomia do pesquisador, algo difícil nos limites da sociedade capitalista.

A universidade foi um espaço no qual desenvolveu um conjunto de atividades, mas não deixou de ser um crítico desta instituição. Sendo professor e pesquisador buscou ter sua autonomia diante da burocracia da instituição, mas com certo limite, pois não podia realizar todas as atividades que tinha interesse. No que se refere a universidade, ainda produziu textos sobre as relações nesta instituição, realizando uma crítica ao seu modelo de organização, realizou traduções dos textos de Max Weber.

No que diz respeito a universidade, no texto *A Delinquência Acadêmica* desenvolve reflexões interessantes sobre as relações que ocorrem no interior desta instituição. Sua análise é sociológica, mas também histórica e política, pois mostra como um conjunto de relações sociais ocorre no interior desta instituição. Desta maneira, podemos dizer que:

A universidade não é algo tão essencial como a linguagem; ela é simplesmente uma instituição dominante ligada à dominação. Não é uma instituição neutra; é uma instituição de classe, na qual suas contradições de classe aparecem. Para obscurecer esses fatores, ela desenvolve uma ideologia do saber neutro, científico, a neutralidade cultural e o mito do saber “objetivo”, acima das contradições sociais (TRAGTENBERG, 2004, p. 12).

Neste sentido, podemos perceber a ligação entre o saber e o poder, pois sua produção é utilizada para atender aos interesses da classe dominante. Assim, a universidade é uma instituição a serviço da classe dominante capitalista, onde as classes sociais exploradas têm seu acesso limitado a esta instituição no sentido de uma formação acadêmica. Isto não é uma homogeneidade, pois ocorre que alguns poucos integrantes destas classes sociais conseguem entrar na universidade, mas suas condições são distintas, pela questão da formação social e das condições econômicas de acesso e permanência nesta instituição.

Segundo Tragtenberg (2004) hoje ela forma a mão-de-obra destinada a manter nas fábricas o despotismo do capital; nos institutos de pesquisa, cria aqueles que deformam dados econômicos em detrimento dos assalariados; nas suas escolas de direito, forma os aplicadores de legislação de exceção; nas escolas de medicina, aqueles que irão convertê-la numa medicina do capital ao utilizá-la repressivamente contra os deserdados do sistema.

Quando o autor se refere sobre a deformação de dados, esses dados são manipulados de acordo com os interesses do Estado. A questão da justiça, é uma justiça burguesa que visa sistematicamente defender aos interesses da classe dominante. A medicina que cada vez mais é mercantilizada, onde o trabalhador não tem condições de pagar por esse tipo de serviço especializado, então o acesso ao trabalhador fica cada vez mais limitado.

É um tipo de educação que possibilita uma formação aperfeiçoada para as classes privilegiadas e uma “*escolarização*” para os dominados. Assim, Tragtenberg (2004) afirma que na instância das faculdades de educação, forma-se o planejador tecnocrata, a quem importa discutir os meios sem discutir os fins da educação, confeccionar reformas educacionais que na realidade são verdadeiras “*restaurações*”. Forma-se o professor-

policial, aquele que supervaloriza o sistema de exames, a avaliação rígida do aluno, o conformismo ante o saber professoral.

Neste caso, para ser aplicado no interior das escolas de base, que normalmente por serem financiadas pelo Estado, acabam reproduzindo os interesses desta instituição. Estas reformas como o próprio Tragtenberg cita em sua obra *Educação e Burocracia* (2012) são a certeza de que nada irá mudar, pois quando você quer ter a certeza de que não vai haver mudanças, basta fazer uma reforma educacional. Neste sentido, são os planejadores tecnocratas os responsáveis por essas reformas educacionais que não altera as relações sociais. São formas de realizar a manutenção da dominação do Estado e da própria classe dominante que trabalha de acordo com os interesses do Estado.

Na relação escolar no modelo organizado pelo Estado, o professor é o detentor do saber, o aluno aquele indivíduo passivo diante deste saber. Isso ocorre tanto nos espaços das escolas de base, como nas universidades, só que com algumas diferenças. Na universidade os alunos têm maior autonomia em relação aos da escola de base, seja pela formação social, ou até mesmo pelo nível de consciência. Sobre a universidade, Tragtenberg realiza uma análise histórica, mostrando algumas de suas distinções.

A universidade classista se mantém por meio do poder exercido pela *seleção* dos estudantes e pelos mecanismos de *nomeação* de professores. Na universidade mandarinal do século passado, o professor cumpria a função de “cão de guarda” do sistema: produtor e reproduzidor da ideologia dominante, chefe de disciplina do estudante. Cabia à função professoral, acima de tudo, inculcar as normas de passividade, subserviência e docilidade, através da repressão pedagógica, formando a mão-de-obra para um sistema fundado na desigualdade social, a qual acreditava legitimar-se através da desigualdade de rendimento escolar; enfim, a escola “escolhia” pedagogicamente os “escolhidos” socialmente (TRAGTENBERG, 2004, p. 13).

A universidade estabelece formas de exames para selecionar alunos e professores, mas de forma distinta. Aqueles indivíduos com melhor preparação e tempo de estudo, e que normalmente são indivíduos pertencentes as classes privilegiadas, irão passar facilmente nesses exames. Em relação ao professorado a forma de entrada normalmente nas universidades públicas é o concurso público, realizando um exame em várias fases e avaliados por uma comissão julgadora, que vai realizar todo o processo de avaliação e julgamento dos candidatos. Maurício Tragtenberg, conhecia muito bem esses exames, pois realizou vários, era aprovado e nunca foi nomeado, falava sempre que era campeão em passar em concursos, mas não levava.

Nesse sentido, o autor está se referindo a um tipo específico de universidade, que é a mandarinal do século XIX na China. Neste caso, o professor é reproduzidor das relações sociais dominantes no interior desta instituição, tendo por base uma forte disciplina. Ao

estudar a universidade neste contexto, percebemos que é uma instituição que de fato, trata os indivíduos com distinção, pois nem todos tem as mesmas condições para ter acesso, bem como uma formação acadêmica. O professor nesse processo é o grande detentor do saber, onde as formas de opressão e repressão são comuns.

A universidade tem um objetivo que é a formação de mão-de-obra para o mercado de trabalho. Formação de técnicos para trabalhar nos diversos espaços da sociedade, no sentido de auxiliar na produção e reprodução da sociedade capitalista. Tragtenberg (2004) coloca ainda que é o mito da assessoria, do posto público, que mobiliza o diplomado universitário. Em síntese, é isso que busca grande parte dos acadêmicos, assumir uma posição no interior de instituições e empresas privadas e ser bem remunerado. A partir de sua formação acadêmica é possível esses cargos ou funções específicas no interior destas instituições, pois agora esse indivíduo passa a ser detentor de certo saber, principalmente em termos de ser um especialista em um campo do saber, possibilitando assim certa autoridade e autonomia para desenvolver suas atividades.

Esta autoridade sobre certas formas de saberes é comum na sociedade capitalista e a valoração da formação técnica, tecnológica e acadêmica. Assim, estes indivíduos tem uma formação aperfeiçoada para ocupar os melhores cargos e funções tanto nas empresas privadas e interior do Estado, pois trata-se de uma instituição que cada vez mais necessita de indivíduos com formação especializada para trabalhar e atender aos interesses do Estado e do capital. Suas ações ocorrem a partir de uma forte burocracia e necessita cada vez mais se racionalizar para cumprir seus objetivos.

Segundo ele, alguns professores trocam o poder da razão pela razão do poder. Desta maneira, “é necessário realizar a crítica da crítica-crítica, destruir a apropriação da crítica pelo mandarinato acadêmico (TRAGTENBERG, 2004, p. 13-14). No interior da universidade, se estabelecem relações de poder, onde professores irão impor práticas autoritárias em relação aos alunos e forte controle sobre sua vida acadêmica (sistema de provas e exames, chamada no diário etc.).

Na perspectiva de Tragtenberg (2004) a universidade reproduz o modo de produção capitalista dominante não apenas pela ideologia que transmite, mas também pelos servos que ela forma. Produz para a sociedade e o modo de produção que o representa. Esta também transmite uma ideologia e segundo o autor, busca formar indivíduos adaptados ao modelo da sociedade vigente. Por outro lado, ela forma também, indivíduos que tem uma visão distinta desta e crítica do seu modelo de organização e da sociedade.

Contestar e combater o modelo de sociedade vigente é difícil, pois “esse modo de produção determina o tipo de formação por meio das transformações introduzidas na escola, que coloca em relação mestres e estudantes” (TRAGTENBERG, 2004, p. 14). A escola como instituição de ensino e a universidade, absorvem essas transformações no sentido de se adaptarem as novas realidades no sentido da produção do saber, pois este deve estar ligado aos interesses da classe dominante e da própria sociedade capitalista.

No caso do Brasil, há uma especificidade em relação às universidades, pois existem universidades públicas, que são financiadas com recursos públicos e faculdades e universidades privadas, onde os alunos pagam mensalidades para ter uma formação acadêmica. Neste sentido, nas palavras de Tragtenberg, “o conflito entre o técnico e o humanismo acaba em compromisso, a universidade brasileira prepara-se para ser uma “*multiversidade*”, isto é, ensina tudo aquilo que o aluno possa pagar” (TRAGTENBERG, 2004, p. 14). Nas duas últimas décadas vem ocorrendo no Brasil o crescimento do ensino privado, o próprio Maurício Tragtenberg foi professor durante mais de duas décadas em instituições de ensino privado em São Paulo. Estas são algumas contradições importantes que existe no país. A universidade deveria ser financiada com recursos públicos, mas os recursos públicos atualmente estão sendo utilizados para financiar faculdades e universidades privadas em todo o país.

Em termos gerais, Tragtenberg (2004) afirma ainda que a universidade brasileira, nos últimos quinze anos, preparou técnicos que funcionaram como juízes e promotores, aplicando a Lei de Segurança Nacional, médicos que assinavam atestados de óbito mentirosos, zelosos professores de Educação Moral e Cívica garantindo a hegemonia da ideologia da “*segurança nacional*” codificada pelo Pentágono.

Neste caso, o autor está se referindo ao Estado Militar no Brasil (1964-1985), período marcado pela forte repressão por parte do Estado em relação a grupos, indivíduos ou movimentos sociais que se colocavam como oposição a esta instituição. Podemos afirmar que a intelectualidade como classe social, cumpriu a sua função social que é a reprodução dos interesses do Estado e da classe dirigente.

Entretanto, a intelectualidade desenvolve o saber com objetivos claros, resolver problemas sociais, mas que não ultrapasse os limites da sociedade capitalista. Por outro lado, sua formação acadêmica e seus títulos são fundamentais para que sua carreira possa se desenvolver.

Estritamente, o mundo da realidade concreta é sempre muito generoso com o acadêmico, pois o título acadêmico torna-se o passaporte que permite o ingresso nos escalões superiores da sociedade: a grande empresa, o grupo

militar e a burocracia estatal. O problema da responsabilidade social é escamoteado, a ideologia do acadêmico é não ter nenhuma ideologia, faz fé de apolítico, isto é, serve à política do poder (TRAGTENBERG, 2004, p. 17).

A formação acadêmica e seus respectivos títulos, são uma grande possibilidade de entrada em funções e cargos nos espaços das instituições públicas e das organizações sociais (empresas privadas). São posições distintas das ocupadas por um trabalhador comum, pois seus salários são também diferentes do que recebe um trabalhador assalariado. Na realidade, os intelectuais conseguem cargos ou funções nesses espaços para servir diretamente as instituições no caso do Estado e são auxiliares no sentido de realizar a funcionalidade desta instituição.

Por outro lado, os intelectuais que irão para o campo das empresas privadas, também desempenham funções com certo grau de racionalidade para poder desenvolver a gestão destas empresas e realizar planejamento estratégico para estas poderem atingir seus objetivos no mercado. Desta forma, tanto a intelectualidade que trabalha no âmbito das instituições públicas, como aqueles que trabalham nas empresas privadas cumprem muito bem suas funções.

Retomando algumas questões no que diz respeito ao pensamento na perspectiva de Tragtenberg (2004) o pensamento está fundamentalmente ligado à ação. Bergson sublinhava no início do século a necessidade de o homem agir como homem de pensamento e pensar como homem de ação. Marx ao partir da concepção materialista da história ainda no século XIX, vai apontar questões sobre a *teoria* e a *práxis*, ao mesmo tempo superando a dicotomia entre pensamento e ação. Neste caso, o pensamento deveria levar a ação, mas em alguns casos, a ação é para conservar o existente e não para transformá-lo.

Tragtenberg (2004) ainda fala na valoração do homem, pois esta questão do que seja um homem culto, está estritamente vinculada ao seu valor na defesa de valores essenciais de cidadania, ao seu exemplo revelado não pelo seu discurso, mas por sua existência, por sua ação. Os discursos na sociedade capitalista são variados e normalmente são utilizados como forma de manipulação e inversão da realidade dos trabalhadores e das demais classes sociais exploradas.

Esses valores essenciais na qual o autor se refere, não são valores ligados ao que conhecemos como cidadania, a partir das concepções defendidas pelos ideólogos da burguesia, que são reformas no interior da sociedade para adaptar trabalhadores ou desempregados. A universidade poderia contribuir para que pudessemos pensar aspectos

da vida social ou auxiliar nestas reformas, mas seus intelectuais atuam na defesa dos interesses dos dominantes contra os trabalhadores.

As relações sociais estabelecidas no espaço da universidade, ocorrem de variadas formas para estabelecer certas formas de controle. Neste sentido, podemos colocar mais algumas questões:

A delinquência acadêmica caracteriza-se pela existência de estruturas de ensino em que os meios (técnicas) se tornam fins, os *fins* formativos são esquecidos; a criação do conhecimento e sua reprodução cedem lugar ao *controle* burocrático de sua produção como suprema virtude, em que “administrar” aparece como sinônimo de vigiar e punir – o professor é controlado mediante os critérios visíveis e invisíveis de nomeação; o aluno, mediante os critérios visíveis e invisíveis de exame (TRAGTENBERG, 2004, p. 18).

Essa forma irônica de analisar as relações no âmbito da universidade, é bem característica do autor, pois sua forma de compreensão visa fundamentalmente realizar uma crítica destas relações, mas também da instituição na qual conhecia muito bem, pois foi um estudioso das relações burocráticas tanto em termos de instituições públicas, como das empresas privadas. Essas formas de controle ocorrem na universidade, mas também na sociedade, neste caso específico, professores e alunos são controlados mediante uma forma de organização burocrática das relações sociais.

Obviamente, que cada um é controlado de forma específica. Geralmente o aluno é controlado pela burocracia da universidade, o professor também exerce um controle sobre este, pois na organização hierárquica da burocracia universitária, o professor se encontra em uma posição acima do aluno. Nesta instituição, a relação entre o vigiar e punir é evidente. Desta forma, ocorre certas limitações para a produção do saber nos seus mais variados campos. Na produção do saber os indivíduos, sejam eles, alunos ou professores deveriam ter maior autonomia para poder realizar suas pesquisas, mas no espaço da instituição burocrática, isso não ocorre, apesar de alguns intelectuais terem uma autonomia maior em relação a outros.

Segundo Tragtenberg (1999) isso possibilitou uma força para poder reagir às relações sociais capitalistas no interior da universidade, à capitalização do saber. Especialmente quando cheguei a professor de universidade, isso me deu muita força para reagir à cooptação, não só no plano intelectual, mas no da vida cotidiana, porque tem o comodismo também, como todo mundo.

A universidade é uma instituição que está inserida nas relações sociais capitalistas, assim esta reproduz essas relações e a imposição de uma dominação burguesa, neste caso, pelo tipo de saber que produz. Nesta perspectiva de análise, Maurício Tragtenberg, ainda

nos possibilita pensar outras questões que são fundamentais para que possamos pensar estas relações.

Desta maneira, Tragtenberg (2011a) coloca que a formação cultural diferente do processo de escolarização a que é submetido o estudante nas escolas-quartel, sob o nome de universidades, hoje ele sai com um diploma. Se tiver “*capital de relações sociais*”, terá emprego na burocracia das empresas privadas, caso contrário será mais um diplomado desempregado. Neste caso, a universidade demonstra seus limites, pois esta instituição possibilita a formação acadêmica, mas não a garantia de inserção no mercado de trabalho para todos.

Ampliar a formação seria uma possibilidade para a inserção no mercado de trabalho. Mas, para que essa formação possa ocorrer, a universidade tem que necessariamente dar algumas garantias para os estudantes, mas não é isso que ocorre. Desta maneira podemos citar que:

Vejam os rumos que está tomando a política salarial na universidade brasileira e também a visão de universidade, como poucos centros de excelência em grandes cidades e a grande maioria das faculdades transformadas em grandes escolas de ministrar aulas no fundo, para ensinar, ler, escrever e contar. Esse é um dos grandes projetos de ex-colegas meus da fundação Getúlio Vargas (TRAGTENBERG, 2011a, p. 119).

Neste caso, diz respeito as faculdades e universidades particulares e sua forte tendência a mercantilização das relações de ensino. Pois, além de valorizar as aulas, acabam também reduzindo salários e custos com o professorado. Essas práticas foram aumentando consideravelmente no Brasil a partir de meados da década de 1990, com as inserções das práticas neoliberais no governo Fernando Collor de melo e Fernando Henrique Cardoso.

Ainda assim, o projeto neoliberal atingiu as universidades públicas, seja pela questão dos investimentos ou até mesmo pela política salarial dos professores e técnicos administrativos destas instituições. Torna-se importante anotar que:

Uma outra questão também: nesse esquema neoliberal, a universidade desaparece. Você fica um mero servo das necessidades do mercado, da empresa privada. Mas as necessidades mudam. Eu quero ver como o currículo universitário vai mudar com a rapidez das necessidades do mercado. Em nenhum lugar do mundo há isso, nem nos EUA, país do capitalismo mais desenvolvido. Há uma relação com o mercado, mas a universidade não é serva do mercado. Mesmo no Japão. Por que querem impor isso ao Brasil? Eu acho que aqui entra esse problema, aqui o povo nunca foi considerado, somos súditos tributários, não somos cidadãos. Vivemos para pagar impostos e calar a boca. É isso que o Estado destina à gente (TRAGTENBERG, 2011a, p. 119).

Nesta perspectiva podemos perceber que as práticas neoliberais, foram cada vez mais sendo inseridas nas universidades brasileiras, sejam elas, particulares ou públicas.

Neste sentido, ocorre o seguinte problema: a universidade particular foi mercantilizada e depende diretamente do mercado, pois seus interesses além de mercantis, tem o aluno como um cliente que consome seu produto que é a educação superior.

Por outro lado, temos a universidade pública que começa a realizar as parcerias públicas com as empresas privada, tal como ocorre nos Estados Unidos, mas aqui no Brasil, essas parcerias ainda são incipientes, há ainda para acontecer. Mas, tem que haver organização por parte da sociedade civil para pressionar determinadas instituições no sentido da mudança na sua forma de organização.

Portanto, é possível pensar a entrada de Maurício Tragtenberg na universidade a partir da sua trajetória como intelectual autônomo, que buscou ao longo de sua vida, acumular leituras, mesmo depois de sua entrada nesta instituição. Desta maneira, continuou a desenvolver suas leituras de autores até certo ponto “*desconhecidos*” do espaço da academia, mas também de autores utilizados para desenvolver pesquisas de cunho acadêmico.

Realizou estudos voltados para a compreensão da realidade brasileira e ao mesmo tempo possibilitou um tipo de saber crítico desta realidade, pois seus interesses estavam voltados não somente para a compreensão desta, mas para a crítica radical das relações sociais no interior da sociedade capitalista. Assim, desenvolveu suas atividades de ensino e pesquisa na universidade. Mesmo com o forte controle da burocracia conseguia ampliar cada vez mais suas leituras e contribuir com a luta dos operários paulistas e brasileiros.

#### 2.4- As Inspirações Intelectuais

Pela sua trajetória como intelectual e engajamento, Maurício Tragtenberg tem inspirações em um conjunto variado de autores, escolas que são distintas da inspiração da maioria dos intelectuais que fizeram e fazem carreira na universidade. Nesta instituição, os intelectuais realizam estudos e leituras de autores e conceitos já estabelecidos, pois se trata de fazer uso da ciência para definir certos padrões de pesquisas em busca das descobertas de determinados fenômenos sociais, políticos e econômicos interessantes para as ciências.

Por ter origem em uma família que lhe inspirou nas suas leituras, posteriormente suas “*universidades*” como gostava tanto de falar, depois a entrada na universidade em termos de formalidade, continuou seus estudos, pois seu interesse político foi além da

pesquisa acadêmica, começou antes mesmo de sua entrada nesta instituição e estudou um conjunto variado de temáticas.

Quando falamos em sua trajetória e fontes de inspiração, podemos falar dos social-democratas, anarquistas, de Max Weber, do marxismo, pois realizou estudos sobre todos esses autores e escolas de pensamento. Manteve o compromisso com todas suas leituras, inclusive na universidade, onde em vários momentos teve de fazer leituras de autores na qual não tinha afinidade, nem por isso foi desonesto ao analisar esses autores conservadores com a qual não tinha proximidade teórica, metodológica ou até mesmo política.

Em termos gerais, suas inspirações no que se refere às suas leituras, vai desde a literatura, pois na sua concepção, o indivíduo deve buscar leituras que lhes possibilite certo gosto e prazer, passando pelas diversas outras Ciências Sociais. Estudou Max Weber e desenvolveu estudos sistemáticos sobre sua obra, pois a questão da burocracia é central na obra de Tragtenberg e demais questões políticas, como é o caso do liberalismo.

Estudou de forma compromissada os escritos de Bakunin e Marx, buscando desenvolver um estudo sistemático sobre esses dois autores e mostrar questões fundamentais sobre o anarquismo de Bakunin e o marxismo de Marx, demonstrando assim que marxistas e anarco-coletivistas, devem ultrapassar os limites dos conflitos entre esses dois autores do século XIX, fugindo de forma consciente de certo dogmatismo na defesa de ambos.

Assim, foi dos autores clássicos aos contemporâneos, passando pelos anarquistas, bolcheviques, mencheviques, conselhistas do início do século XX, no qual fez uma leitura e divulgação em vários artigos e livros. Os conselhistas retomam os fundamentos do marxismo de Marx, ao mesmo tempo colocam a luta proletária como elemento central de suas análises ao longo do século XX.

Podemos dizer que, “sua leitura dos clássicos é uma leitura competente, responsável e bem-humorada” (RESENDE, 2001, p. 135). Não somente dos clássicos, mas de todos os autores no qual foi estudioso, realizou leituras e interpretações sérias e comprometidas, mesmo daqueles autores com concepções distintas da sua. Sua crítica em alguns momentos é bem-humorada, por isso, Resende afirma que sua leitura manifesta certo humor. Isto fica explicitado principalmente nos textos de jornais, quando esteve

ligado ao movimento operário em São Paulo na segunda metade da década de 1970 até meados dos anos de 1980<sup>30</sup>.

Torna-se importante realizar alguns apontamentos sobre seus estudos de alguns autores que foram fundamentais na sua trajetória, a saber Max Weber, Karl Marx e como ele próprio falava os Anarquistas, principalmente Mikhail Bakunin. Desta maneira, iremos trabalhar inicialmente com alguns apontamentos sobre a obra de Weber para depois trabalhar com os demais e realizar mais alguns apontamentos importantes de outros autores. Neste sentido, podemos ressaltar o contato com a obra do sociólogo alemão Max Weber.

Eu dava aula no normal e no colégio o dia todo. Então, o que eu ia fazer o resto do tempo? Peguei toda a obra de Weber, levei para Iguape. Não é que comecei a ler simplesmente; vi que dava tempo para fazer muito mais, para pegar, por exemplo, a sociologia do direito e reconstituir os estudos sobre direito inglês, islâmico, judaico ou romano, a partir das indicações das notas de rodapé, paralelamente à leitura do próprio Weber (TRAGTENBERG, 1999, p. 59).

Como podemos perceber, nos anos de 1960, Maurício Tragtenberg trabalhava como professor todo o período diurno. Tinha que se deslocar da cidade de São Paulo, onde morava para o interior e encontrava um tempo livre no período noturno, foi quando começou a desenvolver essas leituras. Como seu interesse remontava questões voltadas para a comunidade judaica e outras sociedades, passou a partir da obra de Weber, desenvolver uma leitura que pudesse resolver questões importantes para a formação do seu pensamento.

Torna-se interessante notar, que foi em um período internado no hospital por estresse, que ele começou a escrever seu principal livro sobre as concepções de Max Weber sobre a burocracia e sua metodologia aplicada as Ciências Sociais, neste caso, estamos nos referindo ao livro *Burocracia e Ideologia*, que inicialmente foi defendido como tese na USP (1973) e posteriormente publicado em forma de livro no ano de 1974. Vejamos esse fato com mais detalhes:

Comecei a escrever esse livro no hospital; fiquei internado três meses. Noventa dias, mas foi muito bom num sentido. Pude me recuperar fisicamente e superar a tensão nervosa. O interessante é que, me repondo fisicamente, eu voltava a trabalhar normalmente. Claro, não ia poder sair de lá e dar um seminário. Mas escrever, redigir, organizar leitura, eu conseguia. Então, pelo menos para mim, esse tipo de hospital valeu! Eu saí com um capítulo quase pronto de *Burocracia e Ideologia*, aquele primeiro capítulo, sobre o modo de produção asiático; saí com aquilo debaixo do braço (TRAGTENBERG, 1999, p. 68).

---

<sup>30</sup> Esse foi um momento bastante expressivo de sua obra. Publicou durante 7-8 anos artigos em jornais, principalmente no jornal *Notícias Populares*, onde tinha uma coluna na qual escrevia artigos com temáticas ligadas diretamente a classe trabalhadora em São Paulo e com objetivos, que era contribuir com a luta operária.

Assim, seu interesse aumentava em relação a obra deste autor. Mesmo internado por um período de 90 dias consegue desenvolver leituras para escrever sua tese. É possível perceber em sua obra que a questão da burocracia é elemento fundamental, onde vai extrair dos estudos sobre Weber e trabalhar de forma ampla esse conceito. Não devemos achar que existe burocracia em todas as relações sociais, mas sim, compreender a burocracia como fenômeno da vida em sociedade.

A partir destas leituras, Maurício Tragtenberg conhece novos objetos de leitura na obra de Max Weber, como é o caso da metodologia deste autor, que ele próprio passa a estudar e posteriormente realiza uma introdução desta, que foram publicados pela editora da Universidade de Campinas. Aponta que: “eu lia pra burro, reconstruía muitas coisas que buscava na obra do Weber, com leitura paralela. Para mim valeu apena”! (TRAGTENBERG, 1999, p. 59-60). Estas leituras paralelas auxiliavam e ampliavam a compreensão da obra do sociólogo alemão, pois se trata no âmbito das Ciências Sociais de uma série de textos complexos.

Maurício Tragtenberg desenvolve um estudo sobre a obra de Weber, destacando a questão do fenômeno da burocracia, como foi apontado anteriormente, principalmente na Alemanha, mas também de outras sociedades, tanto no Ocidente como no Oriente. Realiza também um estudo sobre as pesquisas empíricas de Weber sobre os trabalhadores alemães, e como a Sociologia weberiana busca compreender o indivíduo em sociedade.

Segundo Tragtenberg (2006) Weber transpõe a preocupação com a ação ao seu esquema sociológico, definindo a Sociologia como a Ciência da ação, estruturando tipologicamente os vários níveis de ação. Esta ação diz respeito ao indivíduo socialmente, seja ele, isolado ou coletivamente e analisa o sentido da ação dos indivíduos. Estas ações devem ser racionalizadas pelos indivíduos.

Estes indivíduos na concepção de Weber são compreendidos da seguinte forma:

- a) onde o indivíduo age em função de uma situação concreta; b) onde a ação é prescrita conforme regras determinadas, cuja forma extrema se dá no exército;
- c) onde a ação ocorre por uma compreensão informal das regras, menos rígidas que no segundo caso, mas mais estável e precisa que as orientações imprevistas do primeiro (TRAGTENBERG, 2006, p. 137)

Essa situação concreta é vivenciada em vários momentos do cotidiano dos indivíduos socialmente, tanto de interesses particulares ou coletivos, como é o caso de um partido político, que visa defender determinados interesses que são particulares, mas para a sociedade colocam que são coletivos, isto porque, quer fazer com que outros acreditem no seu discurso de interesse coletivo e não particular. No caso do exército como

é citado, são regras fixas, que tem por base uma hierarquia rígida, onde seus integrantes devem aceitar.

Nesta instituição sua hierarquia é reconhecida, pois está bem definida a partir da relação entre aqueles com postos mais elevados e aqueles de postos menores. Ocorre também internamente em instituições sociais menos rígidas. Assim, a rigidez hierárquica é menor, onde os indivíduos têm uma autonomia maior, podendo racionalizar suas ações sociais. Para compreender a ação social dos indivíduos em sociedade, Weber desenvolve todo um conjunto de questões metodológicas e que são analisadas por Tragtenberg. Assim, ele coloca:

Weber procura construir um esquema interpretativo fundado na Neutralidade Axiológica, o que significa: construir uma Ciência Social sem pressupostos. Assim, dedicará sua obra *Methodology of the Social Sciences*, para atingir tal finalidade (TRAGTENBERG, 2006, p. 138).

A Sociologia weberiana busca compreender o sentido da ação social e a forma que os indivíduos racionalizam suas ações em sociedade. Para tanto, sua metodologia irá ser o ponto de partida para esta compreensão de forma fragmentada da realidade social. Em sua metodologia, é comum a construção de um recurso para analisar a realidade, que é o tipo ideal weberiano. O tipo ideal weberiano é um tipo de recurso subjetivo no qual o pesquisador utiliza para analisar a realidade. Esta realidade para Weber, deve ser analisada de forma fragmentada, pois para ele a realidade é multifacetada, não sendo possível analisar sua totalidade.

Na análise de Tragtenberg (2006) a Ciência Social para Weber logra somente fornecer explicação parcial, não total, podendo estabelecer uma série particular de condições que coexistindo com outras, constitui objeto de pesquisas. A explicação causal de Weber sai do âmbito positivista na medida em que se transforma em explicação condicional. A Ciência Social pode estudar os fatores condicionantes dos fenômenos, mas não determinar as relações necessárias.

Neste sentido, o pesquisador não pode intervir na realidade, deve estudar esta de forma que este não possa realizar intervenções, ou até mesmo apontar determinações no âmbito da sociedade. Ainda segundo a concepção de Tragtenberg (2006) na lógica de Weber a Ciência não indica juízos de valor, nem indica deveres ou programas de ação; pode indicar o custo de certas operações, os meios necessários para conseguir certos fins, mas não pode pronunciar-se a respeito dos fins. Por outro lado, sua Sociologia pode ser compreendida também da seguinte forma:

A sociologia geral de Max Weber, sua sociologia da burocracia em particular, são tributárias de sua visão filosófico-política, adstrita à burguesia na sua passagem da fase de ascensão em nível europeu, como classe revolucionária portadora do racionalismo, elemento constituinte da sociedade (TRAGTENBERG, 2006, p. 251).

Assim, Max Weber desenvolve sua concepção de sociologia da burocracia, a partir da inspiração na tradição da filosofia alemã, compreendendo o contexto histórico no qual estava inserido, mas principalmente da sociedade alemã do final do século XIX e início do XX. Weber estava dialogando com a realidade na qual estava inserido como indivíduo. Este período marca a ascensão e consolidação de uma classe social no domínio das relações sociais, que é a burguesia nesse país.

Weber trabalha no conjunto de sua obra a questão das formas de racionalização que ocorrem no interior da sociedade, e como estas práticas são cada vez mais ampliadas para os diversos espaços da sociedade. A compreensão da burocracia como fenômeno, bem como o Estado como instituição irá se organizar de forma racionalizada, para tanto necessitam de uma organização burocrática, e nesse sentido os estudos de Weber irão contribuir para a compreensão tanto do Estado, como do fenômeno da burocracia.

A sociedade capitalista e sua forma de organização, pressupõe uma organização burocrática. Esta organização burocrática, perpassa as demais relações sociais. Desta maneira, segundo Tragtenberg (2006, p. 263) a mesma sociedade que criara a burocracia como dominação, que separara o trabalho físico do intelectual, que condenara o operário ao idiotismo da profissão, a agente passivo do processo produtivo, produz o oposto.

Nesse trecho, Maurício Tragtenberg desenvolve um argumento interessante no qual Weber não trabalhou, que é a questão das contradições sociais, políticas, econômicas etc. É partir destas contradições que podemos pensar em um processo de transformação social, pois a sociedade capitalista, sua burocracia e demais formas de dominação não são eternas, estas podem sofrer mudanças, ou até mesmo uma transformação social mais radical em seu conjunto.

Desta forma, Maurício Tragtenberg realizou um estudo interessante sobre a obra do sociólogo alemão Max Weber, demonstrando assim, que em sua perspectiva de análise não era limitada aos autores anarquistas e marxistas radicais. Realizou uma leitura coerente com a obra deste autor.

Por outro lado, “ele era um crítico intransigente de toda forma de autoridade, de poder, de burocracia e de dominação” (FARIA, 2011, p. 54). Em seus textos, realizou a mas, seu objetivo maior era contribuir para a superação de todas essas formas de

imposição, que a classe trabalhadora sofre no seu cotidiano de trabalho, nos mais diversos espaços de trabalho, sejam eles, no campo ou na cidade. Foi assim, que ocorreu toda sua luta em favor da classe trabalhadora. Não foi um intelectual que buscou dirigir a luta e sim contribuir de acordo com os interesses coletivos dos trabalhadores organizados em luta. Nesta perspectiva de análise a inspiração em Marx é evidente em sua obra. Desta forma, ele narra em seu livro de memórias:

Eu começava a ler Marx e as coisas de Lenin, e isto chegou ao Comitê Estadual. Aí me chamaram para dizer que eu não devia ler nem Marx e nem Lênio. Eu devia ler o *Hoje* para estar a par do noticiário nacional e devia ler *Classe Operária* para ficar a par do noticiário internacional. Isso foi em 1946-1947, no período de legalidade. Era a época em que o partido defendia a teoria da burguesia progressista, de união nacional. Isto é, que tinha um setor da burguesia que era anti-imperialista, que tinha que apoiar, e que qualquer greve era considerada provocação (TRAGTENBERG, 1999, p. 38).

Quando ainda estava no partido, por volta de (1946-1947) teve contato com a obra de Marx, esta foi fundamental para ele formar novas concepções sobre o partido e outras organizações e instituições na qual fez parte. Essas leituras estavam pautadas no seu interesse para compreender os partidos políticos, sindicatos e demais organizações de trabalhadores. O discurso de partidos e sindicatos, são contraditórios, dizem “*representar*” a classe trabalhadora, mas negocia de forma desonesta com o patrão e contra os trabalhadores. No caso de Maurício Tragtenberg, além da inserção nestas organizações, foi a partir de leituras e da própria experiência dentro destas organizações que ele vai desenvolvendo uma concepção mais ampla e crítica do partido político e dos sindicatos.

A leitura de Marx, em relação a Lênio é bem distinta, pois são autores com concepções políticas e objetivos também diferentes. Na passagem acima está claro que o partido político visa doutrinar seus integrantes, pois as leituras têm que ser aquelas orientadas em sua base, mas Tragtenberg não seguiu a lógica desta organização. Neste sentido, começa a perceber toda a forma doutrinária destas organizações, sua organização burocrática e a relação entre aqueles que dirigem e os que são dirigidos. Assim, suas concepções e críticas em relação as instituições e organizações burocráticas. Desta maneira vai apontar que:

Em referência às contribuições de Marx, praticamente toda a obra de Tragtenberg, desde suas contribuições nos artigos de jornais, revistas científicas e livros, é influenciada pelos conceitos de classes sociais, de divisão social do trabalho, de relações de produção, de forças produtivas, de ideologia, de alienação e outros, ou seja, dos principais conceitos presentes nas obras marxistas. Além das contribuições conceituais, o método também se faz importante, uma vez que desde o início das suas obras Tragtenberg se utiliza da dialética para realizar suas reflexões (MENEGETTI, 2013, p. 22).

Marx foi uma de suas inspirações intelectuais. Suas concepções estão ligadas diretamente a obra deste pensador. Sua perspectiva de análise, tem outras fontes de inspiração como já foi apontado em outro momento. Seu ponto de partida é o materialismo histórico e dialético de Marx<sup>31</sup>, tendo por base a luta entre as classes sociais. Sua concepção de partido político e de sindicato demonstra estas concepções e na forma de compreender as organizações e instituições.

Está presente na obra de Maurício Tragtenberg a retomada dos elementos básicos do marxismo de Marx, como é o caso da luta de classes, da inspiração em relação a luta e a consciência de classe dos trabalhadores e o papel revolucionário do proletariado no sentido da revolução proletária. Tragtenberg não entra nas interpretações simplistas dos conflitos entre Bakunin e Marx no âmbito da Primeira Internacional, como sempre, realiza uma análise coerente sobre os dois pensadores e utiliza ambos no que é importante para a luta dos trabalhadores.

Ao fazer uma análise de um ou mais autores, buscou ser coerente com seu pensamento e perspectiva, em momentos de realizar a crítica, fez de forma coerente, assim com Marx e outros autores. Em Marx está presente uma análise em que busca retomar o pensamento deste autor na sua essência revolucionária, mas não apaixonada, não produz uma análise fora da realidade, pois a defesa do proletariado e suas formas de organização em busca da transformação social, são questões fundamentais para o intelectual que visa contribuir com esta luta.

Desta maneira, a defesa de uma sociedade autogerida, remonta ao século XIX, contexto em que Marx produziu sua obra, pois esta atravessou os séculos seguintes. O que Maurício Tragtenberg está retomando são questões importantes para a compreensão do pensamento deste autor, mas também ser honesto com sua perspectiva ao analisar a obra deste.

Como Marx não era um especialista em uma ciência específica, Tragtenberg buscou extrair deste autor suas mais variadas formas de análise da sociedade, do Estado, dos modos de produção Asiático, Feudal e Capitalista, de suas concepções de economia e política, para depois pensar de forma sistemática o conjunto de sua obra e como este contribuiu historicamente com a luta dos trabalhadores.

---

<sup>31</sup> As leituras de Marx realizadas por Maurício Tragtenberg, são anteriores as leituras do sociólogo Alemão Max Weber, como podemos perceber ele começou a ler Marx ainda nos anos de 1940, passando a ler Weber somente nos anos de 1960, mas obviamente com interesses distintos.

Na concepção de Tragtenberg, Marx foi um dos autores mais influentes no que diz respeito a luta dos trabalhadores de todo o mundo. Diferentemente de outros autores que falavam em nome dos trabalhadores, mas na hora da mudança radical acabavam mudando de lado, defendendo a burocracia partidária e a burguesia como classe social.

Na perspectiva de Tragtenberg (2011), Marx incorpora-se ao movimento operário, que procura organizar-se autonomamente na medida em que seus princípios de auto-organização e autoeducação teórica tornam-se constitutivos de um movimento operário que se pretenda ser revolucionário. Aqui, está explicitado seu interesse em se vincular ao movimento operário da Europa no contexto do século XIX, período importante para os trabalhadores europeus.

Maurício Tragtenberg retoma questões importantes no pensamento de Marx, desde suas primeiras obras, passando pelos seus textos políticos e a compreensão da obra *O Capital*, no sentido de desenvolver sua concepção sobre o modo de produção capitalista no século XIX, mas também realizou leituras e análises de outros autores importantes no âmbito do marxismo, principalmente a crítica aos social-democratas, aos leninistas e stalinistas. Essas correntes são defensoras da dominação e exploração da classe trabalhadora e da organização burocrática de domínio de um partido forte e único.

Dos autores marxistas no século XX, Maurício Tragtenberg passou a desenvolver leituras de Lênin, Trotsky dentre outros autores russos, mas seu grande interesse era pelos comunistas de conselhos, passando por Rosa Luxemburgo. Desta forma, ele próprio descreve seu contato com esses autores.

Entrei em contato com a literatura socialista e não bolchevista. Comecei a me interessar em estudar a obra política de Rosa de Luxemburgo e de outros autores considerados malditos. Autores que eram muito maltratados na obra de Lênin, *O que fazer e Um passo adiante, e dois para trás*. Comecei a ler Lunacharsky, a ler Martov. Percebi que Lenin era muito polêmico e, no fundo, acho que ele polemizava como camponês, quer dizer, no porrete. Se você ler via Lenin, a impressão que dá de Plekhanov, de Martov, é que são débeis mentais, e os caras pertencentes ao menchevismo, chamado Partido Revolucionário Russo, são uns idiotas acabados (TRAGTENBERG, 1999, p. 30).

O leninismo passou a ser a versão oficial do marxismo, principalmente no interior de partidos políticos de orientação bolchevique. Neste caso, Tragtenberg faz a crítica desta concepção, pois na sua perspectiva, esta realiza uma contrarrevolução burocrática na Rússia após a revolução de 1917. Assim, foi divulgador dos conselhistas como é o caso de Anton Pannekoek e Karl Korsch.

A partir desta crítica é que podemos retomar os fundamentos do marxismo de Marx e ao mesmo tempo atualizar sua concepção que foi historicamente deturpada pelos bolcheviques. No caso de Maurício Tragtenberg, este realizou novas leituras buscando ser coerente com a proposta original de Marx, ao mesmo tempo fez as devidas críticas aos seus deturpadores e inimigos. Desta forma, possibilitou novas fontes de reflexão, a partir de autores que ele próprio chamava-os de “*malditos*”, por conta de serem autores com perspectivas distintas do bolchevismo e críticos radicais da sociedade capitalista.

Maurício Tragtenberg também teve contato com a obra de Trotsky, que foi outro indivíduo que estava inserido no processo da *Revolução Russa* e contribuiu para a instituição do capitalismo de Estado neste país após 1917. A leitura na qual realizou é crítica, pois o pensamento de Trotsky apesar de algumas poucas diferenças se assemelhava ao de Lênin.

Bom, esse negócio de trotskismo, foi quando eu conheci o Sachetta. Trotskista, naquela época, era muito pouca gente, cabia tudo em duas Kombis. Então, era fácil organizar, mas o barulho que se fazia parecia um troço imenso. O trotskismo foi, para mim, muito importante, muito mais importante que a universidade. Na universidade, pude sistematizar minhas leituras de autodidata – leituras feitas durante anos e anos, sobre economia política, sociologia, política, sindicalismo... E foi através do Sachetta, mais do que nunca, que aprendi uma lição de coerência: a exigência de uma ética. Uma ação política que não tem uma ética básica, não tem sentido, ela degenera em manobristismo vulgar (TRAGTENBERG, 1999, p. 97).

Os trotskistas eram poucos, porque a concepção hegemônica era o leninismo, tanto no âmbito de partidos políticos como de sindicatos. Essa influência passou a ocorrer a partir da chegada dos bolcheviques ao poder na Rússia após 1917. O partido comunista russo passou a financiar partidos em outros países a partir dos seus interesses, pois queriam difundir a organização do Estado russo, que na concepção de Tragtenberg era um capitalismo de Estado, parecido com o capitalismo de gestão privada. Nesse sentido, os trotskistas tinham pouco espaço para difundir suas ideias.

Maurício Tragtenberg foi militante em organização de cunho trotskista, mas logo rompeu com esta concepção, que tinha no partido e na sua burocracia o ponto forte para gerir as ações dos trabalhadores. A militância é algo distinto da vida na universidade, pois como ele cita acima, o trotskismo foi mais importante que a universidade. Sua fala diz respeito a duas questões, que em alguns casos são antagônicas, a posição de militante político e intelectual na universidade. Entretanto, ressalta a importância da universidade em sua vida, que foi a de poder sistematizar um conjunto de leituras que havia realizado em período anterior à sua entrada, foi o período do seu autodidatismo.

Seu objetivo é demonstrar essas distinções e sua concepção ética, seja no interior de uma organização de trabalhadores, de partidos políticos ou até mesmo na universidade. Assim, está expresso seu reconhecimento tanto as organizações na qual participou, neste caso a organização trotskista, mas também reconhece o papel da universidade em possibilitar a organização e sistematização de uma série de leitura que já havia realizado antes mesmo de ter entrado nesta instituição.

Neste caso, é possível desenvolver tanto a função de intelectual no interior da universidade e o papel de militante político. Esta foi uma das possibilidades encontradas por Maurício Tragtenberg, que passou a desenvolver tanto atividades de cunho intelectual dentro da universidade e de militante político várias organizações de trabalhadores.

Entretanto, lidava com os anarquistas no Brasil com muita verve. Introduziu por meio da parceria com a Editora Cortez escritos decisivos de Bakunin e Malatesta, sem deixar de visitar a revolução makhnovista na Ucrânia e o desdobramento dos exilados pelo governo revolucionário soviético na organização Dielo Trouda (Plataforma Organizacional dos Comunistas Libertários<sup>32</sup>, elaborada em 1926 na França), repleta de similaridades com os bolchevistas; e também prefaciou a obra a revolução espanhola com Diego Abad de Santillán pela Editora Brasiliense (PASSETTI, 2008, p. 29).

Essas traduções tinham um objetivo: trazer para o público brasileiro autores até então pouco conhecidos do público acadêmico, pois se tratava de autores “*marginalizados*” nos círculos acadêmicos. Estas possibilitaram para um público maior não só conhecer, mas se inserir em outra perspectiva de debates no âmbito da academia e Tragtenberg realizou essa tarefa de forma organizada. Percebemos que agora, vai colocando em prática toda sua experiência de leitura e a militância política, mas também os encontros em suas “*universidades*”, ou seja, coloca em prática todo um processo de formação que ocorreu ao longo de sua trajetória. Tudo isso, é fruto do desenvolvimento das suas concepções políticas e de uma consciência crítica da realidade, na qual foi formada ao longo de suas leituras e discussões em espaços informais.

Vimos que ao longo de sua trajetória tanto intelectual, como política, Maurício Tragtenberg desenvolve uma concepção crítica-revolucionária do que seria as instituições e as organizações na qual estão inseridos os trabalhadores, como é o caso dos sindicatos

---

<sup>32</sup> São contra as práticas do leninismo, que visa a centralização do poder nas mãos do Estado e de um partido único e com uma forte burocracia. Estes defendem a luta autônoma dos trabalhadores em busca de uma sociedade autogestionária, sem o controle do Estado e de sua forte burocracia partidária. Era um grupo de anarquistas russos exilados na França nos anos 20, período ainda marcado pela ascensão das lutas operárias na Europa.

e partidos políticos. Desta posição crítica sobre os partidos políticos, vai ser expulso desta organização, pois sua perspectiva de compreensão teórica e prática, vai contra a organização partidária. Sobre sua saída da militância em partidos políticos, torna-se importante descrever:

Quando eu perguntei isso [crítica ao partido – ES] no IV Congresso, eu me lembro de uma pessoa (não era mau caráter, não), levantou e falou para mim: “É, isso é conversa da Praça do Patriarca”. Aí me expulsaram do partido. Não é que fui expulso, mas não apareci mais lá, não dava. Bom, fiz a crítica dessa linha no IV Congresso, um cara da base, mocinho..., levantando problemas! Acompanhei muito o IV Congresso porque estava muito preocupado em estudar para fundamentar a minha crítica, mas não transei muito o IV Congresso como tal, porque logo no primeiro dia – eu era muito jovem, muito afoito – pedi a palavra para colocar o que eu achava, porque estava muito ansioso em relação ao quadro político. Então, aproveitei logo no primeiro dia para fazer a análise crítica da linha política, o que era considerado uma audácia fora do comum, um negócio de louco, de moleque, ter a audácia de fazer a crítica à linha geral do Partido assim, publicamente (TRAGTENBERG, 1999, p. 40-41).

Praça do Patriarca, era um espaço onde militantes de várias correntes de pensamentos e perspectivas, realizavam debates no sentido de compreender a realidade brasileira, principalmente aquelas de cunho político e que diz respeito diretamente aos trabalhadores. No que concerne a sua posição política, passou a ser crítica em relação aos partidos políticos, neste caso podemos perceber seu afastamento, pois sua consciência apontava para sua saída e a crítica radical desta organização.

Nesse sentido, podemos dizer que a concepção de partido de Maurício Tragtenberg se desenvolveu, pois o mesmo além de romper, vai produzir artigos e livros críticos desta posição burocrática dos partidos políticos. Neste contexto, suas leituras se ampliavam cada vez mais, na citação abaixo narra sobre o contato com os anarquistas.

Entrei em contato com os anarquistas quando morava no Belém. Eu trabalhava num jornal, no centro da cidade e, na época, política se discutia em praça pública. Havia um centro de debates localizado na Galeria Prestes Maia, na praça do Patriarca, onde comparecia o pessoal do Partido Comunista, do Partido Socialista, o pessoal anarquista, o pessoal sindicalista sem partido e até integralistas apareciam lá, para expor os seus pontos de vista. Se discutia tudo. No fundo, era incrível essa Galeria Prestes Maia, tinha um papel de universidade. Era no meio da rua, tinha a Galeria e junto à Galeria se reuniam os grupos e se formavam centros de debates políticos. Na praça da Sé também tinha outros grupos que se formavam para a discussão. Em geral, esta era a forma de lazer do pessoal, depois do trabalho, aos sábados e domingos (TRAGTENBERG, 1999, p. 36).

É preciso notar a importância destas discussões realizadas de forma “*democrática*” em espaços públicos de diferentes correntes de pensamento. Por ter um grupo variado de militantes, a partir de perspectivas distintas, a formação do indivíduo que integra este espaço de discussão, pode ser uma fonte de inspiração para sua formação

social e política. O contato poderia ser com um revolucionário ou um indivíduo conservador.

Nesta perspectiva, “o pessoal anarquista tinha um alto nível de intolerância em relação àquilo que vinha da fonte de Marx. Sem dúvida, a intolerância dos dois era mais ou menos parecida”... (TRAGTENBERG, 1999, p. 57). Apesar das divergências, há contribuições dessas duas concepções, apesar das suas diferenças, são perspectivas crítico-revolucionárias, sabemos que há conflitos entre ambas, mas a questão fundamental é a estratégia de luta e organização.

Em termos gerais, Maurício Tragtenberg em seus escritos e ações, teve coerência ao desenvolver atividades juntamente com os trabalhadores no sentido de defender a autonomia dos mesmos e também perceber que ambas são concepções críticas da sociedade capitalista e ao mesmo tempo buscam sua superação.

Uma experiência importante em sua vida sobre anarquismo, foi dialogando com um simples trabalhador, pois nas ruas podemos encontrar indivíduos que mesmo sem um saber formalizado pelas instituições, tem experiência de vida, e a partir desta experiência, pode acumular um tipo de saber para discutir. Este teve percepção daquela realidade vivenciada. Em termos gerais, Tragtenberg coloca:

Por exemplo, algumas coisas que eu aprendi sobre movimento operário português e do anarquismo, devo a um lixeiro português. Ele frequentava a Praça do Patriarca com aquele bonezinho azul e a roupa de trabalho. Ele ficava ouvindo os fulanos candidatos a defensores do povo falar. Eu ficava perto dele. Então, ele me dava as dicas. Através desse papo ele reconstituía para mim vários momentos da história do movimento operário português que eu não conhecia e, na época, não tinha nada para ler (TRAGTENBERG, 1999, p. 47).

Para cada indivíduo há uma especificidade, seja ele, um acadêmico/intelectual inserido grupos de pesquisa na universidade, um autodidata ou um indivíduo que se encontra na condição de simples trabalhador, como é o caso narrado acima. A compreensão da realidade pode ser realizada parcialmente sem leituras ou acesso ao mundo cultural, mas sempre será parcial, mas uma compreensão teórica pressupõe leitura e reflexão.

Ao estabelecer relações sociais de exploração, o trabalhador tem condições de perceber e agir no sentido de desenvolver a contestação e a crítica coletiva daquela realidade e juntamente com outros trabalhadores, se associar e organizar uma associação autônoma de trabalhadores, sem a tutela ou controle de burocratas representantes dos sindicatos. As leituras são auxiliares na formação do indivíduo, sendo revolucionárias

ampliam as possibilidades de atuação no âmbito de movimentos sociais, facilitando assim a compreensão e atuação em intervenções ou lutas sociais.

Todavia, Maurício Tragtenberg continuou com suas leituras e debates espaços públicos como em praças e espaços formais, como é o caso da universidade e escolas onde trabalhou. Mesmo assim, não descartava a possibilidades das discussões políticas, pois era um momento de crescimento intelectual.

No que concerne à sua obra e trajetória contribuiu de forma sistemática e coerente com a luta dos trabalhadores brasileiros, pois seus textos e ações políticas inseridas no movimento operário demonstram com clareza esse interesse. Neste sentido Viana (2008), vem apontar alguns elementos importantes para que possamos realizar uma compreensão mais ampla de sua obra e trajetória. Assim, ele comenta:

Enfim, podemos dizer que Tragtenberg foi um dos grandes nomes da sociologia brasileira e um dos mais profundos e originais pesquisadores da burocracia e da autogestão, incluindo também o processo educacional e as experiências históricas dos trabalhadores. Mas, mais do que um sociólogo, foi um libertário, ou seja, não separou o indivíduo, ser político vivendo numa sociedade repressiva, marcada por conflitos, dominação e exploração, do acadêmico ou do sociólogo, um mero e frio estudioso das relações sociais. Ele foi além, deixando de lado a ficção da neutralidade científica e se posicionou diante da sociedade, fazendo preponderar o indivíduo libertário, e daí criou o seu diferencial em relação a milhares de outros sociólogos, preocupados tão-somente com a academia e seu destino profissional e individual (VIANA, 2008, p. 71).

Sua obra e trajetória marcaram o pensamento social brasileiro de cunho revolucionário, no sentido de buscar produzir formas de saberes distintas dos demais colegas de profissão, tanto historiadores, como sociólogos. Podemos dizer, que foi além da simples produção do saber de forma científica e acadêmica, pois rompeu com os formalismos da ciência e produziu um saber crítico-revolucionário sobre a realidade do seu tempo. Suas concepções estavam pautadas em uma ética revolucionária e seus textos comprovam esta perspectiva.

Suas fontes de inspiração também foram marcantes, desde de Max Weber, passando por Marx e Bakunin e demais anarquistas russos e mais ainda os autores “*marginais*” como tanto gostava de falar. Realizou também estudos dos autores marxistas no século XX e que ainda são poucos conhecidos nos círculos acadêmicos brasileiros, como é o caso de Anton Pannekoek, Karl Korsch, Jan Wacław Makhaiski, Herman Gorter. Esses foram fundamentais para a formação de Maurício Tragtenberg.

Assim, utilizando as palavras de Gutierrez (2011) do outro lado da equação, no que diz respeito ao pensamento marxista, Tragtenberg fecha a porta a todas as

interpretações etapistas e mecanicistas que propunham a possibilidade da revolução comunista a partir da tomada prévia do Estado, a exemplo de Lênin, Mao ou Fidel e Che Guevara.

Foi um crítico das relações sociais estabelecidas a partir do modelo da sociedade capitalista, mas principalmente das relações de exploração e dominação de uma classe sobre a outra. Desta forma, lutou contra todas as formas de dominação e imposição de poder das burocracias estatal e privada contra os trabalhadores. Como bem coloca Viana (2008), não analisou friamente as relações sociais, historicamente, tomou posição em favor das classes sociais exploradas.

Por fim, podemos dizer que sua obra contribui para podermos pensar determinados fenômenos de análise no âmbito das Ciências Sociais, mas também ir além das ideias e abstrações metafísicas e chegar ao concreto existente na realidade, pois esta análise teórica expressa a realidade.

Na terceira parte deste trabalho, iremos desenvolver uma análise sobre o discurso de Maurício Tragtenberg, sua prática discursiva, sua prática concreta, a prática jornalística e Tragtenberg como um intelectual engajado no sentido que definimos no primeiro capítulo para podermos comprovar ou não a tese do intelectual engajado

## CAPÍTULO III

### Maurício Tragtenberg como intelectual engajado

Após ter realizado no primeiro capítulo discussões teóricas sobre a intelectualidade e engajamento torna-se importante trabalhar essas questões concretamente para perceber o indivíduo em suas ações concretas. Neste capítulo nosso objetivo é desenvolver uma análise sobre o engajamento de Maurício Tragtenberg. O conceito de intelectual engajado expressa suas ações no sentido da transformação social. Por outro lado, seu engajamento nos possibilita compreender suas ações como um socialista, Sartre (1994) define muito bem a questão do engajamento.

De forma geral, analisaremos essas questões em termos teóricos, mas também realiza-se uma investigação das informações contidas nos relatos de entrevistas e informações de revistas e jornais na qual Maurício Tragtenberg contribuiu com seus textos a partir de uma perspectiva crítico-revolucionária. Seus artigos tinham o objetivo de atingir a classe trabalhadora, como está expresso nos textos da coluna no jornal *Notícias Populares*, intitulada “*No Batente*”, o título diz respeito àqueles que estão no batente, isto quer dizer, os trabalhadores. Neste sentido, buscaremos analisar esse material informativo com o objetivo de estabelecer uma relação com a teoria sobre intelectuais, principalmente o engajado e com a realidade concreta na qual estamos analisando, para tanto iremos iniciar com algumas questões metodológicas.

#### 3.1-Questões metodológicas

Neste item iremos produzir reflexões voltadas para a compreensão de questões metodológicas. No entanto, torna-se importante realizar alguns questionamentos sobre a prática do autor analisado. Como descobrir sua postura e qual é a postura intelectual de um pensador? Neste caso, temos que realizar uma investigação para podermos perceber seu discurso sobre si mesmo, pois uma coisa é o discurso do indivíduo e outra radicalmente distinta é a sua prática política como intelectual. Nesse sentido, torna-se fundamental entender sua autodeclaração, o que ele diz e sobre as posições políticas que ele diz defender, mas também sua prática concreta, para pensarmos determinadas contradições, tanto do autor, como das relações sociais na qual são estabelecidas no interior da sociedade capitalista.

Desta forma, apresentaremos alguns apontamentos importantes sobre o método dialético de Marx, pois foi a partir deste que o mesmo passou a realizar estudos voltados para a compreensão de determinados fenômenos sociais e ao mesmo tempo partindo da perspectiva do proletariado.

Por outro lado, ao realizar uma pesquisa desta natureza, não podemos acreditar ou se contentar com a autoimagem ou autodefinição dos indivíduos, neste caso os intelectuais, como é o caso aqui analisado. Assim, a autodeclaração do indivíduo é um dos elementos que devem ser analisados para identificar sua postura intelectual. Na concepção de Viana (2017) uma das divisões mais importantes no interior da intelectualidade é a postura intelectual de cada indivíduo.

O indivíduo está ligado a uma totalidade na qual podemos definir como sendo a sociedade de classes, para tanto, desenvolve valores e concepções sobre essa realidade. Com o pesquisador ocorre algo parecido, pois mesmo estando diante de possibilidades de pesquisa e ao mesmo tempo em que utiliza um método de análise para estudar um fenômeno, vai expressar seus valores e concepções.

Neste caso específico, estamos utilizando o método dialético para podermos compreender um fenômeno específico de pesquisa, mas que não está desvinculado das demais relações sociais. Este método expressa valores, tanto daquele que produziu inicialmente, neste caso Karl Marx, como o indivíduo que faz uso deste para analisar determinado fenômeno social, histórico, político.

Assim, podemos dizer que Marx utilizou o método dialético e expressou este na totalidade de suas obras, bem como realizou a crítica a sociedade capitalista e suas formas de repressão, dominação e exploração, mas com um projeto político alternativo de sociedade, que era a sociedade comunista. Por isso, em vários momentos anteriores nos referimos ao método dialético, a divisão social do trabalho e principalmente a luta de classes, pois este trabalho tem como proposta compreender a sociedade e as demais relações sociais a partir da luta entre as classes sociais, a partir da trajetória intelectual e política de um intelectual.

O método dialético visa reconstituir o real no pensamento, o que significa tomar o real como algo concreto e este é entendido como histórico, uma totalidade, síntese de múltiplas determinações. Por isso, não devemos isolar as relações sociais existentes na sociedade, nem tampouco trabalhar relações abstratas que não contribuem para que possamos pensar o tema a ser analisado a partir de relações sociais concretas. Mas, para que o pesquisador possa utilizar esse método é preciso compreender a realidade e a partir

desta pensar de forma correta e coerente, pois o método dialético pressupõe a perspectiva do proletariado.

Neste sentido, torna-se importante analisarmos alguns apontamentos de Marx sobre questões voltadas para a reconstituição da realidade no pensamento. Desta maneira ele coloca:

O concreto é concreto porque é a síntese de muitas determinações, isto é, unidade do diverso. Por isso o concreto aparece no pensamento como processo de síntese, como resultado, não como ponto de partida, ainda que seja o ponto de partida efetivo e, portanto, o ponto também da intuição e da representação (MARX, 1978, p. 116).

No que se refere ao método dialético, o pesquisador para fazer uso deste é preciso buscar reconstituir as múltiplas determinações do fenômeno pesquisado. O meio utilizado para reconstituir o real no pensamento é o processo de abstração. Desta forma, se inicia tal processo pelo real em sua diversidade e complexidade, buscando identificar as determinações para assim reconstituir o concreto no pensamento. Ao conseguir realizar essa reconstituição, o concreto, antes aparente, “*dado*”, agora aparece como concreto-determinado e pensado.

Ainda, no que diz respeito ao seu método de análise da realidade, no prefácio de sua obra *O Capital* em sua primeira edição, Marx (1988) afirma que todo começo é difícil; isso vale para qualquer ciência. Em nossa compreensão, o método de análise pode possibilitar um caminho mais sistemático e organizado para que possamos realizar a pesquisa e este método deve ser coerente.

Outro elemento importante em relação ao método dialético de Marx (1978) e (1988) é a questão da totalidade. Neste sentido, podemos compreender a totalidade como sendo uma categoria fundamental da dialética e está presente em todo o processo analítico dialético. Desta forma, o todo, tal como aparece no cérebro, como um todo de pensamento, é um produto do cérebro pensante que se apropria do mundo do único modo que lhe é possível, modo que difere do modo artístico, religioso e prático-mental de se apropriar dele.

Neste caso, temos que realizar uma análise histórica para podermos perceber a origem e a formação desta totalidade a partir de suas contradições, pois esta formação não ocorre de forma homogênea. Nos estudos históricos de Marx e Engels (1998), é possível perceber essa análise, pois os autores mostram as contradições existentes na formação das sociedades humanas desde sua origem e formação até a sociedade capitalista.

Desta maneira, argumentam “a sociedade burguesa moderna, que brotou das ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos das classes. Estabeleceu novas classes, novas condições de opressão, novas formas de luta no lugar das antigas” (MARX e ENGELS, 1998, p. 10). Assim, é possível perceber que a formação desta totalidade, ocorre a partir dos conflitos e dos antagonismos entre as classes sociais. Podemos perceber que a análise realizada parte da realidade concreta, buscando abstrair inicialmente questões para que depois sejam reproduzidas concretamente. “Nesta medida, o curso do pensamento abstrato que se eleva do mais simples ao complexo corresponde ao processo histórico efetivo” (MARX, 1978, p. 118). Neste caso, Marx não irá abandonar o passado e sim fazer uso de forma histórica, para posteriormente apontar tendências sobre a sociedade capitalista.

Entretanto, na perspectiva dialética não podemos julgar um indivíduo pela consciência de si mesmo, embora esta questão deve ser analisada na pesquisa, pois o mais importante é descobrir a postura intelectual desse indivíduo pelo seu discurso e práticas intelectuais, mas também suas ações em organizações e instituições.

Assim, torna-se importante perceber historicamente a postura intelectual, neste caso específico o intelectual no qual estamos analisando sua trajetória. A classe intelectual a partir de sua postura e divisões no interior da sociedade, vai atuar no sentido da defesa dos seus interesses e dependendo da perspectiva, legitima as práticas da classe dominante e dependendo da posição política irá contestá-las.

Por outro lado, na concepção de Viana (2017) quando nos referimos a posição social e posicionamento tendem a ser semelhantes, embora, em alguns casos, possa haver certa discrepância, que só a pesquisa de casos concretos pode delimitar e explicar melhor essa questão. Neste sentido, torna-se importante realizar esta pesquisa para que possamos ter uma concepção correta sobre esse fenômeno, pois em vários momentos os intelectuais afirmam ser “*neutros*”, mas estes tomam posição no interior da classe social na qual estão inseridos e na esfera onde atuam. Por isso, temos que perceber seu posicionamento e posição, mas também sua postura intelectual.

Assim, podemos perceber na análise de Viana (2017) que uma postura intelectual remete não apenas para sua posição na hierarquia da classe intelectual e esfera científica, mas também seu posicionamento. Neste caso, esses intelectuais atuam no sentido de defender seus interesses tanto no espaço da sociedade, mas também a sua posição dentro das esferas sociais, incluindo a esfera científica.

Ainda segundo o autor, politicamente, os hegemônicos e dissidentes tendem a ser conservadores ou progressistas moderados, os venais são geralmente conservadores, os amadores são mais afastados da política institucional e mais heterogêneos em suas concepções políticas, os ambíguos tendem a ser predominantemente progressistas (com um setor conservador, ligados a instituições conservadoras) e os engajados são revolucionários.

Existem variadas posições e posturas intelectuais na qual podemos perceber na classe intelectual. Por haver certa heterogeneidade no interior desta, ocorre também disputas no interior da esfera científica por “*status*”, para tanto, os hegemônicos tem uma posição definida no interior da esfera científica na qual pertence, mas os dissidentes irão sempre disputar espaços com estes.

No caso do intelectual engajado, sua postura vai ser radicalmente distinta dos demais intelectuais e suas posturas, que neste caso pode ser tanto progressista como conservadora. É por isso que Viana (2016) ao analisar a postura desse intelectual, afirma que este se afasta da mentalidade e competição pelos espólios da classe intelectual e de sua esfera particular, geralmente realizando a sua crítica e apontando a transformação social radical e total como objetivo ao invés dos espólios da classe e esferas sociais.

O intelectual engajado tem na sua postura uma postura revolucionária e visa contribuir para este fim, por isso, sua prática intelectual é distinta dos demais que estão mais preocupados em manter uma posição privilegiada tanto no interior da sociedade capitalista, como na esfera na qual está integrado.

Neste sentido, é preciso compreender as diversas posturas dos intelectuais, pois trata-se de um elemento complexo no interior das esferas sociais, onde estes irão lutar para permanecer ou ampliar seu poder dentro da esfera científica. Estas posturas estão ligadas aos interesses de classes, principalmente da intelectualidade vinculada à classe dominante.

No que diz respeito a essa hierarquia Viana (2017) traz alguns apontamentos importantes para que possamos compreender essas relações no interior das esferas sociais, assim, segundo ele essa hierarquia na classe intelectual e no interior de suas subdivisões (esferas sociais) acaba criando um forte problema para o pesquisador que quer identificar qual segmento um intelectual pertence.

Nesta perspectiva de análise, podemos verificar que além da hierarquia existente no interior das esferas sociais, neste caso a científica, está evidente as diversas mudanças de posições e posturas intelectuais, isso vai depender de como esta esfera está organizada

e como esses indivíduos integrantes das esferas, lutam por espaço no interior desta. Essas mudanças ocorrem muitas vezes a partir dos interesses que estão em jogo, financiamentos e recursos na qual esses intelectuais conseguem, mas pode ser também a partir da mudança de concepção ou de perspectiva política.

Outro fator importante no interior das esferas sociais é a luta entre as frações da intelectualidade, pois estes acabam a partir da sua hegemonia ou não, buscando abrir espaços para poder desenvolver pesquisas no campo de estudo no qual está interessado. Desta forma, irão ocorrer interesses antagônicos entre indivíduos que integram as esferas sociais. Essas questões estão ligadas as suas práticas discursivas e as suas práticas efetivas no interior da esfera científica e irão realizar um discurso sobre si mesmo, que é a autodeclaração da sua postura intelectual, mas isso não é suficiente para defini-la, temos que ir além disso, pois essa autodeclaração é o indivíduo falando de si mesmo, pois temos que analisar esse discurso para saber se é efetivado na sua prática intelectual.

Nas palavras de Viana (2017) esta autodeclaração deve ser vista criticamente e acompanhada por outras fontes de informação. Neste caso, o material informativo necessário para se identificar qual é a postura intelectual de um indivíduo é, além da sua autodeclaração (o discurso sobre si mesmo e sua posição e posicionamento), a prática discursiva e a prática efetiva.

Desta forma, iremos desenvolver uma definição de cada uma destas para podermos compreender seu significado e sentido desses termos. Assim, a prática discursiva na concepção de Viana (2017) é o conjunto do seu discurso no qual explicita sua real posição diante da sociedade, política, intelectualidade etc. Entretanto, o pesquisador, não deve acreditar diretamente nesta prática, este deve analisá-la para poder perceber essas questões e se tem coerência com sua prática efetiva. No texto de Viana (2017) destaca ainda que a prática discursiva é o que ele efetivamente realiza em seus discursos, mas na prática efetiva pode haver contradições, por isso não devemos acreditar no discurso deste indivíduo, e sim realizar uma investigação para poder comprovar ou não sua prática.

A prática efetiva, significa “como ele efetivamente, se relacionava com a academia, esfera social e/ou intelectualidade e com a política e a sociedade” (VIANA, 2017). Neste caso, torna-se importante analisar para perceber suas práticas concretas no interior da universidade e demais espaços na qual estabelecia relações sociais com outros indivíduos e investigar a coerência do seu discurso na sua prática efetiva.

Desta maneira, fica claro na concepção de Viana (2017) que a prática efetiva é aquela na qual o intelectual exerce sua profissão e atividades em geral, o que permite observar se existe coerência entre sua autodeclaração e prática discursiva com relação à sua profissão, e aquela em que desempenha práticas políticas, se posiciona em relação às questões sociais etc., o que pode ser efetivado tanto na sua própria vida profissional e acadêmica quanto em outros lugares (imprensa, partidos, grupos políticos, meios de comunicação em geral, comunidade, associações diversas, etc.).

Nesta prática efetiva, o intelectual vai agir a partir de seus valores e interesses, isso vai depender, mas vai a partir de sua postura intelectual e do seu discurso, mostrar que sua prática efetiva é coerente com o seu discurso, principalmente nesses espaços públicos no que este tem possa vir defender suas concepções políticas em termos de efetividade. Neste sentido, temos então, um conjunto variado de possibilidades para poder compreender a autodeclaração, a prática discursiva e a prática efetiva de um intelectual integrante ou não da intelectualidade nos seus mais variados níveis de postura

Entretanto, as mutações de um intelectual na acepção de Viana (2017) são explicadas tanto pela sua evolução intelectual, quanto pelo processo histórico de vida, pois as mudanças sociais atingem os indivíduos, podendo mudar sua postura intelectual, seja por pressão, necessidades.

Essas mutações na qual o autor aponta, são fundamentais para que possamos compreender essas mudanças que ocorrem nas concepções dos intelectuais, mas também de suas posturas intelectuais, pois em cada momento histórico específico, certos indivíduos pertencentes à intelectualidade, podem mudar de postura e posição social. Um bom exemplo neste caso, são as mudanças de postura de intelectuais que passam a apoiar as lutas do proletariado organizado em momentos de avanço e acirramento das lutas desta classe social.

Nesse novo contexto, a partir destas lutas e formas de acirramento, alguns intelectuais irão mudar de posição e posicionamento para apoiar a classe trabalhadora em luta, assim podemos dizer que estes se desenvolveram em termos de concepção política. Quando ele fala que certo indivíduo muda sua postura intelectual por necessidade, pode ser necessidade de emprego, dificuldades econômicas ou até mesmo por oportunismo, de querer ganhar dinheiro fácil em uma organização ou até mesmo conseguir um cargo na burocracia estatal.

Aqui são apontadas questões fundamentais sobre a postura dos intelectuais, mas principalmente como descobrir essa postura, pois ao longo de sua vida e trajetória pode

sofrer mudanças e radicais, ou o inverso disso, passando de um intelectual engajado para defender posições conservadores, isso vai depender do contexto na qual esse indivíduo está inserido.

Foi possível perceber as mais variadas posturas e posições dos intelectuais na sociedade capitalista, pois esses indivíduos têm interesses e seus valores apontam para a defesa das ideias das mais variadas classes sociais, no caso dos intelectuais conservadores, é a defesa da classe dominante.

Então, estamos diante de uma situação que na prática ocorre a manifestação desses intelectuais no âmbito das esferas sociais. Estes não são neutros e desvinculados das relações sociais, muitas vezes ocorre a dificuldade para perceber sua postura intelectual e diz respeito à crença na sua autodeclaração

No que diz respeito a totalidade, trata-se de uma categoria fundamental para que possamos compreender um fenômeno analisado, neste caso, o método dialético de Marx nos possibilita estudar para compreender esta totalidade. Portanto, nas palavras de Viana (2017) é essa totalidade de elementos e determinações que permitem a reconstituição de qual é a postura intelectual de um determinado pensador. Através desse procedimento é possível identificar qual é a postura intelectual de um integrante da intelectualidade.

O intelectual e a intelectualidade, estão inseridos em uma totalidade que é a sociedade e expressam seus valores e interesses, fazem um discurso sobre si mesmo e sobre a realidade. Entretanto, cabe ao pesquisador realizar uma investigação sistemática para compreender determinados fenômenos sociais e políticos nas suas múltiplas determinações.

Na própria forma de realizar uma investigação da trajetória intelectual e política de um integrante da intelectualidade, temos que ter essa preocupação no sentido de possibilitar de forma ampla uma análise coerente com a realidade na qual esse indivíduo se inseriu ou se insere e neste caso o método dialético de Marx nos possibilita esse caminho.

### 3.2-O discurso de Maurício Tragtenberg

Neste tópico do nosso trabalho, buscaremos compreender o discurso de Maurício Tragtenberg e perceber como este autor se autocompreendia e a sua autodefinição como

intelectual. Torna-se importante analisar sua posição e perspectiva política. Em termos gerais sua obra é heterogênea, bem como a análise que é realizada sobre a mesma.

O intelectual tem um discurso sobre si mesmo, de suas posições políticas e práticas intelectuais. Esse indivíduo se insere em instituições na qual desenvolve suas atividades e funções sociais. Geralmente realizam suas pesquisas e demais trabalhos com objetivos, que pode ser de crítica social e política ou na defesa da ordem social capitalista.

No que diz respeito aos intelectuais, Tragtenberg (2011b) afirma ser a função do intelectual fazer a crítica da ideologia. Agora, como o intelectual pode ajudar os chamados dominados, sem paternalismo, dentro da nossa área de trabalho, procurando assessorar as associações voluntárias para que eles se auto-organizem. Tragtenberg (2011b) afirma, “eu acredito muito mais na auto-organização dos dominados pelas suas associações voluntárias do que em qualquer partido”.

A defesa das classes exploradas, ocorre a partir de sua auto-organização e da coletividade em luta. Na sociedade capitalista os intelectuais, sejam eles, engajados ou aqueles que tem certa simpatia com a classe trabalhadora, devem contribuir com sua luta, pois a sociedade capitalista em termos de organização das relações de trabalho, vai exercer uma forte pressão em relação as classes sociais exploradas. Desta maneira, defender os interesses de uma classe, vai depender principalmente dos interesses e dos valores do indivíduo.

Em seu discurso, Tragtenberg (1967) diz que “o homem deve ter o direito de desejar o absurdo e não só o que é razoável. Ser problemático e misterioso, toda sua natureza é contradição e luta entre tendências que se opõe e se harmonizam”. Contudo, é preciso que estes seres sociais possam historicamente ter uma concepção correta da realidade e ao mesmo tempo superar esse modelo de sociedade na qual estamos inseridos.

Na sociedade capitalista e suas relações sociais complexas, estamos diante de conflitos cotidianos com a própria sociedade e com as classes sociais que a integram. Segundo Tragtenberg (1967) nesse modelo de sociedade, é historicamente sabido que os opressores sempre se julgam a vanguarda dos oprimidos.

Sua perspectiva parte de uma análise da sociedade a partir da luta entre as classes sociais e sua posição é crítica em relação à organização da sociedade burguesa. Segundo Tragtenberg (2011b) por outro lado, apesar de alguns falarem em “*capitalismo de organização*” ou “*moderno*” é importante reter que, apesar das grandes transformações sofridas nos últimos cem anos pelo capitalismo, ele continua sendo o motor de uma sociedade de classe, essa luta constitui o elemento predominante da vida social.

Esta forma de organização, tem na sua base um modelo de representação política que vai fazer o discurso desta mesma representação para poder atingir todas classes sociais, principalmente as exploradas, pois estas são as mais necessitadas, assim o discurso é de inserção social e acesso aos mais variados produtos e mercadorias existentes na sociedade capitalista.

Maurício Tragtenberg, assume uma posição crítica da realidade, mas neste caso, essa posição e perspectiva é de um comunista e humanista, pois ele acreditava e trabalhou com esse objetivo. Em vários momentos realizou essas afirmações de que tinha um projeto político autogestionário. No texto sobre Rosa Luxemburgo e a crítica aos fenômenos burocráticos, desenvolve algumas reflexões interessantes sobre sua concepção política e de sociedade.

Assim, torna-se importante apontar alguns desses elementos para que possamos ampliar a compreensão sobre sua autodeclaração. Segundo Tragtenberg (2011b) é como eu digo: “pode-se ser antimarxista, mas não se pode desconhecer o marxismo. Como uma espécie de marxista anarquizante, vou explicar melhor. São tão importantes as teses econômico-sociais de Marx que até hoje a esquerda não apresentou coisa melhor”. Seus pressupostos de compreensão da realidade, estavam pautados nas obras desse autor e ao mesmo tempo se aproximava dos anarquistas.

A esquerda institucional para ele é conservadora da ordem social vigente. Entretanto, se posiciona como um marxista anarquizante, pois tem interesses em ambas as concepções, mas como dito em momento anterior, Maurício Tragtenberg tinha mais proximidade com o marxismo de Marx e dos conselhistas, como ele bem aponta na citação abaixo.

A velha crítica dos comunistas de esquerda, um pessoal muito pouco discutido e pouco lido. Pannekoek e Herman Gorter, por exemplo, os comunistas de conselhos, gente que não aparece em bibliografia marxista acadêmica comum, mas já é hora de começar a aparecer e ser discutida nas universidades (TRAGTENBERG, 2011b, p. 76).

Estes autores historicamente foram importantes para a compreensão da luta dos operários no início do século XX, mas principalmente no que diz respeito a sua autonomia para organização e luta. Trata-se de um período no qual as lutas operárias estavam avançando.

Tragtenberg realiza a crítica ao anarquismo, principalmente pela questão desta concepção não aprofundar seus estudos a determinados fenômenos, isso desde o anarquista Russo Mikhail Bakunin. Neste sentido, Tragtenberg (2011b) diz que o

problema é que o anarquismo enquanto conjunto de textos, não desenvolveu uma crítica sistemática do capitalismo, do Estado, da burocracia e do autoritarismo. Lendo os textos econômicos anarquistas pode-se perceber que a reação a isto é mais emocional do que propriamente estruturada.

Então, falta no anarquismo na concepção do autor, estudos sistemáticos e com aprofundamento teórico no sentido de fortalecer as posições anarquistas teoricamente, tal como fez Marx e os autores marxistas no século XX, pois foram coerentes com esta perspectiva de análise da realidade. Como intelectual vai fazer a defesa da coletividade, contra todas as formas de inferiorização das classes populares, defendendo assim, o ser humano na sua totalidade, pois seu humanismo não era abstrato.

Ao defender uma posição de socialista, comunista ou autogestionário, temos que ter consciência da nossa luta cotidiana como intelectual engajado no sentido da defesa dos interesses proletariado, que necessita de organizar para colocar em prática o seu projeto político.

Na concepção de Ferreira (2001) Maurício Tragtenberg foi nas ruas o militante que sempre sustentou a noção de autonomia operária ante os partidos políticos, posto a entender que o trabalhador pode e deve ser o construtor do próprio destino; já nas escolas, o educador Tragtenberg sempre estimulou o estudante a refletir, a pensar as grandes teorias do social, com a própria cabeça.

Retomando uma questão importante neste trabalho, que é a questão dos intelectuais, Maurício Tragtenberg mostra alguns elementos de análise sobre a ação desses indivíduos, neste caso:

Eu acho que o pessoal devia ser mais humilde, especialmente os intelectuais. Eles têm mania de ensinar o povo, e eu acho que eles devem aprender com o povo. Nossos colegas são pouco humildes porque se julgam portadores de um saber, em relação à média do povo, e partem de um pressuposto: acham que esse povo precisa ser tutelado (TRAGTENBERG, 2011a, p. 25).

Os intelectuais irão atuar em dois sentidos, um para defender os interesses dos dominantes, ou para atuar em favor dos dominados. Seria então a função social dos intelectuais ensinar o “*povo*”? A resposta de Tragtenberg é não. Em termos mais simples, o autor coloca o termo “*povo*”, mas neste caso, vamos utilizar o termo classe operária. De fato, esse termo é mais adequado para nos referirmos a grande parte da população de uma cidade ou país. Nesta perspectiva, proletariado, não necessita de intelectuais para dirigi-los ou dizer o que deve ser feito. Os trabalhadores devem se organizar e lutar coletivamente.

Na acepção de Tragtenberg (2011a) pela estrutura tradicional da escola de formação sindical, da tão alardeada “(de) formação sindical” dos partidos políticos – especialmente os que trazem o nome “operário” -, ele é educado para obedecer. Assim, para ele, são escolas de submissão como são o presídio, o convento, o manicômio, a fábrica onde trabalha. O conservadorismo está presente nas relações sociais, principalmente como atuam as instituições e organizações sociais presentes no interior da sociedade capitalista. Esta sociedade tem por base a reprodução de certos valores instituídos por essas instituições, como é o caso das escolas, pois são organizadas a partir dos interesses do Estado.

É necessário fugir destas formas de imposição na qual as classes exploradas sofrem cotidianamente, pois para o Estado e a sociedade capitalista o mais importante é a perpetuação de seus valores. Por outro, a luta dos trabalhadores deve ser gestada e gerida pela classe e não por políticos ou sindicalistas profissionais que a representam.

Estas lutas têm outro objetivo: a libertação do operariado das formas de controle exercidas no interior de fábricas, indústrias e demais locais de trabalho. Desta maneira, os trabalhadores têm experiências distintas das lutas geridas por organizações como é o caso dos sindicatos, limitando assim a autonomia do operariado.

A burocracia sindical e seus representantes, irão dizer que a classe trabalhadora não tem consciência para se auto-organizar, necessitando assim desta organização externa para continuar sua luta. Tragtenberg vai contra esta concepção ao colocar a classe trabalhadora como sendo possuidora de uma consciência.

Em suas lutas, os trabalhadores a partir de sua consciência, não devem deixar que estas organizações passem a sua frente e lutem em seu nome. Em seu nome deve falar a própria classe e não dirigentes profissionais, pois estes somente falam e negociam em seu nome, mas na prática estes tem vínculos com empresas e empresários. Por isso, a luta e a organização dos trabalhadores deve ser autônoma e que vise a emancipação humana, contra as formas burocráticas instituídas na sociedade capitalista.

Na perspectiva de análise de Tragtenberg (2011a) a consciência se desenvolve no processo de luta. Ela não nasce *a priori*. Por isso é importante colocar que não é necessário fazer uma quantidade X ou Y de leituras teóricas sobre determinados fenômenos para poder realizar ou organizar uma greve e lutar coletivamente. A partir desta consciência, o proletariado é capaz de se organizar e fazer avançar suas reivindicações e lutas contra os patrões e as organizações burocráticas.

Em termos gerais, podemos perceber no discurso do autor analisado uma preocupação constante em defesa das classes exploradas, para tanto, demonstrava seu compromisso concretamente, ao mesmo tempo se engajou nas lutas sociais em busca da emancipação humana. Demonstrou essas ações a partir de um discurso sobre essa realidade, porém, atuou na prática juntamente com os trabalhadores no sentido de defender os interesses coletivos desta classe.

Não esteve preocupado em controlar ou dirigir, mas principalmente estar junto e atuar no sentido da formação de uma consciência coletiva da classe para uma luta mais ampla. Estabeleceu um discurso sobre si mesmo e uma postura intelectual, afirmava ser um marxista anarquizante, pois diante das questões políticas e sociais, ficou claro suas posições e perspectiva de análise, bem como de sua perspectiva política, que era a defesa da classe operária, sua autonomia e principalmente a auto-organização desta no sentido de sua emancipação.

### 3.3-A prática discursiva de Maurício Tragtenberg

Nesta parte torna-se importante analisar a prática discursiva de Maurício Tragtenberg, para que possamos perceber seus discursos sobre determinadas realidades, tal como estamos analisando, como é o caso da universidade que já apontamos alguns elementos, sobre os intelectuais e a intelectualidade em geral, onde fizemos alguns comentários, suas ações e a questão do engajamento presente em nossa análise.

Podemos perceber como ele realizou a crítica a burocracia, aos partidos políticos e sindicatos, mas principalmente a política das instituições. Inicialmente Maurício Tragtenberg tem um discurso sobre essas temáticas, mas também uma prática que se mostra crítica a essas questões. Por isso, ser importante realizar uma investigação sobre tais fenômenos.

Inicialmente, podemos apontar a partir da concepção de Tragtenberg (2012) que a pós-graduação é aproveitada por luminares acadêmicos que a ela se dedicam muito menos na produção de conhecimentos e mais na ostentação do *status* de “*vendedores de prestígio*” nos campi universitários deste país afora. Na verdade, a posição ocupada no âmbito da burocracia universitária, seja de professor ou pesquisador, mesmo que pesquisando muito pouco ou quase nada, há uma organização burocrática para legitimar

as práticas intelectuais desses indivíduos que são práticas conservadoras da ordem social vigente.

Maurício Tragtenberg estabeleceu relações sociais no âmbito da universidade durante várias décadas, mas mesmo sendo um acadêmico realizou uma contestação da forma que os indivíduos estabeleciam essas relações sociais neste espaço. Como integrante da intelectualidade, não fez o discurso para legitimar os interesses da classe dominante, quando afirma que esta instituição realiza o discurso e uma prática estabelecida a partir de uma cultura superior, está apontando como essa instituição acaba excluindo indivíduos pertencentes as classes sociais exploradas. Neste caso, trata-se de uma instituição que defende os interesses da burocracia como classe social.

A partir de outros pressupostos, Tragtenberg realiza alguns apontamentos sobre essas questões relacionadas à universidade.

O importante é, estando na universidade ou não, manter a mesma linha, não só de crítica verbal, mas também de prática anticapitalista, no sentido amplo do termo, independente do nome que você queira dar dos “ismos”, de conseguir fazer a carreira universitária sem carreirismo, como um verdadeiro intelectual, na base do trabalho, do esforço, ou seja, do concurso, e não na base de prebendas (TRAGTENBERG, 1999, p. 97).

A sua posição crítica diante da universidade na qual conhecia muito bem, pois passou a integrar esta instituição desde o final dos anos de 1950 até o final da década de 1990 quando veio a falecer. Seu posicionamento contra a organização burocrática e as mais variadas formas de “*carreirismo*” na qual os intelectuais buscam, independentemente de como estes consigam chegar a certas posições de direções dentro da universidade. Passou a desenvolver seus trabalhos de pesquisa sem estar preocupado com o carreirismo que ele tanto criticou.

A universidade como um todo não realiza mudanças significativas em sua forma de organização e gestão. Neste sentido, temos mais alguns apontamentos importantes sobre esta instituição.

É o século da universidade liberal, onde os frequentadores, oriundos de uma burguesia cujos modelos educacionais familiares são autoritários, vão aprender na universidade não somente os elementos de uma formação médica, jurídica ou literária, mas as normas de comportamento exigidas por sua origem social que define os parâmetros de suas aspirações sociais (TRAGTENBERG, 2012, p. 72).

Historicamente a universidade foi utilizada para fins de estabelecer formas de acesso ao seu saber de forma contraditória, pois ao mesmo tempo em que busca privilegiar alguns, esta acaba sendo também espaço de inserção para indivíduos de outras origens sociais. Estes podem ter uma percepção distinta da maioria dos indivíduos de origem

burguesa ou pequeno burguesa. Geralmente valora e valoriza os cursos que são reconhecidos no mercado de trabalho e que podem atender aos interesses de grupos específicos na sociedade. Ainda segundo Tragtenberg (2012) enquanto instituição separada e relativamente autônoma encarregada de produção e difusão de um tipo de saber, ela simboliza, através dos seus sistemas de controle, como exames, seleção de estudantes e a nomeação de professores, a organização de uma sociedade em que há a contaminação entre o saber e o poder.

Essa relação entre saber e poder, é uma das características da universidade e demais instituições de ensino que tem essa forma de organização burocrática. Os indivíduos são controlados através dessa forma de gestão e organização hierárquica, onde nem todos têm condições de se inserir ou se adaptar. A intelectualidade é parte integrante de sua estrutura, sendo reprodutora dos seus interesses.

É preciso buscar formas que vão além dessa forma burocrática que estabelece relações sociais cada vez mais hierárquicas intermediada pela burocracia acadêmica. O próprio Tragtenberg (2012) reconhece que deve haver críticas, pois onde não há crítica, não há ciência. Por isso, que a crítica no espaço universitário é fundamental, é o oxigênio da universidade. No dia em que se acabar com a crítica, a universidade se torna um cemitério de vivos. Torna-se aquela universidade do “*sim senhor*”. Nós voltaremos ao período escravocrata, em que as cidades eram grandes fazendas. A universidade geralmente ocupa o espaço de uma fazenda antiga.

Neste sentido, é necessário pensar novas relações sociais no âmbito da universidade, pois é obvio as limitações que ocorrem nessa instituição, principalmente pela questão do controle burocrático que limita cada vez mais a atuação tanto de professores como de alunos.

Maurício Tragtenberg em seu texto *A Delinquência Acadêmica* nos possibilita algumas reflexões importantes sobre essas questões. Segundo ele a alternativa é a criação de canais de participação real de professores e estudantes e funcionários no meio universitário, que se oponham à esclerose burocrática da instituição. Mas para que isso ocorra, é necessário que estes indivíduos envolvidos, tanto professores e alunos, possam se organizar para poder lutar contra essas formas de imposição de domínio por parte da burocracia universitária. Geralmente quando um grupo de estudantes ou professores lutam por seus interesses, o que deve prevalecer é a luta coletiva e a auto-organização para buscar atingir seus objetivos nesta luta.

Nesta perspectiva o autor defende a autogestão pedagógica, pois esta teria o mérito de devolver à universidade um sentido de existência, qual seja: a definição de um aprendizado fundado numa motivação participativa e não decorar determinados “*clichês*”, repetidos semestralmente nas provas que nada provam, nos exames que nada examinam, mesmo porque o aluno sai da universidade com a sensação de estar mais velho, com um dado a mais: o diploma acreditativo que em si perde valor à medida que perde a raridade.

No que se refere ao saber sociológico este irá contribuir com os interesses da classe dominante, neste sentido podemos afirmar:

O saber sociológico atualmente não é simplesmente um aspecto da cultura universitária; tornou-se elemento de poder, daí a proliferação de centros de documentação, bancos de dados, institutos de planejamento: a escolha das pesquisas depende dos financiamentos possíveis; por outro lado, a “*moda*” acadêmica impõe sua tirania. Uma pesquisa é determinada não porque se é obrigado a ter esta ou aquela orientação teórica para receber financiamento, mas recebe financiamento por ter esta ou aquela orientação teórica; trata-se de uma determinação que opera com alto nível de sutileza (TRAGTENBERG, 2004, p. 24).

Neste aspecto, o saber está intimamente ligado as formas de poder e dominação. Este saber é utilizado nos seus mais variados níveis para estabelecer pesquisas no sentido da descoberta de novos fenômenos ligados as mais variadas formas de sociedades, tribos e comunidades. Na universidade ocorre a seleção de pesquisas, as que são selecionadas geralmente são aquelas que irão atender aos interesses da instituição que é representante do Estado, pois é esta instituição que vai estabelecer sua organização e financiamento para poder exercer de alguma forma certa influência nas decisões em âmbito burocrático.

A intelectualidade ligada a universidade, vai buscar obter recursos para poder desenvolver suas pesquisas, para tanto alguns não irão ter problemas para atingir seus objetivos, pois se trata de intelectuais e pesquisas para atender aos interesses da classe dominante. Agora, aquele pesquisador pertencente a uma linha de pesquisa distinta e que parte de uma perspectiva crítico-revolucionária, terá mais dificuldades para poder conseguir financiamentos para desenvolver suas pesquisas.

A universidade deve cumprir um papel social mínimo, assim Tragtenberg (2012) diz que na universidade estudam-se fatos, suas leis, os fundamentos lógicos e históricos dos conceitos em seu significado. Ela deve oferecer um saber e experiência de pesquisa; não cabe a ela a adoção de livros sagrados nem possuir intérpretes “*autorizados*”, portadores de um saber salvacionista. Ela deve expor as doutrinas de todo o tipo, examinando seus postulados, deve desenvolver uma compreensão da realidade social e pensa-la com clareza.

Tudo isso é tarefa da intelectualidade que está vinculada diretamente a esta instituição, que visa desenvolver estudos, pesquisas e contribuir com a vida em sociedade, principalmente ao formar seus acadêmicos em pesquisadores, profissionais das mais variadas funções e profissões. Esta instituição não deve ser fechada em si mesma, tem que haver formas de ampliação das suas pesquisas e a entrada de novos estudantes e pesquisadores de perspectivas e valores diferentes, mas quase sempre isso não acontece.

Desta forma é necessário pensar uma outra forma de gestão e acesso à universidade tanto de alunos como de professores. Para que se estabeleça alguma forma de mudança se faz necessário que a intelectualidade juntamente com os alunos, que são os mais interessados possam lutar conjuntamente para chegar a este objetivo.

Retomando a obra de Max Weber, Maurício Tragtenberg (2012) mostra que para Weber, a cátedra universitária deve ser um fórum onde se debatam as grandes questões inerentes às disciplinas ensinadas na universidade e não uma arena medíocre onde medíocres dela se vale para a divulgação dos seus pontos de vista paroquiais.

Mais uma vez Maurício Tragtenberg realiza a crítica da universidade e da intelectualidade, pois mesmo pertencendo a essa classe social, percebia os seus limites, também mostrava como poderíamos avançar no sentido de contribuir com a superação desta realidade.

Em sua primeira obra publicada em 1967, Tragtenberg traz uma concepção de Estado Moderno, mas vai ao longo de sua trajetória em diversas outras obras e artigos trabalhar com questões voltadas para a compreensão do Estado, sua forma de organização e suas ações para estabelecer um tipo de controle social em relação à sociedade civil. Para tanto, essa instituição representa uma classe social, que é a classe dominante.

Por seu lado, o Estado Moderno é uma organização em que a sociedade burguesa se associa para defender o regime capitalista de produção contra os ataques quer dos trabalhadores, quer dos capitalistas isolados. O Estado Moderno, qualquer que seja sua forma, é uma máquina essencialmente capitalista, é o Estado dos capitalistas, o capitalista coletivo ideal (TRAGTENBERG, 1967, p. 160).

Sua análise, diz respeito a origem e a formação do Estado Moderno, sua forma de organização tendo por base a Monarquia Absolutista. É um momento importante, pois se trata de um novo modo de vida e de organização para a sociedade moderna que estava em ascensão, principalmente pelas novas formas de mentalidade e a acumulação primitiva de capitais, que vai ser o impulsionador da ampliação da sociedade capitalista e suas relações mercantis que estavam se desenvolvendo.

Na sua concepção de sociedade e sua forma de organização a partir da sociedade capitalista, desenvolve uma forte crítica a esse modelo de sociedade, ao mesmo tempo em que toma partido por parte das classes exploradas, esta concepção está presente em grande parte dos seus escritos desde a juventude até mesmo nos textos mais aprofundados, como é o caso de *Burocracia e Ideologia* (2006).

Na sociedade capitalista e sua forma de organização, temos a democracia representativa que para os defensores desta e da classe dominante, irão afirmar que é uma democracia popular, do povo que visa a inserção destes indivíduos independente da classe social de origem, temos direitos nos mais variados espaços da sociedade, mas na prática não é isso que acontece. Na concepção de Tragtenberg (2011a) a burguesia criou-a à sua imagem e à sua semelhança e é utópico pensar que possa servir a fins distintos daqueles para a qual foi criada.

Na proposição sobre a sociedade Maurício Tragtenberg defende formas de relações sociais bem distintas das que ocorrem na sociedade capitalista. Para a organização e perspectiva de uma nova sociedade, é preciso a luta coletiva da classe trabalhadora e demais classes sociais exploradas para atingir esse objetivo, pois normalmente a ofensiva burguesa nesse aspecto é forte, basta observarmos as experiências históricas da classe trabalhadora em suas tentativas de derrubada da sociedade capitalista.

O Estado nesta concepção é um Estado de classe, nesse sentido o autor se aproxima da concepção de Karl Marx. Esta forma de organização se desenvolve a partir de práticas de racionalização em sua gestão e no seu planejamento e assim, desenvolveu suas práticas capitalistas.

Assim, o “fetichismo do Estado e da mercadoria aparecem no funcionamento do Estado e do mercado. A sociedade é a um só tempo estranha e inseparável do Estado; este a protege, mas a oprime” (TRAGTENBERG, 2006, p. 113). Na prática, existe concretamente uma ligação dessa instituição social com o mercado, pois estes atuam para “*harmonizar*” a vida em sociedade, mas nem sempre é possível. Existe na vida cotidiana a luta entre as classes sociais, que nem sempre é possível disfarçar sua existência. É uma contradição, pois ao mesmo tempo em que realiza a proteção da sociedade, este comete formas opressivas e repressivas em relação a esta, principalmente dos indivíduos ou grupos que se colocam contrários aos seus interesses.

Nos textos de Maurício Tragtenberg no qual estamos analisando teoricamente, é possível perceber a crítica aos partidos políticos, sindicatos, aos líderes vanguardistas e

ao Estado. Neste sentido, torna-se importante realizar uma investigação para perceber essas questões e mostrar seu posicionamento em relação a esse fenômeno. Trata-se de ações na qual Tragtenberg esteve inserido na luta dos trabalhadores, pois os textos do jornal é uma forma de possibilitar novas informações para os trabalhadores em geral, em suas associações operárias e na prática do cotidiano do chão de fábrica.

Inicialmente sua análise diz respeito aos militantes dos partidos políticos, pois estes se inserem nessa organização para defender uma proposta de organização e gestão para depois colocar em prática após conquistar o poder político através das eleições. Assim, Tragtenberg afirma: “teoricamente, os militantes de um partido devem conhecer as propostas programáticas das diferentes linhas internas, escolhendo a que está mais conforme a sua maneira de pensar. A cúpula de um partido representa os filiados” (TRAGTENBERG, 2008, p. 97). Mas nem sempre é o que acontece, muitos desses filiados, não conhecem a estrutura organizacional do partido, nem sequer suas propostas internas ou até mesmo de campanhas políticas, muitas vezes não passam de discursos vazios, fazendo com que esse filiado tenha mais dúvidas do que certeza em relação ao partido no qual está filiado.

Os partidos políticos têm uma forma de organização própria, seus líderes administram essa organização pensando no poder da sua liderança, normalmente com “*mão de ferro*”, formam verdadeiras oligarquias no interior destas organizações<sup>33</sup>, para poder defender os interesses de uma classe social, geralmente a classe dominante, contra os trabalhadores, apesar que o discurso dos partidos políticos intitulados de esquerda é a defesa dos direitos dos trabalhadores.

Desta maneira, podemos perceber que a organização de um partido político ocorre a partir da relação entre aqueles que são os dirigentes e os dirigidos que são hierarquicamente inferiores nessa relação<sup>34</sup>. Ainda assim, nas palavras de Tragtenberg, podemos perceber a seguinte questão:

O fato de ser dirigente leva-o a afastar-se da vida cotidiana da maioria das pessoas, o que o torna “diferente”. Torna-se geralmente conservador, levando uma vida privada e desenvolvendo interesses da minoria dirigente. Esses líderes partidários, isolados nos escritórios, são facilmente corruptíveis pelos interesses das classes dominantes (TRAGTENBERG, 2008, p. 97).

---

<sup>33</sup> Na obra *A Sociologia dos Partidos Políticos* de Robert Michels (1982) realiza uma análise sobre a organização dos partidos políticos e ao mesmo tempo defende a ideia da Oligarquia no interior dos mesmos.

<sup>34</sup> Na obra *O que são partidos políticos* (2003b) Nildo Viana realiza uma crítica a essa relação burocrática estabelecida no interior dos partidos políticos, sejam eles, de esquerda ou de direita.

É a organização burocrática do partido político que faz cada vez mais o líder se distanciar de sua base. Vai cada vez mais, desenvolver atividades para satisfazer seus interesses pessoais e do grupo dirigente do partido, por isso, como aponta o autor acima, se torna cada vez mais conservador das relações sociais estabelecidas no interior do partido político. Neste caso, além de fazer associações com grupos fora do partido, esses líderes partidários são facilmente corrompidos por grupos empresariais, que tem interesses em prestar serviços no interior de um governo, que pode ser tanto em escala municipal, estadual ou federal. Estas ligações são comuns dentro dos partidos políticos, principalmente aqueles que já estão com o poder estabelecido e ocupam os principais cargos no executivo ou legislativo nos seus mais variados níveis.

Na concepção de Tragtenberg, os sindicatos cumprem uma função parecida, tanto no capitalismo privado ou sob o capitalismo de Estado<sup>35</sup>, afirma que o sindicato tem papel parecido. Assim, trata-se de realizar uma investigação para perceber como analisa os sindicatos a partir de sua forma de organização.

Para Tragtenberg (2008) o sindicato exerce a mesma função de um partido político, contribuindo para a reprodução do sistema. Da forma que os sindicatos se organizam na sociedade capitalista, estes são organizações burocráticas, que se organizam a partir da relação entre o dirigente e o dirigido. Por isso ele afirma: “é um sindicato atrelado ao Estado<sup>36</sup>, cuja preocupação consiste em controlar a massa operária, falar e negociar às suas costas” (TRAGTENBERG, 2008, p. 103).

Percebemos que grande parte dos sindicatos hoje, além do atrelamento ao Estado, são controlados por essa instituição, mas principalmente, existe a relação entre essa forma de organização com os patrões, fazendo acordos contra os trabalhadores, por isso dizem os representar, mas na prática realizam acordos para a manutenção de seus interesses e consequentemente da sociedade capitalista.

O sindicato na sociedade capitalista, deveria ser o principal representante dos trabalhadores. Buscam legitimidade em seus estatutos que muitas vezes não são claros no que querem representar. Podemos dizer, que os sindicatos estão inseridos na lógica do

---

<sup>35</sup> Neste caso, a referência é ao Estado Russo instituído após a Revolução Russa de 1917, onde o partido bolchevique liderado por Lênin chega ao poder constituído do Estado. Na obra *Revolução Russa* Tragtenberg (2007), realiza uma análise sobre o tema, ao mesmo tempo realiza uma crítica radical ao partido comunista russo e sua burocracia.

<sup>36</sup> Sobre a questão dos sindicatos, sua burocratização e atrelamento ao Estado no Brasil, a obra de Martins (1989) realiza uma investigação interessante, mostrando como o sindicato se torna cada vez mais burocrático.

capitalismo moderno a partir dos seus interesses, estão ligados a outras organizações e instituições. Desta forma podemos afirmar:

Por meio do capitalismo sindical, o capitalismo moderno se redimensiona: o capitalista cuida das máquinas, o sindicato cuida da disciplina da mão-de-obra. Noventa por cento das entidades, grupos ou partidos que trazem o nome “operário” tem a finalidade de controlar o operariado (TRAGTENBERG, 2008, p. 103-104)

Esta é a relação estabelecida entre os sindicatos, pois se organizam para atender aos interesses dos capitalistas contra os trabalhadores. Os sindicatos e sindicalistas, irão agir para disciplinar os trabalhadores no que diz respeito às suas lutas, contra a exploração e dominação nos locais de trabalho. Desta maneira, os sindicatos acabam exercendo um papel de amortecer os conflitos entre patrão e trabalhador. Na teoria o discurso é de “*representar a classe*”, na prática os acordos obscuros são comuns, pois grande parte destas organizações querem mesmo é controlar a classe trabalhadora, seja pelo discurso, ou pela sua burocracia que age sempre em nome dos dominantes. Por isso, o autor afirma que grande parte destas entidades, partidos e sindicatos apenas utilizam o termo “*operário*”, falam em seu nome, mas não atuam no sentido de defender seus interesses.

Em sua concepção o voto não passa de uma “*ilusão*”, pois na prática não resolve os problemas da classe trabalhadora, pois a cada eleição o trabalhador vota e sua realidade não é transformada. Segundo Tragtenberg (2009b) “há uma grande ilusão popular que o governo representativo eleito pelo sufrágio “*universal*”, seja o governo do povo ou o povo no governo”.

Durante o processo político eleitoral, ocorre a divulgação de partidos e candidatos, neste caso, as propagandas. Assim, afirma Tragtenberg (2009b) “a propaganda dos princípios é substituída pela propaganda das pessoas. O único interesse dos partidos políticos é a vitória das candidaturas”. Após a vitória, os partidos e agora candidatos eleitos, desfrutam dos privilégios dos cargos a serem exercidos, inclusive empregar grande parte dos apoiadores de campanha, bem como amigos, militantes do partido e familiares.

Infelizmente é uma realidade comum nos países de democracia representativa, pois nas palavras de Tragtenberg (2009b) “a ilusão eleitoral leva o povo à inércia, ao adormecimento, esperando que alguém lute por ele. As eleições é um momento onde há um forte apelo social por parte dos partidos políticos e de seus candidatos, mas na prática estes não representam os interesses dos trabalhadores. Estes necessitam se organizar para

lutar contra essas organizações e instituições que visam estabelecer cada vez mais um forte controle sobre a classe trabalhadora.

Podemos perceber como exemplo, a criação do partido dos trabalhadores em São Paulo na transição dos anos de (1970-1980). “O PT, que inicialmente constituiu uma esperança de valorização da auto-organização, ao eleger o caminho eleitoral, tende a formar; em cada trabalhador vereador, deputado ou senador, um ex-trabalhador” (TRAGTENBERG, 2009b, p. 53). Desta maneira, está claro que o partido político tem interesses distintos dos trabalhadores, pois ao se colocar na posição para disputar as eleições, este acaba fazendo o jogo das organizações e instituições burocráticas.

É interessante notar que na análise de Tragtenberg (2009b) vença quem vencer as eleições, nada muda no interior das fábricas, no campo e nas oficinas. Nos escritórios, nos bancos, nos hospitais. Mesmo os partidos políticos afirmando serem representantes legítimos do povo, da classe trabalhadora e dos excluídos.

No caso do partido dos trabalhadores, “no momento em que foi lançado o PT como partido de massas, não havia nenhum partido operário desse tipo no país” (TRAGTENBERG, 2009b, p. 57). A partir daí grande parte da classe trabalhadora achava que tinha um partido político para o representar, mas desde sua origem esse partido já tinha o interesse de disputar as eleições, assim entraria no jogo da política institucional. Desta maneira, partindo de uma perspectiva distinta, podemos perceber que as mudanças não ocorrem através da ação dos partidos e de seus representantes e sim através da luta autônoma da classe trabalhadora organizada.

Estado e parlamento atuam em conjunto para legitimar ações dos partidos políticos e de seus chefes. Tragtenberg (2009b) realiza uma crítica, pois o parlamento cria uma categoria de “*políticos*” com seus interesses específicos, geralmente opostos aos do povo. O caminho do reformismo é o da legalidade, é tranquilo, mas cheio de armadilhas. A participação vitoriosa do PT nas eleições municipais, o lançamento de Lula como candidato a presidente e a participação do partido nas futuras eleições estaduais reforçam os traços reformistas que acentuamos anteriormente.

Neste sentido, torna-se importante notar que toda a crítica realizada por Maurício Tragtenberg em relação a sociedade capitalista, e seu modo de produção correspondente, bem como as instituições e organizações sociais, tinham um objetivo que era contribuir com a transformação social radical das relações sociais, ou seja, uma nova forma de sociedade.

Nesta perspectiva passa a defender a autogestão das lutas sociais, pois os trabalhadores têm a necessidade de se organizar para lutar coletivamente. São vários os exemplos e experiências de lutas autônomas, onde trabalhadores demonstraram sua capacidade de auto-organização em defesa dos interesses da classe. Desta forma podemos dizer que Tragtenberg foi um apoiador das lutas autônomas dos trabalhadores.

Na obra *A Falência da Política* (2009b), Tragtenberg defende a *Comuna de Paris* como sendo a primeira revolução dos trabalhadores, e ao mesmo tempo defende as posições de Karl Marx sobre esse fenômeno, pois é uma experiência prática dos produtores na luta pela emancipação humana. Tragtenberg coloca também que o russo Mikhail Bakunin, foi um dos defensores da comuna<sup>37</sup>. Segundo ele, essa é uma tendência que aparece nos momentos decisivos da luta dos trabalhadores: na Comuna de Paris (1871), na Revolução Russa de 1917, nas revoluções Alemã e Húngara de 1918, na Guerra Civil Espanhola (1936-1939), no Movimento de Maio de 1968 na Europa; toma a forma de comissões de fábrica (soviets, conselhos de fábrica e conselhos operários), visando dirigir a vida econômica, política e social. Essas foram algumas das experiências históricas e concretas do movimento operário, no que diz respeito a uma sociedade autogerida.

A sociedade comunista, ou seja, a livre associação dos produtores auto organizados em comunas, é um modelo radicalmente novo e distinto da sociedade capitalista, que tem por base a concorrência a competição e um individualismo exacerbado.

Desta maneira, é possível perceber como essa nova forma de sociedade vai formar uma nova mentalidade nos indivíduos, principalmente pela busca coletiva em construir novas formas de relações sociais. A sociedade vai possibilitar novas relações sociais, marcadas pela solidariedade e coletividade. Tragtenberg faz os seguintes apontamentos sobre essa questão:

A “democracia direta” acaba por ser a matriz de novas relações sociais, pois elimina os intermediários, quer sejam administradores tecnocratas na esfera econômica, quer sejam políticos profissionais na esfera política. Criam-se, assim, condições de eliminação do Estado que, a pretexto de “defender” a sociedade, oprime-a cada vez mais (TRAGTENBERG, 2008, p. 11).

Somente com a construção desta democracia direta sem intermediários, é que a classe trabalhadora irá possibilitar a formação de uma nova sociedade e novas relações

---

<sup>37</sup> Um estudo interessante sobre A Comuna de Paris, está expresso na obra de Viana (2011), onde podemos perceber concepções distintas sobre esse fenômeno, inclusive as posições do próprio Karl Marx e de Mikhail Bakunin.

sociais, como o próprio autor acima analisa. Pois, tanto a burocracia estatal, como privada vai ser um dos limitadores da luta e conseqüentemente da transformação social mais radical, por isso, é necessário romper com essa forma de organização e com seus representantes diretos, ou seja, burocratas e políticos profissionais.

Maurício Tragtenberg (2008) afirma que essa auto-organização operária é temida tanto pela repressão a serviço do *status quo*, como pela esquerda tradicional, sendo que ambas pretendem, por meio da burocratização e da manipulação da informação, manobrar as organizações operárias.

Todos irão ter as mesmas condições para se desenvolver como seres humanos em sua totalidade, pois as relações sociais foram radicalmente transformadas, em vez do sentimento egoísta e individualista, teremos a união, a coletividade do conjunto dos indivíduos que integram essa nova sociedade. Nesta nova sociedade, uma de suas fortes características, é a solidariedade entre os seus integrantes, pois cada um irá auxiliar o outro no sentido de viver o bem comum, a coletividade.

Nesta nova forma de organização da sociedade, teremos uma forma de organização e de divisão social do trabalho distinta do que era na sociedade capitalista. Não teremos mais a figura do “*especialista*”, que é um tipo de indivíduo especializado em certa profissão. Na sociedade capitalista, dificilmente um especialista vai deixar sua especialidade para poder desenvolver outro tipo de atividade, normalmente ele vai concentrar todos os seus esforços para continuar se desenvolvendo naquela profissão específica.

Neste sentido, a prática discursiva de Maurício Tragtenberg aponta para a crítica desta sociedade e ao mesmo tempo sua superação a partir da ação da classe trabalhadora organizada. Esta perspectiva está presente em seus artigos e obras na qual produziu com esse objetivo.

Assim, podemos perceber na prática discursiva de Maurício Tragtenberg, que estava presente a crítica da sociedade capitalista e da classe burguesa. Este percebia de forma sistemática a ação da intelectualidade para poder defender os interesses da classe burguesa seja em organizações e instituições onde atuou. Neste caso, fez a defesa das classes exploradas no sentido de sua auto-organização e luta coletiva.

É preciso contestar a sociedade capitalista e buscar construir uma nova forma de organização da sociedade, que é a sociedade autogerida, onde os trabalhadores podem viver sem a dominação burguesa. Portanto, quando conseguem destruir esse modelo de

sociedade e o modo de vida burguês estarão livres para uma nova forma de organização da sociedade.

Essa mesma classe social, institui seus líderes que irão em vários momentos dirigir a classe trabalhadora em sua luta, seja em partidos políticos, sindicatos e demais associações. Tragtenberg, foi um crítico de líderes que buscavam historicamente direcionar a luta dos trabalhadores em busca de defender os seus interesses, ou até mesmo em momentos de luta mais ampla e acirrada no sentido da radicalização da mesma.

Podemos dizer que Maurício Tragtenberg estudou diversos aspectos da vida em sociedade, estabeleceu um forte interesse pelos estudos políticos, fato que possibilitou sua aprovação em vários concursos em universidades, como é o caso da Universidade de Campinas e da própria Unesp.

Na perspectiva de análise de Tragtenberg (2009b) está presente a ênfase na solidariedade oposta à competição; todos são iguais, ninguém é mais igual que os outros. Isto quer dizer, que independentemente da posição social ou política do indivíduo, este deve integrar a classe de forma igual, e contribuir para o conjunto de suas ações coletivamente e sem o interesse em querer impor formas de dirigismo. Foi desta forma que ele desenvolveu sua prática política e intelectual no interior das organizações e instituições na qual esteve atuando.

### 3.4-A prática de Maurício Tragtenberg

A prática concreta de Maurício Tragtenberg é coerente com seu discurso e sua prática discursiva? No item anterior podemos perceber que as informações produzidas apontam que sim. Torna-se importante mostrar com mais clareza sua atuação em relação ao movimento operário em São Paulo no período compreendido entre (1978-1985). Neste sentido tem uma posição específica sobre a intelectualidade e as esferas sociais das quais era integrante, a ciência, a universidade etc. Nesse contexto ele produziu um conjunto de textos em revistas e jornais com esse objetivo. Esse foi um período expressivo de sua produção, mas a sua produção intelectual tanto em revistas e jornais começaram em meados dos anos de 1950 e sua produção intelectual mais ampla com livros e capítulos de livros nas décadas de (1960-1970).

Por outro lado, Maurício Tragtenberg estabelecia relações com professores e alunos no interior das universidades onde trabalhou como professor e pesquisador, pois

torna-se importante compreender se o mesmo era coerente em sua prática com o que afirmava em seu discurso. Sua atuação e prática como professor começou com aulas para alunos do ensino secundário na cidade de Iguape no interior de São Paulo e posteriormente na universidade. Passou pela (FGV) Fundação Getúlio Vargas, (PUC-SP) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e a (UNICAMP) Universidade Estadual de Campinas.

Neste aspecto de sua vida na universidade, segundo Ozáí (2008) afirma que em 1966 passou a trabalhar na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como professor de História e posteriormente na área de Ciências Sociais (Departamento de Política); ele também coordenou seminários na área de educação, junto com outros professores. Em 1968 passou a trabalhar como professor de sociologia aplicada à administração na Fundação Getúlio Vargas na cidade de São Paulo.

Nestas instituições Maurício Tragtenberg desenvolveu suas atividades de professor e pesquisador. Na universidade, geralmente a intelectualidade produz saber, mas este saber tem um objetivo que é atender as demandas do mercado ou aos interesses da classe dominante, pois as ciências têm seus limites, mesmo em alguns momentos estas e os cientistas se dizem críticos de determinadas realidades.

Foi um “*especialista*” em aprovação em concursos públicos, só na UNESP (Universidade Estadual de São Paulo), foram três, mais não foi convocado para assumir a vaga como professor, sempre que ia até a instituição o reitor afirmava que a administração da universidade não tinha interesse na sua contratação. Assim, Tragtenberg (1999) narra que prestou os três concursos na área de política. “Fui aprovado em todos os concursos, em primeiro lugar. Saiu no Diário Oficial, ganhei todos os concursos. Mas perdi todos os contratos... Eu era especialista em passar em concursos e perder contratos” (TRAGTENBERG, 1999, p. 75).

Na realidade, para ser contratado tem que haver o interesse da universidade e da burocracia que organiza essa instituição. Um dos fatores que contribuía para não ser contratado, era principalmente sua concepção política e por ser um crítico tanto da universidade, como da sociedade capitalista. Mas, vai chegar um momento que a burocracia não vai limitar sua entrada. Os interesses da instituição eram antagônicos aos do candidato aprovado, pois suas concepções políticas eram radicalmente distintas.

Segundo Tragtenberg (1999) procurou a universidade em vários momentos para saber sobre sua contratação.

Cheguei lá e disse: Sou uma pessoa curiosa, não preciso do cargo não, não vim pedir cargo, mas é por curiosidade, o senhor me explica, porque eu cansei de ganhar concurso na sua universidade e perder contrato. Qual é o seu nome? Perguntou. “Maurício Tragtenberg”. Ele pegou o processo, era um puta calhamaço, olhou e disse: não há interesse administrativo (TRAGTENBERG, 1999, p. 75)

Neste sentido, é possível perceber quais são os interesses que fazem funcionar uma burocracia, sendo o indivíduo crítico desta forma de organização, será mais difícil sua entrada daquela instituição, mas isso não foi o maior problema para Tragtenberg desenvolver suas atividades como professor e pesquisador, pela sua trajetória e capacidade intelectual, conseguiu ser aprovado em outros concursos.

Segundo Tragtenberg (1999) existia uma lista negra, assim “eu tinha prestado esses concursos na Unesp, e sei que existe uma lista negra mesmo em toda a Unesp: Araraquara, Assis, Prudente, e outras faculdades que pertencem à Unesp: “eles têm uma lista negra das pessoas. Se você está na lista negra, você não é contratado. Por isso, que diz no edital de concurso “que a aprovação não significa compromisso de contratação” (TRAGTENBERG, 1999, p. 75). Mais um absurdo da burocracia, pois o indivíduo se prepara durante longos meses ou anos para realizar um concurso e após a aprovação não tem nenhuma garantia da sua convocação.

Assim, podemos perceber suas práticas políticas e intelectuais dentro da universidade, como fora da instituição na qual estava vinculado. Mesmo em um espaço de organização burocrática como é a universidade, buscou desenvolver um trabalho que lutasse contra essa forma de dominação em relação aos indivíduos que integram essa instituição, neste caso, alunos, professores e servidores. Buscou realizar atividades que iam contra esse tipo de imposição e dominação. Realizou sua crítica fundamentada em um referencial teórico crítico destas relações, sua crítica está expressa no capítulo anterior quando analisamos algumas questões sobre a universidade.

Segundo Vieira (2012) foi um dos mais atentos e penetrantes pesquisadores da burocracia. Tragtenberg refletiu sempre sobre a educação formal e informal (pela qual mantinha clara preferência) submetida aos males e aos estragos da ação burocrática. Este passou grande parte de sua vida estudando de forma autônoma (autodidata) e defendia essas práticas aos alunos, que deveriam buscar sua autonomia, pois no espaço da universidade e suas relações burocráticas esta acaba limitando a ação de alunos e professores no que diz respeito ao seu desenvolvimento intelectual.

Por outro lado, tinha certa aversão à competição entre alunos e professores como bem aponta Vieira (2012), pois detestava o controle de frequência, avaliações de alunos,

provas, valorização dos diplomas etc. (tão ao gosto dos burocratas nunca avaliados). É difícil trabalhar em uma instituição burocrática e desenvolver atividades que vão contra seus princípios, sua organização e forma de gestão, mesmo assim realizou a crítica não só a universidade, como também às outras instituições existentes na sociedade capitalista.

Uma análise interessante sobre a produção do saber que ocorre nas universidades e que na concepção de Tragtenberg (2012) é que a união, ou seja, o governo federal tem parte do leão na arrecadação tributária e, logicamente, investe no ensino universitário prioritariamente, compondo uma pirâmide cuja base é de analfabetos e cuja cúpula é ocupada pelos “*doutores*” do sistema, títulos outorgados pela apresentação de teses que ninguém viu e que dormem o sono dos justos nas prateleiras do “*almoxarifado intelectual*” universitário.

Apesar que recentemente esses investimentos vem cada vez mais sendo menores, pois as práticas neoliberais acabam limitando os gastos e investimentos em áreas essenciais para o desenvolvimento da sociedade como um todo. A universidade produz um tipo de saber, mas que muitas vezes não é difundido, pois acaba internamente legitimado e posteriormente esquecido, pois o mais importante era a conquista do título para poder se inserir em determinadas profissões ou funções.

No caso de Maurício Tragtenberg, podemos perceber sua crítica em relação tanto a universidade como a intelectualidade, que cada vez mais realiza pesquisas em campos do saber baseado na fragmentação. Na sociedade atual é comum os estudos de micro relações sociais, baseado em estudos sociológicos, antropológicos, históricos etc.

Grande parte da intelectualidade está vinculada diretamente à universidade e esta reproduz os interesses e valores da classe dominante, outros estão vinculados a outras instituições, capital comunicacional, empresas capitalistas etc., estabelecem seus privilégios e conseqüentemente seu “*status social*” no sentido de valorar e valorizar suas práticas intelectuais, por isso a intelectualidade ser uma classe social reconhecida socialmente. Segundo Tragtenberg (2012) isso ocorre no Brasil, porque a formação do capitalismo se dá sob a lei do desenvolvimento desigual e combinado, isto é, o capitalismo surge no Brasil quando já está em crise na sua própria origem: Europa. É desta forma que a universidade e a intelectualidade atuam no sentido de produzir o saber vinculado ao poder dominante, pois o saber da forma que é produzido, tem esse objetivo, impor um tipo de dominação, em muitos casos é disfarçado em ideologias.

Assim, a universidade se apresenta na concepção de Maurício Tragtenberg da seguinte forma:

O que eu percebo na universidade é que tudo que é “anta” tem um peso morto. São pessoas que não tem nada pra dizer, gente que não estuda, não lê. Está na universidade por mil outras razões que só Deus sabe. E a universidade se torna um simples meio de distribuição de renda para a classe média alta. A universidade, no fundo, é isto: um meio de que o Estado se vale para distribuir renda para a pequena burguesia. E a gente fica mistificando a função social do professor, a universidade como elemento de mudança. Que mudança? Você quer coisa mais conservadora do que o ensino acadêmico? Você quer coisa mais terrorista que a tese? Você quer coisa mais autoritária do que a escola de graus? São mais exercícios de conformismo do que outra coisa, porque na universidade você é julgado por seus pares. Então o que acontece? Muitas vezes você fica cheios de dedos porque chega a conclusões não convencionais. Não é só a ditadura que expele. Não precisa de ditadura militar, que é outra burrice acrescentada a burrice acadêmica (TRAGTENBERG, 2012, p. 38).

Neste sentido, o autor desenvolve mais uma vez algumas críticas das relações sociais estabelecidas no âmbito da universidade. Mostra as limitações de parte da intelectualidade, que busca mais “*status*” do que realmente desenvolver pesquisas de cunho social para resolver problemas da sociedade. Quando o Estado arrecada impostos, estes servem para pagar os salários dos mais variados tipos de servidores públicos, neste caso, entra também as universidades, pois estas selecionam seus professores, servidores e pesquisadores mediante concursos públicos. Existem concursos para a entrada de professores, que normalmente a universidade vai designar uma banca para avaliar e julgar os candidatos, onde nem sempre o melhor e o mais qualificado vai ser aprovado.

Trata-se de uma instituição hierárquica que reproduz interesses de classes, pois no interior da universidade, frações da intelectualidade lutam por espaços, tanto para produzir pesquisas ou até mesmo para aproximar alunos e posteriormente ter bons orientandos. Na luta destas frações, cada grupo da intelectualidade, busca defender seus interesses, sejam, eles conservadores ou não, apesar de alguns destes intelectuais passam a ser dissidentes no interior do campo universitário. Desta maneira, se posicionam de forma distinta. Os intelectuais engajados nesse sentido, se relacionam dentro da universidade, mas buscam a partir de interesses e perspectivas distintas trabalhar no sentido da contestação radical desses valores e contribuir com a luta cultural para poder ampliar as possibilidades de luta.

A luta cultural nesse sentido, ocorre nos mais variados espaços de sociabilidade e a universidade pode ser um desses espaços, mas os acadêmicos fazem a política do Estado no sentido da conservação das relações sociais vigentes. Essa luta, torna-se cada vez mais importante seja na universidade ou nos demais espaços de luta da classe trabalhadora, é por isso, que cada vez mais os intelectuais engajados e outros que tem proximidade com essa fração da intelectualidade, devem buscar formas de ampliar as lutas. A luta cultural

é uma delas, mas não podemos deixar de mostrar que a luta dos trabalhadores em seu local de trabalho, também é cada vez mais importante para o acirramento da mesma.

Sua luta não ocorreu somente no âmbito da universidade, pois como intelectual e acadêmico, estabelecia relações sociais em outros espaços, tanto de instituições como também de organizações, como partidos, sindicatos e associações de bairros e de trabalhadores. Desde sua juventude esteve ligado a essas organizações e manteve um contato direto com estas.

Realizou a crítica aos partidos, aos sindicatos, ao Estado e demais formas de organização burocráticas. Na juventude teve contato com os partidos políticos e demais organizações políticas, mas não tinha muito esclarecimento sobre seu funcionamento, chegou a integrar partidos políticos e com o desenvolvimento de suas leituras acabou rompendo com essa forma de organização.

Na concepção de Tragtenberg (2012) os partidos políticos no Brasil são uma máquina de redistribuição de cargos públicos. Assim, após a realização das eleições e com a chegada do partido político ao poder constituído do Estado ou de qualquer outra instituição, eles começam a realizar o emprego de seus filiados, amigos e apoiadores, facilitando assim, a vida destes indivíduos que passam a atuar como funcionários públicos das instituições na qual o partido passa a administrar. São esses jogos de interesses que estão inseridos no interior da organização do partido político. Após sua chegada ao poder político constituído destas instituições, os partidos políticos irão fazer de tudo para continuar no poder e ditar as regras.

Como jovem, Maurício Tragtenberg tinha objetivos, pois já realizava algumas leituras que ajudavam compreender a realidade brasileira nos anos de 1950. Por outro lado, tinha interesses em participar de algumas associações e organizações de trabalhadores, pois teve contato com militantes de partidos políticos, de anarquistas, marxistas etc. Assim, segundo Tragtenberg (1999) voltando ao lado da minha vida pessoal, como estava dizendo, eu só tinha o primário. O contato com o partido não foi mal, porque entrei em contato com muitos problemas gerais que não entrariam de outra maneira. Foi desta forma que ele acabou entrando para o partido. Desta maneira, ele relata mais alguns elementos sobre sua entrada no partido.

Entre no partido em função da estrutura do meu bairro. O partido ficava a 300 metros de minha casa. Era uma sede com muitos discursos políticos. Inicialmente, foi isso que me atraiu, a discussão política de problemas, e também o pessoal que pensava diferente do pessoal do meu quadro familiar. Então, debater questões gerais sobre mudança social, os rumos do país, o papel do povo nesse processo, a classe operária, era impossível em casa. Mas me

atraía muito. Essa sede era um espaço de discussão. E tinha aquela literatura que falei, tinha muitos jornais à venda e muitos pequenos folhetos, folhetins de Lenin, folhetim de Stalin, coisinha pequena e tal, mas que para mim era o início de capital cultural. Eu só tinha feito o primário, não tinha feito o ginásio. Havia esse hiato entre o primário e a universidade. Como é que, na minha vida, esse hiato foi preenchido (TRAGTENBERG, 1999, p. 44).

Neste período, fica claro seu interesse em integrar o partido político, isto ocorreu por volta do ano de 1946, período em que estava desenvolvendo suas leituras, mesmo que ainda de forma inicial, o jovem Tragtenberg já demonstrava o interesse em leituras políticas. A família foi uma fonte de inspiração, mas limitava suas ações em termos políticos, pois não encontrava condições para poder realizar essas discussões no ambiente familiar, que estava mais preocupada com o comércio na qual a família realizava.

Está claro a influência de Lenin e Stalin no partido, esta era a lógica da organização dos partidos comunistas de origem russa. Podemos observar que foi uma experiência na qual Tragtenberg de alguma forma aproveitou certas discussões, mesmo porque não tinha ainda leituras para poder formar uma concepção e desenvolver uma crítica radical aos partidos políticos, mas foi coerente com suas práticas nesse espaço de discussão.

O partido político é um tipo de organização na qual integram indivíduos de origens sociais e políticas distintas, integram essa organização desde simples trabalhadores, profissionais liberais, estudantes etc. Neste caso, Maurício Tragtenberg era um jovem estudante de ensino secundário, mas preocupado em se desenvolver intelectualmente, pois realizava leituras com esse objetivo.

A intelectualidade se relaciona com a organização de partidos, sindicatos e com outras organizações, mas principalmente com o Estado. Neste caso, estes têm interesses a serem defendidos dentro destas organizações e instituições, para tanto irão se organizar para estar presentes em reuniões, discussões que são importantes dentro destas. Mas por outro lado, quando há interesses distintos, esses entram em contradições.

Na compreensão de Tragtenberg (2012) os intelectuais assessoram em tudo que é “*pepineira*” e está muito pouco preocupado com o social. Estes estão preocupados com a renda no fim do mês. Desta maneira, o poder via cooptar muitos intelectuais. De fato, é uma máquina de cooptação.

Por outro lado, na concepção de Tragtenberg (2012) o indivíduo é resultado da história, é através do processo histórico que ele adquire sua singularidade; as necessidades pretensamente “*naturais*” são resultantes do trabalho social, constituem-se num produto histórico.

Esse processo histórico, diz respeito a inserção do indivíduo historicamente e socialmente, pois não nascemos prontos e acabados com nossos valores e concepções formadas, estas são formadas socialmente. Como estudante ou intelectual no interior da universidade, já estamos com esses valores e concepções formadas, neste caso, vamos atuar de acordo com os nossos interesses, que normalmente expressam os interesses de uma classe social, que pode ser a intelectualidade para o professor, ou a classe proletária para o aluno, mas se ele partir da perspectiva do proletariado, bem como tem outros indivíduos estudantes que partem da perspectiva burguesa.

Neste sentido, o vínculo de Maurício Tragtenberg com partidos, sindicatos e demais instituições, ocorre de forma que sua inserção foi ocorrendo ao longo de sua trajetória e este foi percebendo onde podia se inserir e atuar seja como um jovem militante ou até mesmo como um intelectual engajado.

Seu saber e suas práticas políticas partiam da perspectiva do proletariado no sentido de reforçar sua luta e prática política, neste sentido sua produção intelectual aponta para este fim. Sua trajetória intelectual, diz respeito há dois momentos distintos, uma de autoformação e outra de inserção no interior da universidade e posteriormente suas práticas como intelectual engajado e as contribuições como jornalista em jornais na cidade de São Paulo.

Em vários momentos podemos perceber sua prática concreta na relação com os partidos políticos. Assim, podemos fazer o seguinte questionamento: Qual foi a relação de Maurício Tragtenberg com os partidos políticos? Sua história e trajetória aponta para o desenvolvimento gradual de uma prática no interior desta organização, de sua burocracia, da relação entre os dirigentes e dos dirigidos, tal como está expresso em suas ações no interior do movimento operário em São Paulo.

Ao longo de sua obra e trajetória, foi possível perceber suas práticas concretas no interior de partidos políticos, foi integrante de partido político na juventude, mas na fase adulta, sua prática se radicaliza em termos de ação crítica desta forma de organização. Um fato interessante na época da coluna no jornal *Notícias Populares*, seu nome foi indicado para candidato a deputado, fato este que foi contestado de forma radical pelo colunista.

Em vários textos da coluna, ele realizou críticas aos partidos políticos, inclusive ao partido dos trabalhadores (PT) que estava ainda na sua forma incipiente de partido político, mas já demonstrava um forte interesse em assumir o poder constituído. Se refere

aos partidos políticos de forma contestatória, pois trata-se de uma máquina burocrática que visa a conquista do poder do Estado.

Os partidos políticos dizem representar os trabalhadores, mas na prática estes não representam, apenas falam em seu nome, fazem o discurso que na prática não é verdadeiro. Tragtenberg em sua prática concreta percebeu o discurso falso dos partidos políticos e de fato, se posicionou em favor dos trabalhadores.

Essa prática pode ser vista no texto sobre o *Dilema da Estrela Vermelha* (PT), onde ele realiza uma crítica a este partido político especificamente, pois trata-se de uma ação concreta, pois estava inserido em momentos de reuniões e discussões públicas sobre o partido. Assim, percebeu as práticas políticas e intelectuais no interior deste partido, que passou a ter ascensão na disputa das eleições em âmbito nacional.

No caso concreto de Maurício Tragtenberg, podemos perceber que era um crítico da sociedade capitalista, tanto no seu discurso, e agia de forma coerente com seu discurso em sua prática política. Por outro lado, era a favor da autogestão social, lutou historicamente com esse objetivo e esteve do lado dos trabalhadores no sentido de construir uma nova sociedade, pois não se declarava “*neutro*” como um pesquisador, historicamente passou a tomar partido pelos interesses da classe trabalhadora.

Outro ponto importante que podemos destacar como prática intelectual, é a prática pedagógica de Maurício Tragtenberg, pois ele defendia a autogestão pedagógica no âmbito da instituição escolar, onde nas relações na qual estabelecia com os alunos, era a de um professor orientador a serviço da turma, buscando agir para contribuir com a formação desses indivíduos de forma autônoma.

Desta maneira, se aproximou de várias organizações de trabalhadores ao longo de sua trajetória no sentido de contribuir com sua luta, assim sua prática política em relação ao capitalismo, foi a de realizar além de sua crítica, a defesa de uma nova forma de organização da sociedade. Neste sentido atuou nestas organizações de trabalhadores e sua produção intelectual nos jornais contribuíram para este fim.

Maurício Tragtenberg foi um crítico do capitalismo, como apontamos anteriormente. Suas publicações apontam para uma crítica radical e estão expressas em algumas de suas obras, basta ver *Administração, poder e ideologia* (2005) e *Burocracia e Ideologia* (2006) nas quais realiza uma crítica as organizações capitalistas e burocráticas. Apontamos também historicamente como o autor analisado foi se inserindo em organizações partidárias e de trabalhadores, mas vai optar pela segunda, principalmente aquelas que lutavam pela sua autonomia como prática política para se

organizar. Na juventude não tinha noções claras sobre os partidos políticos, mas vai posteriormente realizar a contestação a partir de sua prática política, a partir daí não estabeleceu mais vínculos de filiação com partidos políticos, pois em suas obras, discursos e práticas intelectuais, manteve sua crítica em relação aos partidos políticos.

Teoricamente na sua produção sobre os partidos políticos, existia uma relação concreta com suas práticas intelectuais, pois era colocado em evidência nos seus discursos cotidianos e afirmações sobre os partidos políticos concretamente. O texto sobre a estrela vermelha citado em outro momento demonstra isso muito bem. No que diz respeito ao movimento operário, ele afirmava defender e apoiar esse movimento, neste caso a coluna do jornal demonstra sua prática política e intelectual em relação a luta dos trabalhadores.

Em sua concepção e prática intelectual, o movimento operário deve buscar sua auto-organização para colocar seu projeto em prática. Assim, poderíamos questionar: Então ele foi coerente com o seu discurso? Sua prática política e intelectual, apontam para esse fim, pois foi um incentivador da auto-organização dos trabalhadores em suas obras e textos do jornal, assim, apontam para uma ampla contribuição para a luta dos trabalhadores.

### 3.5-A prática jornalística de Maurício Tragtenberg

Nesta parte, vamos realizar uma análise sobre a produção intelectual de Maurício Tragtenberg, principalmente sua produção jornalística, pois desde sua juventude nos anos de 1940 passou a ter interesses em jornais de partidos políticos, periódicos, jornais de circulação nacional, onde na cidade de São Paulo teve contato com informações de várias regiões do Brasil e do mundo, inclusive jornais que tratavam de questões políticas partidárias e da política internacional.

Por outro lado, sua prática jornalística complementa a análise que fizemos até agora, pois é parte de sua prática concreta, pois afinal, ele dedicou tempo, escreveu, estabeleceu relações nos mais variados espaços (escolas, universidades, organizações de trabalhadores) em contextos específicos, podemos observar sua prática discursiva.

Neste sentido torna-se importante resgatar um breve histórico dessa prática para podermos ampliar a compreensão de suas práticas políticas e intelectuais, percebendo assim, sua atuação no âmbito de jornais e sua produção nesse campo. Quando um

intelectual se dispõe a produzir para a imprensa, este também tem interesses, neste caso, suas produções expressam seus valores, sua perspectiva e práticas intelectuais.

Sua primeira experiência com jornais ocorreu em São Paulo, quando desenvolveu atividades neste jornal, mas não cita o nome e nem o período no qual trabalhou. Desta maneira podemos perceber: “E aconteceu o seguinte. Porra!, eu trabalhava a semana toda e estava meio longe da minha família, do meio judaico. Mas trabalhava no jornal das sete ao meio dia. Dormia lá” (TRAGTENBERG, 1999, p. 28). Desta prática jornalística, Maurício Tragtenberg desenvolveu vários outros tipos de trabalho, bem como artigos para diversos outros, como foi o caso do jornal *Folha de São Paulo, Estado de São Paulo*.

Tragtenberg (1999) afirma que começou a escrever pequenos artigos nesse jornal. Ao mesmo tempo, escrevia para a *Folha Socialista*. Um jornal editado pelo Partido Socialista, que tinha sede no edifício Santa Helena, na Praça da Sé. A coleção dos dois jornais está na Unicamp, no arquivo Edgard Leueroth. Posteriormente cita com mais detalhes essas produções, inclusive o período na qual estava produzindo, desta forma, podemos perceber:

Na Folha Socialista, escrevi artigos assinados, enquanto na Orientação Socialista fiz um artigo no fim de 1946. Estava saindo do PC, prevendo que o partido ia ser posto na ilegalidade e que a tal burguesia não era tão progressista, como se dizia nos discursos. Quer dizer que havia uma análise muito errada do processo. E eu assinei o artigo, mas não com meu nome (TRAGTENBERG, 1999, p. 95).

Esse período foi importante para o início da sua prática jornalística, pois foi a partir dos escritos de jornais do partido que passou a escrever e posteriormente em jornais de maior circulação. Como o partido comunista desde a sua origem sempre foi perseguido por governos, nesse contexto dos anos de 1940, havia uma sensação de perigo, por isso, o uso de outro nome para assinar no jornal. Sua prática política dentro dos partidos políticos, tem seus limites, pois buscam reformas dentro do Estado, para a conservação do mesmo, não possibilitando uma transformação social mais ampla e radical.

Inicialmente seu trabalho em jornais ocorreu de forma mais simples, ou seja, era aquele indivíduo que fazia de tudo um pouco, pois como ele narra: “foi uma época franciscana da minha vida, não por querer, mas porque eu era duro, porque trabalhava num jornal de sete da manhã ao meio dia; fazia tudo, desde varrer jornal, mexer um pouco na revisão” (TRAGTENBERG, 1999, p. 52). Essas experiências foram fundamentais para ele poder desenvolver seus escritos para jornais, conhecer a organização e funcionalidade da empresa jornalística para poder continuar atuando.

Este fazer de tudo, vai possibilitar ampliar suas possibilidades de atuação, seja no jornal ou até mesmo fora deste. Os jornais neste contexto, eram a principal fonte de informação da sociedade, sendo um forte aliado para a luta cultural. Mas por outro lado, sabemos que historicamente os meios de comunicação não são controlados por trabalhadores e sim pela classe burguesa, mas é possível que os trabalhadores possam ter espaço para divulgar suas ideias e perspectiva.

Posteriormente, tem uma experiência interessante no jornal *Folha de São Paulo* por volta do ano de 1965, quando já tinha sido professor secundarista e agora professor na universidade. Segundo ele, “foi o Cláudio Abramo que esteve na minha casa. Ele me arrumou para dirigir o noticiário internacional da Folha de S. Paulo” (TRAGTENBERG, 1999, p. 70). A partir daí passa a organizar as publicações do jornal em termos de notícias e relações internacionais. Essa prática foi fundamental para que ele pudesse desenvolver outras atividades intelectuais vinculadas aos jornais.

Fui dirigir o noticiário internacional da Folha e peguei um regime de trabalho de duas da tarde até meia noite! Tinha que selecionar a matéria com rapidez, separar o essencial do secundário, e outro problema, intitular o que é essencial. Mas a titulação tem que ver o número de letras, de acordo com um parâmetro, não pode pôr a primeira frase assim, a segunda sem ter nada a ver, não dá, tem que ter um certo paralelismo (TRAGTENBERG, 1999, p. 70).

Esta era uma rotina bem típica dos jornais, pois as informações têm que serem publicadas para circulação o mais rápido possível. Essa é uma das características da sociedade capitalista, as informações circulam muito rapidamente e são substituídas por outras. Nesta lógica realizou um conjunto de atividades em jornais.

Conhecendo toda a organização do jornal, vai facilitar o contato com outros jornais para poder publicar seus textos e foi isso que fez. Passou a ter contato com mais jornais e a partir daí publicar, basta observarmos a própria coluna no jornal *Notícias Populares* e outros artigos publicados nos jornais paulistas, como está presente nas obras: *Autonomia operária* (2009a) e *A falência da política* (2009b). Estas duas obras reúnem dezenas de artigos do autor em períodos distintos de sua trajetória jornalística.

Na compreensão do próprio Tragtenberg (1999) “essa experiência no jornal foi ótima, foi uma beleza, eu gostava para burro daquele troço, me deu treino para escrever a tese” (TRAGTENBERG, 1999, p. 70). Quando o intelectual engajado consegue perceber que pode obter informações ou ter nesse espaço uma formação, passa a ser interessante para ele, pois vai possibilitar ampliar sua formação social e política.

Na coluna do jornal *Notícias Populares*, temos uma produção intelectual interessante deste autor, são fontes de informações importantes para a classe trabalhadora.

Agora, torna-se fundamental mostrar os motivos que levaram Maurício Tragtenberg a aceitar e produzir os textos para o jornal *Notícias Populares* na coluna.

Isso explica porque, embora tendo espaço na *Folha de São Paulo*, eu tenha preferido fazer minha coluna sindical no *Notícias Populares*, porque é um jornal lido por peão, para dar força ao sindicato que não seja pelego, à comissão de fábrica que não seja patronal. E não só através da palavra escrita, mas do contato pessoal. Acho muito importante ter uma relação cara a cara com o trabalhador de linha de montagem da produção (TRAGTENBERG, 1999, p. 98).

Assim estaria cumprindo um papel importante, pois passava a escrever diretamente para os trabalhadores, já que o jornal *Folha de São Paulo*, não era um jornal popular e de fácil acesso aos trabalhadores. Geralmente o *Notícias Populares* chegava com mais facilidade no interior das fábricas e indústrias paulistas, por isso, o interesse de Maurício Tragtenberg em escrever para este jornal. Por outro lado, queria ir contra os sindicatos que mais representavam os patrões do que os trabalhadores, fato interessante, pois visa lutar do lado de quem é explorado.

Esta foi uma das formas encontradas por ele para buscar uma aproximação com os trabalhadores paulistas e de fato, a coluna durante os cinco anos de existência passou a cumprir esse objetivo de aproximação com os trabalhadores, inclusive recebendo cartas e demais materiais para divulgação dos seus interesses, estabelecendo assim, mais uma forma de luta da classe trabalhadora.

Nas palavras de Tragtenberg (1999) isso é fundamental, seja na relação de comissão de fábrica com o sindicato, seja na relação da comissão de fábrica com qualquer partido. O importante é partir de uma necessidade de conhecimento do trabalhador e responder a ela. Este é um trabalho político fundamental, trabalho de um militante sem partido.

É necessário realizar a crítica tanto aos partidos políticos, como os sindicatos, pois nesse contexto do final dos anos de (1970-1980), já estavam comprometidos com a classe dominante contra os trabalhadores, principalmente os sindicatos, apesar do discurso do novo sindicalismo que realizava um discurso contra os patrões, mas na prática estava do lado dos mesmos. Assim, vale também para os partidos políticos que atuam para reproduzir seus interesses privados, mas com um discurso que representam a coletividade.

Neste sentido de crítica e de contestação, temos mais algumas reflexões interessantes sobre a coluna no jornal *Notícias Populares*.

Então, esta minha coluna, chamada “*No Batente*”, é um espaço de discussão para o trabalhador. Escrevo e recebo cartas de operários, sindicalistas. E, no jornal, individualizo os problemas para assentar mais força às questões e aos acontecimentos. Porque se falar em classe, o leitor pode não entender. Mas se

fala em pessoa, indivíduo, o cara entende que é com ele. Então fica mais concreto (TRAGTENBERG, 1999, p. 99).

Neste ponto, está claro o objetivo da coluna no jornal, contribuir com a luta dos trabalhadores, a partir dos interesses dos seus próprios interesses e não de partidos políticos e sindicatos que usam o nome da classe operária para levar vantagens. Trata-se de discussões sobre o cotidiano do trabalhador a partir de uma linguagem acessível, pois assim a coluna estaria cumprindo seu papel.

Outro objetivo além do contato com os trabalhadores, a coluna buscava tratar os problemas de forma mais concreta, analisando os fatos a partir da realidade na qual os trabalhadores enfrentavam no “*chão de fábrica*”, usando terminologia do próprio autor da coluna, mas também o colunista participava de reuniões e associações de trabalhadores quando era convidado.

Por ser um jornal popular e ter um preço acessível, muitos indivíduos tinham interesses em publicar ou até mesmo ter uma coluna semanal. Assim, podemos expressar mais algumas informações importantes sobre o jornal.

Escrevo no notícias populares há uns dois anos. O Ibrahim Ramadam foi meu aluno e ele é diretor do jornal. Quando eu vi que o Montoro escrevia lá, o Lula escrevia, Mário Garnero, um industrial, escrevia, aí falei para o Ibrahim: “não sou candidato a merda nenhuma, você sabe disso, mas eu queria ter uma coluna no Notícias, porque eu soube disso, tal, tal, tal...”, contei a ele do depoimento do cara da Volkswagen. “Tudo bem ele disse. E me deu até liberdade de dar o nome à coluna: “No Batente” (TRAGTENBERG, 1999, p. 99).

Todos esses indivíduos candidatos ou não, mas com interesses particulares, buscavam se promover a partir da publicação de textos no jornal, pois como foi apontado em outro momento, o jornal tinha uma grande circulação em São Paulo e no ABC Paulista. Lula e Montoro são dois políticos profissionais e tinham interesses além de pessoais também partidários, pois era mais uma forma de divulgar seu nome em campanha ou não. No caso de Maurício Tragtenberg, este já tinha uma prática intelectual e política. Historicamente uma experiência tanto na produção de textos para jornais como no trabalho interno nesta organização, fato este que vai facilitar cada vez mais sua atuação em jornais.

Por outro lado, a coluna no jornal, era uma oportunidade para dar continuidade ao seu trabalho, pois além da experiência, Tragtenberg tinha objetivos mais amplos, que era contribuir com a luta dos trabalhadores em um contexto onde as lutas sociais se ampliavam e o Estado Militar utilizava cada vez mais a repressão para estabelecer formas de controle.

Outro fato interessante sobre a coluna jornalística de Maurício Tragtenberg é a questão da remuneração para poder escrever e publicar os textos, pois se trata de um trabalho na qual estava sendo realizado e não tinha remuneração por esta atividade. Seus textos eram publicados semanalmente nos dias de quarta e sábado, mas não era remunerado por esse serviço. Ele mesmo narra sobre essa questão, desta forma coloca:

Agora, a remuneração é espantosa, eu ganhei uma assinatura do *Notícias Populares*. Não, eles não mandam todo dia, nesse sentido de mandar um jornal, eles mandam em bloquinhos de dez, doze jornais. Mas eu não estou preocupado com isso, o que interessa é que sai matéria que dá força ao trabalhador (TRAGTENBERG, 1999, p. 99).

Este fato era simbólico para seu objetivo, pois iria muito além da remuneração que poderia receber para escrever em um jornal de notícias populares. Por ter uma grande circulação, percebeu que poderia fazer um trabalho diferente, já que estava envolvido com algumas organizações de trabalhadores e poderia produzir textos com uma perspectiva distinta. Além das notícias sensacionalistas e a divulgação de partidos políticos e de candidatos, era comum no jornal notícias sobre violência urbana.

Escrever em um jornal popular no contexto onde as lutas sociais estavam se acirrando, para um intelectual engajado é algo interessante, pois a partir do seu engajamento poderia contribuir com a luta cultural e conseqüentemente com a luta concreta dos trabalhadores.

Nos textos de Maurício Tragtenberg no qual estamos analisando, tanto teoricamente, como nos textos produzidos para a coluna *No Batente*, é possível perceber suas contribuições ao movimento operário. Neste sentido, torna-se importante realizar uma investigação para perceber sua posição e práticas intelectuais. Trata-se de ações na qual Tragtenberg esteve inserido na luta dos trabalhadores, pois os textos do jornal é uma forma de possibilitar novas informações para os trabalhadores, em suas associações operárias e na prática do cotidiano do chão de fábrica.

Neste sentido, torna-se importante trazer mais informações sobre questões voltadas para a luta dos trabalhadores, pois a coluna do jornal tinha essa preocupação.

Mas dentro da estruturação por categoria isso não passa e o próprio trabalhador incorpora a divisão; vou dar um exemplo. Quando eu estava no sindicato de São Bernardo e tinha feito um artigo sobre comissão de fábrica da Ford criticando o sindicato, porque ele atrelava a comissão ao sindicato – inclusive pelo estatuto da Ford, o presidente do sindicato tinha o poder de anular uma decisão da comissão de fábrica -, eu fui a São Bernardo, para explicar a minha posição pessoal da comissão de fábrica. Porque eles tinham lido meus artigos na Folha. E, imagina atacar São Bernardo, criticar São Bernardo, o que é isso!? Eles tinham toda razão em querer esclarecer as coisas; na medida que eu tinha criticado, eu me achava na obrigação de responder, de dizer ao pessoal qual é a minha. Eu coloquei: “Minha posição é essa, não estou em partido nenhum,

não sou chefe de porra nenhuma, vivo do meu trabalho de professor, os meus holerites estão aqui, e esse é o meu trabalho. Agora, eu tenho espaço no jornal, na página 3 da Folha porque, casualmente, o filho do dono foi meu aluno na Getúlio Vargas (TRAGTENBERG, 1999, p. 125-126).

Essas organizações buscam interferir nas ações dos trabalhadores em termos da organização de suas lutas. É preciso perceber que tanto sindicatos e patrões nesse contexto, estão trabalhando em conjunto contra os trabalhadores. Os textos publicados são em defesa da classe trabalhadora, inclusive é interessante notar como o jornal estava ampliando as possibilidades de informações para os mesmos, mas aqui o exemplo é outro jornal, mas cumpre o mesmo objetivo. Ao realizar uma crítica a partir de uma perspectiva radical, é interessante que o indivíduo que realizou tenha autonomia para fazer essa tarefa e principalmente partir do ponto de vista do proletariado.

Podemos dizer que esses espaços em jornais, são fundamentais para os intelectuais engajados no sentido de realizar um trabalho numa perspectiva distinta da mídia oficial e possibilitar informações para os trabalhadores e demais classes populares. Tragtenberg (1999) ainda fala da coluna no jornal *Notícias Populares*, e “tenho a coluna sindical no *Notícias Populares* porque o diretor de lá também foi meu aluno de Sociologia e Política e me ofereceu espaço” (TRAGTENBERG, 1999, p. 126). E como um de vocês me disse que para cada *Folha* que entra na Volks entram quarenta *Notícias Populares*, por isso é que eu faço também matéria para o *Notícias* criticando a forma com que o sindicato atrelou a comissão da Ford.

Neste sentido, o trabalho se torna interessante, pois a quantidade de jornais que circulam entre os trabalhadores, acaba sendo um fato importante para a divulgação de informações que possam contribuir com a luta dos mesmos e também ser uma fonte de informação que possa orientá-los quanto as suas formas de luta. Outro fato a ser destacado na citação acima, é que os trabalhadores de fato estavam lendo o jornal, pois muitas vezes não há interesses em relação a certas informações em jornais, mas o contexto contribuía para esse fim, pois a classe trabalhadora no Brasil estava avançando em termos de suas lutas e reivindicações.

Consideramos seus textos do jornal *Noticias Populares* como sendo fundamentais para a luta cotidiana dos trabalhadores. Não eram simples textos, eram a possibilidade de uma ligação direta com os trabalhadores, pois os textos eram uma forma de aproximação com o movimento dos trabalhadores organizados. Na sua concepção demonstrava um interesse direto em contribuir com a luta operária, tanto é que, em vários momentos Maurício Tragtenberg esteve presente em reuniões, greves, associações juntamente com

os trabalhadores<sup>38</sup>. A divulgação dos textos no jornal, foi uma grande possibilidade de ampliar suas contribuições em relação à luta dos trabalhadores paulistas.

Neste contexto, podemos dizer que Maurício Tragtenberg em seus textos e ações ligadas a coluna “*No Batente*” demonstrou seu engajamento, buscou contribuir não somente com a luta dos operários em termos teóricos, mas na luta para os trabalhadores em sua organização de greves, associações e reivindicações. A coluna no jornal, demonstrou isso muito bem, pois esta foi um espaço no qual utilizou com esse fim, ou seja, contribuir com a luta autônoma do operariado de São Paulo, principalmente em termos de luta cultural.

Suas contribuições foram nesse sentido significativas, pois a partir da divulgação dos textos no jornal, de alguma forma os trabalhadores tiveram acesso a novas informações sobre sua realidade. Todo esse conjunto de textos, estavam voltados para analisar de forma clara e direta as condições de trabalho desses operários, onde viviam em condições de extrema exploração, pois era o período da Ditadura Militar e estes necessitavam manter sob seu controle as classes sociais exploradas, que em alguns momentos, mesmo vivendo sob a égide do militarismo, acabavam realizando algumas manifestações e greves, fortalecendo assim a classe operária em São Paulo. Esta foi uma das formas que Maurício Tragtenberg mostrou seu engajamento, pois sua prática jornalística foi uma das formas pelas quais realizou essa tarefa.

### 3.6-Maurício Tragtenberg como intelectual engajado

Por fim, nos resta agora produzir algumas reflexões sobre o engajamento de Maurício Tragtenberg. A proposta inicial deste trabalho, era realizar uma investigação sobre a trajetória intelectual e política deste autor e a partir daí perceber suas ações e práticas intelectuais, discursivas e prática jornalística. Neste último tópico, torna-se importante trabalhar com algumas questões voltadas para a compreensão do seu engajamento e a tese do intelectual engajado.

Assim, por que Maurício Tragtenberg se tornou um intelectual engajado? Nesta perspectiva, é possível perceber seu engajamento como intelectual ao longo de sua trajetória, mesmo com ações limitadas dentro de associações e organizações de

---

<sup>38</sup> Os textos do jornal Notícias Populares são um exemplo, bem como a participação narradas em *A falência da política* (2009); *Autonomia Operária* (2011a) e *Teoria e ação libertárias* (2011b).

trabalhadores nas décadas de (1940-1950). Por outro lado, suas ações como militante na juventude já apontavam para esse fim.

O intelectual engajado é aquele que busca a partir de uma perspectiva proletária, além de produzir para essa classe social, defender seus interesses. Historicamente vários intelectuais mostraram defender os interesses da classe trabalhadora e lutar em seu favor.

Maurício Tragtenberg não nasceu um crítico e revolucionário, mas foi ao longo de sua história e trajetória, buscando fontes de formação e inspiração para poder a partir dos seus valores formar suas concepções sobre a sociedade, Estado, partidos, sindicatos e ao mesmo tempo romper com todos esses.

Suas leituras desde a juventude contribuíram para a formação do seu pensamento e de suas ações como um intelectual que vai se inserir e defender posições políticas radicais, mesmo com contradições, pois na juventude esteve associado a partidos políticos e associações conservadoras, mas historicamente vai percebendo esses limites, neste caso, as leituras dos autores não oficiais do marxismo no século XX, irão ser sua fonte de inspiração para desenvolver concepções políticas críticas.

Estas concepções estiveram presentes nos textos publicados na coluna do jornal, pois é o momento de Maurício Tragtenberg fazer uso de toda sua experiência como jovem estudante e militante, mas também de professor, pesquisador que foi se inserindo como um intelectual engajado nas lutas sociais na defesa dos interesses da classe trabalhadora.

No jornal teve a oportunidade de durante 07 (sete) anos desenvolver textos e responder cartas dos trabalhadores, pois estas questões partiam dos próprios trabalhadores que conheciam a coluna no jornal. Esta era um meio para os trabalhadores conhecerem um pouco mais de sua vida em termos de luta, de organizações e de atuação política em greves.

Podemos dizer que a imprensa operária em diversos momentos históricos, consegue possibilitar uma ligação do trabalhador com a sociedade, mas principalmente levar informações importantes para os trabalhadores e ao mesmo tempo, que estes possam superar o estado de coisas do mundo da exploração e alienação que o trabalho em fábricas, indústrias e demais locais no qual estão inseridos.

É preciso uma imprensa que possa ter autonomia para poder realizar suas atividades, mas sabemos que na sociedade capitalista, os meios de comunicação estão sob o controle da classe dominante, que vai fazer uso para impor e ampliar seu domínio, ao mesmo tempo em que produz ideologias das mais variadas formas para manter sob seu controle as classes exploradas.

Nesta sociedade, é possível perceber as contradições sociais, políticas, econômicas e culturais, pois um veículo de comunicação visa divulgar informações simples e comuns do cotidiano, mas em outros momentos vai abrir espaço para divulgar informações a partir de outra perspectiva, como foi o caso do jornal notícias populares, que era um jornal sensacionalista e que abria espaço para políticos profissionais.

No período no qual estamos analisando, está claro o espaço que o colunista tinha para poder trabalhar e produzir seus textos, responder as cartas e realizar um diálogo para se aproximar dos trabalhadores paulistas e com autonomia até mesmo para radicalizar suas posições e defender os interesses coletivos dos trabalhadores. Na sociedade capitalista e sua divisão social do trabalho, os indivíduos inseridos nas classes sociais buscam defender os interesses daquela classe na qual se insere, pois a luta entre as classes sociais é fruto desta divisão social do trabalho e em alguns casos essas lutas são mais acirradas.

A luta de classes vai opor os trabalhadores em relação a classe burguesa, bem como de suas classes auxiliares, assim, a classe burguesa tem seus ideólogos e parte da intelectualidade para defender seus interesses. Nestes antagonismos de classes, a classe trabalhadora também vai ter seus apoiadores, neste caso, um tipo específico de intelectual, mas que não está ligado a classe da intelectualidade como reprodutora dos interesses da classe burguesa, que são os intelectuais engajados no sentido da transformação social, estes atuam com maior autonomia e tem uma consciência correta da realidade para atuar e contribuir com a luta operária.

A nossa hipótese de pesquisa, inicialmente apontava para o engajamento de Maurício Tragtenberg mesmo que de forma ainda simples a partir da leitura de algumas de suas obras e textos de revistas e jornais na qual tivemos acesso. Por outro lado, a partir da leitura da totalidade de sua obra vinculada aos textos citados anteriormente, foi possível perceber uma postura crítico revolucionária deste autor, principalmente no seu engajamento e nas mais variadas contribuições com a organização e luta dos trabalhadores paulistas.

A partir dos textos publicados no jornal *Notícias Populares* e sua atuação intelectual, foi possível perceber com mais clareza seu engajamento no sentido da transformação social. Os textos da coluna mostram além da preocupação com a organização e a luta dos trabalhadores, que o autor esteve presente em vários momentos de luta, atuando como intelectual engajado na luta dos mesmos no sentido de superar o real estado de coisas na qual vivem os trabalhadores.

Desde sua juventude, suas práticas intelectuais e políticas tinha uma tendência para um engajamento, pela sua inserção em organizações, associações e atuação em geral, mesmo com limitações, neste caso a associação a partidos e outras organizações burocráticas na qual foi integrante.

Desta forma, podemos dizer que os textos publicados no jornal *Notícias Populares*, demonstram de forma mais ampla seu engajamento como intelectual, pois a partir desta leitura, percebemos não somente a preocupação com os trabalhadores, mas a crítica radical à sociedade capitalista e suas instituições.

Então, a nossa hipótese de pesquisa se confirma, pois o material publicado no jornal e perspectiva apontada no conjunto de sua obra demonstram seu engajamento como intelectual que buscou contribuir com a luta e a organização autônoma da classe trabalhadora em um período de forte repressão por parte do Estado. Os textos do jornal no período compreendido entre (1978-1985) foram fundamentais na produção e na trajetória de Maurício Tragtenberg, pois demonstra o trabalho a partir de experiências anteriores.

Seu engajamento, ocorreu de forma ampla tanto na sua produção teórica, com textos e artigos, bem como um conjunto de obras que realizavam estudos partindo da perspectiva do proletariado, mas principalmente de sua luta no cotidiano de trabalho, nas organizações operárias de São Paulo e comissões de greve e de fábrica. Sua trajetória, a partir dos textos estudados, apontam para esse fim. Desta maneira, trata-se de uma contribuição importante para a luta dos trabalhadores da cidade de São Paulo.

Foi um incentivador da luta dos trabalhadores, engajou-se em um projeto revolucionário, pois sua perspectiva apontava para a autogestão social. Sua produção intelectual, buscou compreender para transformar e não para realizar meramente reformas no interior de uma sociedade que estabelece privilégios para os dominantes e as classes auxiliares e “*migalhas para os trabalhadores*”. Sua luta esteve fortemente ligada ao movimento operário.

Seu engajamento está ligado a uma concepção crítico-revolucionária, tal como fizeram outros autores que inspiraram a produção intelectual de Tragtenberg, como é o caso de Karl Marx, Anton Pannekoek, Otto Rühle e que foram fonte de inspiração em sua trajetória intelectual e política. Sua trajetória foi marcada por diversas lutas, desde sua juventude e a militância em organizações sindicais e partidos políticos, mas historicamente com o desenvolvimento de leituras no campo teórico e da própria formação intelectual, vai ampliando cada vez mais suas possibilidades de ação. Neste

sentido, desenvolve uma concepção ampla sobre essas organizações e instituições sociais. Torna-se um crítico destas, mas não se trata de uma crítica sem sentido e vazia, essa tem um sentido e objetivo, contribuir com a luta dos trabalhadores e um projeto autogestionário.

Mas na prática é isso que ocorre? Na realidade, sua trajetória foi marcada pela inserção em diversos espaços, desde a escola, passando por diversas outras organizações e instituições, como foi o caso da universidade e ao mesmo tempo buscou ampliar suas possibilidades de análise e de luta em conjunto com a classe trabalhadora.

Retomando algumas questões importantes no texto de Viana (2017) este autor fala de outra postura intelectual, que é a dos intelectuais engajados, que se afastam segundo ele da mentalidade e competição pelos espólios da classe intelectual e de sua esfera particular, geralmente realizando a sua crítica e apontando a transformação social radical e total como objetivo ao invés dos espólios da classe e esferas sociais. Neste sentido, Maurício Tragtenberg desenvolveu concepções que estavam voltadas para a luta da classe operária e ao mesmo tempo mostrou o seu engajamento no sentido que é colocado pelo autor acima.

Essa visão, foi sendo desenvolvida e posteriormente em termos de realidade concreta, foi inserida em outras relações sociais, pois este realizava de fato, a junção do que podemos chamar de teórico com uma prática revolucionária em seu cotidiano de vida. Assim, buscou ser coerente com sua perspectiva, lutou e produziu textos e obras com este fim, não se deixou ser cooptado por organizações e/ou instituições burocráticas, defendeu de forma coerente sua perspectiva.

Portanto, sua obra e trajetória não podem ser analisadas de forma fragmentada, pois uma está ligada diretamente a outra, já que foi a partir de concepções teóricas e da sua própria formação como indivíduo no espaço familiar e logo depois, na sociedade que Tragtenberg foi se inserindo nas relações sociais, e a partir daí passou a intervir na realidade na qual estava inserido. Neste sentido, seu engajamento é concreto e real, pois tinha consciência da sua perspectiva de classe.

Esteve do lado dos trabalhadores e realizou estudos, ao mesmo tempo lutou em favor destes na construção da sociedade socialista. Mostrou para sociedade brasileira, que não se pode pensar em uma sociedade socialista a partir de ações autoritárias, imposição de burocracias e demais formas de controle, de exploração e dominação. Desta forma contribuiu de forma pontual para podermos pensar nestas questões a partir da ação do proletariado organizado. Como intelectual engajado, fez a defesa da coletividade, contra

todas as formas de inferiorização das classes populares, defendendo assim, o ser humano na sua totalidade, pois seu humanismo não era um humanismo abstrato.

Em síntese, esse capítulo buscou analisar a produção intelectual de Maurício Tragtenberg, no sentido de perceber como este foi se inserindo como intelectual engajado, da sua crítica as organizações e instituições burocráticas em oposição à luta dos trabalhadores na busca pelo socialismo, mas principalmente de suas ações como intelectual engajado na luta dos trabalhadores e seus escritos na coluna do jornal *Noticias Populares*.

Por fim, a análise na qual realizamos no que diz respeito a sua prática discursiva, prática concreta, autodeclaração e prática jornalística apontam para a confirmação de que ele foi um intelectual engajado no sentido no qual foi definido ao longo deste trabalho, engajamento para a transformação das relações sociais na sua totalidade, a partir de ações concretas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou realizar uma investigação sobre a trajetória intelectual e política de Maurício Tragtenberg. Nesse sentido, aqui expomos nossa síntese final visando apresentar algumas reflexões sobre a pesquisa e perceber como o estudo contribuiu para pensarmos a produção intelectual, a trajetória as ações, práticas políticas e o engajamento deste autor.

O nosso ponto de partida para podermos desenvolver a investigação foi perceber a inserção social, os primeiros passos deste autor na cidade de Erechim e posteriormente em Porto Alegre. Como foi possível perceber em sua trajetória intelectual e política, havia um forte interesse de sua parte em uma quantidade variada de leituras, desde a literatura, passando pela Sociologia, Economia, Política, História.

No que diz respeito aos nossos objetivos de pesquisa, foi possível compreender o indivíduo Maurício Tragtenberg, desde a análise de sua trajetória intelectual e política, suas ações demonstram um jovem preocupado com as questões do seu tempo, mas principalmente buscou contribuir com a luta operária, seja como jovem militante de organizações de trabalhadores, sindicatos e partidos, onde posteriormente rompeu com estas organizações e instituições, assumindo uma postura cada vez mais radical.

A partir de nossa análise, constatamos a atuação de Maurício Tragtenberg dentro das instituições na qual trabalhou como professor e pesquisador, seja em escolas, faculdades ou universidades, manteve sempre a postura do intelectual “*crítico*” das relações sociais estabelecidas nesses espaços. Trabalhou de forma que manteve sua postura mesmo em espaços dominados pela burocracia, como é o caso da escola e a universidade.

Maurício Tragtenberg foi um intelectual engajado e isso é perceptível através da sua autodeclaração, da sua prática discursiva, prática concreta e prática jornalística. Na sua prática jornalística, fica mais evidente o seu vínculo com a luta proletária e seu desejo de contribuir com esta e que podemos perceber nos textos da coluna do jornal *Notícias Populares*.

Notamos seu engajamento no sentido da transformação social. Sua relação direta com os trabalhadores é distinta de outros intelectuais, pois no período no qual estamos analisando os textos do jornal (1978-1985) estes apontam para a luta cultural e

desvinculada de partidos políticos, sindicatos burocratizados e demais organizações e instituições que visam o controle burocrático da classe trabalhadora.

Para esta comprovação, realizamos uma investigação sobre os textos dos jornais, mas também outros trabalhos do autor, como seu memorial, seu texto de memórias no sentido de descobrir informações sobre sua trajetória e principalmente sobre sua postura intelectual e práticas políticas.

Para que os nossos objetivos nesta pesquisa fossem atingidos e de fato comprovar a nossa tese, realizamos uma pesquisa sobre discussões teóricas sobre os intelectuais, o engajamento e a produção cultural, mas demonstrou-se também como a luta cultural contribuiu com a luta dos trabalhadores no contexto no qual ele atuou.

Suas concepções expressavam a luta de classes na sociedade capitalista, pois a análise dos partidos políticos, dos sindicatos, do Estado e da própria burocracia, explicita sua concepção de sociedade e destas organizações e instituições. Mostrou a organização destas a partir da relação entre os dirigentes e os dirigidos, intermediados pela burocracia e o poder de dominação da burocracia como forma de organização da sociedade, do Estado e demais organizações.

Para compreendermos suas concepções e perspectivas foi desenvolvido uma análise sobre a sociedade capitalista e os intelectuais, ou seja, como esses indivíduos atuam socialmente integrados à intelectualidade como classe social. Pois a intelectualidade foi se formando e se inserindo nos espaços da sociedade, principalmente as organizações e instituições, como é o caso de escolas e universidades e dentro do Estado como uma organização que regula a vida em sociedade. Estas instituições e organizações, necessitam do saber para realizar a aplicação de suas práticas no âmbito do Estado, regularizar as relações sociais e utilizam os intelectuais das mais variadas formas, seja na gestão, organização e na produção de saber ideológico para legitimar as práticas da burocracia.

A produção dos intelectuais conservadores ou engajados, está ligada a defesa de interesses e valores das classes sociais em luta. A luta cultural vinculada aos interesses da classe operária defendida por Maurício Tragtenberg, foi uma das formas deste pensador contribuir com a luta coletiva dos trabalhadores e ao mesmo tempo defender suas posições e perspectiva.

Um conceito fundamental para o desenvolvimento desta pesquisa, foi o de intelectual engajado, pois na primeira parte foi possível discutir questões teóricas sobre esse conceito a partir da concepção de Sartre (1994) e Mattick (1998). Foi possível

constatar inicialmente que a postura do intelectual engajado no sentido apresentado por nós é distinta em relação aos demais intelectuais conservadores da ordem social.

Outro elemento importante em sua trajetória, foi o interesse por jornais e revistas, primeiro como leitor, depois o trabalho que desenvolveu nestes espaços e logo depois a experiência como jornalista e colunista em alguns jornais, foram importantes para ampliar as informações para a sociedade, mas principalmente contribuir com a luta operária.

Como notamos, foi a partir da ação interior dos jornais, que foi produzindo textos importantes e que estavam ligados diretamente aos interesses dos trabalhadores. Sua forma de buscar espaços nos jornais, ocorreu a partir do contato com indivíduos geralmente alunos e intelectuais que lhes ofereciam o espaço para produzir. É provável, portanto, que foi a partir dos jornais que Maurício Tragtenberg expressou de forma mais radical sua crítica a sociedade burguesa, as suas organizações e instituições.

Sua prática intelectual diz respeito a um discurso sobre a realidade brasileira, principalmente a questão das classes sociais exploradas, mas também uma prática além do discurso, que buscou a partir do seu engajamento, não somente mostrar as lutas e também as possibilidades para que a classe trabalhadora pudesse atuar para sua emancipação. Seu engajamento se concretizou a partir da produção dos textos no jornal, e principalmente pela aproximação dos trabalhadores paulistas e ações voltadas para uma contribuição mais ampla com a organização e luta coletiva dos trabalhadores.

Certamente, em sua trajetória intelectual e política, há contradições sociais e políticas, pois todo indivíduo apresenta. Por outro lado, o percurso de sua produção intelectual foi marcada pela inserção e luta em organizações, sindicatos e partidos, mas historicamente percebeu e mostrou outras perspectivas de análise da sociedade e do Estado, ao mesmo tempo em que rompeu e passou a defender um modelo distinto de sociedade, que é a sociedade comunista.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, Lélia. **Maurício Tragtenberg e a Família Abramo: Algumas Lembranças.** In: SILVA, Doris Accioly e MARRACH, Sônia Alem (orgs). **Maurício Tragtenberg: Uma vida para as ciências humanas.** São Paulo, Unesp, 2001.
- ADORNO, Theodor e HORKHEIMER, Max. **Dialética do esclarecimento.** Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editores, 1985.
- BARROS, Jefferson. **Função dos intelectuais numa sociedade de classes.** Porto Alegre, Movimento, 1981.
- BRAGA, Lisandro. **Intelectualidade e perspectiva de classe.** Revista Despierta, Ano: 01, número: 01, 2014.
- BRUNO, Lúcia. **A Heterodoxia no Pensamento de Maurício Tragtenberg.** In: SILVA, Doris Accioly e MARRACH, Sonia Alem. (orgs) **Maurício Tragtenberg: Uma Vida Para as Ciências Humanas.** São Paulo, Unesp, 2001.
- BENDA, Julien. **A Traição dos Intelectuais.** In: BASTOS, Elide Rugai, RÊGO, Walquíria (orgs) **Intelectuais e Política. A Moralidade do Compromisso.** São Paulo, Olho D'Água, 1999.
- BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas.** São Paulo, Perspectiva, 2005.
- \_\_\_\_\_, **Homo Academicus.** Florianópolis, Editora da UFSC, 2013.
- BOURDIEU, Pierre e PASSERON, Jean Claude. **A Reprodução: Elementos para uma Teoria do Sistema de Ensino.** Petrópolis, Vozes, 2011.
- CANDIDO, Antônio. **Maurício Tragtenberg na Mocidade.** In: SILVA, Doris Accioly e MARRACH, Sonia Alem. (orgs) **Maurício Tragtenberg: Uma Vida Para as Ciências Humanas.** São Paulo, Unesp, 2001.
- CARVALHO, Fernando. **As Pessoas não Morrem Ficam Encantadas.** In: SILVA, Doris Accioly e MARRACH, Sonia Alem. (orgs) **Maurício Tragtenberg: Uma Vida Para as Ciências Humanas.** São Paulo, Unesp, 2001.
- CARVALHO, Edgard de Assis. **Maurício Tragtenberg, pensador planetário.** In: SILVA, Doris Accioly e MARRACH, Sonia Alem. (orgs) **Maurício Tragtenberg: Uma Vida Para as Ciências Humanas.** São Paulo, Unesp, 2001.
- CORBISIER, Roland. **Os intelectuais e a revolução.** Rio de Janeiro, Avenir Editora, 1980.
- DENIS, Manuel Maldonado. **Dilema político dos intelectuais.** In: DE MELO, Romeu (org). **Os intelectuais e a política.** Lisboa, Editorial Presença, 1964.

DE PAULA, Ana Paula Paes. **Maurício Tragtenberg: Contribuições de um marxista anarquizante para os estudos organizacionais**. Rio de Janeiro, Revista de Administração Pública, set/out, 2008.

EAGLETON, Terry. **A Ideia de cultura**. São Paulo, Unesp, 2005.

FARIA, José Henrique. **Burocracia, Poder e Ideologia: A Antevisão da Empresa Contemporânea em Maurício Tragtenberg**. In: VALVERDE, Antônio José Romera. (org) **Maurício Tragtenberg: 10 Anos de Encantamento**. São Paulo, Educ/Fapesp, 2011.

\_\_\_\_\_, **Poder e Participação: A Delinquência Acadêmica na Interpretação Tragtenberguiana**. São Paulo, Revista de Administração de Empresas, Número: 03 Vol:41, jul/set, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro, Graal, 1995.

FROMM, Erich. **Grandeza e Limitações do Pensamento de Freud**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1980.

GANDINI, Raquel Pereira Chainho **Universidade e Burocracia: Alguns dos Conceitos de Maurício Tragtenberg**. In: SILVA, Doris Accioly e MARRACH, Sônia Alem (orgs). **Maurício Tragtenberg: Uma vida para as ciências humanas**. São Paulo, Unesp, 2001.

GUTIERREZ, Gustavo Luis. **Maurício Tragtenberg como um autor complexo**. In: SILVA, Doris Accioly e MARRACH, Sônia Alem (orgs). **Maurício Tragtenberg: Uma vida para as ciências humanas**. São Paulo, Unesp, 2001.

LEFEBVRE, Henri. **A produção do homem**. In: DE MELO, Romeu (org). **Os intelectuais e a política**. Lisboa, Editorial Presença, 1964.

LÉVY, Bernard-Henry. **Elogio dos intelectuais**. Rio de Janeiro, Rocco, 1988.

LOPES, Carmem Lúcia Evangelho. **Apresentação**. In: MARRACH, Sonia Alem (org). **Memórias de um Autodidata no Brasil**. São Paulo, Escuta, 1999.

LÖWY, Michael. **Maurício Tragtenberg, espírito libertário**. In: SILVA, Doris Accioly e MARRACH, Sônia Alem (orgs). **Maurício Tragtenberg: Uma vida para as ciências humanas**. São Paulo, Unesp, 2001.

MAIA, Lucas. **As classes sociais em o Capital**. Pará de Minas, Editora Virtual Books, 2011.

\_\_\_\_\_, **A burocracia escolar**. In: BRAGA, Lisandro, MAIA, Lucas e SILVA, José Santana (orgs). **Classes, Estado e sindicalismo**. São Carlos, Pedro & João Editores, 2013.

MARTINS, Heloisa Helena Teixeira de Souza. **O Estado e a Burocratização do Sindicato no Brasil**. São Paulo, Hucitec, 1989.

MARRACH, Sonia Alem. **Memórias de Maurício Tragtenberg**. In: SILVA, Doris Accioly e MARRACH, Sonia Alem. (orgs) **Maurício Tragtenberg: Uma Vida Para as Ciências Humanas**. São Paulo, Unesp, 2001.

MARX, Karl. **As lutas de classes em França de 1848 a 1850**. Lisboa, Avante, 1982.

\_\_\_\_\_, **Carta a Pavel V. Annenkov**. Lisboa, Edições Progresso, 1982.

\_\_\_\_\_, **Contribuição à Crítica da Economia Política**. São Paulo, Expressão Popular, 2008.

\_\_\_\_\_, **Manuscrtos Econômicos Filosóficos**. São Paulo, Boi tempo, 2004.

\_\_\_\_\_, **O Capital**. São Paulo, Abril Cultural, 1988. Vol. I.

\_\_\_\_\_, **O 18 Brumário e Cartas a Kugelmann**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1997.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A Ideologia Alemã Teses Sobre Feuerbach**. São Paulo, Centauro, 2001. Vol. I.

\_\_\_\_\_, **A Ideologia Alemã**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2007. Vol. II.

\_\_\_\_\_, **A Sagrada Família**. São Paulo, Boitempo, 2003.

\_\_\_\_\_, **O Manifesto Comunista**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1998.

MATTICK, Paul. **Rebeldes y Renegados: La Funcion de los Intelectuales e a Crises del Movimento Obrero**. Barcelona, Icaria, 1978.

MÁXIMO, Antônio Carlos. **Os intelectuais e a educação das massas**. Campinas, Autores Associados, 2000.

MENEGHETTI, Francis Kanashiro. **A Heterodoxia Intelectual de Maurício Tragtenberg**. Revista Espaço Acadêmico, número: 150, nov. 2013.

MICHELS, Robert. **A Sociologia dos Partidos Políticos**. Brasília, Editora da UnB, 1982.

MILLS, Wright. **A Imaginação Sociológica**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.

\_\_\_\_\_, **A política da cultura**. In: DE MELO, Romeu (org). **Os intelectuais e a política**. Lisboa, Editorial Presença, 1964.

\_\_\_\_\_, **Poder e Política**. Rio de Janeiro, Zahar, 1965.

\_\_\_\_\_, **Sobre o Artesanato Intelectual e Outros Ensaio**s. Rio de Janeiro, Zahar, 2009.

MOTTA, Fernando Prestes. **Maurício Tragtenberg: Desvendando Ideologias**. São Paulo, Revista de Administração de Empresas, Vol. 41, número: 03, jul/set, 2001.

OZAÍ, Antônio. **Maurício Tragtenberg: Militância e Pedagogia Libertária**. Ijuí, Unijuí, 2008.

PANNEKOEK, Anton. **A Revolução dos Trabalhadores**. Florianópolis, Editora Barba Ruiva, 2007.

PASSETTI, Edson. **Um Paresiastes no Socialismo Libertário**. Revista Ponto e Vírgula, número: 04, 2008.

RESENDE, Paulo-Edgar Almeida. **Maurício Tragtenberg: O Intelectual sem Cátedra, o Judeu sem Templo, o Militante sem Partido**. In: SILVA, Doris Accioly e MARRACH, Sonia Alem. (orgs) **Maurício Tragtenberg: Uma Vida Para as Ciências Humanas**. São Paulo, Unesp, 2001.

SARTRE, Jean Paul. **Em Defesa dos Intelectuais**. São Paulo, Ática, 1994.

\_\_\_\_\_, **O Existencialismo é um humanismo**. In: Os pensadores. São Paulo, Ática, 1988.

\_\_\_\_\_, **Os intelectuais e a paz**. In: DE MELO, Romeu (org) **Os Intelectuais e a política**. Lisboa, Editorial Presença, 1964.

\_\_\_\_\_, **Os Tempos Modernos**. In: BASTOS, Elide Rugai e RÊGO, Walquíria (orgs) **Intelectuais e Política. A Moralidade do Compromisso**. São Paulo, Olho D'Água, 1999.

SILVA, Doris Accioly. **Tema e Variações em Maurício Tragtenberg**. In: SILVA, Doris Accioly e MARRACH, Sonia Alem. (orgs) **Maurício Tragtenberg: Uma Vida Para as Ciências Humanas**. São Paulo, Unesp, 2001.

\_\_\_\_\_, **Polifonia e Unidade na Obra-Trajeto de Maurício Tragtenberg**. In: VALVERDE, Antônio José Romera. (org) **Maurício Tragtenberg: 10 Anos de Encantamento**. São Paulo, Educ/Fapesp, 2011.

TRAGTENBERG, Maurício. **Administração, Poder e Ideologia**. São Paulo, Unesp, 2005.

\_\_\_\_\_, **A Falência da Política**. São Paulo, Unesp, 2009.

\_\_\_\_\_, **A Revolução Russa**. São Paulo, Unesp, 2007.

\_\_\_\_\_, **Autonomia Operária**. São Paulo, Unesp, 2011a.

\_\_\_\_\_, **Burocracia e Ideologia**. São Paulo, Unesp, 2006.

\_\_\_\_\_, **Educação e Burocracia**. São Paulo, Unesp, 2012.

\_\_\_\_\_, **Marxismo Heterodoxo**. São Paulo, Brasiliense, 1981.

\_\_\_\_\_, **Memorial**. Campinas, Revista Educação e Sociedade vol. 19, número: 65, dez. 1998.

\_\_\_\_\_, **Planificação: Desafio do Século XX**. São Paulo, Senzala, 1967.

- \_\_\_\_\_, **Sobre Educação, Política e Sindicalismo**. São Paulo, Unesp, 2004.
- \_\_\_\_\_, **Reflexões Sobre o Socialismo**. São Paulo, Unesp, 2008.
- \_\_\_\_\_, **Teoria e Ação Libertárias**. São Paulo, Unesp, 2011b.
- UHLE, Agueda Bernadete Bittencourt. **Tragtenberg e a Educação**. In: SILVA, Doris Accioly e MARRACH, Sônia Alem (orgs). **Maurício Tragtenberg: Uma vida para as ciências humanas**. São Paulo, Unesp, 2001.
- VALLE, Ione Ribeiro. **Ler Homo academicus**. In: Bourdieu, Pierre. **Homo academicus**. Florianópolis, Editora Ufsc, 2013.
- VALVERDE, Antônio. **Maurício Tragtenberg: 10 Anos de Encantamento**. São Paulo, Educ/Fapesp, 2011.
- \_\_\_\_\_, **Elogio de Maurício Tragtenberg**. In: SILVA, Doris Accioly e MARRACH, Sônia Alem (orgs). **Maurício Tragtenberg: Uma vida para as ciências humanas**. São Paulo, Unesp, 2001.
- VIANA, Nildo. **A intelectualidade como classe social**. Revista Espaço Acadêmico, número: 63, agosto de 2006b. Disponível em: <http://espacoacademico.com.br/063esp-viana.html>. Acessado em 30 julho de 2015.
- \_\_\_\_\_, **As Esferas sociais: A constituição capitalista da divisão do trabalho intelectual**. Rio de Janeiro, Rizoma Editorial, 2015.
- \_\_\_\_\_, **Escritos Metodológicos de Marx**. Goiânia, Editora Alternativa, 2007.
- \_\_\_\_\_, **Escritos revolucionários sobre a Comuna de Paris**. Rio de Janeiro, Rizoma Editorial, 2011.
- \_\_\_\_\_, **Estado Democracia e Cidadania: A Dinâmica da Política Institucional no Capitalismo**. Rio de Janeiro, Achiamé, 2003.
- \_\_\_\_\_, **Intelectuais Venais e axiologia**. Revista Axionomia. Volume: 01, número:01, jan/jun, 2015b. <http://redelp.net/revistas/>. Acessado em 30 julho de 2015.
- \_\_\_\_\_, **Introdução à Sociologia**. Belo Horizonte, Autêntica, 2006a.
- \_\_\_\_\_, **Maurício Tragtenberg, um Sociólogo Libertário**. São Paulo, Escala, Revista Ciência e Vida, vol. 20, dez. 2008.
- \_\_\_\_\_, **Foucault: Os intelectuais e o poder**. In: MARQUES, Edmilson e BRAGA, Lisandro. (orgs) **Intelectualidade e luta de classes**. São Carlos, Pedro & João Editores, 2013.
- \_\_\_\_\_, **O problema da identificação da postura intelectual**. Disponível em: <http://informecritica.blogspot.com.br/2017/02/o-problema-da-identificacao-da-postura>.

\_\_\_\_\_, **Para Além da Crítica dos Meios de Comunicação**. In: VIANA, Nildo (org). **Indústria Cultural e Cultura Mercantil**. Rio de Janeiro, Corifeu, 2007.

WEBER, Max. **A Ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

\_\_\_\_\_, **A Metodologia da pesquisa em ciências sociais**. São Paulo, Cortez, 1999. Vol. I e II.

\_\_\_\_\_, **Ciência e política duas vocações**. São Paulo, Editora Cultrix, 2010.

\_\_\_\_\_, **Economia e Sociedade: Fundamentos da sociologia compreensiva**. Brasília, UNB, 2000.